



iam caindo: à esquerda
e à direita iam caindo;
Alexandre e Francisco,
meus bisavós tombaram,
o primeiro com sua farda de gala,
seus botões de ouro e
sua patente de coronel
e o outro com sua barba
nunca mais alisada
e sua bengala de castão de ouro.

os peãs

Gerardo
Mello Mourão



AVO ARTE

— e as letras, Linos,
desmanchadas em mel na boca do poeta

E
λ

irão fundando para sempre



cavalo azul COLEÇÃO

Quando

os pés

6900

os peãs

para Nelson Saldanha,
cordialmente,

Penarum.

Ris - 493

1715 6000

100

Gerardo
Mello Mourão

os peãs

cavalo azul COLEÇÃO

RIO ARTE



EDITORIA RECORD

Copyright © 1986 by Gerardo Mello Mourão
Projeto de capa: Tunga

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

M89p 4.ed.	Mourão, Gerardo Mello, 1917- Os peãs: o país dos Mourões; peripécia de Gerardo; rastro de Apolo / Gerardo Mello Mourão. — 4. ed. — Rio de Janeiro: Record: Rioarte — Instituto Municipal de Arte e Cultura, 1986. (Coleção cavalo azul) I. Literatura brasileira — Poesia. I. Título. II. Série. 86-0158	CDD — 869.915
---------------	--	---------------

Direitos de publicação reservados pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 — 20921 Rio de Janeiro, RJ — Tel.: 580-3668
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052 — Rio de Janeiro, RJ — 20922

Impresso por
Gráfica Portinho Cavalcanti Ltda.
Rua Santana, 136/138 (edifício próprio)
Tel.: 224-7732 (PABX)
Rio de Janeiro — RJ

SUMÁRIO

— Gerardo Mello Mourão visto por Darcillo Lima	XI
— Biblioblografia do Autor	XIII
O PAÍS DOS MOURÕES	1
— Tam caindo	7
— Pois entre brisa e brisa	17
— E a duração do lirio	21
— Na paisagem uma árvore	22
— Era uma vez o chelro dos cajás	23
— Balbuciei-lhe o nome	24
— Hei de buscar teus cabelos	27
— Naquele tempo	30
— Exilado e romeiro ia crescendo	34
— Distrito de São Gonçalo	37
— Vem, formosa mulher	39
— Nênia da Sibilla	47
— Vem, formosa mulher	52
— O Barão publicou	54
— O Capitão me olhou	58
— Aquele tempo a musa picara	61
— Vamos, Marivalda	68
— Hoje é dia de louras	71
— Hoje, Abdias, a noite quer	74
— Naquele tempo não só de fêmeas	76
— "Quem! de vocês matou	79
— Nem sempre vinham	83
— In illo tempore — 1549	85
— Era uma vez Manuel Mourão	87
— Era uma vez Maria Alves Feltosa	89
— Era uma vez um país	93

— Eram três mil violas	95
— E era uma vez em Rovigo	96
— Não precisa rezar	98
— “Coronel, estou vendo	99
— Alexandre cavalga	101
— Naquele tempo — 1824	113
— A chuva caíra	120
— E não termina aqui	130
— Notas	133

— O País dos Mourões, de Efraim Tomás Bó	135
--	-----

PERIPÉCIA DE GERARDO

— Cantor de cântaros	147
— Tu me pediste	150
— Naquele tempo	157
— Pelas águas	166
— E onde o sítio	172
— Naquele tempo	177
— Um dia as orquídeas	179
— E entre alabardas	185
— Estivemos oito dias	188
— Brejo de Areia	194
— E às vezes	202
— Desdonda arribel	206
— Diz o Capitão	212
— Pelas restingas	215
— Subia Pero Lopes	220
— Todos os navios	223
— Coaracy	226
— Indo nós	229
— Tomei o Sol	233
— Caminho ao longo	236
— Com o Sol	241
— Estou com gosto	244
— Tornei ao bergantim	248
— Tu nolva	254
— Era Boca-da-Noite	258
— Naquela noite	262
— E não termina	266

— Gerardo Mello Mourão: poeta grego nascido no Ceará, de J. G. Nogueira Moutinho	269
RASTRO DE APOLO	275
Las Huellas de Apolo, de Severo Sarduy	285
Oito léguas pelo mesmo pampa triste	289
Da balança das águas	297
E risco e arrisco as fronteiras	302
Visita o forasteiro sua própria beleza	304
Pois tengo el Ángel, Efrain, e uma noite	311
Raul Young, capitão de longo curso, Godo	314
Na noite de Connecticut	316
No caminho de Aretusa	321
Vida e feltos de Apolo	325
Pois José Cupertino cantava na praça	339
Naquela tarde entre o cognac e o bourbon	344
Pange língua gloriosi	350
Divididos os idos	355
Caminhavam sobre meu corpo	362
Nasceu o gerifalte sobre os ombros	367
Pois faço aos tempos surdos a doação	371
Violava as borboletas e as violetas	378
Digo o que vi — pois vi os anjos	381
Olho com olho	385
Já vou atravessando a província formosa	389
Quantas léguas não sei — mas isto sei	393
— Entre dois rastros, de Tristão de Athayde	411

BIOBIBLIOGRAFIA DO AUTOR

GERARDO MELLO MOURÃO nasceu sob o signo de Capricórnio, em Ipueiras, Ceará, no pé da serra da Ibiapaba. Viveu parte da infância em Cratéus. Guarda na memória dos primeiros anos a violenta beleza dos rifles papo-amarelo nas últimas estrepollas sangrentas de seu clã familiar, do tropel dos cangaceiros e da aventura da coluna Prestes quando, sob a chuva de balas, recolhia com sua mãe os revolucionários mortos na calçada de sua casa. Exilou-se em Ipiabas, município de Valença, Estado do Rio, onde aos onze anos terminou sua infância. Pois nesta idade já era um adolescente, quando se transferiu para o Seminário São Clemente, dos Padres Redentoristas, em Congonhas do Campo, Minas Gerais. Ali permaneceu interno seis anos, crescendo e se espantando à sombra dos profetas barrocos, de 1928 a 1934, quando os superiores lhe permitiram voltar ao Ceará, para despedir-se definitivamente da família e do século, antes de professar na vida religiosa. Postulante clérico, foi destinado ao Convento da Glória, em Juiz de Fora. Ali tomou o hábito dos Padres de Santo Afonso, em cerimônia inesquecível prostrado no chão, entre salmos latinos e imprecções sagradas do antigo ritual. Novião, clérigo, iniciado na vida claustal, nos estudos e nas práticas da Ascética e das Regras da Congregação do Santíssimo Redentor, abandonou o convento em 1935, poucos meses antes de proferir os votos religiosos de pobreza, castidade e obediência. Rompeu para sempre com a castidade e a obediência, conservando a luxuosa opção da pobreza. Continua, porém, católico, apostólico, romano, hoje à beira de heresia, por sua inconformidade contra as reformas litúrgicas. Começou a estudar Direito, mas abandonou em tempo. Foi professor em vários colégios no Rio. Escreveu ainda em jornais. Sabe nove línguas, inclusive o grego e o latim. Preso dezoito vezes durante a ditadura do Estado Novo. Numa delas, ficou no cárcere cinco anos e dez meses, vítima de um processo forjado pela ignomínia do Tribunal de Segurança, que o condenara a trinta anos de prisão. Derrubada a ditadura e extinto o Tribunal Infame, o processo ilegal foi anulado por unanimidade pelo Supremo Tribunal Federal. Faz poesia desde menino e ainda hoje guarda sessenta e tantos cadernos de poesia rítmica escrita na meninice e na adolescência. Também desde menino faz política. Escapou da morte violenta em terra, mar e ar várias vezes. Foi deputado federal por Alagoas. Viajou por toda a América e toda a Europa. E por todo o Brasil. Seus poemas são escritos verso a verso nas cidades por onde passa. Casado, viúvo, casado de novo, tem uma

filha e dois filhos. Embora freqüentemente obrigado à escravidão do trabalho, faz questão de ser marginal do estabelecimento, pois não tem e não quer ter profissão. Até porque a ocupação de ser e de existir, o exercício e os trabalhos do amor não dão tempo a nenhuma outra profissão. A poesia é, assim, o único tempo e o único espaço possível, a única categoria humana, exercitada menos no ato de fazer poemas que na forma e no rito de conviver com as coisas, os lugares e as pessoas. Tendo pisado o chão de quatro continentes, o país no qual viveu mais longamente, fora do Brasil, foi o Chile, onde deu aulas na Universidade Católica de Valparaíso. Marco decisivo de sua opção poética foi o encontro, em 1940, com três companheiros argentinos, aos quais se juntaram dois outros no Brasil e com os quais, então na flor da adolescência, decidiu viajar incessantemente pelo mundo, renegar tudo o que até ali escrevera, no juramento de um pacto juvenil e lírico, o único válido, por isto mesmo, para quem se dispõe a trabalhar a Musa: — “ou Dante ou nada”. Sem desertar do pacto ambicioso feito pelos jovens que a si mesmos se chamaram “*La Santa Hermandad Orquidea*”, e dos quais está certo de que pelo menos um — Gofredo Iommi — chegou ao que se propusera, sabe hoje, amadurecido no orgulho e na humildade, que a poesia é mais importante que o poema. O mito é mais importante do que a obra. Como Orfeu, que é apenas um mito. Ou como Línos. Ou como as Musas. Ou como Apolo. Deste modo, aprendendo cada dia, com as horas, com os elementos e com as pessoas — como o poeta Edi Simons, cuja profissão é a palavra — certo de que o mito e, pois, a poesia, governa o mundo e cria a história — vem tentando fazer a aventura da escritura, numa trajetória que assim pode ser resumida:

— 1937 a 1942 — Publica *Poesia do Homem*, Ariel Editora; *Mustaphá Kemal*, ensaio político — Norte Editora; *Do Destino do Espírito*, ensaio, edição Pongetti; e *Argentina-1942*, Editora Século XX. Não deseja incorporar nenhum desses livros à sua obra, pela escassa significação literária, mas não os escamoteia à penitência da própria biografia.

— 1942 a 1948 — Anos de cárcere no Presídio Político, na rua Frei Caneca, em Dois Rios, na Ilha Grande, e no Campo de Concentração da Ilha das Flores, escreve um diário (inédito), escreve o romance *O Valete de Espadas* e um livro de dez elegias de perdição, *Cabo das Tormentas*. Dirige à Cruz Vermelha Internacional memorial contra a guerra e memorial pela defesa dos direitos humanos dos pacifistas encarcerados. Consegue reunir na cela da prisão algumas centenas de livros de sua própria biblioteca, além dos que lhe levam ou remetem amigos compassivos e fiéis. Todos os livros recebidos traziam o carimbo da “Censura” — antiga como todas as ditaduras. Alguns, vindos do exterior, tinham o carimbo da U.S.A. *Censorship*. Entre eles, Rilke, Hoelderlin, Novalis e Jacob Burckhardt. A *Divina Commedia* foi vetada pela censura do então Distrito Federal, era uma obra fascista. Na mudança de um cárcere para outro, foram confiscados os seus cadernos de *Diário*, os originais de *O Valete de Espadas* e de *Cabo das Tormentas*. Lutou durante anos para reavê-los. Dirigiu-se ao chefe de polícia de então (quem era mesmo?), ameaçou-o com um processo por apropriação indébita de sua propriedade literária, e os originais foram enviados a um delegado

designado "ad hoc" para opinar. O delegado respondeu que se tratava de obras subversivas, obscenas e perigosas para a Segurança Nacional. Um dia o poeta é chamado para receber na prisão os cumprimentos de seu velho professor, o Ministro Nelson Hungria, que se fazia acompanhar de seus conterrâneos, o Desembargador Narcélio de Queiroz e o então Delegado de Ordem Política e Social, o hoje General Adauto Esmeraldo. Expôs o problema aos visitantes, e no dia seguinte, o General Adauto Esmeraldo manda entregar-lhe em mão os originais apreendidos. Assim como os nomes dos que destroem livros devem ser esquecidos, os dos que salvam um livro devem ser lembrados. Sem aqueles três homens limpos e inteligentes e ainda sem o então Diretor da Penitenciária, Castro Pinto, esses livros estariam perdidos para as diversas edições que alcançaram no Brasil e no exterior.

— Durante os anos de prisão, seu amigo Jorge Lacerda, mais tarde governador de Santa Catarina, e então diretor do suplemento "*Letras e Artes*" de "*A Manhã*", publica regularmente poemas, contos e traduções do poeta, sob os mais diversos pseudônimos: *Antonio Cão*, *Gonçalo Madero*, *Natanael de Barros* e *Magdalena Ferreira*. Recebe, na cadeia, entre 150 e 300 mil réis por cada colaboração. Ganha um prêmio literário com um conto publicado nessas circunstâncias, intitulado "*Com uma carta na mão*".

— 1950 — Edição de *Cabo das Tormentas* — Edições Atril.

— 1960 — 1.^a edição de *O Valete de Espadas* — GRD.

— 1961 — Em inquérito feito por Ricardo Ramos ("Estado de São Paulo") entre escritores da mais alta significação no país para indicação dos "dez maiores livros da literatura brasileira", grande número dos consultados inclui *O Valete de Espadas*.

— Edição de *Três Pavanais*, poesia — GRD.

— 1963 — 1.^a edição de *O País dos Mourões*, 1.^o volume da trilogia denominada OI PAIANES (em grego, por motivos óbvios) isto é, OS PEAS — GRD.

— Edição alemã de *O Valete de Espadas*, *Pikbube*, Rowohlt Verlag, tradução de Curt Meyer-Clason.

— 1964 — Exilado no Chile, onde vive em Viña del Mar e em Santiago, e onde ocupa a cadeira de Estudos Americanos na Universidade Católica de Valparaíso.

— 1965 — 2.^a edição brasileira de *O Valete de Espadas*, GRD.

— 1966 — Único convidado de língua portuguesa ao Congresso Internacional de Poesia, reunindo em Londres, sob os auspícios do Suplemento Literário do *Times*, do Instituto de Artes da Grã-Bretanha e da Cátedra de Poesia da Universidade de Oxford, regida então por Robert Graves. Um de seus poemas é lido no Royal Albert Hall, no texto original e na versão inglesa. No mesmo ano vai à Grécia, permanece três dias encerrado num quarto de hotel, até reencontrar sua amiga Danae, poeta e cantora, o poeta Goudelis e o poeta e linguísta caldeu, Cristos Clairis, seu querido amigo de muitas aventuras ao longo dos anos, especialmente a peregrinação e a endemoniada noite de exaltação poética no templo de Poseidon, no Cabo Sumion, de onde parte para Delfos, onde lhe vêm os primeiros versos de *Rastro de Apolo*. No mesmo ano escreve o prefácio a uma edição grega de Pablo Neruda.

Ainda em 1966 saem as seguintes edições:

— *Frei y la revolución latinoamericana* — Editorial del Pacifico Chile.

— *Frei e Chile num continente ocupado* — Ed. Tempo Brasileiro, Rio.

— *Le Valet de Pique* — edição francesa de Gallimard, na coleção "Du monde entier" da NRF — tradução de *O Valete de Espadas*, por Wanda Penicaut e Violante do Canto.

— *Dossiê da Destruição*, romance — GRD.

— Representa o Brasil no Congresso Interamericano de Escritores, reunido em Arica, Chile e Tacna, Peru, onde foi um dos cinco conferencistas designados pela assembléia, falando sobre o "Destino poético da cultura nas Américas".

— 1967 — Tradução chilena de *O País dos Mourões*, pelo poeta Adolfo Nordenflycht.

— Tradução chilena de *O Valete de Espadas*, pelo poeta Virgílio Rodríguez B. Comparece como convidado brasileiro ao Congresso do Centenário de Rubén Darío, em Manágua, Nicarágua, que reúne poetas do mundo inteiro. Pronuncia conferência sobre a obra do poeta sob o título "Ruben, Capitán de América". Recebe o título de Cidadão Honorário de várias cidades da Nicarágua, de Hóspede de Honra do país, e é condecorado pelo Presidente da República, no grau de Comendador, com a medalha e colar da Ordem de Rubén Darío. É a única comenda que possui, até porque acha pitorescas as condecorações. Só aceitou esta, porque parece ser a única no mundo instituída em honra de um poeta. Tem paixão pela Nicarágua, como por toda a América Central onde tem muitos amigos, em Honduras, El Salvador, Guatemala, Costa Rica e no Istmo, em Colón e Panamá, de onde veio uma de suas mais sábias e mais enternecidas amizades, a do poeta Edí Simons, andarrilho de cinco continentes, comparsa de anjos e demônios.

— Toma parte em vários atos poéticos regidos por Gofredo Iommi em Londres e na costa do Pacífico.

— 1968 — Publica, com vários amigos, em folhas avulsas, compostas em letra manuscrita e impressas em off-set, um "Boletim de Poesia", denominado "Linos".

Ainda em 1968, numa impressão de luxo do "Boletim de Poesia" — "Linos-2", com ilustração de Darélio Lima, publica, em edição fora de comércio o poema "*Querubina Januzzi*" — "*Musa V*". No mesmo ano, os poetas chilenos G. Iommi Amunátegui e Mauricio Schiavetti Rosas dedicam-lhe uma edição especial da revista de poesia "*La Belle Dame Sans Merci*". É uma homenagem e um desagravo à prisão política que sofria novamente, e que provocou moções de solidariedade e protesto da Universidade do Chile, da Universidade Católica de Valparaíso, de professores da Universidade de Paris, de Nanterre, de Vincennes, de Nova York, de grande número de escritores e artistas europeus e americanos e do então Presidente da República do Chile, Eduardo Frei.

— 1969 — *Pik-Pub* — edição iugoslava de *O Valete de Espadas*, em servo-croata, tradução de Tito Strozzi, Editora Zora, Zagreb, Croácia.

— Colabora na "*Revue de Poésie*", de Paris, na famosa "*Ode à Kappa*" escrita conjuntamente com Michel Déguy, François Fédier,

Cláudio Gírola, S. Hicks, Gofredo Iommi, R. Marteau, F. Mendez-Labbé, Jorge Pérez-Román, J. Prat Gay, Edison Simons, H. Tronquoy e Eurique Zañartu.

— Co-autor, com um grupo de poetas franceses, ingleses e latino-americanos, do poema "*Amereida*", publicado em Santiago do Chile.

— 1972 — 1.^a edição de *Peripécia de Gerardo* — 2.^o vol. da trilogia de OI PAIANES — Paz e Terra.

— *O País dos Mourões* — 2.^a edição — Paz e Terra.

— Recebe o prêmio nacional de Poesia, conferido pela Associação de Críticos de São Paulo (Prêmio Mário de Andrade).

— 1973 — Participa do ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESCRITORES, que se reúne anualmente em Montreal, Québec, promovido pela revista "*Liberté*", que publica em número especial seu ensaio sobre o romance nas Américas, escrito originalmente em francês, e intitulado *Matière du possible*.

— 1974 — É eleito membro permanente do "Comité International des Écrivains" do Encontro de Québec, e que é composto de dez escritores de diversos países.

— 1975 — *La Sota de Espadas* — edição argentina de *O Valete de Espadas*, da Editorial Sudamericana, em tradução do grande escritor argentino José Blanco.

— 1976 — Pronuncia conferência sobre sua obra a professores da Universidade de Buenos Aires.

— Recolhimento em Delfos, onde termina o 3.^o e último volume de OI PAIANES, *Rastro de Apolo*, começado seis anos antes no mesmo lugar sagrado, na Grécia, onde percorre, vindo da antiga Dácia (Romênia), da antiga Trácia (Bulgária), da Turquia, onde foi Tróia, o roteiro sagrado de Apolo de Delos a Itéla e ao Parnaso. No longo retiro de Delfos, o único contato humano que manteve foi com o poeta grego Sotiris Kalantzopoulos, que escolheu para habitar a cidade sagrada, como alguns poetas de seu país desde o século passado, fiéis ao culto de Apolo e sábios de seu mito.

— Contrato para a edição norte-americana de *O Valete de Espadas* e *Dossiê da destruição*.

— Edição em Portugal de *O Valete de Espadas* — Liv. Bertrand.

— 1977 — Publica *Rastro de Apolo* — 3.^o e último volume de OI PAIANES — GRD.

— 3.^a edição de *O Valete de Espadas* — ed. Brasília.

— Tem fragmentos de sua obra traduzidos em diversos países da Europa e da América, como, por exemplo, "*Literatur in Lateinamerika*", antologia crítica organizada e traduzida por Günther Lorenz, Basel Verlag, Alemanha 1974, e "*Brasilianische Lyrik des Zwanzigsten Jahrhunderts*" (Poesia Brasileira do século XX), organizada e traduzida por Curt Meyer-Clason, DTV — Verlag, Alemanha, 1975.

— 1979 — G.M.M. tem seu nome indicado para o Prêmio Nobel de Literatura pela Universidade do Estado de New York, cujo Departamento de Estudos Americanos (Buffalo), fez a inscrição de seu nome na Academia Sueca. Diversas Universidades brasileiras e estrangeiras subscreveram a indicação.

— O Instituto de Estudos Latino-americanos, de Stocolmo, formalizou a indicação do seu nome, com recomendações altamente honrosas, à Academia Sueca, para o Prêmio Nobel.

- *Poemas*, de Mao Tsetung. Tradução, editada pela Paz e Terra.
- *Piero della Francesca* ou *As vizinhas chilenas*, contos, edições

GRD.

— Tendo sempre rejeitado, por princípio, quaisquer títulos acadêmicos, aceitou com ternura o título de membro benemérito da Academia de Letras do Piauí.

— 1980 — Fixa residência em Pequim, capital da República Popular da China, como correspondente do jornal "Folha de São Paulo", no qual mantém assídua colaboração. É o primeiro correspondente brasileiro e sul-americano na China, de onde faz freqüentes viagens à Ásia, percorrendo o Japão, a Tailândia, Cingapura, Malásia, Filipinas, Vietnam, Laos, Cambodje, Coréia do Norte, etc., países sobre os quais tem escrito para o jornal que representa.

— Espera concluir na China e nos países asiáticos o romance iniciado há dezesseis anos, *O testamento de Antônio Ribeiro*. Prepara um livro de ensaios, que talvez se chame *Oriente-Occidente*, ou *A muralha da China*. Termina um livro de poemas curtos, em que se canta o nascimento dos deuses, e que se chamará *Laranja da China*.

Ainda em Pequim, sem o socorro de livros e de autores, o que entende ser uma experiência nova, pois se considera um viciado freqüentador da sabedoria dos textos e dos amigos, prepara um pequeno ensaio sobre *O sagrado e o profano*, breve leitura que deve apresentar ao encontro internacional de escritores, a realizar-se em Montreal, no Quebec, em fevereiro de 1981.

A antologia de poesia brasileira organizada por Walmir Ayala trata de sua obra, que é também estudada em livros como *Diálogos sobre a poesia brasileira*, de Temístocles Linhares (ed. Melhoramentos-MEC), 1976 — *Camões e a Poesia Brasileira*, de Gilberto Mendonça Teles, ed. MEC-DAC, 1975 — *Poesia e Humanismo*, de Vito Santos, Artenova, 1971 — *A Verdade da Ficção*, Antonio Olinto, Cobrag, 1966 — *A Fonte e a Forma*, de J. G. N. Moutinho, Imago, 1977.

TRADUÇÕES — Entre 1942 e 1948, traduziu poemas de Nezahualcoyotl, de Leopoldo Marechal e outros, publicados por "Letras e Artes", sob pseudônimos diversos. Traduziu do grego alguns poemas de Anacreonte e do latim um tratado místico de São Boaventura, *De Triplice Via Vel Incedium Amoris*. Traduziu ainda *O Canto de Amor e Morte do Porta-estandarte*, possivelmente a única versão portuguesa feita sobre o original alemão do poema de Rilke. Publicada originalmente em "Letras e Artes", com ilustração de Athos Bulcão, a obra foi depois editada em 1951, em tiragem de luxo, para bibliófilos, com gravuras de Mário Cravo, na *Coleção Dinamene*, de "Cadernos da Bahia", ainda sob o pseudônimo de Natanael de Barros. Ainda de Rilke, traduziu, nos anos 40, de parceria com Curt Meyer-Clason, a Primeira e a Segunda das *Elegias de Duino*.

— Em 1975, assina a edição brasileira do romance *Cobra*, de seu amigo Severo Sarduy, cuja tradução é eleita pela Associação de Críticos de São Paulo como uma das três melhores do ano. Tem várias traduções inéditas de alguns dos chamados "Poetae Minores" da língua latina e fragmentos de Virgílio, Horácio, Catulo, Tibulo, Píndaro, Homero, Anacreonte, Ovídio, Tácito, Cícero, Propércio, Sófocles e Lucrécio, diretamente dos textos gregos e latinos.

Têm escrito com grande entusiasmo sobre sua obra escritores brasileiros e estrangeiros dos mais importantes, entre eles: Augusto Frederico Schmidt, José Lins do Rego, Adonias Filho, Antônio Olinto, Alcântara Silveira, Nogueira Moutinho, Octávio de Faria, Anibal Freire, Franklin de Oliveira, Guerreiro Ramos, Edna Savaget, Brito Broca, Luís Orlando Carneiro, Valdemar Cavalcanti, Rolmes Barbosa, Carlos Felipe Moisés, Sérgio Millet, Paulo Bonfim, Vitto Santos, Hêlio Lima, Carlos Winge, Torrieri Guimarães, Oliveira Litrento, André Leme Sampaio, Artur Eduardo Benevides, Otacilio Colares, Temístocles Linhares, Tristão de Athayde, Luís Martins, Edmundo Lys, Fernando Py, Joaquim Ponce Leal, Juvenil Pereira, Tasso da Silveira, Oliveira França, Plínio Salgado, Napoleão Lopes Filho, Sérgio Ferraz, Nelson Rodrigues, Leonardo Arroyo, Walmir Ayala, Murilo Mendes, Oliveira Bastos, Jaime Negreiros, José Condé, Hernán Poblete (crítico de "El Mercurio", Santiago), Guillermo Blanco ("Ercilla", Santiago), Antônio di Benedetto, ("La Prensa", Argentina), Blás Matamoros ("La Opinión", Buenos Aires), Jacques Fressard ("La Quinzaine Littéraire", Paris), Maurice Chavardès. ("Le Monde", Paris), além de inúmeros artigos, na imprensa suíça, alemã, grega, portuguesa, iugoslava, chilena, etc. Em espanhol e em alemão foi publicado um longo ensaio de Gofredo Iommi sobre *O Valete de Espadas*. Em português, foi publicado longo estudo de Efraim Tomás Bó sobre *O País dos Mourões*, inserido no presente volume, juntamente com ensaios de Nogueira Moutinho e de Alceu de Amoroso Lima. Em inglês, em edição da Universidade de Nova York, foi publicado sobre sua obra um trabalho do professor Abdias Nascimento, e em servo-croata um pequeno ensaio de Tito Strozzi. Não tem o hábito de guardar recortes de jornais que falam bem ou mal de sua obra. Mas guarda com especial carinho as cartas dos amigos. Entre elas, uma de Ezra Pound, escrita já nos dias do grande silêncio do poeta. E outra de Carlos Drummond de Andrade, da qual o editor pede licença para destacar alguns trechos: "*O País dos Mourões* — diz Drummond — merecia, não uma 2.^a edição, mas edições contínuas, em escala nacional, para que o Brasil nele se aprendesse a si mesmo, gravado a fogo e palavra indestrutível. *Peripécia de Gerardo* é outro épico esmagador. Leio, releio, me entusiasmo a cada momento. Puxa vida, mas você é mesmo poeta que não se pode medir a palmo, e conseguiu o máximo de expressão usando recursos artísticos que nenhum outro empregou ainda em nossa língua. Declaro-me possuído de violenta admiração por esse imenso, dramático e vigoroso painel, que atestará sempre a grandeza singular e a intensidade universal de sua poesia".

O País dos Mourões

a José Ribeiro Mello avô
e Capitão de Mellos e
Mourões ao Senador An-
tônio de Barros Carvalho
do país de Pernambuco
também avô e Capitão
de Mellos e Mourões e
aos Mellos e Mourões do
mesmo sangue dos Fei-
tosa dos Correia Lima
dos Araújo Chaves dos
Bezerra dos Vera e dos
Martins Chaves do País
do Nordeste das Alagoas
ao Ceará Grande da li-
nha tronco até a flor

*"Así lo vinieron a decir,
así lo asentaron en su relato,
y para nosotros lo vinieron a dibujar en sus papeles
los viejos, las viejas.
Eran nuestros abuelos, nuestras abuelas,
nuestros bisabuelos, nuestras bisabuelas,
nuestros tatarabuelos, nuestros antepasados,
se repitió como un discurso su relato,
nos lo dejaron,
y vinieron a legarlo
a quienes ahora vivimos,
a quienes salimos de ellos.*

*Nunca se perderá, nunca se olvidará,
lo que vinieron a hacer,
lo que vinieron a asentar en las pinturas:
su renombre, su historia, su recuerdo.
Así en el porvenir
jamás perecerá, jamás se olvidará,
siempre lo guardaremos
nosotros hijos de ellos, los nietos,
hermanos, bisnietos, tataranietos, descendientes,
quienes tenemos su sangre y su color
lo vamos a decir, lo vamos a comunicar
a quienes todavía vivirán, habrán de nacer...*

— Crònica Mexicáyotl — texto náhuatl de Tezozómoc
— traducción de A. León.

Os Mellos e Mourões do Ceará representam, no Nordeste brasileiro, a fundação da maior árvore tribal da região. Nesta árvore se compreendem, do mesmo tronco e do mesmo sangue, os Araujo Chaves, os Martins Chaves, os Correia Lima, os Sampaio, os Vera, os Bezerra e os Feltosa que, segundo Oliveira Vianna, *"realmente constituem um grupo parental (kingship group dos culturalistas americanos) dos mais poderosos de nossa história e cuja repercussão sobre as nossas instituições locais de Direito Público — populares e oficiais — foi enorme. Pelo número de sua parentela, dominaram o Ceará — uma provincia intetra"*. — OLIVEIRA VIANNA — INSTITUIÇÕES POLÍTICAS BRASILEIRAS, apud LEONARDO FEITOSA — "Tratado Genealógico da Família Feltosa".

"Aqueles logares esta
vam semeados de Mou
rões" Da Crônica dos
Mourões Memórias de
Alexandre Mourão

a'

Iam caíndo: à esquerda e à direita iam caíndo;
Alexandre e Francisco, meus bisavós tombaram,
o primeiro com sua farda de gala, seus botões de ouro e
sua patente de coronel
e o outro com sua barba nunca mais alisada e sua bengala
de castão de ouro.

Antes, caíam hierárquicos e cronológicos:
Manuel Martins Chaves na prisão do Limoeiro,
Ana, Eufrosina e Úrsula Mourão, da Canabrava dos Mourões,
em suas camarinhas cheias de santos,
Antônio, com seus bordados de general nos campos do
Paraguai,
um picado de cobra, outro sangrado a punhal, outro varado
à bala, outro de maleita,
à esquerda e à direita foram todos caíndo,
primeiro os que já eram lenda na memória dos velhos
depois os avós de meus avós,
porque antes tombavam hierárquicos e cronológicos.

Foi assim que tombou, ao lado de seu rifle, o Coronel José
de Barros Mello, chamado "O Cascavel", meu tetravô,
e depois o Major Galdino, entre seu bacamarte e suas gaiolas
de pássaros, depois,
meu outro avô, o capitão de cenho espesso sobre a tribo

ao talhe de seu tronco frondejando
a cabeça de Mellos e Mourões.

A esquerda e à direita iam tombando,
Úrsula, Francisca e tantas outras,
até cair meu pai.

Depois, começou a romper-se a ordenação da morte
e tombavam os tios e as crianças:
Etelberto, com seus negros cabelos lisos,
Raimundo prometera devolver à terra o que da terra houvera
e tombou nela;
Elisa, Elvina e tu,
Com teus oito anos e tua cabeça castanha;
tombaram um por um: Ignácia e Ladisláu viveram cem anos
e também morreram;
tombou Quintino e nunca mais
pela estrada de Águas Belas alazão levará
coronel tão galante e nunca mais na lua
da sela clavinote
tão certo;
tombou Quintino e antes dele porque
a morte ia deixando de ser hierárquica e cronológica
tombou no Maranhão Francisco apunhalado.

A direita e à esquerda iam caíndo:
Hermenegildo, chefe político e farmacêutico no distrito do
Livramento, ainda teve forças para se erguer, beber
uma garrafa de aguardente, destruir a farmácia e escre-
ver ao meu avô: "Compadre, vou morrer, os remédios
não valem nada quando chega a hora; mando-lhe
aquele relógio Patek que você aprecia e a corrente do
mesmo, com dois patações de ouro. Adeus, compadre,
Deus o guarde com os seus,
do primo
ass. Hermenegildo".

Outros tombaram sem carta e sem notícia: meu tio e pa-
drinho Antônio Ribeiro deu uma surra no capitão

delegado de Polícia e desde a queda do Acioly
desapareceu para sempre,
como Raimundo Mourão, tombado a tiros num seringal
do Amazonas: tinha sessenta contos no bolso, surrara
todos os barraqueiros e ganhara
num sete de ouros
o dinheiro e as mulheres do cabaret:
pois morreu, com sua chibata na mão, com seus sessenta
contos e com suas mulheres,
macho e inquebrável tombou.

A esquerda e à direita iam caído:

Manuel

Mourão que registrara em seu nome todas as terras do car-
tório de Ipueiras,
dorme nelas:

Tobias

não tinha terra nenhuma

e matava bois no açougue e vivia disso,
tombou como um de seus bois;

à esquerda e à direita iam caindo

homens e mulheres: Tabajara, pai de Araci, Pitiguara e
Tupinambá,

fabricava aguardente e não bebia — morreu abstinência, mas
morreu;

o Major Borete Mourão, da Canabrava dos Mourões, desti-
lava a sua no próprio fígado — morreu bêbado, mas
morreu;

e Dondon e Cotinha e Missanta Mourão, senhora do En-
genho Baixa Verde

e Gilberto e Toinho Mourão e as primas que morriam de
parto e pariam filhos também destinados a cair um
dia,

foram caindo todos, à esquerda e à direita.

E agora sei: não apenas os de meu sangue iam caindo,
pois onde estão José Bento e Sinhá e o Coronel Dédo
Catunda?

Onde está o caboclo Antônio Pixuna, com suas mandíbulas
que varavam no dente uma cana caiana?

Foram caindo todos: à direita e à esquerda e em todas as
cidades,
Deolindo assassinado por Chico Monte em Sobral,
o velho Duíno em Minas Gerais, onde
também tombaram outros, Vicente
e sua mulher e Fernando no Espírito Santo e em Porto
Alegre,
com a pensão que lhe dera o Governo, a filha de Antônio,
general e herói da guerra do Paraguai,
comprava a sepultura, pois
sabia que ia tombar, como tombou:
e em toda parte e em todo tempo, todos,
Bela, Manrica, Sinsa, Torquato, Zezé, Nazária, Aprígio e
Waldomiro,
Ignácio e Mariana e Atanagildo,
à esquerda e à direita iam caindo.

E ainda os que encontrei noutros caminhos
também foram tombando:
esta é a bengala do Coronel Carvalhinho, pai do Senador
e avô de Léa: tombou sem ela e Geraldino
apagou seus grandes olhos e o jovem
sacerdote barroco
Caetano
partiu-se
o grande Cristo de bronze se abatendo sobre
a jarra de porcelana azul
outrora azul do altar.

E tu mesma caíste, eu que te havia por
endereço do coração (e ainda
cantarei de ti, que agora tenho apenas o espanto
da implacável derrubada
em que todos vão tombando em toda parte).

Em minha casa, em minha rua e na cidade e no país dos
Mourões onde eram clavinotes
e nos outros países além dos mares,

o velho Nicolau, pai de Gofredo,
quem sabe Cuca, a tia de Raul,
e em Milão e em Berlim e na Provença
foram caindo.

Apalpa, meu amor, meu rosto apalpa,
não tombei:
sou eu.

Como venho dos mortos nem eu sei,
mas sei que na partilha me tocou
a herança de sobreviver;
vou devorando a terra com meus olhos
que a terra não comeu, a terra
que comeu tantos olhos e da qual
os meus hoje se nutrem.

Apalpa, meu amor, meu corpo inteiro,
sou macho e forte e em meus ombros de touro
porque não te levar na madrugada
e atravessar contigo as ruas desertas e as ruínas e as cidades
cobertas de hera onde
à esquerda e à direita eles tombaram e à beira
de um riacho ver teu ventre
crescer e irem surgindo
já de mãos dadas, já de pés em dança
rapazes e raparigas e a cantiga
de roda e a flauta de Márস্যas e o ritmo
de tornozelos e ancas que Sextus Propertius foi o primeiro
a introduzir na Itália e trouxe da Grécia para a Itália
e Ezra para Idaho
e das ruínas das cidades ver
surgirem os pastos e os pastores
da pedra das palavras?

Teu poeta e teu macho te carrega nos ombros
e à esquerda e à direita onde tombavam antes,
como um mágico de uma cartola irei tirando
de teu ventre inesgotável

os que não mais cairão, os que se irão
à esquerda e à direita incorporando. Pois
apenas esperavas a chegada de teu macho;
diz agora: era assim que o querias,
o vencedor da morte, o que enrijou os músculos
almoçando e jantando
a medula dos homens e das fêmeas
que à sua esquerda e à sua direita iam caído,
era assim que o querias
o que venceu a Dor?

Sou Eu, Amor, apalpa agora
minha boca pronta ao riso alegre,
minhas bochechas, apalpa-me
o sexo frondoso e fértil
e escancha as tuas pernas sobre o meu pescoço:
é tempo.

“Aos oito dias do mês de Janeiro do ano da graça de
Nosso Senhor Jesus Cristo, de mil e novecentos e dezes-
sete, eu, Manuel Gullhermino Moreira, recebi em meu
cartório o Senhor Capitão José Ribeiro Mello que, acom-
panhado das testemunhas abaixo, declarou o nascimento
hoje, a uma hora da madrugada, em sua casa, à Rua
Padre Feltosa, nesta Vila de Ipueiras, de seu neto, o
inocente Gerardo Majella, do sexo masculino”, etc.

E aqui restei: não venho
introduzir a dança na Itália,
trazer a dança da Grécia para a Itália
ou para qualquer outra terra de Europa:
sou o inocente do sexo masculino e venho
do país dos Mourões
comunicar-te a inocência e o pênis
erguido em lírio
vertical e puro sob os céus da Etrúria,
sob os céus da Toscana, às margens do Arno e junto
de Fiesole e San Minniato, sobre

os campos de Florença como o lírio
que deu nome à cidade e com que o rei de França agraciou
as armas da cidade.

Ao pênis de ouro que se erguer do lírio,
a rosa de teu ventre se abrirá,
e onde o touro pisar no chão dorido,
a rosa de teu ventre se abrirá,
e onde o lombo do touro se reclinar contigo,
a rosa de teu ventre se abrirá
ao pênis de ouro que se erguer do lírio
e der nome às cidades e agraciá
as armas das cidades.

Wovon kommen Sie?
Jawohl, Fräulein,
na noite em que eu chegar
hás de ver tua aldeia renana
acender nas alcovas a alfazema antiga.
Wovon kommen Sie?
Mas da alfazema e tua aldeia
me suspeita há séculos:
esperava por mim a rapariga
que acendia os olhos e a lanterna de ferro
sobre o portal da Hospedaria
“Ao Cavaleiro de Koenigswinter”:
eu era sugerido às raparigas
esperando a noite e quanta vez
sonharam distinguir-me na lonjura
entre as tulipas e o trigo e as espumas do Reno e ao
luar dele
sugerido
o süddeutsche Nacht!
o Heidelberge Nacht!
quem sabe eu chegaria
a bordo de uma brisa,
de uma folha de outono,
moreno

e torneado ao sopro
daquele tocador de flauta de louça
à porta do Castelo de Brühl.

É certo que outros tentaram chegar antes de mim,
mas não me confundiste com eles;
de outros — nem os conhecestes nem te conheceram,
o velho gangster não montava um cavalo do Texas:
na garupa da cadeira de rodas grunhiu:
“nossa fronteira está no Reno”;
Beethoven surdo em sua casa de Bonngasse
ergueu-se e ergueu
ao ouvido sagrado o corno acústico
e o uivo do bárbaro não era
nem seu nome será em nosso idílio.
O nome dele, sim;
veio de Hailey, Idaho, U.S.A.,
a 30 de outubro de 1885
e em seus ombros, amada, partirias:
era belo demais e foste tu
que rendida a seus pés deste a garupa
e o raptado raptor — ó delícias de Cápua —
divino gigolô lambendo os seios
da deusa ao fim do outono,
nas mãos do Pan de Idaho
reencontra o verão ao céu toscano,
Rapallo azul e a primavera à voz
do Pan de Idaho:
e o que te pudera arrastar às ilhas puras
embala-se contigo en los Cantares
dolci canti pisani in blood and blue
e a minha rede, a rede
do filho dos Mourões
entre a torre de Pisa e a de Giotto
sopro de campanile se balança
il nostro Cavazere fú:
e ali virás para a última sesta latina e onde
o lombo do touro galopar contigo
a rosa de teu ventre se abrirá
ao pênis de ouro que se erguer do lírio

e der nome às cidades e agraciar
as armas das cidades.

O Abendland, Abendländische

Elegie!

Velho profeta alemão, vidente de olhos cinzentos,
teus olhos cinza em cinza desmanchados,

toldam de cinza a paisagem:

olha a nua banhista, esverdeadas peras,

olha a dança, olha

o elegíaco nada, o nada

de elegias e à madrugada

entre as virilhas olha

amanhecer o macho:

sou eu e em meu louvor

maduram-se laranjas e ananazes,

em meu louvor

as ondas bailam no oceano e sob

a verde umbrela dos coqueiros

Passo de Camaragibe,

os cocos se arredondam

em meu louvor

e os cantadores na feira de São Gonçalo dos Mourões,

da Canabrava dos Mourões

e os cegos e os videntes e o gitano andaluz

entre o Atlântico e a montanha

empreendem na viola

a minha louvação:

e Hans Carossa, na aldeia hamburguesa,

o último hálito sopra dos olhos a última cinza,

compõe no próprio rosto a própria morte

em meu louvor.

E meus olhos

assíduos a defuntos como a vivos

começam a apalpar-vos:

quem será testemunha senão vós

de partida e chegada?

E que sou eu senão

a celebração de meu rosto
e que é meu rosto senão
a beleza que o amor talhara nalguns olhos?

Sempre os deuses precisam de um lugar e de uma companhia:
assim eu sou:

é sobre a terra de meu pai que me levanto agora
e a tantos

que à esquerda e à direita lhe caíram,

eu os chamo e suplico:

e altar e coro se incorporem

e assim

eu sou:

celebrado celebro dia e noite

a terra e as águas e as pessoas

e assim

EU SOU.

B'

Pois entre brisa e brisa deixei de navegar
em barco de silêncio:
tu, passaramagda, passaralena,
pássara de água em minhas mãos desfeita,
tu,
se as flautas te soprassem — voltarias?

Ou tu,
passaraléa,
pássara de água em pétala e milagre,
cataléa
 asa pétala

α
ζ
α
λ έ α

pássara de água em pétala e milagre de pétala

g
u
a

quem sabe deste sopro para sempre
pássara de vinho
no cristal das curvas deixarias
bêbado
o coração em cântaro durar-me?

E tu,
não tornarias, pagem, de teus coros
e da lágrima tua e deste sangue,
quem sabe um distraído querubim
não inventara o sangue que nos falta?

E vós, que de meu hálito uma noite
respondestes à dança e florescestes
— repetireis a face que vos trago?

Continente de vivos e de mortos,
eu vos quero chamar a leste, a sul,
o pai em cuja boca a relva cresce,
o irmão que dorme sob a madressilva
e tantos que fiz meus:
aquele adolescente, certa vez,
de tantos mares vindo
para apagar o verde de seus olhos
entre as flores da ilha, numa carta qualquer.

Desabituação o infante do materno peito,
onde era o seio sobre o busto ao longe
arredonda-se um cactus; e onde o lábio
do infante aponta o espinho agora e sua dor
a lágrima endurece nos teus olhos:
que há entre mim e ti, mulher?
Pietá! Pietá!

Da rosa eu sei o nome e o nome sei
da primavera e digo:
e a rosa e a primavera são
com todo o seu aroma;
pois entre brisa e brisa navegamos
em barco de silêncio
cantarei as partidas e as chegadas, Bárbara,
a estrela, Estêvão,
quando a luz em viagem se esqueceu da morte,
a estrela d'alva cantarei, Gonçalo,
e a madrugada ao mar, Antônio,
o trabalho, Efraim, das velas e das cordas
e os corsários, Raul, e os bergantins,
nossas bússolas bêbadas, Gofredo,
Ipueiras e Rios de Janeiro e maios e Congonhas
e profetas de pedra, Francisco, acordados da pedra
ao cantar do galo
e confissões e carcereiros, Curt,
e capitães e padres e sambistas e tripulações
de freiras e meliantes,
Napoleão, Napoleão,
e cantarei contigo, Abdias,
as mulheres sem nome, o menino, o apito do navio
e o tédio do convés e as garrafas de gin,
ó Paulo Fleming, Paulo de Manola.

Dizei pétala à pauta da memória
e a flor ensaiarei à flor da boca;
dizei uva e nas taças da lembrança
o vinho espumarei embriagado;
e os estrangeiros no triclinio atônitos
perguntarão se o menestrel de vós
seria a sombra, a flauta, o pai, o filho
que inventado talvez vos inventara.

Y'

Ea duração do lírio fora um hálito.
o lírio, Geraldino, de cristal,
que te floresce sobre a sepultura;
o lírio, Telmo, que em teus olhos pálpebras
apascentam de pétalas no claustro.

E no entanto durara: ao tempo quando
a madressilva não temia os pés
desabrochados entre margaridas
e a mão sabia a dança que hoje não.

Era não distinguir do dia a noite,
entre uma lua e um quarto errar em casa,
morar nas mangas e nas rosas hóspede
e ao pássaro alugar-se de repente.

E alugavam-se ao vento os calendários,
as datas e os ponteiros do relógio
sucediã-se pétalas de espátulas
alugados aos ventos os ponteiros
giravam girassóis de cataventos.

E a duração do lírio fora um hálito.

δ'

Na paisagem uma árvore. E seu lance
desferido no espaço não se parte
do chão — fonte raiz semente infância.

Assim vivemos nós: daquele lírio
do hálito aquele: sopro para sempre
nas flautas de escutar anoitecer.

Assim vivemos nós: daquele dia;
não se cansam as mãos de lenço e brisa
de tanto despedir-se e não partir.

Assim se aclara o quarteirão à noite
e a luz que cresce e sobe pelos muros
do coração da lâmpada é que existe.

Palpitamos. E a vida e a morte como
sombra que toma o pulso de uma chama,
tomam o pulso desse dia — infância —

pulso da aurora, pulso até o fim.

Ε'

Era uma vez o cheiro dos cajás,
a gargalhada entre os bambus e o pássaro
e o rio — águas, barrancas e cacimbas.

E o rio e as margens e entre as moitas, súbito,
o fauno de seis anos a ensalar
na flauta de taquara — o fauno de seis anos.

E o rio e uma canção dessas do vento
nas moitas olorosas do mofumbo
ensaiada na flauta de taquara.

E o rio e nuas as meninas sobre
suas águas em flor despetaladas
aos dois olhos do fauno de seis anos.

E em narinas e em flautas de taquara
modulando harmonias de anca e seio
nas meninas ao banho se ensaiavam

ao fauno de seis anos as mulheres.

S'

Balbuciei-lhe o nome e na penumbra
esboçaram-se os olhos e os cabelos
e a boca e o gesto demoraram juntos
no espaço de onde ainda
não resolvera despedir-se o Anjo
esboçaram-se os olhos e os cabelos.

Balbuciei-lhe o nome e na penumbra
ia sílaba à sílaba o seu rosto
ousando a testa os lábios as maçãs;
das sobrancelhas o arco
confundia-se à auréola às asas quando
balbuciei-lhe o nome na penumbra.

A boca e o gesto demoraram juntos
tal na mesma corola cor e aroma
e eis que o mesmo logar no espaço a um tempo
ocupavam os dois:
o Anjo desatava na garganta
o nódulo do infante com seu módulo.

Começava a crescer; e as raparigas
e as cirandas à noite, ao canto em roda

iam acostumando o gato a rosa
a conhecer-lhe o nome e o meneio
do corpo ao atender
à laranja à cantiga à blusa azul.

A blusa azul do marinheiro à porta
foras talvez o Anjo de Tobias
que voltava em criança disfarçado
para a minha viagem
foras quem sabe uma resposta ao céu
criança mesmo — disfarçado em Anjo?

Foras quem sabe uma resposta ao céu
onde demoras desde tantos malos
acostumando a lua a estrela a nuvem
a conhecer-te o nome
e a decorar teu gesto de atender
à laranja à cantiga à blusa azul.

Ia sílaba à sílaba o teu rosto
compondo a melodia de teu nome:
se nele se empenhavam brisas deuses
e garotos da rua
eu mesmo desatei na minha boca
o nóculo do infante com teu módulo.

E um dia eu te chamei — ia chamar-te
e na escala da boca o solfejo do nome
nas cordas da garganta o roto violão
quebrou-se num soluço:
tu entre as flores tu entre as velas
tu entre as mãos cruzadas sobre o peito
tu entre o azul e o roxo e a palidez
ao longo
desse lago de cedro
tu entre o dobre dos sinos
já flor já bronze à brônzea flor da mesa
tu nunca mais

A boca branca erguias para sempre a
palmeira da primeira solidão.

Branco embora o bangalô da morte e a cruz coberta
de madressilvas e de primaveras
como amarias como cruzarias
salas e camarinhas enterrado?

Tu que amavas paletós
botinas amarelas e cavalos
tu que amavas o rio
e a poltrona da avó e um copo
de alumínio e os potes de água fresca
tu súbito a boca
cheia na véspera de risos a boca
cheia de terra cheia de raízes.

Tu tão recente súbito imemorial
eu aprendi contigo a despedir-me
a partir e a ficar — tu me ensinaste
a duração das flores
e a madurez dos frutos
Aprendi o percurso
de janeiro a dezembro
aprendi a distância que separa
o sábado e o domingo
e na ponte de brisas que reúne
maio a maio
a estrela de teu rosto se acendeu no tempo
eterna.

De teu rosto vivo de teu rosto morto
trabalhei o cedro e resultei
este aprendiz do amor
este aprendiz da dor
este aprendiz da solidão este aprendiz
de sepulturas e ressurreições.

Z'

Hei de buscar teus cabelos de trigo
no ventre de uma amante
e repetir
no ventre de alguma filha de um coronel do Báltico
os teus olhos azuis, tua brava estampa,
a poderosa mão, o cenho espesso sobre
a tribo e sobre
o talhe de teu tronco onde frondeja
a cabeça de Mellos e Mourões:
entre o rifle de coice na botina
e a codorniz tombada
te situas,
José Ribeiro Mello, capitão de Floriano e coqueiro frondoso
de Mellos e Mourões.

E múltiplo e coral te cantarei
achando-me e perdendo-me em teus gestos e
brotando inumerável de teu tronco por onde
a seiva de meus filhos borbulha na torrente
de capitães-mores e barões de Holanda,
de caciques da raça Tabajara,
de pontífices, mártires, bandidos, nós,
do Conselho do Mourão no Alentejo, nós,
Carvalheda, Araujo e Martins Chaves
de Penedo, Alagoas, nós,
da Capitania de Pernambuco, nós,
Vera, nós,

fidalgos de Utrecht, Holanda, nós,
filhos da índia preada juriti na aldeia potiguara, nós,
do regaço e do leite
das princesas de ébano da Serra Leoa,
o sexo alegre do baluba sob a alvura da tanga, nós,
senhores de engenho, padres, bandoleiros, nós,
orgulhosos do Coronel José de Barros Mello, chamado o
 Cascavel
e do bacamarte de Alexandre Mourão
com seus quatorze entalhes na coronha.

Pela picada de teu engenho no pé da serra
é o caminho do mundo.

E canto em ti, com seu sobrinho Antônio,
aquele coronel das Ipueiras,
avô de meus avós que me legou
a soberba ferida do leão na jaula
por amor de elegâncias
de sua condição de cavalheiro:
de Manuel Martins Chaves aprendi
a erguer sobre os calabouços a cabeça viril
e cuspir no marquês, no general, no rosto do juiz.

Ao teu afago rude parecia talhar-se
a cabeça do infante em tuas mãos:
de tuas mãos recolho a herança que me deram
os pais de minha raça:
a mandíbula quadrada e o gosto
das velhas aguardentes e das putas
e o gosto das pistolas e da morte
e dos assassinos e dos assassinados
e os espantados olhos
assíduos a defuntos como a vivos.

E era uma vez o hercúleo avô
de olhos azuis e ensinou

a preparar a vida e ensinou
a preparar a morte e a morte
avançou a labareda de sua coivara
lenta e implacável: primeiro,
lambeu suas pernas de gigante, subiu
pela poltrona e lhe alcançou as mãos,
projetou-se em seus braços, em seu rosto, até
erguer-se trêmula em seus olhos azuis
e abater-se no breve telegrama.

Aquele afago rude uma cabeça
um coração talhou-se:
vita hominis super terram militia — ex libro Job —
e é bom ser bravo e é bom
o olhar felino enxergar o caminho
da noite
e é bom
poder o ouvido sábio conhecer ao longe
a pisada
da morte.

Madame Sososttris, Eliot, T.S. Eliot e o velho Major, seu
Né das Águas Belas
eram de profissão adivinhões:
mas tu,
tu eras uma vez
e era contigo e eu o guardo na viagem
talismã à branca amada que carrego no espinhaço
o logaritmo da vida e da morte
gole a gole
saboreadas.

Quem sabe eu não viajo senão
para trazer
teus cabelos de trigo do ventre de uma filha de um coronel
do Báltico
e teus olhos azuis, tua bravia estampa
repetir no tempo?

Naquele tempo
chilava o ferro no quarto dos bois

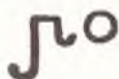


e o gado do capitão mugia gordo
nas soltas dos Mourões
e as cabras eram assinadas na orelha e as éguas e os
jumentos ferrados
e o ferro negro marcava o gibão dos vaqueiros, os bancos
da alpendrada, a aroeira dos currais de tronqueira
e as camas de couro cru onde nascemos e a marca
dos Mourões marcava
homem alimária e coisa
naquele tempo:
cabo de osso do facão mateiro
coronha do rifle papo-amarelo lâmina
do terçado de três palmos

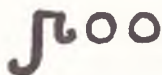


e este
é o ferro de meu avô e Estêvão

ferrou com ele a testa do cabra Amarante no Cabaret Irace-
ma, sertão de Crateús e João Mello
ferrou a bochecha de um senhor de engenho no caminho
de Águas Belas e Antônio
ferrou a banda da bunda do sírio David em plena feira
de São Gonçalo dos Mourões
a outra banda fora ferrada por Alexandre num terreiro de
engenho, Canabrava dos Mourões



e este é o ferro
de Josué nas vacas de Água Verde
e com este



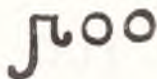
desenho de meu avô tenho ferrado
o corpo da viola em que te canto
as cantigas que cantavam os machos à janela das fêmeas
no país dos Mourões
In illo tempore.

E caíram as chuvas e rompeu-se
o ferrolho das tempestades e os rochedos
rolaram no tempo e abriram-se
as sepulturas e



a gravura de fogo permanece
na tampa do baú na tampa
do caixão dos mortos

além do tempo e o tempo
aquele tempo
marcado pelo ferro dos Mourões e o lombo
do touro em que viaja
teu alvo corpo de cintura fina
entre o peito e as romãs floresce
a possuída marca a negra flor



à sombra do longo cílio à luz
dos olhos verdes.

Herdei o ferro em fogo — herdeiro
e do ferro e do fogo
fazenda, cabedal, moeda
gasto ferro e fogo na compra
das noites e dos dias e das fêmeas
na compra da lágrima e sorriso
e compro eu mesmo a minha própria dor
e lavro o mármore
do chão de viver e do chão de morrer
marcada a letra a fogo e ferro



a mão de minha raça
sobre o lombo da pedra:

Vexilla Regis ao seu campo de prata
a flor de lys de ferro em brasa de ouro
na lapela no anel de brasão no quarto dos bois e dos cavalos
na barriga do barril de aguardente de Benedito Torres, São
Miguel dos Campos, no país de Alagoas,

no passaporte no casco do navio e em volta
da branca flor de teu umbigo
no rastro de meus pés por todos os caminhos

João

Mourão.

n'

Exilado e romeiro ia crescendo
em idade e desgraça e às vezes graça
sôbolos rios, sôbolos montes, sôbolos dias
romeiro ia crescendo
crescendo juntos
a lira a tiracolo, o revólver nos quartos
o fálus-potro,
os merencórios olhos

E era uma vez Pedro Simão, dito Bar-Jonas
e tocava berimbau e dava saltos mortais
na beira das calçadas
e morreu num duelo à faca
sobre o vagão do trem veloz
entre o Ipu e as Ipueiras
e, o coração varado, o corpo nu
produziu o verdadeiro salto-mortal
e era formoso e odorífero o súbito cadáver
entre as touceiras de capim-cheiroso:
assim morreu Pedro Simão, dito Bar-Jonas, filho bastardo
— diziam — de um Coronel da raça dos Mourões
e Gesuino morreu num domingo de feira
de uma só morte com seu primo Laureano Mourão
e os dois amavam a mesma
prima de olhos redondos e dourada pele
e juraram lutar por ela até morrer
e um ao outro amarraram o loro ao cóis das calças

e o cinturão e os corações jungidos
as rutilantes lâminas cruzaram
nem se afrouxava punho e as parnaíbas de cabo de osso
faziam parte da mão
e durante três horas de luta a prima atônita
hesitava escolher e a morte atônita
hesitava entre o tombo dos corpos
envoltos afinal num só lençol:
pelo mesmo sangue se banharam
a mesma lágrima os chorou nos olhos de Francisca
e o mesmo túmulo acolheu o caixão de pau-d'arco
das matas de Água Verde:
entre cargas de rapadura e cangalhas viradas
entre surrões da branca farinha da serra, entre ancoretas
de aguardente do Major Borete Mourão
no chão da feira de domingo
dia de quermesse e leilão no patamar da igreja
assim morreram Gesuino e Laureano Mourão:
causa mortis — os olhos de Francisca
e é por olhos de fêmeas que partimos
os filhos dos Mourões às romarias
da vida e às da morte:

vem, formosa mulher, camélia pálida,
vem com teus olhos verdes
marinheiro agora sobre eles
quem não vira a jangada, o cisne
e o touro à beira-mar
na angra de esmeralda
do país de Apolo?

Dormem Elisa e Eufrásia e meu pai dorme sob a cruz de
ferro e um dia
de seu pampo estradelro Zacarias
rolou: e a moita de cidreira
que escondera o sinistro caçador de Mourões
guardou em seu perfume o corpo ensangüentado e o gibão
de couro
e ao aroma do sangue e da cidreira

comecei a narrar ao olfato, amor,
a lição da violeta ao ar de Eleusis
ah! deixa-me pastar a erva em tua mão,
e aspirar quanto possa a flor divina
em tua nuca
de ouro
em teus dois peitos
gêmeos de ouro:

das moitas de cidreira sou caçado
e ao aroma silvestre e à morte rude
cheira o corpo dos machos
no país dos Mourões
e Zacarias, senhor
de engenho das Vazantes e da Várzea Formosa
carregava na cabeça um chapéu de couro de oito quilos
de peso
e meses e anos o chapéu
parecia de bronze
espetado sobre a cruz das almas
à beira da estrada onde tombou seu dono:
pesa a memória na cabeça dos machos
da raça dos Mourões e o peso dela
dá sombra às sepulturas onde
floresce a flor vingada de meu nome;
com esta flor na mão ao teu encontro ao longo
dos dias e das noites me parti.

ð'

Distrito de São Gonçalo, velho
Distrito de São Gonçalo dos Mourões,
não já no pé da serra, como as Ipueiras dos Mourões e a
Canabrava dos Mourões:
no alto da serra de São Gonçalo dos Mourões, cordilheira
da Ibiapaba,
o cemitério sobre as alvas areias de cristal:
aqui jaz Dona Úrsula de Barros Mello,
aqui jaz o Coronel Alexandre Mourão Quinto,
o quinto de seu nome em sua raça,
aqui jaz o Capitão José Ribeiro Mello,
aqui irão fazer outros Mellos, outros Mourões e outras
palmeiras
de suas sepulturas se erguerão;
aqui não jazerei —
no entanto, fora belo ali fazer
à flor de um cactus lúbrico imolado
da morta pele alimentar a pele
dos verdes gravatás, das palmas longas
e no espinho das palmas despontar.

Mas tenho que partir e a solidão
como o cansaço do amor aos que se amaram
desde a ponta dos pés à dos cabelos
me ocupa e me dói:
são muitas solidões e eu me repito nelas
e em cada

losango da epiderme alguma
de minhas muitas solidões me açoit.

É preciso partir:
e quem, se eu chamasse, partiria comigo dentre os coros
dos anjos?
Rafael, o poeta, o escudeiro?

I'

V em, formosa mulher, camélia pálida,
 que banharam de luz as alvoradas,
 vem com teus olhos verdes desvairados
 abertos para a vida e para a morte
 abertos para o amor
 mais forte do que a morte
 nel mezzo del cammin
 Ihr Goldnes Geschmeide
 o fósforo de teus olhos esverdeia
 as madeixas de ouro
 verde flor de um país de esmeraldas
 serene o vento à volta de teu caule
 quadra 51, sepultura 68.061
 e pétala por pétala levanta-te
 anja nua, anja verde, anja de ouro,
 santa pássara
 Maria Helena
 Maria Helena Marques
 do país goiano do país de Eleusis do país de Orfeu
 das catacumbas de meu coração
 por onde iremos para a lua
 óbito 64.239, Livro 231, Fls. 101
 do mel das tardes longe
 no cemitério de São Francisco

Ἀμαρυγὸς Μάρτυς

quem viu Maria Helena aquela noite
quando um deus se sentou à beira de seu leito
quando o amor
mais forte do que a morte
fixou para sempre nos olhos
o olhar que nunca mais
o riso, o hálito, o cigarro
e em cada brisa o sussurro
e em cada luz a sombra
de sua voz e de seu vulto:
irreparável companhia
e quem, se eu chamasse, dentre os coros dos anjos
partiria
senão tu, querubina dolorosa,
anja perdida achada no caminho:
vem, pois, com teu andar de corça e teu susto de corça
e o susto sempre verde de teus olhos,
Nena, Nenita, Nena, aliás, Maria Helena,
não, Nenen,
vem, formosa mulher, camélia pálida
que banharam de luz as alvoradas
por quem a noite e as águas de Copacabana nas manhãs
de agosto
perguntam sem cessar
por quem perguntam minhas noites todas
minhas mãos no ar em jarro erguidas
caçando seios e ancas
e minha boca e as narinas acesas
Eurídice! Eurídice!
não te diga morta a memória do tato
a rosa entre as virilhas afagada
a língua trêmula, o coração no pênis
não te dizem morta
o inesquecido aroma a nuca
os tornozelos
o telefone ansioso e o olhar de ciúme
e este

morir a gotas
me sabe a miel

pois me levam os passos cada dia
no teu encontro e cada
dia é bom: me aproxima de ti, anja imolada,
para juntos partirmos e ficarmos, pois
quem, se eu chamasse, dentre os coros dos anjos me ouviria,
senão tu, bem amada irreparável?

Um dia levou a mão ao coração e o dedo
entrou na terra úmida do coração; e disse:
aqui jaz Maria Helena
Talita Cummi!

Muitas vezes saímos com Toulouse Lautrec
e outras com Degas e Sônia e Laura, a de Punta del Este:
coleccionávamos olhos de bailarinas e elas
diáfanas libélulas de nylon
rosas de biquini borboletas
despetalavam-se do palco ao camarim
onde apenas restavam
as gemas de seus olhos
e eram negros os de Marivalda
atlânticos e azuis os de May Marcinelli
castanhos os de Dora e os de Gisela Greco
ora cinza ora verdes
mas verdes desse verde verdes
nunca mais do que os teus
e nunca mais.

Basta de bíblias, de mitologias e de putas
Godo, de Paris, aonde foi
no êxodo do Chile;
e foi cantando salmos
com os outros mancebos incólumes
no meio da fornalha
e entre labaredas
Apolo cozinhou-lhe sua puta
sed non satiat
a uns sacia a vida

e eu não me saciei de mim
e de Diana de Éfeso me parto
aos efésios de Paulo
e os deuses me interrompem no caminho de
caçar as putas nos logares altos de Ravenna
testemunha Giovanni
no exílio de Ravenna
na uva de tua boca
o sal do exílio não toldava o vinho
e eras na terra estrangeira, Nena,
a única embriaguez
a que o sal do estrangeiro
não lograva amargar
e da verde semente de teus olhos
brotou uma açucena
quadra 51, sepultura 68.061
e comecei a raptá-la
ao carregar no lombo teu corpo memorável
e teu esquite
e eu me empenho
na ressurreição da carne
de Afrodite Helena minha amante
testemunha da noite e das estrelas
testemunha de mim, de Deus, da Virgem
e da Sibila a povoar em Delfos
o coração dos adolescentes com
as faces de Febo e de Atenéia.

Agora tu, entre o linho da mesa e o linho d'alma
entre lágrima e sorriso e dedos hábeis
o espanto de seus olhos e na tela
refeita e já desfeita
não se desfaz o rosto: não temas,
não és tu:
Dona Úrsula Mourão, da Canabrava dos Mourões,
mandou cortar os lábios da cigana
e os peitos de Maria Antônia e os olhos do Coronel
doíam de saudade sobre o canavial e as novilhas e as dornas
de agüico de suas aguardentes:
filha de minha raça tu te ocupas

de aprender o amor
e quando eu vou és tu mesma que vais
nos meus tratos com Circe e com Calipso
e meu hálito é sempre presente em tua nuca
por meu nome te chamas e não sabes
onde acaba o meu barro e o teu começa
no mesmo sopro: de qual de nós
amadurara a polpa de teu ventre
por meu nome te chamas e onde sou
cabem no espaço o rosto, a graça, o gesto
de sobranceira ou ombro
e na tela refeita e já desfeita
não se desfaz o rosto que suspeitas
e não cortaste a rosa de seus peitos
nem se desfaz à lágrima o sorriso
por meu trato com Circe e com Calipso
e tu mesma
debruça-te comigo sobre o rosto dela
nesse lago de lágrima aprendendo amor:
é o teu, Narcisa,
debruça-te comigo sobre o rosto dela
e à sua estrela
— quem se eu clamasse me ouviria? —
o banco do silêncio conduzindo a Delfos
Afrodite Helena acesa em tocha
o barco do silêncio conduzindo a Delfos
e a pungente Sibila voltaria de súbito:
la fleur de l'égantier sent ses bourgeons éclore,
poète, prends ton luth et me donne un baiser
e à boca da Sibila
a palavra verde nos olhos de Maria Helena anunciada
fitarias meu rosto e era o teu
fitarias seu rosto e era o meu
e entre os espelhos circulares
na inumerável companhia a solidão
do amor
do teu amor

ó

h

ε

amor

amor

de

amador

amante

m

o

R

εε.

Pois também tu
que mordeste o favo do amor
quem, se tu clamasses, te ouviria
para a viagem
às catacumbas deste coração?

Só os viajantes do país da morte
nos diriam tudo.

Vamos, Neyde Marçal, à valsa, ao tango?
Ao twist do Tanny's, Marilu?
Uns vão ao cocktail, ao chá das cinco, ao circo, ao club,
talvez cruzem na escada e não se encontram
e a valsa e o tango e o chá das cinco
murcham nas torradas secas:
tu que ousaste com teus passos com teus olhos verdes
conhecer a margem do caminho
só tu de torna-volta nos dirias
Maria Helena do país de Eleusis
pétala que foste, bailada sombra
arrancada da boca:
dessa pétala é
nossa única esperança de flor
dessa sombra a única
memória de sorriso
dessa boca a única... e súbito te encontro e súbito te perco
e
do achar-te e perder-te vivo e morro
em serenata e nênia.

Id'

NÊNIA DA SIBILA

Onde agora
a forma
restauração da rosa espedaçada? Onde
o rastro onde o gesto onde a maneira
da corola outrora?

E bem que possuías. Bem que de teu sopro
batidas desprendiam-se e caíam;
era o canto, era o aceno a aparição
na sílaba caindo de teus lábios
pétala à pétala apagando-se a flor
pétala à pétala a tua boca o fruto
do enigma com seu sumo.

Restaria o perfume restaria
o ouvido tantas vezes ansioso
a espera alguma noite de um rumor qualquer
que não sabemos bem:

da pedra agora lisa onde palavra
e riso foi teu rosto apenas
água e limo descem:
quem sabe que lembrança de teus olhos
de tua lágrima?

Ora de fogo ora de água ora de ar
brotava e transitava a palavra de Apolo
e foi-se transformando tudo em cinza
areia
soprada
e um sino às próprias badaladas gasto
e as ondas de seu som desmaiando se esquecem
do caminho da volta à cor primeira.

Ai! poder trazer-te nos aflitos olhos
o aflito coração populoso
da mudez dos perfumes e das sombras
em busca de seu corpo e sua essência
seu número e seu nome.

Ai tempos de Apolo tempos de púrpura
ao ritmo de teus ombros e teus braços
à regência
de teus lábios:
ai tempos de outrora tempos de púrpura
hoje mortos contigo
e do silêncio de teu corpo agora
como erguer o sudário em que as auroras
se amortalharam sobre a tua boca?

Eram de ti nas mãos de amantes e guerreiros
hexágonos de luz
dormiriam no bosque, ó dos contos de fada,
para acordar um dia e a festa ser de novo?

O luar do mistério iluminava os cegos
pudessem hoje o príncipe e o guerreiro
ao fio de tua voz governar seus cavalos:
pelas alamedas
nunca se perdiam teus aflitos.

Ai de nós, ó morta, a solidão de agora
nos diz tudo de nós. Sombras e espelhos
dizem de nosso corpo e as mãos no espaço ajustam
a resposta das formas já medidas
e os abismos nos faltam os abismos
de rosas e de lírios:
tu, nome de aroma
tu, mistério conosco.

Junto ao teu esquite debruçados
morta — já nada te perguntaremos
decifrada e fatal em teu sarcófago:
sobre teu lábio agora as chaves são de cinza
e do mistério morto o pulso
nunca tomaremos:
fora belo rasgar os vidros de amanhã
ao sopro de diamante dos oráculos.

Que importa também fosse insondável abismo
a tua voz?

Ao mistério o mistério respondera:
já ouviste no vale o eco mensurar
a trompa matinal dos caçadores:
tal na rosa acontece o perfume
e a rosa é sugerida.

És morta e de teu seio
o agouro das estrelas já não bole
no coração por onde medram
da garganta à boca os musgos e
apascentam a pedra do silêncio.

Foi banida de nós a noite a mera noite
e banidos o medo e a treva e o silêncio
da noite em que falavas.

Entanto às vezes quantas vezes
uma saudade chega e um instante parece
noite
eterna solidão de eterna noite
e teu último poeta fere na pedra a boca
súbito lembrada de teu nome

Σ

camInho

B

Y

Λ

Δ H̃ Λ O Σ

A

IB'

V em, formosa mulher, camélia pálida
que banharam de luz as alvoradas
tu que ousaste com teus olhos verdes conhecer
a margem do caminho
quem sabe tu de torna-volta
Maria Helena do país de Eleusis
do anjo da morte houveras aprendido
o mapa do sepulcro
o equador guardado e a latitude
onde a sibila dorme e a palavra
do sortilégio e da ressurreição:
os deuses a conhecem
e Lázaro acordou à sua sílaba
vinho da uva, água da fonte, luz da estrela
emanação do amor ela se diz
ao ouvido dos mortos
e eles estremecem
desatados da morte e do silêncio.

Não a ouviste talvez em tua morte tu
maestra del amor y de la muerte?
Sábio de lembrar-me de seus olhos
dela — sábia do amor, sábia da morte
sobre as areias do coração
não desmanchou a lágrima
a planta de seu pé:

e nesse rastro vamos
e uma noite qualquer é sua voz
o pomo do mistério partido em nossas mãos
o oráculo.

Madame Sosostris, Eliot, T. S. Eliot, o Major seu Né das
Águas Belas
eram de profissão adivinhões:
ela era de profissão a minha amante
aprendiz na oficina de seus olhos
o oráculo da morta nos espanta
e quem se nós clamássemos nos ouviria mais que ela?
e atrás de seu caminho de mãos dadas
vai nosso amor mais forte do que a morte.

No solo las estrellas tienen el pulso del zenith
Léa
nas mãos dadas apertamos a estrela
e a minha profissão é o teu amor
e a tua profissão é o meu afago
pousa o dedo no lábios da cigana
e surge
musa única musa vera
única mais bela — morena e magnífica —
sobre o dorso dos ventos que deitam o canavial
sobre o lombo das novilhas matinais em que te ensaias
para a doce viagem nos meus ombros
à ilha de cravo e mel
daquela estrela.

IV'

O Barão publicou na Revista do Instituto Histórico as Memórias de Alexandre Mourão:
muito sangue e muito amor nessa história
e as velhas da família contam com ódio e orgulho a devas-
tação das terras dos Mourões pela tropa imperial
Alexandre Mourão salvou-se atravessando a nado o rio
Parnaíba com um patacão de dois mil réis na boca
e o ódio e o orgulho e o sangue e o amor e os patacões
de prata são
a herança de meus filhos
e a minha tarefa é atravessar o rio a nado
com o ódio o orgulho o sangue o amor e os patacões de prata
na boca
e nunca perecer na travessia
e saltar na terra estrangeira
a água de meus rios escorrendo dos cabelos
e o barro de minha terra no couro das alpercatas e do peito.

Francisco, neto de Tobias, tinha os cabelos de ouro e
arrancava comigo no quintal as penas dos pavões azuis
e caiu da grande cajazeira sobre a lança do gradil
e houve um jorro de sangue em sua coxa
o sangue pintou a cauda azul dos pavões
o sangue dos Mourões se derrama no país dos Mourões
há quatro séculos
o velho Tobias derramou o seu nos dentes de um jacaré
do Amazonas
também o derramam das coxas as raparigas fecundas

temos cobrado largamente o nosso sangue
e do alimento da bravura o nosso coração
faz a sua pureza e a sua força
e na festa rústica à beira da fogueira
nossos adolescentes ensinavam os meninos
a cantarem na viola em mesmo tom
o amor e a morte. E as primas prometiam
o seio e o ventre
às estrelas de agosto
e à lua do Equador.

A linha do Equador passa aqui perto
e o signo de Capricórnio já me envolve
no tempo e no espaço e envolta nele
no luar do trópico
— ó noite de Crateús! —
veio Elisa banhada no açude
veio Carmen banhada nos jasmims da noite
vieram as primas de vestido encarnado e veio
no coração do infante o vaticínio
do rosto que trarias
o anúncio de teus olhos e o desejo
dos quadris adivinhados
noutras noites mais longe possuídos.

A linha do Equador passa aqui perto
e de seu fio de fogo o meu novelo
há de levar ao coração varado do Minotauro
e dali devolver a alegria
dos rapazes e raparigas de Atenas
a linha do Equador passa aqui perto
e em portulanos
de Gênova e de Sagres fui sonhado:
Vicente Yañez Pinzón e Cristóvão Colombo e Pedro Alvares
Cabral e Bartolomeu Perestrello e o Infante Dom Hen-
rique e Isabel, a Católica,
me caçavam no mar entre hipocampos.

"Se o Amor servir de guia, terás êxito"
disse a Teseu o oráculo de Delfos.

De tuas mãos, amor, recebo o novelo de fogo da linha do
Equador
e vou e volto e devolvo aos conquistadores rijo e novo
o pênis que por mim se murchara no ventre
da índia Iracema da tribo tabajara.

Branca filha de Telefasse!
Crescem ao sol numa terra de sol
essas flores de cactus da grinalda
que me dói na cabeça
cresce a fome
das ervas que já vou pastar em tua mão:
sobre as margens do Letes
os plátanos de Creta
aprenderão as palmas sempre verdes
do buriti selvagem.

Não me temas se venho coroadado dos cactus e talictres do
país dos Mourões
e trago o rosto rude das terras imaturas
sou filho de Calíope e fui eu
que recebi de Apolo na floresta virgem
a cítara de Linos
e aprendi a tanger a cítara de Linos
e fui o primeiro a juntar mais duas cordas à cítara de Linos
e de volta do país moreno
sou eu que vou introduzir de novo em tua casa
a expiação dos crimes, o culto de Dionísios, de Hécate Ctônia
e os outros mistérios órficos.

Todas as noivas mortas voltarão
quando eu tanger a lira no Tenaro
e condoer os capitães do inferno.

Não, eu não te perdi; ao teu encalço
viajei o inferno e demorei no inferno
e ainda espedaçado nas orgias trácias
as águas do rio a arrastar-me a cabeça cortada
os lábios à torrente clamariam
teu nome — e tu serias no meu canto
e touro e cisne e degolado Orfeu

Ὁρφεύς Θησεύς

a flor do talictres tem o cheiro da semente humana
em meu lombo em minha asa em minha lira em minha
toledana
celebrarás, ó bem amada,
o teu guerreiro e o teu cantor.

18'

O Capitão me olhou no fundo da rede — contam —
foi ao cartório de Manuel Guilhermino e disse:
— “Compadre, registre meu neto na folha número um de
seu livro, mande comprar um livro novo,
vai ser o maior homem das Ipueiras
tenho cinco terças de prata e ele vai estudar na Europa”.
Depois, veio a seca do dezenove e o Capitão, que se salvara
no quinze, mandando o gado para o Piauí
viu morrerem seus últimos garrotes, secarem suas últimas
canas
noblesse oblige — a honra dos senhores — trabalho é coisa
de escravos
a honra dos senhores e o futuro dos netos se guardava
testemunha Cynobelino
na barriga das novilhas e na garapa da cana caiana
e o Capitão, deitado em sua rede de varandas azuis e brancas
— rede do Acarati —
comeu com dignidade as cinco terças de prata e
o neto não foi estudar na Europa
e um dia à beira
da límpida cacimba à ribanceira de seu rio
perfumava o corpo trigueiro com as folhas do mofumbo à
sombra das oiticicas e pendiam sobre
sua boca primitiva
dois seios brancos entre axilas de ouro
dois olhos verdes em seus olhos mergulhados
e sua voz ariana murmurava:

"venho estudar no espanto de teus olhos
na pureza de tua fronte na dor
de tua face na alegria
de teu sexo ingênuo
e na Ásia e na África e na América
do fervor de teu sangue o sangue que te dei." E
eram
talismã e tônico e retorno
à adolescência e à rosa de teu ventre.

ΤΑΪΡΟΣ
ηλεφάσσης

Υία

, Εΰζωνοιο

ΕΥΡΩΠΗ

ΓΥΝΑΙΚΟΣ

IE'

Aquele tempo a musa picara
ensaiava os tanguinhos brasileiros de Ernesto Nazareth
e oh! que saudades que eu tenho
da aurora da minha vida
da colher as pitangas
trepava a tirar as mangas
à sombra das bananeiras
debaixo dos laranjais
livre filho das montanhas
eu ia bem satisfeito
de camisa aberta ao peito
pés descalços, braços nus
correndo pelas campinas
à volta das cachoeiras
atrás das asas ligeiras
das borboletas azuis
e surgia ao salto de um peixe de prata na cachoeira
a garganta respondia ao trom das águas
e o reflexo dos mangarás vermelhos se quebrava na lagoa
nos cangapés e deles súbito
o fauno de sete anos relinchava no barranco
erguendo a saia
da menina aguadeira.

Tereza, filha de Damiana, puta da beira do rio, era botadeira
de água
e meu primo Francisco aguardava, dia a dia, seus treze
anos chegarem
e um braço na cintura e outro na cabeça onde se erguia
a cabaça de água limpa
anunciavam seus dois seios e sobre
suas ancas baiadeiras
já Tereza ensinava
o caminho da Grécia e a rua do alto
onde a grande pedra terminava junto à casa de Antônio
Pinho e Olívia
na graça de um cabrito imóvel ao crepúsculo.

Estrela do mar sobre o lago do ventre
estrela de pelos
pentágono pentélicon pentelhos
pentâmetro
pentateuco do amor!

Tereza, filha de Damiana, puta da beira do rio anunciara
o pentâmetro de ouro da canção
ninho da estrela
e o bulício do pássaro da estrela
preparava a lua e o mel
de tua noite.

De longe venho para a possessão
e da lua e do mel e da noite

Sabão. quanto esta escriptura
de doação terem que no anno do
nascimento de Nosso Senhor Jesus
Christo de hum mil e setecento
e quarenta e tres, em meo Cartorio
compareceo com outorgante dñe
Anna Teitoria, brasileira, casada,
residente nesta Cidade, e perante
os Testemunhas abaixo, Acba=
rou que, sendo Senhora e possui=
dora de varios tractos de terras
nella Comarca, fazia Doação
de trezentos braças de terra de
Comarido e outras trezentos
de Largo, de hum ~~do~~ sonda
do rio Guaraci, da parte
do Sul, onde ella, dicta Bando=
ra, tem sua casa de vivenda,
com quarenta vacas situadas
no dicto lugar, ao Senhor
Sant' Annae, para pa=
trimonio de hum Capela,
que se pretende erigir no dicto
mencionado lugar Tamboril
e nella collocar dicto Sant

tão minha como as terras, as cabras, as novilhas, os patações de prata e os rifles de papo-amarelo e os engenhos de cana e as raparigas

essas terras são minhas

e a mais das escrituras de meu avô Major ou de Manuel

Mourão nos cartórios de Tamboril e Ipueiras sobre elas hei lavrado a escritura de meu canto.

Doação de minha avó, Dona Ana Feitosa:

"Trezentas braças de terra de comprido e outras trezentas braças de largo, de uma só banda do rio Acaracu, da parte do sul, onde ela, doadora, tem sua casa de vivenda, com quarenta vacas situadas neste mesmo lugar, ao Senhor Santo Anastácio, para patrimônio de uma capela que se pretende erigir neste mencionado lugar do Tamboril e nela colocar dito santo".

O Capitão encomendara em Pernambuco uma imagem da Senhora Santana, que seria a padroeira, e os comerciantes do Recife, por engano, mandaram Santo Anastácio.

De qualquer forma, o chão de Deus foi tirado de minhas braças de terra

e Santo Anastácio, padroeiro por engano, tem seu lugar ao lado de São Gonçalo dos Mourões,

que essas terras são minhas, desde as dezoito léguas de serra na Serra dos Cocos, de São Gonçalo dos Mourões, até os limites da Serra Azul e o sertão de Bruxaxá, Borborema, Paraíba,

onde os vaqueiros encourados furam grotas

testemunha José Joffily

no rastro do boi ensebado

e ainda ali assentamos os currais reiúnos e os engenhos de rapadura e cachaça

até o grande sertão que se abre depois da Canabrava dos Mourões, ao pé da serra dos Mourões do pé-da-serra e se estende pelo Crateús, Piauí a oeste, e se dilata do antigo cortume de Nova-Russas dos Mourões, que ali tinham mulheres ruças e éguas ruças, e vai para o sertão do Tamboril e atravessa os Inhamuns, onde dorme meu pai e chega ao Tauá e à Mombaça onde os Feitosa somos senhores do Cococi e de outras terras e onde era a minha avó do país dos Calabaças.

Nesta estrada que o senhor está vendo, onde não há um pé-de-pau para se descomer atrás, o Major Galdino, seu avô, derrubou a rifle um caboclo sem prestância. O Major beirava os oitenta, fez pontaria do alto de sua burra de sela — uma burra baia — e creio que foi a última façanha dele, das vinte e seis que se conhecem.

Enviávamos às nossas mulheres rosários de ouro e pulseiras de ouro e a orelha sangrenta do inimigo dentro do porta-orelhas de ouro que hoje está entre as jóias da prima Sinhá.

São minhas essas terras, as vacas, os mandiocais, as casas-de-farinha e os vaqueiros e suas orelhas e suas fêmeas: de trinta e duas delas teve filhos o Coronel José de Barros Mello, chamado o Cascavel, meu tetravô e os bastardos do General cobrem as terras que são minhas que hei lavrado em meu canto e sobre elas vou lavrando a escritura de meu canto desde as ribeiras do Acaracu, do Poti, do Jatobá, até o Parnaíba, o sertão de Oeiras, Piauí onde o avô de meu avô foi Capitão-Mor, Governador da Província, Vítor de Barros Galvão, até o São Francisco onde canta o poeta do país das Gerais, onde Penedo ergue seus templos de pedra e a flor de pedra de seus templos de onde viemos

e onde a formosa filha de Alagoas banha o seio moreno:
naquele tempo
meu avô alagoano, o Coronel Martins Chaves, deu duas
léguas de terra a São Francisco e duas arrobas de ouro
e prata à filha núbil e dois bacamartes de coronha
lavrada ao genro Carvalhedeo
e sobre o voto a São Francisco e sobre
duas arrobas de ouro e prata e sobre
dois bacamartes de coronha lavrada
das Alagoas ao Ceará foi construída
a raça dos Mourões
in illo tempore.

Esta é a bengala de seu avô e esta de toledana
é de meu padrinho Padre Feitosa
e com ela, mais seu avô, mais o velho Alexandre Mourão,
mais oitocentos parentes e cabras das Ipueiras, mais
quinhentos do Tamboril
invadimos Crateús para tirar da cadeia nosso primo, o
Coronel Giló, e defender os nossos primos Correia Lima,
que estavam se acabando na política de baixo
e os Correia Lima não podiam se acabar antes de Emília,
a mais bela de seus país.

Naquele tempo
a beleza das mulheres nos fez valentes
e Antônio raptou Maria Veras
e de Alexandre um dia sem esperar foi descoberto e custou
caro — conta ele — o belo amor
e do Piauí ao Maranhão a Pernambuco o sangue de Manuel,
de Sinhôsinho, do Cascavel foi derramado
por amor das mulheres
e por ela e por todas elas, por três, por duas e por uma delas
aguardo militarmente el tiempo
e sirvo o dia e a noite a coice d'armas
con el florete de la aventura manchado de sangre no olvidada
e estou de partida e não me parto
e me muero porque no muero
e não quero morrer e sobrevivo

entre os que tombaram à esquerda e à direita
para comer a erva tenra em sua mão
e carregá-lo no lombo e à sombra do plátano
ensinar ao seu ventre a prenhez dos Mourões
ensinar ao seu ventre a prenhez e a dor e o sangue dos
Mourões
e a alegria da ressurreição
a alegria dos rapazes e raparigas de Atenas.

IS'

Vamos, Marivalda, à madrugada
aprender a areia, a espuma
ensinar-te a ninfa e os exercícios:
todas têm sua vez e agora é a vez
de Marivalda e cada uma
ensaia a sua pauta: esta
ensina a nuca tonsurada, Paula, aquela o seio, Dalva,
Elisabeth a coxa, Iolanda os quadris,
je t'apprendrai une caresse nouvelle
le bout des doigts tout doucement, Dolly,
essa a boca, essa a orelha e sempre
Maria Helena a ordenação
o ensalo da mestria
a ordenação da posse o coração desordenado
de suas mãos amorosas o amor
ó

L

E

amor

o amor abriu, compôs o cravo de vinho em que me torno
e entorno
à tua boca, à tua embriaguez.

12'

Hoje é dia de louras, Abdias,
telefona e amanhã
quero Wanda Moreno, quero Hilda, quero Rosa e depois
quero de novo a ruiva da Barata Ribeiro, quero Néa,
quero Paula da casa de Arabela e Lourdes com Marina e
quero todas
da casa de Helenita:

meu avô passou nos peitos todas as filhas dos moradores
do engenho
os Mourões raparigueiros há trezentos anos:

eram cinqüenta mulheres
à noite no cabaret
entre elas uma francesa
sentada num canapé
Raimundo Mourão brigava
com o vigário da Sé
trazia o diabo no couro
quando entrou no cabaret
as mulheres quando o viram
ficaram todas em pé.

Deixara em baixo o Marreira
no cabresto do alazão
na cinta o coldre bordado

e uma chibata na mão
parecia um cangaceiro
do bando do Lampeão
a parnaíba nos quartos
vinte léguas de sertão
cantador Nertan Macedo
afina já teu bordão
matéria-prima do verso
este é um Mello Mourão
valente rico e faceiro
dançador e fanfarrão
tanto bebe como canta
como atira que nem cão
mulheres no porta-seios
segurem o coração
"couro bando papaceia
o chão imemorial
o bode o cavalo o boi
o sentimento mortal
o homem caça dileta
refletida no punhal"
tanta tesão entre as coxas
como balas no embornal
A noite se encheu de tiros
começou a confusão
não ficou homem na sala
pois quem enfrenta um Mourão?
as luzes levando chumbo
virou tudo escuridão
provou as cinquenta fêmeas
pôs a mão no coração
e sentiu que ele no peito
não se fartara inda não
não encontrava em Francisca
os seios de Conceição
nem em Antônia a cadência
que as ancas de Isaura dão:
só mesmo teus olhos verdes
dariam a ordenação
capaz na noite e no dia

de saciar um Mourão
mas antes que tu chegasses
um punhal na escuridão
deixou morto aquele macho
banhado em sangue no chão:
caça dileta do amor
tombou Raimundo Mourão
herdei-lhe a espora de prata
o rebenque e o alazão
relógio de ouro maciço
de corrente e medalhão
trinta e dois de carga dupla
o clavinote alemão
e na bainha de couro
o punhal de estimação
dezoito pentes de bala
cartucheira e cinturão
os olhos concupiscentes
a aguardente e a perdição
o gosto de mulher boa
procurada com paixão
e atrás de ti pelo mundo
abandonei o sertão.

In'

Hoje, Abdias, a noite quer tarefa de morenas e amanhã
voltaremos à ruiva de outro dia
vem, formosa mulher, camélia pálida
que banharam de luz as alvoradas
e assiste-me a buscar uma por uma
o amor que juntos aprendemos
clavel de vino que me hiciste
ó Afrodite Helena
para a embriaguez
da que me nutre de ervas em sua mão
da que parte comigo e ninguém mais
ó

l
ε
α m o R
δε α m α d o
m
α
n
t
ε
A M O R t ε.

Id'

Naquele tempo
não só de fêmeas se ocupavam os machos
no país dos Mourões onde eram bacamartes e clavinas
in illo tempore.

Das coisas de suas vidas
mulher pistola aguardente
foi feita a morte de muitos
esta é a terra do sol e o sol
e a cobiça sagrada dos Mourões
brilham entre os canaviais e as ramas do algodão:
sagrados por ferro às vezes
por essas léguas de terra
em sete palmos de terra
muitos dos nossos caíram;
mas muito mais se acabaram
à boca de nossos rifles
e à ponta de nossas facas
os Muquecas sem caráter
os pulhas dos Maciéis
e os ignóbeis dos Montes:
não só de fêmeas se ocupavam os machos do país dos
Mourões
naquele tempo:
ao seu vigor ergueram-se e deitaram-se
para a vida e para a morte
as coisas os logares as pessoas.

Saibam quantos

fls. 17, Livro I, do Cartório da Vila:

Não se lhe monte homem que não seja bem nascido
não se lhe imponham arreios que não de prata, e sela
seja só de vaqueta bem curtida e assovelada por mestre
Saturnino

nela não se monte quem não seja filho legítimo nem
gente de polícia e outras laias baixas
e de meu cabedal, a mais do que se tire para freios de prata
que não entrem nunca em boca de outro animal
e estribos de prata

deixo cincoenta contos de réis à minha burra de sela Graviola
e enquanto ela viver se compre milho da safra sem gorgulho
e seja sua água de cacimba limpa
pagando-se aguadeiro e moleque de estribo e o aguadeiro
e o estribeiro podem ter jornal até meia pataca e nunca
menos do que

o pago no eito aos filhos do Távora e outros inferiores de
minhas terras

e este

é o testamento do Coronel

Alexandre de Barros Mello, pai de minha avó
apostila ao codicilo

depois de minha morte não se empreste dita burra de
estimação a oficiais de Ordenanças ou de Guarda de
patente

inferior à minha e dentre os clérigos

somente ao Senhor Bispo e nunca a simples vigários e
cônegos ou freires estropiadores de cavalos e nunca
a partidários inimigos nem mascates levantinos como Je-
reissati e seus paridos, todos ladrões bargados de rabo
branco e raça frouxa e sempre

à frente do cavaleiro que a cavalgue marche

em sela bem luzida um pagem vestido de pano vistoso ou
todo encourado, de mosquetão à lua da sela tal

qual os pagens de meu hábito ou do hábito

de meu primo, o Coronel Quintino Benjamin à moda
dos senhores de prol de meu sangue e país e em tudo
nesta e noutras partes este meu testamento

que de lúcida mente e no uso e gozo de minhas faculdades
mentais
de meu direito e cabedal ora disponho e se cumpra e em
tempo:
à liberta Caetana, que engomava meus uniformes brancos
e brunia
os botões de ouro, disponho
lhe seja pago até o final dos dias
como se seguisse engomando e brunindo depois de minha
morte
ditos uniformes serão guardados em arca de cedro
engomados e abotoados de ouro
como eu os envergava na praça da Vila em dia de gala
à vista das gentes montado em minha burra Graviola
cercado
de meus parentes e aderentes e assim sejam
em todo este país dos Mourões que Deus os ouça
louvados o meu nome e a grandeza dos bens de
minha fazenda
por toda criatura racional e irracional
homem, alimária e coisa. E assim
Deus me ajude
e Manuel Mourão, meu irmão, que tem bom talhe de letra
e sabe de escrituras deposite
perante testemunhas este testamento
com todas as suas partes
em cartório quando
haja eu depositado nas mãos da Misericórdia e da Glória
increada
o testamento de meu cabedal
em pensamento, palavra e obra
de quanto foi e será
Alexandre de Barros Mello, Coronel das Ordenanças da
Cavalaria do Império e Coronel
da Guarda dos Povos.

K'

“Quem de vocês matou o uruguaio?”
os soldados não sabiam

“Quero saber imediatamente quem matou o uruguaio” —
— “Saberá Vossa Senhoria que fui eu, Benedito Antônio da Silva, natural do Crato, número 39 da 2.^a Companhia do 12, praça de 1851, ferido na batalha de Caseros”.

“E por que matou?”

— “Vossa Mercê, que é da raça dos Mourões, não há de ignorar que eu também sou morador daqueles pés-de-serra e por isto matei o gringo; pois saiba Vossa Mercê que estou sem matar desde a guerra do Rosas e o Senhor seu pai me encomendou três dúzias. Tá completo”.

Sob a pala da barretina agaloada
o General de rosto sereno e triste
sorriu sobre o pátio do quartel de Bastarrica
e mandou os soldados passearem tocando
charanga pelas ruas de Montevideú.

O Marquês de Herval era galante:

Ordem do Dia sobre a batalha de Tuiuti:

— é de louvar o bizarro comportamento do General Sampaio, da raça dos Mourões —

o primeiro cavalo fora derrubado à bala, o segundo também
e o terceiro e o quarto varados à baioneta
combatia a pé

"Guarde seu cavalo, alferes, eu sou da Infantaria"

"Corra à barraca de Osório e diga que estou perdendo muito sangue, é conveniente substituir-me, fui ferido duas vezes"

continência do Alferes, mão de súbito no peito:

"e esta é a terceira".

"Maté el general brasileiro!"

ainda não — e o paraguaio engoliu com chumbo a última sílaba

na mão o sangue da última tapa de carícia sobre a cabeça de seu alazão espedaçada à bala

quando outra bala decepa a folha da espada

"soldado, passe-me sua espada"

um olhar para o alferes fanfarrão:

tomara a bandeira do porta-estandarte e no meio do mar de sangue e fumaça gritava

"viva o General Sampaio!"

e nos braços dos guerreiros que rangiam os dentes e choravam

e banhado no sangue dos cavalos fortes como o seu

e banhado em seu sangue o sangue

da raça dos Mourões:

"não corte minha perna, doutor,

um general morto é bizarro ainda

um general coxo é feio".

E belo e triste em seu caixão de zinco

os guerreiros da Argentina e do Uruguai lhe hastearam em funeral as bandeiras do Prata

e sobre o chão do país de Godo, Raul e Efra'n

vou lavrando a escritura deste canto

e ali também é o país dos Mourões e nosso primo Martin

Fierro e Osório, Marquês de Herval, são testemunhas.

Antônio de Sampaio, filho do ferreiro de Monte-Mor-o-Velho,

da estirpe de Francisco e Manuel,

da raça dos Mourões

era um general bizarro.

As exéquias na Corte custaram um conto e quatrocentos
o Maestro Arcângelo Fiorito regeu de graça o coro e a
orquestra com primeiros e segundos violinos, violas,
violoncelos, fagotes e oboés e trompas e pistons
é Sua Majestade o Imperador que lhe trouxera o corpo
de Buenos Aires
ao meio-dia em ponto na Ilha do Bom Jesus entre os
inválidos da Pátria
curva a cabeça em reverência
ao filho dos Mourões:
— “Só no Maranhão foram quarenta e seis combates por
Vossa Majestade”
sua Divisão se chamava Encouraçada
bateu o paraguaio a ferro-frio nas sangas dos banhados
encouraçada à dureza de seu olhar a soldadesca
não conhecia o medo
aquele olhar endurecido
ao ódio dos Mourões — seu amor e seu ódio —
e ao seu vigor ergueram-se e deitaram-se
para a vida e para a morte
as coisas e os logares e as pessoas.

“Alferes, a morte é bizarra
guarde este botão de minha farda de lembrança
e cante na hora aquela moda que eu cantei no Tamboril
à janela de Maria Veras. Aquela moda...”

E ao meu canto e à moda antiga
que cantavam os machos à janela das fêmeas
ño país dos Mourões
vou lavrando a escritura destas terras que são minhas
até além do Prata e além dos Andes
das Ibiturunas azuis
e um dia
no cartório de Ipueiras, Penedo ou Arapiraca
te farei a doação dessas léguas de sesmaria
do Passo de Camaragibe a Villaguay,
de Crateús, Ipu e São Gonçalo dos Mourões

até Buenos Aires e Santiago do Chile e Guayaquil e Bogotá
nos termos da doação de minha avó Dona Ana Feitosa a

Santo Anastácio e Dona Úrsula Mourão a São Gonçalo
e te farei sobre essas braças de chão
um templo e uma cama de cedro sob o céu de Deus
à sombra dos plátanos e das carnaubeiras para onde
deitada no meu lombo vens chegando.

Ka'

Nem sempre vinham imperadores a nossos enterros
naquele tempo
mas nunca deixamos nossos mortos insepultos
insepultos eram os temerários
que ousaram nossa terra e nosso punho.

O Padre Martiniano de Alencar, pai de José de Alencar,
governava a província
in illo tempore
a província era governada por um padre endemoniado,
adúltero, covarde e por covarde
invejoso dos bravos que troavam livremente o clavinote pelos
pés-de-serra dos Mourões do pé-da-serra
e emprenhavam suas fêmeas ao ar livre
e eram fortes e belos e bons.

Este papel amarelo é uma carta de seu tetravô: encomenda
doze caixas de vinho francês outras doze de cognac
de la ville de Cognac
para a fartura de sua mesa de caitetus, marrecos e veados
e atas
maduras graviolas silvestres, cajás, caju, melancias e
ananazes no país dos Mourões
e biscoitos de Jacob's, London,
para as mulheres de sua casa

e por essas fidalguias
o biltre do Alencar decreta:
seja afogado em sangue o país dos Mourões.

Meus engenhos foram queimados
queimados vivos os garrotes de meus currais
ainda hoje nossas terras cheiram
a carne assada a mel queimado
à la viande flambée
não se afogam na água os surubins
no sangue não se afoga a raça dos Mourões
alimento do amor e da bravura
deste vinho se nutre o coração dos puros
deste vinho venho vindo e vejo a vida
e busco sua uva e te chamo de novo
vem, formosa mulher, camélia pálida
que banharam de luz as alvoradas
vem com teus olhos verdes desvairados
ensinar o caminho das uvas
o fervor destas veias quer mais vinho
minha raça é a dos embriagados
minha profissão, meu estado civil: bêbado
residência não tenho: bebo, bêbado, exilado
do país dos Mourões
conspiro a volta e conspiro o Anschluss
de todas as terras à Capitania de meu avô à sesmaria
de meu país
de Ipueriras a Stocolmo e de Palmares de Pernambuco à
ilha grega
essas terras são minhas
sobre elas hei lavrado a escritura de meu canto
e vou lavrando a escritura de meu canto
e lavrando o tempo e o cedro de uma noite e de uma cama.

Kβ'

In illo tempore — 1549
floresciam os machos no país dos Mourões
e o Padre Manuel da Nóbrega escrevia ao Rei de Portugal:
“mandassem órfãs ou mesmo mulheres erradas, que
todas achariam maridos, por ser a terra larga e grossa”
nem se pecava além do equinócio:
Deus é grande, mas o mato é maior
e nas macegas altas e nos cômoros
nas capoeiras nos valos nas catingas
nos espinheiros no agreste
nas ipueiras no sertão de sol da terra larga e grossa o jesuíta
ultra equinotialem non peccatur
a natureza entregava ao vento terral
com a mesma pureza
o gemido das fêmeas possuídas e o clamor
das seriemas e das cericoias no taboleiro
e eu já te esperava
in illo tempore
e te ensaiava nas órfãs e nas mulheres erradas do Padre
Manuel.
Para a alvura de teu corpo
inventei as águas limpas
não te podes banhar em teus Danúbios
teus Arnos e teus Renos e teus Senas onde boiam
catraias e cadáveres:

ao talho deste facão
para a sede de teus lábios
a linfa intata é servida
no mangará das bromélias;
e no ouro das macambiras
a água de prata pura.

ΕΥΡΩ γης
πης

KY'

Era uma vez Manuel Mourão
e a forja do equinócio forjara
os seus braços de ferro
Manuel de Ferros era chamado e uma noite
ao luar do alpendre sobre a rede fresca
foi o uivo da fula suçuarana:
desafiado o chumbo miúdo
veio em cima da fumaça:
sobre a mandíbula quadrada dos Mourões
os olhos negros dos Mourões
e a mandíbula fulva e os olhos fulvos
da suçuarana e a insolência
de Manuel de Ferros:
e o convite ao bote e o bólido
rabeia as fauces
e as presas e os caninos
e músculos e garras e a garganta
se chofra na cilada da forquilha
e à parnaíba iluminada à lua
as juguleiras jorram e um instante
do ar, da lâmina embebida, dos tendões de ferro
de Manuel de Ferros
e de seu sorriso e do sorriso
dos Mourões de dentes largos e mandíbula quadrada
é o baque da fera.

E as feras e as coisas e as pessoas
tanto me atendem à cítara
como à ponta do punhal

Ὁρφεύς Θησεύς

e do novelo de fogo da linha do Equador
são as cordas desta cítara e o fio do labirinto:
no hubo príncipe en Sevilla
que comparárasele pueda
ni espada como su espada

— Θησεύς

ni corazón tan de veras
como un río de leones
ergue a cabeça morena
donde su risa era un nardo:
morreu na praça em Sevilla
teu último noivo — Ignácio:
que gran torero en la plaza!
que gran serrano en la sierra!
que blando con las espigas!
que duro con las espuelas!
que tierno con el rocío!
que deslumbrante en la fêria!
que bom no rifle e na faca
que macho em qualquer função
que Mourão entre os Mourões!

— Ὁρφεύς

Kδ'

Era uma vez
Maria Alves Feitosa, da raça de minha avó, e era mulher
de Francisco Feitosa e o marido amava
as violas doces e as aguardentes ásperas
e Maria, quando rezava suas novenas na igreja — conta
Leonardo — tinha por costume
mandar os grupos de escravas, que eram as cantoras,
entoarem cânticos da igreja até a casa de sua residência
e uma tarde
no momento em que partiam da igreja
e as negras começavam o cântico
veio Francisco embriagado e esbofeteou o rosto de Dona
Maria Feitosa e as negras
como sapo quando se bate n'água
calaram-se e pararam: e a senhora
ordenou-lhes marchassem e cantassem: não fora nada,
sendo por seu marido, não era agravo e o vigor
dos machos é sempre doce ao coração das fêmeas
na raça dos Mourões
e entre alcova e templo ao tom das ladainhas e ao canto
das escravas
aprendemos o touro e as raparigas aprendem
o arrebatado amor e Mariana
mulher de Eufrásio, senhor do Cococi
mandou surrar e tonsurar a rapariga

e o Capitão-Mor puxou da bota uma faca aparelhada de
prata e lavada de sangue e sempre
a morte se nutriu do amor
e o vigário do Cococi excomungou o Coronel: surrara,
debaixo do altar-mor onde se escondera,
o vilão que ousara versos a Joana, sua irmã, da raça dos
Mourões e só
para alcova de Mourões eleita
e o Bispo de Olinda retirou-lhe a excomunhão:
matasse feras em vez de matar homens
e os Feitosa entravam a galope na cidade
com uma onça sangrenta na garupa e um deles
matou noventa e seis onças sem armadilhas, sem armas
de fogo, sem mundéu, sem gangorra e sem curral
apenas com sua faca de Pajeú e os três cachorros Elefante,
Corujo e Mosquete:
na boca da última delas deixou o couro da cabeça e o
escravo fiel
deixou a mão, a faca encravada e a implacável morte

tanto me atendem à cítara — Όρεφειύς

como à ponta do punhal — Θησεύς

e Leonor ficou viúva e um dia
a casa de Leonor amanheceu fechada
e Leonor havia desaparecido
e Leonor era — conta Leonardo — uma viúva nova e
muito formosa
depois se soube: fora raptada pelo Major Eufrásio Feitosa
e por ele situada numa casa em um alto
e ainda hoje ali se chama
o Alto de S'a Leonor e os montes
e os rios e as devezas e as várzeas
guardam, da Serra da Joaninha ao Riacho do Sangue,
o nome com que os machos
nomearam amor e nomearam morte
no país dos Mourões

tanto me atendem à cítara
como à ponta do punhal,
tanto a meu punho se deitam
os vencidos na macega
como a meu canto as mulheres
na ribanceira do rio:
explica, Maria Helena,
como esta doçura é forte
e o vigor desta bravura:
chama a princesa e estremeçam
seus seios na minha mão:
não sou Teseu nem Orfeu,
os dois são Mello Mourão.

Nunca houve nesta raça
homem não raparigueiro
e nela não se conhece
uma casada infiel:
no couro dos Mourões sobeja o macho
a ti domava a cítara
a outras o músculo.

...deixa-me pastar a erva em tua mão.

E tu,
que não morres de mim, vives de mim

a ti e só a ti
ofereci a melodia a um tempo
de cítara e de músculo e só tu
saberias dizer o contraponto
do canto que inventei aos teus ouvidos
e à doçura
de sua força
arreatada no meu lombo e no êxtase
ela acenderá no crepúsculo
a estrela da manhã:
sob o ventre pentélicon
pentagrama de ouro!

ε
 ε
 α
 η
 ο
 ρ

Σε
 αμαδο

α η α η
 η
 α η ο ρ
 ρ

ε

ΚΕ'

Era uma vez um país
onde o fruto alastra o chão
vastos campos onde os touros
nédios urram sobranceiros
entre os bandos de carneiros
pelas soltas dos Mourões:

“Não te aproximes daqui: descalça as alpercatas, porque
o lugar onde te encontras é uma terra sagrada”
eles fundaram a terra sagrada e sobre ela
num círculo do chão foi abatida
a grande cajazeira com seus frutos de ouro
e o capitão mandou matar os gaviões
e à glória da cantaria da pedra de ângulo
das paredes de pedra
foram colhidos os tamarindos e derrubadas as jacas e
abatidas as jaqueiras
e imolados os animais perigosos
e queimados à bala os forasteiros.

Bebam à minha saúde — ordenou o Capitão
quando assentou a cumieira da casa —
e entre os copos de aguardente parecia
um deus embriagado e cosmogônico
a criar seu mundo
no país dos Mourões
in illo tempore.

Venho desse país e desse tempo
e em seu chão e em seu dia o Capitão — o sabedor da
guerra —
fundou meus olhos e meus pés
de sabedor do amor
e sabedor da morte.

Aquela que ainda não pariu — comece a parir;
aquele que ainda não matou — comece a matar:
e o país dos Mourões surgiu no fim das águas
surgiu do sangue de nascer e do sangue de morrer
in illo tempore
no tempo de parir e de matar

KS'

Eram três mil violas a bordo
quando chegaram:
três mil violas e ainda poucas
para chorar saudades de Portugal e poucas
para o canto que me espuma no sangue
porque mi corazón de trovar non se quita
herdei todas as violas
são minhas as violas
são minhas as guitarras, os violões
a harmônica de Gesú Mello, a rabeca de Josa e a flauta
e o berimbau que Pedro Simão tocava nos dentes em
Ipueiras
são minhas as violas: no formal de partilha me tocaram
três mil violas da maruja e me tocaram
as saudades e as penas de amor e o desafio
e a gemedeira
do bojo delas
e a louvação dos valentes;
e três mil violas não bastam
para o canto dos machos à janela das fêmeas
no país dos Mourões:
!que poucas
para a endeixa de amor que ao teu ouvido
mi corazón
de trovar non se quita!

KZ'

E era uma vez em Rovigo, Itália,
Maria Zanani:
entrou em luta corporal com o marido — conta a United
Press International —
foi arremessada contra a parede de sua velha casa
a parede esboroou-se e jorraram
três milhões em moedas de ouro
tre millioni di lire
sobre o casal
subitamente reconduzido
à lua de mel
num carro em que as rodas eram liras
e as liras eram de ouro, tocando marchas nupciais e canções
napolitanas:
nas casas de meu país as paredes guardam
os ossos e o sangue dos Mourões
minha tetravó vendeu suas jóias de ouro
e os machos puderam comprar mais bacamartes
e a terra dos canaviais continuou grande e nossa e
nas casas de engenho
as moendas cantavam dia e noite e nos terreiros
ao galamarte cantador os meninos morenos
giravam no ar
e no ar
torneavam o torso
e dóricos
à beleza e ao perigo

dos galamartes cantadores ao perigo
das guiadas e dos rifles
e à mestria das bestas certeiras
medravam os machos
ih illo tempore
e ao seu bote
o teu corpo roubado às ruínas etruscas
há de tombar no chão ardente
do país dos Mourões

χθονοπαίδες χθονοτρέφοι

e ao seu baque irão brotar
os do culto de Hécate Ctônia
“e igual que antaño
en torno al sobreviviente
los pastores se ciernen en rueda
y oran en común
y se aprietan por las manos”.

Kn'

Não precisa rezar pelo Padre Inácio:
é um mártir de Deus e está no céu
minha bisavó calejou os dedos nas contas do rosário
pela alma do irmão padre:
emboscado pelos inimigos foi amarrado ao tronco de um
joazeiro no caminho da Paraíba
castrado à faca de ponta e um cabra
com a ponta de um punhal
tirou-lhe do couro da cabeça a rodela da coroa de padre
“engula agora esta hóstia”:
sobre a terra ardente fervia o sangue
do único fálus que poupava as fêmeas
na raça dos Mourões
e a única boca da raça
que de sangue só bebera o do Cristo na Missa
comungava o pedaço de sua carne sangrenta
e desde aquele tempo
os Mourões imolados
ao próprio chão e ao próprio ser se imolam
e sobre a terra plantada de sagrados testículos
nutridos de seu corpo e de seu sangue
existem para a vida e para a morte.

KD'

“C
Coronel, estou vendo neste momento os
cabras sangrarem o Padre Joaquim Mourão, daqui lá umas
duzentas léguas, no Maranhão”
e a vidente negra levou a mão ao velho seio onde mamaram
os filhos dos Mourões
e caiu com os olhos fulgurantes;
o Coronel mandou encher de paçoca os alforjes de couro
e encher de água da serra a borracha de sola
no arção da sela o terçado de cabo de ouro
na carona de vaqueta bordada sob os coxonilhos
cinquenta contos de réis
o rifle na lua da sela
a matolagem e os capangas fiéis
quinze dias depois tirava o chapéu de couro e dobrava o
joelho
diante da sepultura do Padre Mourão:
de duzentas léguas o sangue esguichara sobre
os olhos da vidente que lhe dera o seio
e os cabras no caminho de volta retiravam
sob o suadouro das cangalhas a manta
de carne de sol e enquanto
mastigavam os nacos sapecados na cachaça inflamada nos
pratos de balança das bodegas da estrada
ruminavam a morte;
e as veredas se enchiam de cruzeiros
e ao sacrifício dos padres inocentes

a bravura dos Mourões se celebrava
in illo tempore

e ungidos de Deus vamos morrendo
e flagelos de Deus vamos matando.

O mulato Tobias Barreto escrevia cartas em alemão ao
filósofo alemão Emanuel Kant
e escreveu também a Monsenhor Gadelha Mourão, deputado
do Império e doutor de Roma:

“os padres deste país nem latim sabem mais, pois, como
Vossa Reverendíssima, aprendem é a mandar matar”
os assassinos do Padre Joaquim, de fato, estavam mortos
cum Christo erant

e o Monsenhor tirou uma edição de seu jornal político em
São Luís do Maranhão, toda em latim e remeteu ao
prodigioso mulato

e veio a carta pedindo perdão:

“nunca li, Monsenhor, latim tão puro”

e uma nova edição explicava:

o latim era péssimo e cheio de eiva e fora escrito apenas
para colher o elogio do sr. Tobias Barreto e provar
que ele, sim, não sabia latim:

Tobias fuit cum Christo: causa mortis — raiva apoplética
contra Monsenhor Mourão — testemunha Cynobelino.

Sabedora da morte, soberana da vida
a raça dos Mourões preparava o chão
e duro e puro
o espaço do cristal se construía
na clavina dos fortes e no sarcasmo dos sábios
in illo tempore.

X

Alexandre cavalga
e às vezes é
a bússola amorosa dos anjos
e ao aroma dos jasmineiros o aroma
da nuca de Carmen, do botão dos seios
de Margarida e de Francisca
e às vezes é a bússola do ódio
e dia e noite e noite e dia através
noites e dias
Alexandre cavalga:
e os cavalos cansados param mortos
e o coração cavalga a fúria
e seu rastro se chama vingança.

Vicente Lopes de Negreiros
da raça de André Vidal de Negreiros
matara de tocaia a Manuel, irmão de Alexandre Mourão
e à sombra de uma palmeira da Serra dos Cocós
tinha dezesseis anos
o corpo ensangüentado do adolescente moreno
era belo e terrível e seus olhos
vidrados
pediam vingança ao irmão.

Vicente de Negreiros, chamado Vicente da Caminhadeira
furou o mundo e Alexandre
Mourão no rastro dele
andou duas mil léguas e o Maranhão
e o Piauí e o Ceará e o Rio Grande e Pernambuco e a
Paraíba
celebraram o tropel de seu cavalo
o furor de sua vendetta
e o trom de seu bacamarte de boca de sino
e os sinos dobraram por duzentos mortos
e os soldados de Xenofonte — Anábasis — não podiam
dormir por causa da tristeza e da saudade

οὐ δύναμενοι καθευδεῖν ὑπο
λύπης καὶ ποτοῦ πατρίδων

“ouvindo o tiro, nós que estávamos na luta, corremos e
achamos nosso irmão morto e não pudemos mais dormir
ali o deixamos e
fizemos todas as diligências
e não foi possível achar mais o assassino
nesta mesma noite segui em procura
e depois de sete dias e sete noites de minuciosa diligência
informaram estaria sob a proteção do Tenente Coronel João
da Costa Alecrim e do tio Vigário Manuel Pacheco
Pimentel, em Vila Nova
risquei o cavalo na porta do Vigário
e de sua alpendrada trinta e oito dias de viagem num cavalo
bralhador
até Pedras de Fogo — extremas da Paraíba e Pernambuco
de lá noventa dias a cavalo ao Piauí
e em noventa noites o sertão
espreitado palmo a palmo conheceu
o ódio sábio e inútil de meus olhos:
terral, aracati, nordeste, graviúna, todos
os ventos do país dos Mourões a crina
de meu cavalo conheceu.

O Coronel Diogo Salles comprara um sítio para situar-se no Maranhão aonde se mudara por certos desgostos: Coronel Diogo, filho de meu parente Capitão Xavier, a quem assisti em seus desgostos, é possível esteja o inimigo em sua Fazenda do Serrote? — Nem no Serrote do Piauí nem no Serrote do Ceará e se acaso meu pai o acolheu não o há de matar na rede de hóspede mas vai pô-lo a caminho quando saiba quem é Vicente da Caminhadeira.

— Não, meu parente, não se apeou à minha porta. E na Fazenda Santa Cruz, a caminho de Quixeramobim, dois de seus cabras se entregaram à morte de joelhos aos pés de minha madrinha Francisca e ela mandou espreitar a casa e as fazendas do Capitão-Mor Lessa e em cinco dias e cinco noites de espreita — nada; passei a Crateús e por suspeita voltei ao Serrote do Capitão Salles passei a noite ao pé da casa espreitando os movimentos dela e entrei no alpendre com o primeiro sol fui honrado pelo Capitão, comi sua coalhada, o requeijão e a tapioca descansei em rede cheirando a capim santo segurei-me com o velho ele não proteger Vicente Lopes que enquanto eu vivesse, meu serviço era procurá-lo onde quer que soubesse dele.

Talvez o bandido esteja na casa do sogro em Poço d'Água: foram vinte e nove dias até Poço d'Água, Piauí, com os cavalos, os vaqueiros e a matutagem de meu irmão Eufrosino:

tomei o velho de improviso e nada achei apertei-o pelo genro, descobriu que há seis dias dali tinha partido a chamado do Alecrim que saía tal dia de muda para Pedras de Fogo, Paraíba, voltei, segui ao Alecrim

antes de chegar a Vila Nova soube que estava no Serrote
do velho Salles
ali mesmo fui procurá-los
Vicente da Caminhadeira estava fora da casa invadida por
minha fúria
o Coronel Alecrim escapou num paiol de algodão, onde
perdeu o nariz que era suposto:
nada fiz e fico contando com mais dois inimigos fortes.

Voltei para Pitombeiras, fazenda de meu irmão Eufrosino,
sete léguas,
ia despachar um positivo a Pedras de Fogo
chega uma carta de mulher, inimiga de Vicente Lopes:
— “quer notícias certas, me apareça —”
apareço
apresentou-se um homem
vinha de Nossa Senhora do Ó e dava certeza de estar
Vicente Lopes
na Vila de Igarassu, Pernambuco
voltei, preparei-me e segui para Igarassu
pois enquanto eu vivesse, meu serviço era procurá-lo onde
quer que soubesse dele

E depois de duzentas e tantas léguas de viagem
cheguei a Nossa Senhora do Ó
tomei a casa de meu parente, Capitão André Cursino
Cavalcanti
e aconselhou-me:
devia seguir para o Engenho Monjope, de nosso parente,
Capitão-Mor João Cavalcanti de Albuquerque
o senhor mais rico e forte daquelas terras
contei-lhe meu destino
não quis mais que eu sáísse:
seus homens é que vão a Igarassu para a missão
e um dos meus para reconhecer:

Vicente Lopes estava tocando viola num forrobodó
— “é aquele”:

os homens de meu parente dão duas voltas no salão e o
tocador de viola cai com o peito varado e a bala ainda
traspassou o coração de uma rapariga da festa:

na sala grande do Engenho Monjope
o Capitão-Mor abriu a garrafa de vinho do Porto
bebemos em honra de meu defunto irmão
e a Sinhá acendeu no oratório uma vela
à sua alma desagravada.

"Capitão, antes de voltar, quero ir eu mesmo a Igarassu
enfiar o dedo e o cano de minha garrucha no buraco da
bala de Vicente Lopes de Negreiros"
chamou de novo os homens que juraram:
"vá em paz, meu parente, o morto é morto e
se ressuscitar em qualquer parte, de Pedras de Fogo para
cá, terras de Pernambuco,
deixará de ser vivo:
vá em paz, os meus homens não mentem"

E depois de onze meses
considereei
descansar meu irmão na sepultura e minha
fadiga em minha casa:
meu pai deu provimento.

Naquele tempo
preparava Eufrosino uma cavalaria para Vila dos Brejos
e Antônio Mourão uma outra
para ir a Caxias, Maranhão:
lá podia comprar terras de uma herdeira de meu avô
anexas às de meu pai e eu podia
escolher um sítio e situar-me entre os irmãos.

Vicente Lopes havia passado a viola
e dançava na sala

o outro tocador morreu por ele
e enquanto eu vivesse, meu serviço era procurá-lo, onde
quer que soubesse dele.

Soube na Boa Esperança e não estava
soube em Uruburetama
meus homens andaram vinte e oito léguas desde Vila Nova
e meu pai recebeu uma carta:

“Menezes e Vicente da Caminhadeira tiveram notícia de
que Antônio e Alexandre Mourão atravessaram o rio
Parnaíba com trinta e um cabras armados, rumo a
Poço d'Água”

mandei quatorze homens à Capela dos Humildes
um tiro empregou a bala na carne de meu ombro
a luta a ferro frio durou das três às seis da tarde
e o sangue dos irmãos e dos cabras de Vicente Lopes
empapara o curral

e ele fugira

e enquanto eu vivesse, meu serviço era procurá-lo, onde
quer soubesse dele

nem o cadáver de seu irmão entre os garrotes assombrados
e as varejeiras lambendo sangue

valia o corpo airoso de Manuel

Segui para Capela, Residência, Pequizeiro e Boa Esperança
esquadrinhava sozinho as grotas da serra e um morador
me advertiu a medo:

— “meu Senhor, não siga por este caminho, que os lugares
estão semeados de Mourões”

e a semente do amor de meu irmão, de minha raça e
a semente do ódio

germinavam e em meu peito

buliam. E buliam

ao chouto do cavalo

as balas no embornal.

Na terra semeada de Mourões
nunca antes chorou um macho em minha raça
duas lágrimas tive sobre a areia onde
o corpo de Manuel fora plantado
e nos grotões da serra e no ventre das fêmeas
eram semeados os Mourões
naquele tempo.

E enquanto eu vivesse, meu serviço era
semear a morte no caminho
de Vicente da Caminhadeira

à porta de sua fazenda
empinei, afinal, os meus cavalos:
chegamos de rojo e de punhal na mão
pisei-lhe no peal
morreram dois homens e a mulher do coito
e pus o resto, seis homens e duas mulheres, debaixo de
ordem.

Corrigi a cabeça e o pé-da-serra
seguimos para Uruburetama
voltamos por Meruoca
subimos a Ibiapaba
descemos por Vila Nova
fomos ao Barriga
voltamos pelo Irapá
sangrei com minha mão e minha parnaíba um cabra dos
que o acompanhavam no dia em que matou Manuel
e enquanto eu vivesse, meu serviço era procurá-lo, onde
quer que soubesse dele

no caminho de Crateús derrubei cinco com minha clavina
francesa e fugiram
vinte de seus acostados
e entrei na Vila do Príncipe Imperial com o botim de seus
cavalos

e eu tinha dois bacamartes a tiracolo e um deles se chamava
Luar da Serra e o outro Galo de Campina
e o Governador Alencar e o Presidente do Piauí, um poltrão
que me devia a cadeira,
declararam guerra
à raça dos Mourões.

Comecei a levantar os povos
contra os tiranos:
Piranhas, Oeiras, Canindé, os Inhamuns, Pernambuco e
Piauí
governei o Ipu
e fui bater os Bentevis no Maramhão
e enquanto me ocupava com a guerra dos maranhotos
meus engenhos "Bacamarte" e "Por Enquanto" eram
pilhados
e a tropa imperial retomava o Ipu na minha ausência
e prendia meus irmãos para matar
tornei num raio da Parnaíba e
em trinta e seis combates
atravessei a Ibiapaba e à bala
e a ferro-frio
reassumi o Ipu:
devastei quartel, cadeia
e a bala feriu
o peito de José de Barros, meu irmão e doeu
no coração de Eufrosino:
segui sozinho para a casa do Delegado
nem a outros daria esta tarefa
rodeei-lhe a casa e derrubei-lhe as portas
e eu mesmo fui matá-lo com minhas mãos e dei
a festa por acabada.

E de todas as janelas
as serranas me sorriam
chapéu de couro virado
floreado o peitoral
todas as armas de prata:
desei as ruas sozinho

e as raparigas achavam
que eu era o deus da cidade
em meu argel bralhador.

Juntaram-se os exércitos
e minha cabeça foi apreçada em dez mil cruzados
e na Aroeira e no Ingá e nas outras dezesseis fazendas
de meu irmão Joaquim Mourão
do Piauí ao Ceará
tocavam violas e azeitavam clavinas
em meu louvor
e eu era
louvado e blasfemado
recebia cartuchos e homens
e organizava esquadras
e à margem do Parnaíba
a emboscada nos colheu
e todos se entregaram e eu
resisti sozinho
nas mãos do inimigo não cai vivo um macho
da raça dos Mourões
não me lembrei dos peixes e das cobras ferozes
a rês bargada
atravessava a nado o Parnaíba imenso
por onde passa o boi, passa o vaqueiro
fui ter ao outro lado do rio
nu, com um patacão no dente
e o punhal na mão.

Voltei:

enquanto eu vivesse, meu serviço era procurá-lo onde quer
que soubesse dele
nas fazendas de Eufrosino e nas minhas,
no Gurguéia, no Cortume e na Canabrava dos Mourões
e as ladeiras da Serra Grande — a Serra dos Mourões
serranos e a Serra da Joaninha
dos Inhamuns ao Piauí
e a Pajeú de Flores, Pernambuco,

os caminhos estavam tomados de piquetes e cabras do cangaço

E o meu cavalo relinchou e esfregou-se
nas ancas da égua reboleira
e a lua-cheia se derramava no terreiro
e a lua fazia lama na estrada
e com o juízo atolado no luaçal
suspendi todos os meus sentidos por saudade dela a cem
léguas dali
e entendi partir para uma noite
e repetir a noite que há tempos lhe ensinara à beira dum
açude
e andei duzentas léguas
não me aplacavam as fêmeas da beira do caminho
e só ela.

Tubiba, Pé-da-Serra, Passagem-Franca e Sobral
o Barão de Icó, meu bom amigo, mandou pedir:
“preciso de seu braço para erguer a política da província,
apresente-se à Justiça do Ipu e será absolvido e garantido”
recolhi-me com meus cavalos e meus homens à cadeia do
Ipu e apenas para dela
sair pelas estradas livre
assobiando em meu argel baralhador
ao encontro da amada

no mesmo dia se convocara o júri e eu
já passeava na prisão do Ipu com minha espada na mão
pronto para sair
e fui traído e Eufrosino
com os cabras dos Mourões arrebentou os muros
e entraram a cavalo na cadeia e seguimos
a galope pelo meio das ruas
e nos recolhemos ao Coité para juntar tropa
e derrubar o Governo
e Eufrosino de chibata e espora até no sono

atropava cabras e em meus olhos lia
o desejo dela:

“não vá — disse o irmão prudente — e em dois dias, o
tempo que quiseses, mandarei deitá-la em tua casa”.

A bússola amorosa me guiava
só me satisfazia vê-la e para vê-la
havia que voltar
ali onde sem falta era o perigo
e à noite, a ocultas deixo
minhas armas
nem do punhal
me lembrou
e era bom esquecer o perigo e lembrar o amor
o maldito fraco que sempre tive por mulher moça
mandei-a vir, à lua-cheia, ao meu Engenho Corrente
de longe ela sentada na areia recostada a testa na mão
não seria mais bela a lua-cheia
apresso os passos no desejo de abraçá-la
me aproximo dela ponho-lhe as mãos por cima do ombro
e dei-lhe
o último beijo

os soldados emergem das moitas
e a traidora recebeu dez mil cruzados
e Eufrosino e seus homens acostados em nossa Fazenda
Curralinho
chegaram tarde

na prisão da Fortaleza a escolta do Imperador
depositou meu coração maguado e na prisão
me deixaram guardar
a espada e o sangue ardente e as fêmeas
vinham dormir no cárcere comigo.”

E aqui termina a crônica do bravo:
silenciou seu bacamarte e Pedro

e o Coronel e meu avô Galdino
conheceram o calabouço e a liberdade e a vida e a morte
e forte e velho
Alexandre morreu quando
semeava Mourões no ventre de uma fêmea
nos Inhamuns, Ceará, naquela parte do país dos Mourões
onde dorme meu pai, onde começa
o país dos Calabaças, Muquém, Vertentes, terras de minha
madrinha Donana Mourão
ali se apartaram touros e novilhos de meu cabedal e ali
florescem Antonino e Doninha Mourão e outros Mourões
da linha tronco até à flor.

E à esquerda e à direita derrubamos tantos
e os que morrem plantando filhos, Alexandre,
ressuscitam
se o amor servir de guia, terás êxito
disse a Teseu o oráculo de Delfos
e à esquerda e à direita derrubamos tantos
frustrada foi a morte de Vicente Lopes de Negreiros
e o rosto moreno de Manuel
à bússola amorosa dos anjos se repete
no rosto de Gonçalo e Antônio José
e também eu, amor,
da raça de Alexandre
dos que não deixam a vida à mão dos inimigos
vou deixá-la na ilha de teu ventre
para sempre.

E para sempre
estarão os logares semeados
de Mourões

E assim como era no princípio agora e sempre
pelos séculos dos séculos
o touro sobre ti
e à nossa volta e de nossa
semente
o mundo.

La'

Naquela tempo — 1824
o Padre Gonçalo Mello
da raça dos Mourões
Gonçalo Ignácio Loyola de Albuquerque Mello
chamado o Mororó
sublevou os povos

Sabia o latim, a retórica, a poesia, a botânica
a alma dos homens
e os palmos de seu chão
e o Bispo de Olinda admirava a caligrafia do jovem estudante
de teologia
e temia sua alma apaixonada:
“este menino vai se perder na primeira revolução que houver
no Brasil”

O Padre Gonçalo Mello Mororó
curava as almas
fundava a cidade de Deus na Boa Viagem e no Tamboril
e a cidade dos homens em Campo Maior de Quixeramobim
e na Barra do Sitiá
e recitava de cor
Horácio, Tibullo, Virgílio e Ovídio
aos alunos de latim da Vila do Aracati
no país dos Mourões
e defendeu a fé e o império em manifesto lido ao Senado
da Câmara em 1817

e derrubou o Imperador na proclamação de 1824
e proclamou a república no Campo Maior da Vila de
Quixeramobim
e a república foi proclamada
e a Confederação do Equador
e os países do Equador
eram o país dos Mourões
com sua bandeira de pendão de cana e rama de algodão
e Frei Joaquim do Amor Divino Caneca
e Tristão e Paes de Andrade e Filgueiras
e o Padre Gonçalo Mello Mororó
e os caudilhos sertanejos de arcabuz brunido.

E as terras ao norte do Cabo de Santo Agostinho se
fundaram
ao sopro dos padres iluminados e líricos
e cheios de espírito e à bravata
dos coronéis épicos e românticos
e o Padre Antônio Manuel de Souza, chamado o Benze-
-Cacetes
benzia cacetes na Vila do Jardim
e as tropas do Império chegaram nos navios do pirata
inglês Cochrane
e o gringo achou pouco os quatrocentos contos de suborno
que pretendia arrancar de Paes de Andrade
e os fundadores do país escolheram a morte
e só a morte funda
as pessoas, as coisas e os logares
e os machos olham de frente a morte
no país dos Mourões.

O jovem Padre Gonçalo
tinha um encontro acertado:
na Praça dos Mercadores
não chegaria atrasado:
rosas de sangue no peito
celebrarão seu noivado.

Recusou o asilo no navio inglês
e a vida
boiava à branca flor
da escuna sobre as verdes águas do Mocuripe
e ele a despetalou com suas mãos morenas e tristes.

Andrade Pessoa Anta pediu clemência e faltava-lhe ânimo
para a última refeição:

“Andrade, que tens? Estás com medo? Anda, come e bebe
e deixa-te de fraqueza. Não sabes que os homens fortes,
os que plantarão a árvore da liberdade não duvidam
defrontar os maiores tormentos e arrastar horríveis
cadeias

a medonha presença de um cadafalso
não faz gelar o ardente sangue
que circula em suas veias:
sê, pois, constante,
comamos e bebamos”.

Conrado Jacob de Niemeyer, sargento,
assumira o Governo das Armas
e escrevera ao seu amo na Corte:

“quero ter a delícia de ver pendurado na forca o traidor
Padre Mororó
da raça dos Mourões”.

Conrado Jacob de Niemeyer não gozou o espetáculo:
não havia preso algum de justiça que, ou na conformidade
da lei ou por contrato, nem sob propina nem sob
tortura, se atrevesse a servir o ofício de carrasco
e puxar o baraço sobre o pescoço de um macho
da raça dos Mourões.

E pereciam: Tristão baleado e sangrado à beira do rio
o cadáver ficou de pé
recostado a uma jurema;
Ibiapina não podia andar: foi carregado
em palanquim ao muro do fuzilamento;

Carapinima sobreviveu à descarga:
ficou estrebuchando no chão do Campo da Pólvora
até trazerem mais munição;
num tiro de honra o Sargento Braga Visão estourou os
miolos do Tenente de milícias Luís Ignácio de Azevedo
Bolão,
chamou um cachorro e os deu a devorar;
do bravo Filgueiras escrevia o Marquês de Barbacena que
tinha pacto com o diabo
e não lhe entrava chumbo ao corpo
e foi preso e deportado e durante cento e vinte e três dias
não deu uma palavra:
Filgueiras autem tacebat
morreu de sua própria febre
macho e mudo
e aos pés desta imagem de cedro de Nossa Senhora da
Cabeça
no país de Frassinetti
o rude Coronel da Paraíba, da raça de Marcos Odilon Ribeiro
Coutinho,
em sua capela do Engenho da Várzea paraibana,
curvou a cabeça indomável não dobrada
ao algoz do Imperador
e na batalha da Picada
travada a ferro-frio
cento e oitenta foram encurralados
e mortos no curral
e a notícia chegou
por um sobrevivente a cavalo
tinto de sangue da cabeça aos pés;
e as balas derrubaram os mártires
e Antônio Pluma Pau-Brasil
bradou à voz de "Fogo!"
"valha-me o Senhor do Bonfim!"
e por três vezes recebeu descarga e por três vezes
foi valido do Senhor do Bonfim e o povo
dando glória a Deus arrebatou ao pelotão
o seu corpo crivado de balas e miraculado
e o levou em charola à Capela do Senhor do Bonfim.

E foi marcada a manhã de 30 de abril de 1825 para o arcabuzamento do Padre Gonçalo e de Pessoa Anta e ao toque da alvorada saíram os dois do Oratório, andar susperior do Quartel da Primeira Linha ao rufo dos tambores formou-se uma brigada em quadrado e os dois no meio dela

E iam guardados por grossa leva de soldados comandados por dois oficiais em direção à Igreja do Rosário onde ouviram missa e a missa foi celebrada por Frei Luís do Espírito Santo Ferreira

e o Padre Antônio ouviu a confissão da agonia:

“— e por que não fugiu ou não pediu clemência?” —

“— eu sou, em minha raça, o único homem que se ajoelha, padre,

mas isto diante de Deus

e nunca conheci mulher

e me vieram à escolha

a Senhora Vida e a Senhora Morte

e a Vida sempre foi mais velha do que a Morte

e os homens de minha raça sempre se perderam por mulher moça

eu sou um deles

e escolhi a Morte”.

E os soldados da Brigada, mais seis de cada corpo, acompanhavam os padecentes ao patíbulo e vieram do Rosário pela Rua dos Mercadores e pelas outras ruas até o Largo da Fortaleza, lado norte do Campo da Pólvora, logar eleito para o sacrificio.

“Não use este lenço para a Morte, Coronel Andrade, tome o meu, que é um belo e fino lenço de Alcobaça eu não preciso — quero os olhos da Morte nos meus olhos”:

e a ordem era silêncio
no ar do Campo da Pólvora
e a Morte vinha de frente
com doze olhos escuros
pois eram doze arcabuzes
a seis metros de seus olhos
e para melhor se verem
o padre mais sua eleita,
não usou lenço no rosto
e não quis cobrir o peito
com o alvo de papelão
e levou a mão direita
ao sítio do coração:
“camaradas, este é o alvo”
e os tiros de precisão
vararam seu belo torso
e o sangue correu no chão
quatro balas deceparam
os dedos de sua mão
que apontavam aos soldados
o sítio do coração.
E onde era o coração do Padre Gonçalo Mello Mororó
o pelotão de arcabuzeiros aterrados
viu brotar
uma rosa.

E o que não teve filho de mulher
teve no peito
uma rosa aberta.

E a rosa
corre seu sangue em minhas veias:
sê, pois, constante, comamos e bebamos
e desde aquele tempo
sou comedor de rosas
e bebo ao teu amor
e olho a Morte nos olhos
e sei sobreviver

E tu que o viste com teus olhos verdes
no país da Morte
conta a sua viagem:
"Georges Gordon, Lord Byron, teve uma última amante
morreu por ela em Missolonghi
e o Vigário de Boa Viagem e Tamboril
que te deixou, amor,
este olhar, este rosto moreno,
o gosto de escandir Tibullo, Horácio e a arte da palavra
o sotaque do bom latim e o desejo
de proclamar a república no Campo Maior de Quixeramobim
morreu por ela
morreu por ti — por que teus hálitos
se nutram de seu corpo e carregues nos ombros
aquela que ele amou e ainda
era cedo:
e agora sei e agora digo ao teu ouvido:
por isso te ensinei o amanhã do sexo
e os outros exercícios do amor
de seu peito moreno trago e instalo sobre
a relva de tua virilha
a rosa:
herdaste a possessão de um ventre
maduro agora ao plantio
da raça livre
do país dos Mourões."

ΛΒ'

A chuva caíra toda a noite sobre
a cidade de Bruxelas e as lomas
e o campo de Waterloo
e ele ia de barraca em barraca e os olhos
dos guerreiros da Velha Guarda cruzavam
em lâminas os olhos
do Grand Empereur
e a chuva desabava
o chapéu de dois bicos empapado de água
e ao toque da alvorada
emergiu da tenda
junto a Ferme Cailloux
e era o sol de Austerlitz em Waterloo:
— “le soleil d’Austerlitz, Bertrand” —
— “um drôle de chapeau, mon Empereur” —
— “c’est Ceará, Brésil” —:

e um chapéu de couro
do país dos Mourões
cobriu naquele dia
a cabeça e o destino da Europa.
Naquele tempo
Manuel Martins Chaves, Coronel das Ordenanças da Cava-
laria do Rei
tataravô de meus tataravós
sobre a cordilheira da Ibiapaba

no pé da Serra dos Cocos
assentou sua casa
sobre a várzea dos carnaubais das Ipueiras
sobre as macambiras do Tamboril e dos Inhamuns
assentou sua casa
e no alto da serra
entre as palmeiras de São Gonçalo dos Mourões
nas lonjuras altas e azuis do Ipu e da Vila Nova em Campo
Grande
assentou sua casa
no sertão do Crateús
assentou sua casa:

e as colunas de aroeira da alpendrada
riscam o retângulo: era fundado
o país dos Mourões

e o Coronel Manuel Martins Chaves
mantinha a tropa e era senhor do Ipussaba
das ribeiras do Potí, do Acaraú, do Jatobá
mantinha a tropa e era senhor
até o Parnaíba
e além, muito além daquela serra que ainda azula no
horizonte

κατ' ἐκεῖνον τὸν χρόνον

levantavam a fronde
os coqueiros e os machos
no país dos Mourões.

Naquele tempo
o Rei mandou governar os povos
João Carlos Augusto de Oyenhausen e Gravenburg, cunhado
do Conde da Ega e valido do Visconde de Anadia
mas os povos se regiam
à bravura e ao coração de meus avós

Ὁ ἔμος παππος κάλλιστος

e o gringo empalidecia à visão
e o Coronel era belo demais com seus olhos de gavião
e os cabelos maduros
sobre a testa morena
e João Carlos cobiçava a patente de Marquês do Aracati
e o Coronel nascera Príncipe da Ipueira Grande
e mantinha a tropa e era senhor
e as fêmeas floresciaam para os machos de sua raça
e a justiça era feita no alpendre
da casa do Campo Grande

O Doutor Manuel de Magalhães Pinto Avellar de Barbedo,
graduado pela Universidade de Coimbra, do Desembargo
de Sua Majestade Fidelíssima e seu Ouvidor Geral e
Corregedor de todos os feitos da Capitania do Ceará
Grande:

“nascidos são o bem e o mal ao Coronel
de ser valente e cheio de honra e ter
tão abundantes coração e espada”.

E a soberba de seus potros na cavallhada
e a destreza de seus homens na faina
e os copos de ouro de sua espada espanhola
e a coronha de prata de seu bacamarte
o malquistaram com o Governador do Rei
e lhe atraíram dele um ódio valeniano

E a graça de suas fêmeas
e o sino de suas igrejas
enchiam várzea e serra de harmonia.

“Alteza:
eu preciso acabar a raça dos Mourões
são monstros, antropófagos e seu chefe

é monstruosa fera, réu endurecido pelo crime
Manuel e Francisco, corifeus da morte
protetores de quantos malfetores, malvados, salteadores
e bandoleiros produzem esta Capitania
e às vizinhas do Maranhão e Piauí
régulos têm fundado o poder dos Mourões
também chamados Feitosa, ou Mello, ou Araujo Chaves,
ou Correia Lima,
todos do mesmo sangue
na audácia e despotismo
com que medem o preço à vida e à morte:
eu preciso acabar com a raça dos Mourões”.

Foram vinte cartas a Sua Alteza Real:

“não é apenas Manuel, seu sobrinho Francisco Xavier,
Capitão-Mor
é ainda mais cruel do que ele e seu nome é terrível nesta
Capitania
eu preciso acabar com a raça dos Mourões”.

Foram vinte cartas ao Príncipe:

“João Carlos Augusto Oyenhausen, Governador da Capitania
do Ceará Grande:
Eu, o Príncipe Regente vos envio muito saudar
e não soffro confrontem seu poder ao meu
os Mourões facinorosos, a turba de Mellos e Feitosas”.

“Ilustríssimo Senhor Visconde de Anadia:

eu, João Carlos Augusto de Oyenhausen vos envio respeitoso
e submisso saudar e o penhor de meu serviço:
quer a infelicidade que esta causa pública tenha tomado
a face de uma causa minha particular
eu preciso acabar com a raça dos Mourões
monstruosa hidra é o cabeça dos Mourões
desde muito tempo inimigo declarado da humanidade
tem mostrado um desaforo muito vizinho da independência
constituindo-se publicamente patrono dos facinorosos
dos quais a sua morada fixada no meio dos matos

tem sido até agora uma coitada respeitada inviolavelmente
pela Justiça e pelos Corpos Militares
muitas vezes em ludíbrio, desabono e prejuízo da autoridade
régia, até mesmo por alguns de meus antecessores
donde tem nascido a monstruosa fera de hum despotismo
equilibrando sempre e muitas vezes preponderando o seu
terrível nome
ao dos Governadores desta Capitania
sendo huma prova desta indubitável verdade o ter-se muitas
vezes gritado
no arrombamento das cadeias de Sobral e Vila Nova, desta
Capitania,
nas Aldeias Altas do Piauí
e em muitas outras assuadas públicas
viva o senhor Coronel Manuel Martins Chaves;
seu sobrinho Francisco Xavier tem posto à contribuição
o Distrito em que mora e os circunvizinhos
e comanda os bandos famanazes
e as propriedades, bens, prizoens públicas
se entregão à sua descrição
assim que aparece seu feio aspecto
ou se pronuncia o seu Nome
mais temido de que o dos Governadores e talvez
mais do que o de Vossa Alteza Real
porque os rústicos povos
sem terem idéia do sumo bem,
só a tem dos grandes males a que continuamente estão
expostos e receião todos os dias”.

Mas do Ceará Grande ao Maranhão e ao Pernambuco
nenhum comando de tropa se atreveu
a levar voz de prisão
à casa dos Mourões.

Naquele tempo
João Carlos Augusto de Oyenhausen
anunciou ao Coronel que ia revistar as tropas sertanejas

e pediu a honra de hospedar-se em sua casa;
com a carta-régia no bolso
e quinhentos soldados de linha.
no terreiro alimpado o Coronel mandou assar os novilhos,
os carneiros e os bodes para as quinhentas bocas da
soldadesca
e acolheu na Casa Grande o Governador e seu estado-maior
e nas baixelas de prata foi servido o banquete
e nos cristais sonoros o vinho de França.

E João Carlos Augusto de Oyenhausen e Gravenburg
levantou o brinde à saúde
da casa dos Mourões
e bebeu com seus oficiais
e ao sono deles foram oferecidas
as camarinhas mais frescas, de janela ao nascente e as
redes mais largas
e era a rescendência do capim santo nas arcas de cedro.

E o Governador e seus soldados foram dormir armados
e no meio da noite se levantaram de surpresa
e invadiram a alcova onde dormia o Coronel ao lado de
minha avó Dona Úrsula
e Oyenhausen encostou a clavina ao largo peito do Senhor
da Ipueira Grande
e a clavina abateu-se à bravura e ao desprezo de seus olhos
e Oyenhausen sacou do bolso da esclavina e depositou sobre
a credência de mármore uma coroa de ouro:
— “sabe de quem é esta coroa?”
— “de minha augusta Senhora, a Rainha Dona Maria I.^a”
— “Pois em nome dela esteja preso.” E a cabeça
do Coronel curvou-se sobre o peito largo
e leito a leito a sinistra empreitada prendeu os familiares
e os serviçais
e Francisco Xavier, avô de meu avô, sacou a espada e
recusou entregar-se:
— “Renda-se, meu sobrinho, a nossa raça é raça de
cavalheiros

e ainda traidor, o hóspede é sagrado no meu teto; e o nome de minha Rainha e Senhora foi chamado e ao nome de tão alta Senhora e bem amada rendem-se em minha raça a espada e o coração”.

— “É à ordem de meu sangue que me entrego e não à deste” — e estendeu a espada:

— “quero-a pelos copos”

— “receba pela ponta, se quiser”.

E o Governador e seus quinhentos homens
e os cavalos com os presos ajoujados
patraram a galope até o mar
e ao seu encalço os nossos:
tarde!

Sofreamos
os cavalos resfolegantes, suarentos
na espuma salgada
os bacamartes pendiam inúteis
e os punhos se crispavam nos terçados
e eram verdes os reflexos dos verdes mares bravios
e o terral soprava e a galera do Príncipe
levava ao longe
Manuel e Francisco.

O Doctor Luiz e Manuel
de Moura Cabral, do Sizenburgo
de Sua Magestade Real o Principe
Regente Nosso Senhor, Ouvidor Geral
do Crime e do Civil em toda
esta Comarca, dize: Capitanias do
Levante Grande e nella Corregedor
da Comarca, Promotor dos Reos
e Fazendas de Sepunctos, Capellas
e Absentes, Reclutador e do Exaço,
Sepultado da Functio de Admi-
nistração e arrecadação da
Reale Fazenda desta Capitanias,
Juiz dos Faltos da Coroa e
Execução da mesma Real
Fazenda, Fiscal Real e das
cobranças pelo Sancto Officio
Juiz Conservador dos Contingentes
Rio Siza no Rocio, Juiz Pro-
prio para as causas da Pen-
dencias dos Juizias, por especial
Decreto, Auditor e Voto da
Gente de Guerra, Intendente
na Policia, Juiz da Juizia e Chima
e das Justicças com Alçada
em todos pelo dicto Nosso Senhor
que Deus Guarde, deu conhecimento
to ao Juiz de Fora e a Tribu-
naes Senhores, de Portugal e Con-
quistas, Aquem e Alim chur
do Confesso e amparo dos
bens do Coronel

O Doutor Luiz Manuel de Moura Cabral, do Desembargo de Sua Real Alteza o Príncipe Regente Nosso Senhor, Ouvidor Geral do Crime e do Cível em toda esta Capitania do Ceará Grande e nella Corregedor da Comarca, Provedor dos Bens e Fazendas de Defuntos, Capellas e Absentes, Resíduos e dos Órphãos, Deputado da Junta de Administração e Arrecadação da Real Fazenda desta Capitania, Juiz dos Feitos da Coroa e Execução da Mesma Real Fazenda, Fisco Real e das Confiscadas pelo Santo Offício, Juiz Conservador dos Contratos dos Dizimos Reais, Juiz Privativo para as causas das Pendências das Judias, por Especial Decreto, Auditor e Vedor da Gente de Guerra, Intendente da Polícia, Juiz da Judia e Minas e das Justificações com Alçada em Tudo pelo dito Nosso Senhor que Deus guarde, deu conhecimento aos Juizes de Fora e a todos os Senhores de Portugal e Conquistas, aquém e além mar, do confisco e arrematação dos bens do Coronel.

E minha tetravó Dona Úrsula deu suas jóias à sobrinha Cosma
e com elas arrematou os bens do prisioneiro
suas léguas de terra, seus rebanhos, seus escravos
e quinze libras de ouro e trinta libras de prata:
e Manuel Mourão depositou em cartório a Carta de Arrematação.

Naquele tempo
a águia de Napoleão pousava em Lisboa
no losango dos lanceiros de Junot:
e da prisão do Limoeiro o Coronel Manuel Martins Chaves,
do país dos Mourões,
mandou ao Corso sua história e o regalo
de um chapéu-de-couro da Ipueira Grande:
e o tenente francês lhe trouxe o rescrito da liberdade
e o grande N o firmava
e pela primeira vez a mão trigueira do Coronel tremeu
e o coração no peito largo

ΛΥ'

E não termina aqui a crônica
io sono un uomo, signore — o prisioneiro italiano

ἄνδρα μοι ἔνεπε Μοῦσα

e não termina aqui:
aucun autre taureau qu'on ait vu sous les cieux
ne quitterait les siens, et, loin du paturage
ne s'aventurerait —
Anacreonte coroadado de rosas e nutrido delas
e agora tu, Alberto,
em tua fronte amassada en aceituna y jazmín
são elas que se nutrem
Alberto Guerreiro Ramos coroadado de orquídeas
dançavam Eliana e as outras meninas e os meninos
na praça do Carnaval
dançava Eliana e assim dançavam
as filhas de Dionísios

κατ' ἑκελνον τὸν χρόνον

Naquele tempo
uma tarde a esmeralda do vento
lhe trouxe do mar um toque aos cabelos de ouro
e diante de ti
nessa moldura floresceu teu corpo
grande feiticeiro

moreno à lua de seus olhos
e da janela desse hotel de Montparnasse
a pupila parda pastava o tempo:
Madame Sosostris, Eliot, T. S. Eliot e o Major seu Né das
 Aguas Belas
eram de profissão adivinhões
e o teu ofício é ler as vísceras da aurora
e o teu chicote tange os cavalos dos deuses
macho da Sibila:
estendessem a mão as multidões à tua porta e deras
a interpretação da mão de cada um:
esta é a minha e eu te digo oráculo e meus filhos
te dirão profeta:
me alcovitaste a deusa e ao filtro
de tua voz sagrada
“branca e nua, gloriosamente nua”
propiciado é o macho
do país dos Mourões
à da raça das rosas
propiciada fêmea:
e à tua mão de oleiro
artesão da volúpia
o barro de seu corpo
cobra a linha da ânfora
responde ao velho vinho
a nova embriaguez:
dançavam Eliana
mais as outras meninas
e à beira do caminho
Deucalião, às pedras
teu sortilégio informa
quadril e tornozelo
e baile e nuca e canto
e chegam todos chega
Raul mais Efraim
Napoleão, Gofredo
Abdias e Francisco .

e à regência de teus dedos, Alberto,

Alberto Guerreiro Ramos de 'ανδρωποφανια
macho da Sibila

grande Rei Mago

enxergador da estrela

o sangue dos Mourões nos cravos tinge

o chão e os ossos de Manuel na raiz dos cravos

e depósito à sombra do plátano a bem amada

e me cumpro sobre ela e ofereço minha fêmea

e todos cumprem o amor com ela

e ao macho é bom ser macho

e à fêmea é bom ser fêmea

e cantamos aquela que ensinou

Maria Helena a do país de Eleusis

e aos teus olhos roçados pelos dela

verdes

dançavam na praça Eliana e as outras meninas

e os rapazes e raparigas em roda cantavam

a partida dos machos e das fêmeas

do país dos Mourões e dos outros países e era

lua de mel

no país da lua no país

da estrela.

NOTAS

Pág. 14 Pan de Idaho — refere-se o poeta, certamente, a Ezra Pound, nascido em Hailey, Idaho, U.S.A.

Pág. 20 “a estrela, Estevão, quando a luz em viagem se esqueceu da morte” — o poeta parece invocar o nome de um filho morto, cuja presença permanece viva na memória, como a luz que viaja pelos espaços e chega à terra, ainda depois de extinta a estrela.

Pág. 24 Trata-se de um canto elegíaco a um irmão morto na infância, Francisco, único irmão que teve o poeta e que morreu aos oito anos.

Pág. 27 José Ribeiro Mello é avô materno do poeta.

Pág. 39 Maria Helena suicidou-se aos 22 anos. Por amor. “Vem formosa mulher, camélia pálida que banharam de luz as alvoradas” — esses dois versos várias vezes usados pelo poeta como refrão são tirados a um poema de Castro Alves, não se sabe bem por que.

Pág. 93 “Onde o fruto alastra o chão”, etc. São quatro versos tomados a um poema do velho poeta folclórico do Ceará, Juvenal Galeno.

Pág. 97 Os adjetivos gregos “chthōnikos” significam “filhos do chão nutridos do chão”.

Pág. 101 O canto dedicado à história de Alexandre Mourão tem quase todos os seus versos tomados textualmente às memórias escritas por aquele antepassado do poeta. A citação grega de Xenofonte é colhida na Anábase, 3,1,3 e se traduz: “não podendo dormir por causa da tristeza e da saudade da terra”.

Pág. 122 A frase grega é colhida na Ciropedia e Xenofonte a coloca na boca do Príncipe, que diz: “o meu avô é o mais famoso dos homens de sua terra”.

O PAÍS DOS MOURÕES

EFRAÍN TOMÁS BÓ

A operação humana, nada mais que humana, de converter o conteúdo psíquico em plenitude, sejam os fantasmas do sonho, sejam os duendes da reminiscência, até a uma forma objetivada na expressão (ou *espresione* como queria Croce, ou também *Gestaltung* que alude com maior precisão à imagem que nasce), parece haver sido uma constante da poesia que tem origem na viagem de Ulisses, ao Hades, e que alcança, no orfismo, categoria do sagrado.

Este trânsito ao reino noturno dos que não são, uma e muitas vezes foi empreendido. No rastro do Odisseu foi Enéas. E que outra coisa é a *Divina Comédia* senão o êxtase, a violação das dimensões naturais do próprio ser e da própria natureza, na descida ao frio e ao fogo do eterno? Dom Quixote, também, como Ulisses, Enéas e o Florentino, ouviu, com os sentidos do corpo e da alma, a memória tornada viva e presente dos que foram, no fundo da Cueva de Montesinos. Francisco de Quevedo, em um de seus graves *Sueños*, contempla a dança grotesca e diabólica das almas mortas na alma, na procura dos ossos próprios, da carne própria, ossos e carne dispersados pelo pecado, mas necessários para a tremenda presença na última chamada.

Este orfismo como forma do descenso infernal, forma na qual se insere em todas as dimensões *O País dos Mourões*, com o signo cristão, tem um novo antecedente e um novo patrocínio: o poema apocalíptico de João. Seremos chamados, poderosamente, à direita e à esquerda e veremos — ou não veremos — o sagrado na glória e na majestade. Em Dante, em Cervantes e em Quevedo, através do Apocalipse, a revelação poética da experiência do sagrado supõe uma vida purgativa alegoricamente expressada.

Quisera eu embrenhar-me pela floresta alegórica de *O País dos Mourões* para saber, à maneira de Godo, quando *el aire débil hace una figura*, ou *en que momento los sonidos impares acechan* e porque *no llegaron a las sílabas sus nombres muertos*. Mas, antes que a redução esquemático-significativa encontre necessário, através da estilística da fala e da linguagem, desatar o estilo individual e os elementos afetivos, originados da reminiscência viva, que se incorporam à linguagem e, pela expressão, se tornam formas objetivadas.

Toda poética se tece nos elementos misteriosos — fonéticos, luminosos, cromáticos — de uma língua. Vejo que é necessário harmonizar a afirmativa precedente com a poética de Gerardo, para não ofuscar sua valiosa significação estilística, na conformidade de uma trivial paráfrase. E para que paráfrase, se o pensar e o dizer subjetivo de Gerardo, neste trânsito infernal, sobre homem e coisas que foram, está despojado de correções lógicas; causa e efeito se separam, se invertem ou, simplesmente, se fundem, pela impressão sensorial na lírica do objeto? A alusão à lírica, expressão íntima e estilisticamente individual, pareceria uma negação do objeto. Em *O País dos Mourões*, como já foi no opulento *Cabo das Tormentas*, as propriedades reais dos objetos, sensorialmente, não são consideradas. A força formal da língua, língua que se enriquece, língua que absorve e assimila o patinado cromatismo contido em crônicas e cartas dos Mourões, datadas de um século, mas com o saber e o sabor de centúrias passadas conservadas no quietismo provincial, cria, não uma aparência de realidade, mas, fecunda, até à pura objetividade, a realidade que aparece. Como na poemática da série órfica, como aquela do signo apocalíptico, as sombras de *Alexandre* e de *Úrsula*, *Hermenegildo* e *Raimundo*, *Manuel*, *Tobias*, *Missanta* e tantos outros da *Canabrava dos Mourões*, foram caindo todos, à esquerda e à direita. Sem embargo, a lógica estrutural da poesia, vivência original, como quer Dilthey, faz com que os caídos à esquerda e à direita, vigorosamente caídos e pateticamente erguidos depois, desfilam em suas chagas e suas almas ao compasso gerado no não-*ar* e na não-luz, pela flauta que diz: “e meus olhos/ assíduos a defuntos como a vivos/ comecem a apalpar-vos: quem será testemunha senão vós/ de partida e chegada? ... e que é meu rosto senão/ a beleza que o amor talhara nalguns olhos? ... é sobre a terra de meu pai que me levanto agora ... e a tantos ... eu os chamo e suplico:/ e altar e coro se incorporem/ e assim/ eu sou. No continente de vivos e de mortos, desde *pássaramagda-pássaralena*, depois *pássaraléa*, com o sangue inventado por um distraído querubim (cherúbica sciência e seráfico amore) navegarão entre brisa e brisa, em barco de silêncio.

Atormenta-me esta tentação de paráfrase para o rumor de flauta de um menestrel do Hades. Quero, e volto a ela, a busca estilística. Como se escrevesse páginas de diário, na leitura. E não será esta a verdadeira aproximação com a poesia, guiado pela ondulante situação do ânimo? A lingüística moderna fala de representação verbal impressionista quando o fenômeno, aparição no sentido lato, se dá sem antecedente nem consequente, como fato simples e isolado. Obra e creador se fundem para a visão, em cada perspectiva. Por um ato de estilo, a representação se inverte, se obscurece, se desobriga da sucessão temporal e é como um brilhante de mil facetas quebrando a luz mesma que o asseteia. Em Gerardo, esse ato de estilo, ou vontade estilística, não é unívoco; multiplica-se na significação e no cromatismo, no conteúdo e na pura nominação. Impressionista, serve-se de expressões existentes, do popular oitocentista de crônicas e cartas, da sensualidade espontânea de uma voz popular, da gravidade apagada de um documento público jogando com suas variedades semânticas. Mas, com uma fidelidade íntima ao espírito indoeuropeu da língua própria, acentua o voluntarismo do *ego*, eu

sou, agente do vigoroso transmutar-se dos que caíram e, pateticamente, estão erguidos ao sopro da flauta órfica. A vivência original vivificante, seja expressada em símbolo ou em alegoria, é um ato poético, pela via da linguagem, voluntário e criador, criador da realidade, que aparece e não da aparência da realidade. Para quê exemplos? Quem busca, encontra a estilização de formas verbais preexistentes cunhadas no tempo, ou formas espirituais de linguagem — convergentes razão, experiência e memória — que corporificam as sombras e dão voz ao que já não é, por vias intuitivas que não aquelas objetivadas na lógica quotidiana da fala.

Que via é esta, que não objetiva espiritualmente, pelas vias conhecidas? Ocorre-me, de súbito, uma busca topológica no território de áspera superfície da alegoria. Por que a experiência do sagrado? Por que a experiência poética, helenicamente, testamentariamente, em alegorias? O não-sensível — o sobrenatural — transcendia a um simile, externamente perceptível, debilmente reflexivo. Mais topologia: a metáfora nos diz uma coisa por outra, apenas como alusão: pelo símbolo, tudo é espírito no fazer telúrico, ou as coisas, nascidas da terra se elevam à representação da espiritualidade. Tipificamos — e sigo em parte o raciocínio de Ellseu Richter como meio com outra meta — a idéia das coisas (platonismo) não contemplada na realidade. O caminho se bifurca e vamos à meta com o pensamento na origem — a alegoria. A escritura primeira, aquela que sabemos que tem mais de cinquenta séculos, foi figura de imagens das coisas visíveis para o olho físico; os egípcios, em formidável abstração, transformaram a escritura em representação das imagens dos sons e ali se deteve o espírito. Os chineses, desde tempo venerável utilizam signos das palavras. Nosso Ocidente, contado desde as helênicas idades, introduziu, para sempre, na escritura, o signo dos sons. Terá havido um empobrecimento do espírito neste trânsito de imagens, do concreto, da coisa, até à pura figura do abstrato, som? Antigos antiquíssimos e egípcios e chineses, que ficaram em figuras, em imagens de sons e palavras, terão sido menos, espiritualmente, que os helenos e os seguintes, forjadores da representação invisível por signos fonéticos elementais? Dir-se-ia que neste trânsito, fixado topologicamente, está o segredo da criação poética, uma vez simile do sobrenatural e, agora, objetiva criação espiritual do objeto. Reside aqui o primeiro grau para a percepção poética. A poesia — *O País dos Mourões* — o faz em grau eminente. Transita por esses modos de representação todos: é imagem verdadeira do que vemos, imagem que cresce a nossos olhos do corpo com a pura enunciação verbal, sem que ouçamos o rumor de textura fonética; é também imagem, pitagoricamente mensurável, de essências rítmicas não mensuráveis pela pura lógica estrutural da significação. É a pura palavra como canto, canto que se manifestou depois do nascimento das musas e que eliminou a memória da vida e da morte na raça das cicadas, ébrias, sem pausa, possuídas pelo dom divino da palavra cadenciada.

Importará se sujeito e predicado se identificam pelo é, misterioso em sua estrutura em todas as línguas, misterioso por sua função ontológica ou mais ainda, quando desaparece como expressão idiomática concreta em certas línguas, desaparecimento estranho, para nosso falar indoeuropeu, necessitado da cópula do juízo?

É um teólogo — Gottlieb Soenhgen — quem se pergunta, em um pensar da teologia do caminho, sobre a escritura e a cópula lógica. A criação poética supera essa aporia lingüística. Disse que é imagem, puro som, palavra cadenciada. Outra coisa sua lógica estrutural: desde a vivência, cria, a cada momento, sua técnica e sua forma, tecida, sim, nos elementos da língua própria, língua comunal, língua saturada de história e que, produto cultural, é também portadora de sentido. Melhor, sua consistência íntima tem sentidos e significados que se sobrepõem, condicionam ou dirigem a fantasia, a imaginação e a criação.

Não é crítica — distinção — nem paráfrase, nem elucidação, meu ensaio sobre Gerardo. São — já o declarei — como páginas de diário, de um leitor moroso, com os dias fundidos pela mesma unidade temática, que foi lendo outras coisas, não paralelamente, mas conduzido por uma necessidade implícita de esclarecimento, na clareza ofuscante do poema. Quase nada falo do poema dos Mourões. E para quê, se ele está em seu trânsito sobrenatural, como nostálgico, ou doutrinariamente nostálgico, convocando com sopro de flautas as sombras dos que, caídos à esquerda e à direita, na morte e na vida da morte, se hipostasiam mais na linguagem que na pessoa, mais no último descendente que, como Elbehnnon, refugiado noturnamente no herdado castelo, convoca os de sua linhagem para a última jogada, para a parada heróica no fenecimento.

A tentativa esclarecedora se repete quando, precisamente, através da imagem, da alegoria ou símbolo, veremos que a poética — e não a poesia — de Gerardo, reconstrói aquele trânsito da imagem às coisas: *"de tuas mãos, amor, recebo o novelo de fogo/ da linha do Equador... hoje Abdias, a noite quer tarefa de morenas/ e amanhã/ voltaremos à rutva de outro dia/ vem, formosa mulher, camélia pálida"*... Só a imagem por sons, na realidade que aparece — e não a aparência da realidade — ... *o lírio que em teus olhos pálpebras/ apascentam de pétalas no claustro*.

É um diário (insisto em que se trata de um itinerário quotidiano sobre a poesia de Gerardo) que se prolonga perigosamente por explicações, necessárias talvez, para uma cordura que está muito longe da poesia. Por que, por exemplo, não pesquisar pausadamente uma sistemática montagem de andalmes de teologia (montagem como foi o tomismo para o Dante), que explique esse purgatório, não já do pecador, mas de outro pecador, que alguma vez recebia a chuva de ouro da graça, afastou-se e só a ela voltará quando, por amor, outra alma seja pelo sortilégio do sopro de sua flauta, na estrada, sinuosa na visão e reta no andar, onde chovem o ouro e a graça. Também não foi em vão que a leitura quotidiana me levava a pensar na sintaxe, no mistério ontogênico da expressão copulativa, ontogênico sempre, identificador no juízo da polaridade sujeito-predicado. (E por que não objeto-sujeito, ou alternativamente?)

Torno à poética — e não à poesia — de Gerardo, para pensar que é, precisamente, uma poética do caminho, caminho não traçado como procissão alegórico-simbólica, porém mais fundo: é meta, é direção, é força inicial da flecha rumo ao alvo. Chega? A poesia será testemunho.

**Peripécia
de
Gerardo**

A MEMÓRIA
DE MAGDALENA

Feripécia — (do grego *peri*, pref., contra, e *pipto*, cair) t. da arte poética, mudança súbita e imprevista de fortuna, desfecho de poema épico ou de drama, catástrofe.
(Verbete do "Novo Dicionário Crítico e Etymológico da Língua Portuguesa", de Francisco Solano Constâncio, edição de 1877.)

*"No mar tanta tormenta e tanto dano,
tantas vezes a morte apercebida;
na terra tanta guerra, tanto engano,
tanta necessidade aborrecida!
onde pode acolher-se o fraco humano,
onde terá segura a curta vida,
que não se arme e se indigne o céu sereno
contra um bicho da terra tão pequeno?"*

Camões — Lusiadas — Canto I - 106

*Libertà va cercando, ch'è sì cara
come sa chi per lei vita rifiuta*

Dante — Purgatorio — I, 71

a'

Cantor de cântaros
escande
no cântaro a cantárida do canto
cantaria de cântico
cantor cantar cantata cantaria
canteiro de cantares
ora oleiro
oleiro de canções
à ternura do barro torneava falus
e ao moinho do ventre as raparigas
trituravam cantando o doce oleiro
e o pó, Polymnia, pólen
do oleiro cantador
entre
as violas das fêmeas
entre
a cintura da terra
pênis de barro
Orfeu de barro
no teu ventre pó, Polymnia, pólen
súbito flor
no cântaro se esconde
e escande
pela pele da Musa pela pedra
canta:
canteiro de cantares
cantaria de espuma labirinto

de âmbar
por terra matinal por mar salgado
por inefável seio
de Lisboa por Goa e Madragoa
e Pero Lopes de Souza
e de seus bagos venho
e ali
e aqui
começa o labirinto de Gerardo.

De Lisboa
por Goa e Madragoa peripécia
de Vasco, Pedro e Manuel
Diogo Cão e Antônio Cão
mais a matilha toda dos mastins do mar
farejavam as águas de onde
morder à tona dos sargaços
lamber
a tua verde mão
terra de aurora
pois te cerca e me cerca
a aurora com suas coisas:
e são coisas da aurora
a estrela morredoura
a nascedoura rosa
e sob o azul azul
do céu o boi mijando
fervoroso no curral
o relincho do cavalo erecto
sobre as ancas da égua
estas são — parece — coisas da aurora
e a aurora é coisa minha.

E era uma vez em Sagres um Infante
e Cristóvão Colombo e Vasco e Pedro
e de uns sabeis e de outros
sabem o mar salgado e os sabedores de água
e ventos velas gáveas caravelas
e quartos d'alva e solidões e estrelas:

Martim e Pero

Lopes de Souza e de seus bagos venho
de Lisboa por Goa e Madragoa.

E era uma vez

o teu cantor:

quem sabe deste infante?

a coronha do rifle

o percorrido mapa

e um promontório de ouro

— ó musgos de Isabela —

e esses musgos de fêmea

são coisa minha

só tenho as minhas coisas,

e as minhas coisas são

o cavalo a égua o touro

o bode o rifle esta dama de copas

este gibão de couro

e a rosa que te colho:

e essas coisas trabalho

e também a viola e o mapa-mundi.

Dos outros sabe o mar

mas deste infante sabem

tua cintura fina a farejada flor

a noite a aurora

e essas coisas da aurora coisas minhas

peripécia e

labirinto de Gerardo.

β'

Tu me pediste notícias da Grécia:
de Lisboa
por Goa e Madragoa e Itamaracá
me fui partindo e, pois, já tenho
algumas notícias da Grécia e escrevo
entre a mulher da bela cintura
dos olhos verdes
e o mar:
por mar chegadas, por mar envio
as notícias da Grécia;
redijo em alto mar entre
a madrugada jônia e a madrugada
de Maragogi — sudeste
do país dos Mourões.

·ελευ

θερία

E eras uma vez:
da cintura de Apolo o tornozelo dáctilo
vinhas e ao vinho o pé arisco —
de corda em corda a pisar na citara
e em teu andar
notícias recentes da Grécia:
muitos corpos foram assados e o cheiro
da cútis das vítimas de fina raça
subiu das brasas e a fumaça
odorífera e a labareda e as libações
embriagavam os belos mancebos vindimados;
e era uma vez
Febo Apolo, o deus do arco de prata e lira de ouro
e ao teu andar, ao pé arteiro, a melodia
corda a corda
das notícias da Grécia:
aguardo informês: — aplacara a hecatombe o deus irado
ou, vagabundo
passeia Apolo pelos bosques
de aljava a tiracolo?

Escrevo no meio do mar entre a Grécia e a Itália
talvez Ilíria;
respirei quanto pude a violeta divina
vem o vento dos montes e à essência
das rosas maceradas
amadurecem-me as narinas sábias:
tal a rosa-dos-ventos dia e noite ao faro
dos navegantes.

E era uma vez Apolo e era uma vez uma palmeira
e os escravos de Dona Úrsula Mourão acharam
a imagem de São Gonçalo
e foi trazida para casa e louvada
em cânticos e ladainhas
e na manhã seguinte a divina creatura
era de novo achada ao pé da mesma palmeira
e foi trazida para casa e louvada
em cânticos e ladainhas

e no terceiro dia — fugira durante a noite —
voltou à sua palmeira
e Dona Úrsula Mourão, mais os homens e as outras mulheres
e as crianças
foram cantando e se assombrando até a palmeira sagrada
e em duas medidas de sua sombra
riscaram um retângulo
e ergueram uma capela e onde
era seu tronco é hoje o altar
de São Gonçalo dos Mourões
e estas
são notícias da Grécia:

respirei fundo a violeta divina
de Tênedos a Delfos e guardei
a palmeira nos olhos e o templo na serra;
e era uma vez
na ilha flutuante uma palmeira
uma palmeira em Delos e ali
soprou Apolo a flauta e desde então se fez
estável a ilha
imóvel Delos por pisá-la um Deus:
e era macho e belo e tangia também
uma cítara de ouro e do arco de prata
a flecha disputava ao relâmpago
alvo e risco no céu; e sobre a pele
da serpente na tripode sagrada
uma virgem fundou o lábio imaculado
de conceber o oráculo: o divino pênis
aquecido na boca a sacra Pítia
da garganta emprenhada devolvia o sorvo cáldo
a palavra profética: —

ΕΛΕΥΘΕΡΙΑ

e é na boca das virgens e no ventre das ninfas
a semente fecunda

e à sua volta — e à sua cítara
as fêmeas aprendiam a língua e a voz dos deuses
e os rapazes aprendiam o poder dos deuses
e os adolescentes mortos
tornavam à vida e a vida era fundada
à sua volta e à sua cítara;
e era fundada a morte à volta
de seu arco de prata — e os outros deuses
o expulsaram do Olimpo —
estas são notícias da Grécia:

de erguer-se o canto, toda voz se apaga
e as ilhas cessam de flutuar e os deuses
invejavam os carneiros e os pastores
tangidos pelos montes da Tessália
à lira de ouro. E ao seu acorde
em pétala e aroma a bem-amada abria
o coração do heliotrópio e o rosto
do adolescente — amor alheio à vida e à morte —
nas folhas do jacinto doloria
e à mera melodia iam surgindo
o loureiro, a romã, o girassol e o mirto
e o zimbros e o lotus
e o galo e o gavião e o cisne
e a cigarra e o grifo
e era a palmeira e à sombra dela
a invenção do santo e as ladainhas
de Dona Úrsula Mourão;
estas são, amor, as notícias da Grécia
e eu recebi no mar:
ao sul a palmeira de Delos e ao norte
as palmeiras — Camaragibe e Ibiapaba, País dos Mourões —
lá onde a vida
aguça a seta nas aljavas de prata
e a morte
se canta à lua-cheia na viola na cítara
de Apolo adolescente.

Tenho notícias da Grécia, algumas:
notícias para a tua cintura pequena e os calcanhares

o chão dos deuses exilados
e lembranças de um deus: no exílio,
de seu canto se sustentava e ao canto
— sustento dos deuses e perigo dos deuses —
floresciam os homens e o rei Midas foi punido
e em sua própria frauta soprou Mársyas
sua própria morte; e ao canto
— ó sustento dos deuses, ó perigo dos homens! —
por auroras e noites perigosas
tenho notícias da Grécia — algumas —
da corte de Admeto na Tessália
da cor das águas ao redor das Cícladas
das virilhas cheirosas de Kirina, Hotel Adrianos,
do vôo do gavião no ar da tarde
do poeta caldeu na noite de Poséidon
dessa relva curvada à brisa do Parnaso
Danai tragountai Danai e Lyda e uma canção
e uma taberna e o vinho
e a inocência e o espanto de Hiacinto
e o zéfiro da morte em meus cabelos.

Ao terror da delícia os olhos brilham
pisa a planta dos pés a palmilha de pedra
rastros incandescentes de um deus:
quem sou eu que te trago
as notícias da Grécia — algumas —?
o doce filho
da raça dos Mourões — país de para lá
da linha do Equador onde o pecado
não é e os homens
são machos e as mulheres
fêmeas — onde
à sombra das palmeiras e em seus troncos
aparecem os deuses e seus santos.

Vem, formosa mulher, camélia pálida,
que banharam de luz as alvoradas
na concha de tuas mãos a água verde
flauta diáfana de água à pétala

do lábio estremecia
e desmanchada ao canto — ao canto
a água sugeria de novo o gomo verde
a flauta diáfana de água
ao milagre dos dedos e do sopro:
bem que me deste, tu mesma, as notícias da Grécia
e eras jônica e coríntia, às vezes dórica
em teus quadris eólios tua concha
à relva eólia
à pétala do lábio estremecia e era
a melodia de tuas flautas escondidas:
começara
no golfo de teus olhos a viagem
ao verde mar por onde
a lua esverdeara a lua
de mel dos cabelos
de Helena à espuma
do desvairado amor:
e estas são notícias da Grécia e um deus
tangia cítaras e ovelhas e os homens
jurados à beleza
domavam o cavalo, a nau, a lança, a espada e a terra
orvalhada de sangue dos guerreiros — um deus
anunciava
a vida e a morte por amor do amor
e anunciava a vida e a morte e os machos
do país dos Mourões.

Pois o Major Galdino, meu avô,
cortava a taquara da serra com seu punhal de dois gumes
e ao fim da tarde e ao nascer da manhã
no alto do pé de tamarindo
pendurava a gaiola de alçapão armado e dentro dela
ou galo-de-campina de cabeça de púrpura
ou juriti arrulhadora:
e da copa das cajaranas de ouro
o outro galo-de-campina — a outra juriti —
vinha aprender
a banda de laranja a talhada de melão o arroz
a água do pequeno alguidar de barro e o canto

solitário entre as varetas de bambu — e logo
 eram duas gargantas a cantar e era
 aos ouvidos do risonho Major
 um canto novo — e tu,
 pássara chamadora,
 ao furo de meu punhal na taquara
 a flauta pura ao céu
 azul irás sorvendo
 soprada em sopro novo a velha
 canção que cantavam as pássaras de amor no Tamboril
 em sopro novo a velha moda
 que cantavam os machos à janela das fêmeas
 no país dos Mourões.

Ἐν ἀνδρῶν
 ἐν θεῶν γενοῖς

há uma raça dos homens
 e uma raça dos deuses
 e a raça dos que tocam
 pelos bosques dos homens
 a música dos deuses:
 estas são as notícias da Grécia as notícias
 que tenho da Grécia
 e levo para a Grécia e sou o primeiro
 a levar para a Grécia carregando
 no céu da boca o gosto de teu nome
 e no ritmo do andar o peso de teu corpo
 de tua cintura pequena

Ἐὐζωνοιο γυναικὸς

Y'

Naquele tempo
 começaram a acontecer coisas
 já muitas outras coisas haviam acontecido entre
 a Serra de São Gonçalo dos Mourões e a Mantiqueira
 no país das Gerais onde os profetas erguem
 da pedra a mão de pedra e as pálpebras de pedra
 sob o céu do deus barroco:
 conviva deste deus, de seus profetas nossos olhos
 cruzavam-se na pedra do patamar — cruzavam
 as palavras e os sabres
 dos anjos, dos demônios e do filho
 da raça dos Mourões
 e ao seu olfato o calendário abria
 os primeiros pelos de Araci na axila aberta e o tempo
 de decompor da clave de seus nomes
 o canto-chão dos claustros
 dulcis memoria super mel et omnia
 tota pulchra a mão de Carmen afagada
 uma noite em Crateús
 e a presente litania das ausências
 Francisca, Neyde, Dalila,
 qui tollis peccata mundi
 e Nenen Pegas de nuca raspada
 qui tollis peccata mundi
 e baste o nome delas — Jacqueline inventada
 de boina branca e de saia amarela

non, Monsieur, je suis de Lille e o lírio
no pênis de seu caule
qui tollis peccata mundi
hoje é festa de Santo Afonso,
Afonso Maria de Liguori e o Padre
Joaquim van Dongen mais o Padre Xavier Meurtens mais
o Padre Antônio Smithuis e o Padre Paulino van Donker
CSSR

Congregationis Sanctissimi Redemptoris
distribuíam a abundância da redenção
e entre o caminho do Gólgota e as notícias do Gólgota a
aflição dos olhos e o espanto dos ouvidos
interpelava o Redentor como cruzar
caminhos de Pero Lopes de Souza e caminhos da Grécia
e receber as notícias da Grécia anunciadas
na flauta de taquara aos sete anos
na ribeira do banho às coxas de Teresa, filha de Damiana:
e três coisas me são dificultosas de entender e uma quarta
eu a ignoro inteiramente — gemia Salomão — teste-
munha Octavio —

o caminho da águia no ar, o caminho
da cobra sobre a pedra, o caminho
da nau no meio do mar e o caminho
do homem na sua mocidade — e os olhos
de sabedor do azul e do mar e da pedra
dirigiam a águia, a cascavel e os navios teléporos no céu
no chão na estrela d'alva e no Boldrié de Orion;
a espada pendurada sobre os oceanos desde
alturas matinais de Congonhas do Campo onde
à naveta de prata ao turíbulo de ouro ao cristal das galhetas
onde
ao sino de bronze onde ao linho rendado e à túnica de pedra
de Isaías
temperava-se a voz e os olhos eram
achados e perdidos. Mas onde
a amorosa Ariana a tirar
do coração o fio
e da mão pura ao puro coração

riscar no musgo o caminho da alegria
aos rapazes e raparigas de Atenas?

Haud procul a templo Dianae
in Via Appia os soldados
em exercício pela Via Appia
e em exercício
por dáctilos exatos de repente
Marco Túlio e a mão de Múcio Scévola ardendo como um
facho
e na esquina da cesura em seu hexâmetro
os olhos lacrimosos do poeta
forsan et haec olim meminisse juvabit
e era aprendida a via de Enéas
ao coração de Dido, às praias
de Lavínia Laviniamque
e a lição de Geometria e o caminho mais curto
e o teorema
de hipotenusas e catetos e os teólogos
esse non potest esse non esse
la via era smarrita e todas as vias
na Via Sacra se apagavam
stabat Mater Dolorosa
juxta crucem lacrymosa
dum pendebat filius — e o filho
dos Mourões pendia
seu pêndulo inumerável sobre
a cabeça de pedra de Habacuc e Joel e as fauces
do leão de Daniel, da baleia de Jonas, da tenaz
de carvão aceso na boca de Isaías:
e do alto da cruz e da nuca raspada de Nenen
Pegas e dos olhos
de Carmen
suplicados à lua
o filho dos Mourões pendebat
na sua mocidade onde pendia
do cabide de cedro
o fraque desolado de seu pai.

E às vezes, naquele tempo,
a sombra das bananeiras
debaixo dos laranjais
caíam das folhas verdes
duas laranjas maduras
e os pintassilgos feridos:
e do canto dos pintassilgos
e da plumagem de sangue das cambaxirras mortas
de seu canto de morte
nas copas ensombradas do pomar pendia
o filho dos Mourões naquele tempo.

Onde a voz a língua intata?
Wees gegroet, Maria,
virgo virginum praeclara
himi jam non sis amara
Onde a boca que era minha,
onde a sílaba de lírio
a que por maios e noites
respondia de seu rosto
a rosa rosa?
Em sua pétala preso
à leve pressão de um beijo
pendia o poeta em flor
e era o caminho do anjo
e era o caminho do bravo
e o filho dos Mourões Mourão era a serviço
de sua Dama
Wees gegroet, Maria — e no peito
do pé imaculado uma rosa se abria
e ao rastro de seu aroma
puderas caminhar.

De espada e cítara sobre o rastro
da sandália de ouro
Bernardo de Claraval e os outros cavaleiros
tota pulchra es Maria
Platonis in cunis dormientis vinham
as abelhas à boca de Platão e à boca

do filho dos Mourões
no tempo de teu nome
in illo tempore
Wees gegroet, Maria, voll van genade.

E às vezes era a hora de escandir
Ovídio, Horácio coronemus nos rosas
e muchavam
as rosas de Propércio nas bochechas de Cynthia — Cynthia
prima fuit Cynthia finis erit
Tibullo à sombra dos pinheiros resinosos
e o metro de ouro líquido

ανδρα μου ελεπε Μοῦσα

suplicava ao azul da serra mineira
mares de Odisseu
à voz melodiosa do Padre Luís Weerdesteyn e este
é o Padre Gaspar Haanappel e sobre
sua soberba fronte bátava
estronda Marco Túlio a retórica romana
discreteia a severa concisão de Caio Tácito
e os demônios passeiam entre clérigos operosos e anjos
indolentes:
do outro lado do mundo, entre charutos
fumegantes,
aldeia de Wittem, Rosendaal, Holanda,
os teólogos discutem — e o Padre
Gregório Wutz traz na flecha certa o logaritmo,
o risco da parábola
e o verso de Homero — e do escudo de Aquiles
pendebat e de repente entre copos de
cerveja holandeza e silêncios
e algazaras de estudantes sob tetos
venerandos
num rumor a palavra e a sombra de Platão
transitam pela sala ao gesto lento, à voz sonora:
Caetano morreu cedo. E ali, Angelo, Américo
e Walter

e Geraldino pastando a flor e a erva
no tempo da loucura — “veja pássaros e pássaros e voando
com eles o Padre Michelotto”
e Agostinho no vôo terrível
escolheu a morte do alto do penhasco de onde
pende o filho dos Mourões
Todas essas coisas iam acontecendo e muitas outras
aconteceram
naquele tempo e dele
quem sabe ainda hoje pende
o filho dos Mourões.

O Padre João Augusto Combat
ordenador da sintaxe portuguesa e da música alemã
praticava os poetas e a disciplina da Estética
são uns olhos verdes verdes
são verdes da cor do mar — e o rosto triste
do poeta do Maranhão se macerava e o filho
dos Mourões pendia
desde além das estrelas
de uns olhos verdes.

Desta capela cheia de santos pálidos
pálido partia o estudante Aureliano
para o quarto de Manuel Antônio
no país de São Paulo — e sob o travesseiro oculto
o poeta apresentava a noite inteira as cortesãs
literárias
as lívidas amadas. Ali Byron. Ali Shelley
e ia o caminho oferecendo
à rudeza das botas
massacre de açucenas.

Gasta-se o círio pascal no castiçal de bronze e o
coração
não gasta o amor, o aroma das violetas remotas:
respirei quanto pude a flor divina do país das
Congonhas e a pulmão
preparava aconchego

ao aroma de tua rosa à lavanda da Tessália
e ao cheiro
do mar de Pero Lopes de Souza
e de seus bagos pendo.

E era o Padre Caetano Braan
rosae rosarum rosis
e o Padre Celestino Tyndall e o Padre Leão Panis
doctor sapientissimus
latinitatem Sanctae Matris Ecclesiae odi
hoje darei a aula de Rhetorica em latim da idade
de prata — Tácito —
hoje a aula de poética em latim da idade de ouro
e este é o Padre Atanásio Geerlings
e durante sessenta anos pedia a Deus a graça
de morrer de repente
temia prolongar-se moribundo e ser vencido
no último duelo com Satanaz — e Deus
mandou-lhe a morte súbita
aos setenta e oito anos:
seus cento e trinta quilos de guerreiro bátavo
abateram-se à porta do banheiro, à saída do banho
e o guerreiro bátavo que só tinha medo de si mesmo
ludibriou o Diabo e aguarda
entre os ciprestes do cemitério claustral do
Convento da Glória
de alma lavada e corpo lavado spectat
a ressurreição da carne.

Ao Te Deum ondulante pelos corredores
o noviço pendia
de Hugo e Agostinho e do Padre
Godofredo Strijbos em sua cela alcatifada
Muito Reverendo Padre Vice-Provincial e o Padre
Alberto Padeloug e o Padre
Van der Arend mais o Padre Muniz redentorista
mineiro bispo da Barra

e o Padre João Evangelista e todos
sabiam o caminho até o Padre Mestre — o Padre

Vicente Zeij, o sabedor
do caminho de Juiz de Fora para o céu —
pendia do catálogo:

Irmão Bonifácio

Irmão Efrém

Irmão Cristiano

Irmão Martinho

Broeder Laurentius

Broeder Werenfried

Broeder Bento e todos

repartiam com o adolescente

e os profetas de pedra a glória de Deus.

E às vezes, Francisco, Teófilo, Leandro, Bernardo

e os outros rapazes

empinavam papagaios barrocos e entre eles

os sábios papagaios dóricos de papel azul de

Laudemir e o filho

dos Mourões pendia

das flores de papel desabrochadas

ao vento da montanha

sob o céu do país

de Congonhas do Campo in illo tempore.

E muitos outros nomes irei lembrando

Lindolfo, Carlos, Antônio e Clemente e Miguel e Mário e

Manuel e Gonzaga e tantos outros e súbito

“Benedicat” — desce a bênção da noite

e pendente das laudes, das noas e das vésperas

pendente dos noturnos, da esperança

do sino de matinas

é silêncio é noite é leito

e dos braços cruzados sobre o peito

do que pende de tudo

pende também, sobre uma cruz de cedro,

o Cristo.

E ninguém informava ao sono, à aurora
qual dos dois pendebat
o Cristo?
o filho dos Mourões?
o vivo?
o morto?
naquele tempo
em todo tempo?

δ'

Pelas águas clementes e inclementes navegar
e navegar o chão, a fêmea, a cajazeira
com vento leste sair fora da barra
debaixo da capitânia de Martim Afonso
com Pero Lopes de Souza e de seus bagos venho
antes da era de Úrsula, Alexandre, José e outras
matriarcas e outros patriarcas e aí
começa o labirinto de Gerardo — na era
de Dom Manuel, o Venturoso, pois
por ventura aventura e desventura
ia de capitão de hua armada o governador
da terra do Brasil.

E de que me terei esquecido? Não, por certo,
daquele medo, não daquela dor noturna e as
vacas mugindo
no terror à solidão
de teus pastos e teus céus.

Ficaram num cinzeiro os olhos azuis de Catarina
no cinzeiro de um bar — e de tantas
tantas outras coisas me lembro dia e noite
aquela noite o canto das prostitutas encarceradas
— e o coração,
Demóstenes Gonzalez, o teu, hecho pedazos

e o pedaço de lua aquela noite
no chão do calabouço — e às vezes
Pedro Mota — a morte de Pedro Mota
fulminado quando
cantava sob o chuveiro uma ópera italiana
e a corneta comprada no Ipu e a cartola de meu
pai, a garrucha de bronze de meu avô
e o céu
aberto, mas de súbito
e entra Pedro Mota e sorri
com a cartola de meu pai na delicada mão
e entra Edgar com uma bala no fígado
os santos inocentes acolhidos acenam
e saúdam a gentileza da morte
ao hino de Araci naquela tarde:
não, não me diga adeus.

E de que me terei esquecido? Não, por certo
do tempo em que reinou a calmaria podre
e sem ventar bafo de vento
era mais grosso o mar e ao mar
lancei o prumo e perguntei o fundo
e tomei o fundo com cinqüenta e cinco braças
Tenerife! Tenerife!

tomamos as monetas e mais que o dia
já podia a noite
e pairamos a noite toda até o quarto d'alva
demorava-me o Cabo das Tormentas a leste e
depois

barlaventeamos outra noite sem poder cobrar nada
por não poder fazer caminho
e não me esqueço, por certo,
do quintal do Encantado, ribeira e casa
de Araci de Almeida onde o canto dos galos
alongou tua morte
no alanceado coração — e como esqueceria
teus seios olorosos — e da cova deles
bem que rescendiam
e do cravo e da morte os suspeitos aromas:

e ainda cantarei de ti (agora tenho apenas o grande
mar por lô dessa lembrança)
nem mais vela que traquete e mezena
e muito trabalho na capitânia
porque não governava e não governa.
E amainamos a vela e fomos
correndo ao som do mar — até que foi de dia.

E de que me terei esquecido? Não, por certo,
de um cavalo soluçando às estrelas do céu e às
éguas do terreiro
a dor aguda do grande pênis negro
e os cascos do alazão na ladeira da serra
de São Gonçalo dos Mourões
e o bandoneon de Gesu Melo — ou de Josa? —
e a camisa escocesa e a cartucheira e o punhal
e os luminosos olhos
de José Mourão retinindo esporas de prata
na estação de Cratéus — ali a casa de Solon Faria
e a arte de calcular por meio de algarismos
e em sua mão de sábio da comarca ardia um giz
e tantos anos depois, Solon Faria Filho doutrinava
sobre
a arte de fazer mel por meio das palavras e as
abelhas
rodeavam seus olhos. E de que me terei esquecido?
Não,
por certo, de uma gravata azul
de Aretusa dançando e os seios
de Carmen começando ao olor dos jasmineiros
Maria entre cajus vermelhos e amarelos
D. José Tupinambá da Frota, bispo-conde de Sobral
regendo o sólio e o maestro com sua clarineta
regendo
os tornozelos de Aretusa
e um bonde
varando a madrugada na Tijuca
e tantas outras coisas — e contemplei tremendo
a arte de fazer amor por meio de mágica — o polaco Tadeu
chupando ajoelhado aos pés do marinheiro crioulo

e um carneiro pastando a flor do bogari no quintal
do vigário
e o coldre viril do Colt no cinturão de meu tio e a
elegância
da taça de cristal na poderosa mão de meu avô
e tantas outras coisas — já não sei
se coisas ou lembranças:
possuídas um dia possuíram
o pulso do poeta
inventado e inventor
da memória inventora — e quem soubera
ao andar de Pichin vir de seu corpo
a graça a seu vestido — ou dele
florescer a beleza ao quadril
naquela adolescência?

Não te enxugue em espádua e anca e coxa
a água de beleza em que estes olhos
lavaram tua pele:
vem formosa mulher, camélia pálida,
já do salgado mar a espuma viva
prateia-me a pupila:
é preciso partir e na mão grossa
a enxárcia a vela a cordoalha pedem
um jeito de monção — e à chibata
dos ventos na garupa o barco pede
uma estrela no céu para o caminho à noite:
tu com teus olhos, Vega da Lyra, gema da Coroa
Boreal, estrelas verdes
e de Andrômeda e da Cassiopéia.

Luís de Gonzaga não conhecia o rosto
de Branca de Castela, sua mãe:
nunca fitara um rosto de mulher — os olhos —
ensinava o Mestre asceta — são
janela da alma e por ali
entram as tentações — e pelos meus
entraram todas:

pungido por olhares fui crescendo:
o melancólico olhar do bisavô em seu retrato
pintado pelo pincel municipal de Raul
Catunda
e a morte na pupila do primo agonizante
e os olhos tristes — o quem te memorem —
desse conde alemão no Castelo de Kronberg, em
Frankfurt
e os teus boiando
constelados de verde à sombra de ouro
da Coroa Boreal de teus cabelos
dorida Berenice
hão de levar os meus por noite e mar. E de que
me terei esquecido? Não,
por certo, do arrepio
na penugem de teu braço quando
atrás de tua orelha era um perfume
farejado; e é preciso desfrutar
a luz, e aos olhos não negar nada na vida e
não perder
cova de seio, pedra de rua, axila e nuca tonsurada
e andorinhas ao céu
de agosto foragidas e dormir
sobre o catálogo palpitante. E de que
me terei esquecido? Não,
por certo, do arrepio
de Claude e Sylvianne e as outras cimitarras
fulgurantes:
aos fascinados olhos transpassavam
de um golpe o coração e tudo
era roteiro — os cegos tocando viola
na feira de Várzea Formosa
os soldados de mosquetão na estrada de Alagoas
e Arlette
ruiva e nua em seu bordel e nas noites de maio
a grinalda da Virgem e os anjos de novena e longa
túnica
e tudo era roteiro e de que banda
do mundo é o sítio do desejo, Capitão?
Soubesse dele e o não cantara
na sanfona saudosa o marinheiro Lorenz

e em sua voz marulhada o dalmata do cargueiro
grego
naquele outubro.

E à quarta do nordeste e à quarta daloeste
pode haver outra vista de terra e por isso
aprendi a pairar a noite toda até o quarto d'alva
e também Dalva pairava
as monetas ao léu e o seio em boia e então
barlaventeávamos até o carço da noite:
no coração marsupial todas as horas
eram nutridas
e volta-se a ampulheta e voltam sempre
os grãos de areia e os grãos
desses nomes de coisas e lugares e pessoas
plantados nas entranhas:
a um tiro da abombarda estão sempre suas ilhas
ao alimpar-se a névoa —
oblivionem oblitus me esqueci de esquecer-me
e aos meus mortos
em vão imolo os bodes vigorosos
e os cantos fúnebres:
do ninho de seus túmulos levantam-se
e ao redor do atônito poeta
cantam a letra
dos próprios epitáfios:
nos alqueires do inferno ninguém morre e
ninguém morre
na bem-mal-assombrada casa
deste coração. Pois, de que
me terei esquecido?

Ε'

E onde o sítio do desejo? Pois moreno
e triste sôbolos rios era; ao longe
o país dos Mourões e ao longe
o país de Apolo e para lá me vou nas caravelas
de Pero Lopes de Souza
e de seus bagos venho.

E as moças de Jaguaribe em lua e cântaro?
Restavam — e era muito — as montanhas de azul
sôbolos rios do país das Gerais e a espera
de medrar-me afinal dos profetas de pedra
“Amós, digamos”, Dantas,
que em chão de salmos e escrituras
sangra bela é no cactus a rosa
da peripécia: em vão
lavrada n’água
sôbolos rios a escritura
do canto do exílio se apagava. E onde
o sítio do desejo?
Entre a camisa e a pele
ia brotando a rosa
no coração talvez palpitasse em seu mapa
de uma rosa dos ventos a corola
tersa labareda
sobre o coração.

Ó país das Gerais onde “o cantar
dos galos é terrível na solidão” e onde
terrível é a saudade de umas terras que a tristeza

amua,
saudade de Airuoca onde
andam formigas, Carlos,
no cobertor vermelho de teu pai
e o doutor de Sião por nome Dantas
Dantas Mota vigia a dor no peito e
em vão o guarda o cachecol de seda
quando ao vento montês
instalam-se os soluços e as sanfonas.

Pois cantor de Sião também ali
pastei estrelas: e por longos anos
o exilado sonhava exílios novos
e ao tom dos sinos e à sombra
das cimarras dos padres professores
suspeitei tua voz: e de que lado
do mundo é que as auroras nascem?

E de muitos outros países me pediram notícias
pois podes pedir-me agora notícias de muitos
outros países
tenho notícias de muitos outros países
— boa romaria faz
quem em sua casa fica em paz —
e mau romeiro há sido o filho dos Mourões
debaixo de seu chapéu fez moradia:
pisando o chão de suas casas
moram uns com seus pés — e sob o céu
populoso das constelações
caminha esta cabeça moradora: e o que mora
de mim são estes
cabelos inocentes e a testa
e os pasmados olhos:
agora tu, Calíope, me ensina
as imagens não vasadas no vasado olho de Luís Vaz
le roi Edipe a peut-être
un oeil de trop

furente Adamastor comeu um olho
ao filho dos Mourões e onde
foi pupila hoje é ruína
de templo e de mansão e às vezes temo
não reste de tanto rosto desejado
senão sobejos na poeira onde rolaram
as cascas de laranjas devoradas.

Mas onde o sítio do desejo?
O mar, o mar de Pero nos rolava para terra
e não podíamos surgir
porque o fundo era de pedra
outro dia ao meio-dia fomos dar à praia
ali, achamos uma nau de duzentos tonéis
e uma chalupa de castelhanos e em chegando
nos disseram
como iam ao Rio Maranhão e o capitão
lhes mandou requerer não fossem sôbolo rio
porquanto era de El-Rei Nosso Senhor e dentro
de sua demarcação — ali
tomei o sol em quinze graus e um sesmo
e em se cerrando a noite com muito vento nordeste
o galeão São Vicente perdeu duas âncoras em se
fazendo à vela
e a caravela Príncipe uma
o surgidouro deste porto é todo sujo
já não posso com as velas e o grande mar
arrebenta-me o mastro do traquete pelos
tamboretas
e engole minhas âncoras
abaixamos o mastro um côvado
pusemos-lhe umas emmes
e com arrataduras o corregemos
o melhor que podemos e gastamos
todo o dia em corregir o mastro — mas onde
o sítio do desejo? Demorava-me, verde,
o Cabo Verde ao nordeste e tomava
da quarta do norte, e roxo
o Cabo Roxo a le nordeste e demorava-me
a Serra Leoa a leste e à quarta do nordeste

fazíamos o caminho a sulsueste;
neste dia nos morreu um homem
o dia todo estivemos sem vento até o quarto da
modorra
e de noite, ao quarto da prima
nos deu uma trovoada de sueste e outra de nordeste
com muito vento e água e relâmpados.

Naveguei navegamos
água vento relâmpago
entrâncias do labirinto de Gerardo
quartos de primas — Dora, Mariana, onde eram
doces tempestades e caminhos
do sítio do desejo
quartos da modorra depois:
todo animal entristece
depois do coito.

Gran força de vento nos fez
amainar de romania as velas
tomei o sol em dois graus: demorava-me
a ilha de Fernão de Loronha ao sueste
e ao sudoeste demorava
o Cabo de Santo Agostinho o olhar de Santa Mônica
nesta paragem correm as águas aloesnoroste
e em certos tempos correm mais
assim que nesta paragem a pilotagem é incerta:
por experiência verdadeira
para saberdes se estais de barlavento ou de
julavento
da ilha de Fernão de Loronha
quando estais de barlavento vereis muitas aves
— os mais
rebiforcados e alcatrazes pretos
e de julavento vereis
mui poucas aves e as que virdes serão
alcatrazes brancos
e o mar é mui chão:

entre alcatrazes pretos
e alcatrazes brancos
por mar mui chão
por muito chão de mar
por mar e chão de chãs de terra de Alagoas
às vezes a um tiro de falcão do abismo
se arrisca a peripécia de Gerardo
e incerta é a pilotagem do perigo e Raul
e Efraim e Abdias e Godo e Napoleão
e os outros capitães, Francisco,
tapavam os olhos com a mão
sacudiam a cabeça e tremiam pelo navegante
cheios de misericórdia e terror:
"Carlos — diziam — Carlos, o Temerário" —
e era Gerardo entrando, amor,
Gerardo em seu labirinto
e cada qual teria o seu: jogava
Juan y su laberinto
de papel
Agustín y su laberinto
de farsa
Godo y su laberinto
de estrelas
Abdias e seu labirinto
de bocetas
Francisco e seu labirinto
de anjos e Tomás
e seu labirinto de maçã
e vai morrer mordendo a fruta
do primeiro Adão
Tomás talvez o último Adão
mordendo a sua fruta e a fruta
de todos esses labirintos
tem o mesmo sabor o mesmo aroma:
assim, digamos, Gerardo
em seu labirinto navegava
farsa estrela papel bocetas anjos e maçãs.

Mas onde o sítio do desejo?

S'

Naquele tempo
o filho dos Mourões era pastor e muitas coisas
pastoreou seu cajado
o bode o cavalo o boi
e os rifles bandoleiros entre
a Canabrava dos Mourões e a Baixa Verde
dos Mourões
e por ali
tangia o pegureiro sua flauta
pastor de anjos tangeu uns tempos
os serafins e os querubins e Querubina
Januzzi à sombra
dos jasmineiros:
pastor das putas sua flauta
gemia nas esquinas e alegrava os bordéis e a
canção de Lesbos
saudava as meninas machas do L'Étoile
(para Paula e Jane)
e a flauta feiticeira
envenenou teus dias
e tuas noites:
de sua melodia
viveram e morreram as amadas e à beira
de suas sepulturas
o pastor das defuntas sopra o choro
pelas que se mataram de amor.

Pastor hei sido em tanto monte, desde
o monte de Vênus ao monte de Sião
e ao monte galego onde damas de copas e espadas
ambulavam na ronda

pastor de moedas — digo o Banco de Crédito

Real —

cordeiro de Deus tonsurado e imolado
naquelas mangedouras
gado inútil cevou-se à ração de meus dias
e os demônios astutos
dançaram sarabanda no monte de Sião — e
as damas

de copas e espadas corriam
do bordel de Helenita ao de Marina
e os lobos devoravam as meninas
dos olhos do pastor
e nada nos foi poupado — Angelo Simões

de Arruda, nada, Efraín,
pois pastor de heróis condottieri e guerrilheiros
tresmalhados todos os rebanhos — Abdias —
restava apenas este pastoreio
das putas e esta flauta

que nunca lhe caiu da boca na viagem
e um dia nesta flauta
apodrecido o canto de cantar
ensaiasse o pastor no sacro bosque
enfeitiçar os animais e as pedras
quem sabe as fêmeas — sempre elas — de

narinas acesas e de ouvidos em flor
esperassem à noite a serenata irresistível
e pedras e serpentes e fêmeas comessem
a chegar arrastados
da doce melodia

Z'

Um dia as orquídeas se abriram sobre
olhos oblíquos de Magdalena
antes da âncora da dor numa angra verde
e antes
de partir-se teu rosto da romã
antes, vadio com seu cão e sua flauta
pelos montes o poeta
vadiava e farejava as garrafas de whisky,
a virilha das francesas e eram
baralhos de bacará e roletas de ouro
— a bolinha de marfim
cai no sete
cai no zero
cai no preto
no vermelho
a bolinha de marfim
cai não cai
onde é que cai?

Valencius Wurch, echt deutsch
barão da Pomerânia usava polainas e chapéu
gelô e seu nariz
usava um olho cego de um lado e de outro
um monóculo inútil
e era a glória das namoradas da Rua do Senado

e Monsenhor Manuel Gomes, prelado doméstico
do Papa,
pastoreava o bairro de São Cristóvão
com seu cajado do país da Paraíba
e Manuel Machado, depois doutor em leis, depois
capitão de tropas expedicionárias e herói da Pátria
guardou no coração um estilhaço de granada alemã
e com o belo cravo de sangue de seu peito
visitou a morte num campo da Itália
e tornou, virgem e alegre, à Rua Mem de Sá
e casto ao medo e intemperante ao perigo
o filho dos Mourões
Mourão pastava
adolescentes, cônegos, roletas e janelas de trem
de lira a tiracolo e essas
são notícias da Grécia
do caminho da Grécia
onde às vezes perguntava o sol ao quarto d'alva
e Dalva
Dalva Silveira navegava o sargaço nas virilhas
aloeste de seus promontórios trêmulos
dei todalas velas.

Sabia de naus francesas por ali com muita
artilharia e pólvora e abarrotadas de brasil:
fiz a vela no bordo do sul
fui quatro relógios
e ao meio-dia era na esteira da nau
duas léguas dela e não podia cobrar terra
cheguei à nau e primeiro que lhe tirasse
me tirou dois tiros:
antes que fosse noite lhe tirei
três tiros de camelo e três vezes
toda a artilharia: e de noite carregou
tanto o vento lessueste que não pude jogar
senão artilheria meúda — e com ele
pelejamos toda a noite:
em rompendo a alva
mandei um marinheiro ver:

via uma vela — não divisava
se era latina se redonda.

E que me importa a mim que veja ou que não veja
se cumpriu toda
a cerimônia de ver.

E essas são notícias da Grécia
do caminho da Grécia
e o valete bicéfalo tangia
ora a espada ora a lira
ora a esquina ora o mar — e Nilo
Nilo José da Costa achara no subúrbio de
Campo Grande
à lua — e achara seu verdadeiro nome e era
Marcus Sandoval e de suas mãos
antes pendiam o fio da navalha e a tesoura
sábia — e delas
nunca mais rolaram cabelos de macho no salão
de barbeiro rolaram
as mechas da lua fêmea
— lua — disse o vento —
mostra-me a graça feminina
das tuas bailarinas
e ao sopro do luar sussurrando
ao ouvido das árvores quietas
todas as frondes num deslumbramento
bailavam aos levíssimos do vento
o bailado das sombras pelo chão
e Marcus Sandoval penou degredo
na Ilha de Fernando Noronha
Fernam de Loronha a nornordeste
por ouvir o filho dos Mourões
e por tanger espada em vez de cítara
e a morte se hospedou em seus pulmões e dorme
no cemitério de Campo Grande e nunca mais
um soneto foi pedido nos botequins do subúrbio

e nunca mais
o silêncio da noite doeu na serenata
onde andaré o violão de José Carlos
e a rouca voz de Orlando Carneiro amigo íntimo
de Jesus Cristo
escande agora em vez da ode os códigos da lei
Meritíssimo Juiz da Vara Cível
trauteia agora a dodecafônica demanda
cite-se o réu — e testemunha
debaixo de vara sou citado
e desde as 7 horas do dia, Pero Lopes, até o sol
posto
pelejamos sempre: a nau me deu dentro
na caravela trinta e dois tiros
quebrou-me muitos aparelhos e rompeu-me
as velas todas:
estando eu assim com a nau tomada chegou
o Capitão Irmão com os outros navios e Francisco
Francisco da Gama Lima
servia o mel e o pão e o coração fraterno
de José Ribas e fazia o pelo sinal da santa cruz
com a mesma lágrima e o mesmo mel
junto ao cadáver de Anísio Teixeira
onde era o pranto da filha derelicta.

E vinha a nau do Capitão com Pedro Maranduba
carregado de brasil
trazia muita artelheria e outra muita munição
de guerra
por lhes faltar pólvora se deram —
na nau não demos mais que uma bombarda
com um pedreiro ao lume d'água:
com a artelheria meûda lhe ferimos seis homens
na caravela me não mataram nem feriram
nenhum homem — de que
dei muitas graças ao Senhor Deus.

Noroeste e sulsueste se corria:
ao longo da nau eram tudo barreiras vermelhas

vieram da terra a nado às naus
índios a perguntar-nos
se queríamos Brasil:

 , carregado de Brasil
 quero Brasil e as naus
 carregadas de Brasil

se preciso, com muita artilharia e bombarda e ainda
abalroar as naus estrangeiras quebrar
a espada aos coronéis piratas e passá-los
a fio de espada boa e partir
a caminho da Grécia em nossa caravela
abarrota de Brasil com Pero Lopes de Souza
e de seus bagos venho,
com grande lastro de Brasil.

Ao sair da lua abonançou-se o vento
e era o quarto da prima
 formosa

no mar de seus cabelos Dora
Maria Mourão — Dora Correia Lima
no quarto da modorra no Leblon
era meio-dia e parecia noite
e o relâmpago de ouro de teus olhos
cortava a tempestade dos cabelos
e o mar tão grosso me entrava
por todas as partes com
o jogar da nau de ventre liso
Dora afagada à brisa ao faro das narinas:
houve vista de montes
e era mui alta a maravilha
em teu monte de relva
e hoje me faz dela
dez léguas e dez línguas noroeste
a costa se corre nornordeste e susudeste — Dora —
e toda longa ao longo do mar
no sertão serras mui altas e formosas
haverá delas ao mar dez léguas — e a lugares,
 menos
e haveria às altas e formosas colinas tuas dez
 beijos aos teus seios

e a lugares, menos,
e à noite veio o piloto-mor no esquife e súbito
são dez mil léguas de memória a esses seios
e a lugares, mais.

Perfundo de cinquenta braças d'área limpa
o cabo de parcel que jaz ao mar
da banda sudoeste aloeste e a tuas partes
loessudoeste:

quando fui fora do parcel
eram serras mui altas sudoeste
sob a cintura túrgidas redondas
à mercê de tomar prumo
e com Mercedes Martins a prumo
vou mordendo a maçã em labirinto e mar
a caminho da Grécia onde esperavam entre
 orquídeas
olhos oblíquos de Magdalena.

n'

E entre alabardas do Museu Histórico
Gustavo Barroso inventava a glória paraguaia
e Mariano Mafra pregava o massacre dos
judeus enquanto
Berta Samuel me devorava coração e pênis
na Rua Santo Amaro e na Praia do Russel
o Almirante jovial manobrava o bilboquê e o
coração
vida da minha vida, Glória querida — exclamava
de joelhos
e Dona Glorinha bela enchia de graça e suco de uva
o cristal do Almirante e Paulo Fleming
aprendia a um tempo
o cálculo infinitesimal o ditirambo o gin e as
noivas familiares
e Manola o aguardava com seus olhos azuis e
Simone era cantada por suas sonatas ao
piano e seus cabelos
naquele tempo Manuel Hasslocher era barão e
entre suas lavandas
cintilava a esmeralda no pulso da baronesa
Torelli
e se ensinava ao poeta o Bourgogne a lavanda
as estrangeiras de tornozelo fino e os
cachimbos de cereja
e rolava em seu aroma o seio branco de Bice
Taliani

X
depois roçava la Karavaieva

a tangerina de seu rosto

e as marquesas da Itália e as putas de Araguari

e la maison de Madame Janine Rua Cândido

Mendes — Tônia Madô Louise e Dolly

conheciam

a virilha do príncipe libidinoso

I am an indian prince, Madam, and this is Mr.

Otoni and this Mr. Americano Freire

coming from Karputala — e Maria Alonso

oferecera seu corpo paraguaio na noite de Buenos

Aires

e depois era cantada entre as grades do Presídio

da Ilha Grande

com aguardente e evocações

às musas helicônias — e ali

Atena de olhos garços foi vista

sobre a relva noturna a bunda branca à lua e ao

ritmo

do prisioneiro alemão — e era

uma vez o cigano dos Balkãs Nicolau

e passou a lâmina no pescoço de ouro da cigana

Marena

e perguntava aos guardas do presídio

— “a mulher é sua? a lâmina é sua? Então o sr.

não tem nada com isso” —

e eu ia degolando com minha própria lâmina

a minha própria rosa

dessas noites desses dias

— “Divino degollado!” — exclamava o poeta aos
pés de Godo

em madrugada de La Boca

e los hermanos Peña contavam histórias obscenas

de Abdias

e Jonquières prestava testemunho do azul e depois

Maldonado inventava inventos e Arden Quin

assobiava a internacional na noite rouca e entre

melodias arábigo-andaluzas Fleitas

e Sarmiento forneciam
a ordenação do tango em mi tristeza
na pensão de Raymonde com Ginette ou Dolly
e tudo era missão — a devassa Raquel esposa de
 general conspícuo
na partouse de Mirtes ou de Mônica:
todos tienen su tango — assim Ulisses quando Circe
abriu as portas fulgentes e as coxas de ouro e
 ofereceu
os pentelhos ruivos a farinha e o fulvo mel
como vinho de Pramnos e os lívidos venenos e às
 vezes
na taça de duas asas a libação
afogava na garganta a gesta em flor e o fruto
apodrecia antes do afago
do zéfiro nas jeiras.

E uma noite quando
farejava sua barriga redonda, ela me disse:
“hão de sempre esperar-te as naus recurvas
pois tiveste parte
nas rosas de Pieria” — e sei
das escrituras de Galdino e Manuel Mourão e da
 divina Safo: tenho parte
na rosa e na criança tenho parte
na noite no ananás na rapariga e no rifle
de Alexandre Mourão e com este mosquetão
 papo-amarelo que me mandou o compadre
 Jarmelino de Alagoas
um Coronel de Tanque d'Arca e Limoeiro de Anadía
 matou cinco
 inclusive um padre de São Luís de Quitunde e um
 famanaz
das bandas de Coqueiro Seco — e nessas mortes
tenho parte

ð'

Estivemos oito dias esperando
por um bergantim
de nossa companhia se perdera: como não veio
mandou o Capitão pôr uma cruz na ilha e nela
atada
uma carta emburilhada em cera
e nela
dizia ao Capitão do bergantim
o que fizesse vindo ali ter:
e emburilhada em cera e mel
fincada com punhal no coração
esta é uma carta, amor, é teu canto de morte —
epitáfio
da primavera:
naquela madrugada
do Hospital dos Espanhóis:
quando teus olhos foram se afundando
na doce caravela de teu corpo,
a herança
de um quinhão de luz tocou aos meus e a camarinha
doou ao coração sua parte de ar
e no formal de partilha o silêncio
era só meu e o rumor
de uma voz — individido —
sucedeu ao ouvido solitário:
o amante da amada morta tem um ouvido a mais
et video cherubim ac seraphim

et audio:
no rádio de Paqueta o tango de ontem
é agora mais forte sobre a rua
Benjamim Constant e no Largo da Glória, ó Paulo
Fleming,
as merencórias putas são mais tristes
batem mais os relógios pela madrugada no sobrado
de Alice
e no bar do Soares se contemplam mais
as cadeiras espectantes:
partiu quem repartia
comigo o ar e a luz e o silêncio e o rumor
e de ar e de luz e de silêncio e vozes
resultou, amor, mais rico o teu cantor — e agora
resta
percorrer teu inventário e nele
a doação de um anel, de uma estrela,
de um céu de agosto e a promessa
da resposta ao beijo na defunta boca — e quem
pudera cantar — que voz se modulara dentro
deste quarto quando
das maçãs do silêncio vive a morte
de teu rosto — na maçã
de teu rosto — pálida rosa entre as outras flores:
pois à pálida rosa submissa
a rosa de ferro do rosto de Albrecht Engels
flor cinérea dos olhos de Heinz Lorenz e outros
guerreiros alemães:
celebravam a princesa morta
e Chagall e Edgar e os cárceres se abriram
requiem para a infanta morta
Guido Corti e Edmondo di Robilant, dos condados
de Veneza:
à pálida rosa respondia a flor
de mármore do rosto dos fidalgos de Itália
e Enrico Marchesini era florentino e chorava
e Amleto Albieri era vêneto — e chorava
e George Blass, o formoso velho, era do sul da

Alemanha — e chorava
e celebrava a lágrima o melhor azul de seus olhos
renanos
e Meyer-Clason viera da Westphalia — e chorava
os sinos dobraram nas Ipueiras e entre os poetas
— entre
Marcos Konder e os outros — entre bons ladrões
bons assassinos tomados de doçura — e
a doçura
pungira o duro olhar de Manoel Bento e o belo
inesquecido rosto de Frau Malik — viera de Bonn
am Rhein e chorava
erue, Domine, trenavam vozes
Padre Frederico Prillwitz — viera da Prússia e
chorava
viera o Padre Fernando do Rio Comprido — e
chorava
e Frei Meinulfo da Baviera e chorava
e o Padre José — de Turim — e chorava
e Monsenhor Felício Magaldi era napolitano e
chorava
e o Padre Waldir era alagoano — e chorava
e o grande rosto compassivo de Castro Pinto —
chorava.

Naquela tarde sobre o Igarapé das Almas no país
do Pará
a velha Maria Cândida sentiu um nó nas entranhas
transfigurou-se de súbito à beira das águas e
clamou a Manuel e Lourdes e Antônio e
João e Zaida
e aos vizinhos atônitos
apontando a vitória-régia que se afundava nas
águas ao teral de junho:
—“Magdalena está morrendo — é a flor
da morte no rosto da princesa” —
e no rosto

mongol do velho pai, da velha mãe
no igarapé dos olhos dourados
a pétala da morta desmaiava.

Pois canto agora sua sombra:
já rosa entre as mulheres — conhecido
foi seu corpo ao macho à borboleta ao óleo-santo
e à manjerona em flor:
entre formas
de brisa e moldes de luar
é lida a sua forma — e sabe dela
a raiz da relva — e à volta
das hortelãs cheirosas
Yugo Kusakabe — era japonês — e chorava
e lavrou-lhe a pedra da sepultura e por ali
sei o caminho do homem em sua mocidade.

Sentado junto à Ponte Vecchio o poeta
examinava o mapa de Eleusis e ensinava aos pés
várzea, lezíria e vertentes do monte
e a lira de Tibulo a tiracolo
pastor da morte a morte o pastoreia
venho de onde para onde parto

Madgalena

da raça dos Mourões
na adega do sepulcro amadurece
a ancoretta do vinho desejado —
sou o amante de bronze: da espada empunho os
copos
e nos copos de seu vinho com a ponta da espada
mergulhe a macerar-se o coração
e da romã partida
regale-se na lágrima a semente
de amor e morte para sempre
esparzida em teu vôo

passar
amada
lenna

E as amantes na alcova e os algozes no ergástulo e
o confessor na extrema-unção e o médico
na autópsia sobre o peito hão de
encontrar-me
de teu pássaro e teu nome a tatuagem azul

.....
(e ainda cantarei de ti)
.....

E foi o funeral — esse — de Magdalena domadora
de coração
nas moradas altas do cemitério — testemunha
Efraín — e uma palmeira
cresceu de súbito de sua fina cintura — lembra
Bárbara —
e seu jeito guarda
na boca desse frade alemão
nome de milagre —
good night, sweet Princess,
amadures
no chão da sepultura
e da haste do florido corpo
nas auroras eternas
te encontrarei, formosa, e a mão
arredondada às curvas morenas
macia de madeixas a mão
demorarei no fruto de teu rosto
e à luz dos olhos
põe-te um vestido verde
por formosura
como a pera
quando madura.



Brejo de Areia sertão de Bruxaxá aos pés da Borborema
país da Paraíba — meu primo Bernardino
mandou matar um major de Catolé do Rocha e
mandou
dobrar o sino a finados por sua alma
e encomendou missa de requiem tenho parte
nas mortes e nos mortos
mos, moris — o costume
mors, mortis — a morte — o coronel
estava precisando de matar José Possidônio,
ladrão de gado e ladrão
da honra de Mariana e Mariana
era filha do melhor vaqueiro do Sant'Ana do
Ipanema
e José Possidônio era um facínora temível
bom no rifle e no punhal
e Manuel Jesonias se ofereceu para fazer o serviço
por quinhentos mil réis
e Manuel Jesonias era pequeno, magro e amarelo
e o Coronel perguntou-lhe se tinha mesmo coragem
de enfrentar José Possidônio para serviço
de morte:
“coragem, Senhor Coronel, eu não sei,
mas o senhor sabe, a gente tem costume” —
mors, mortis — a morte

mos, moris — o costume
et mors in more
moremortos me namoram e aguardo
morigerada morte e morte e amor
são costume dos machos
no país dos Mourões
onde ao canto dos galos nos quintais de
cajazeiras responde
o dobre de finados na merencória tarde — e paguei
quatrocentos mil réis ao sacristão de São
Cristóvão e os sinos
dolorosos dobraram por três horas
cortando o coração pela morte do adolescente
espanhol no dia
do Alcázar de Toledo: boa noite, Coronel Moscardó
tenho parte
nessa morte nesse país de Espanha e mandei
dobrar os sinos de Camaragibe pelo morto
da guerrilha boliviana e os pescadores de Alagoas
choraram por Che Guevara e tenho parte
com os mártires tenho parte
com o filho de Amaralina tombado em São Paulo
o coração varado à bala — tenho parte ali
e em muitos outros países de onde chegam
as notícias da Grécia ao viajante — algumas
eram trazidas pelas meninas suicidas — Fausta
Carmélia, Mariasinha e Aparecida
elegeram o salto da janela o gás do banheiro o
lisofórmio
e Agostinho elegeu o abismo da Mantiqueira e
Godofredo
o tiro nos miolos e o bonzo de Saigon
a tocha humana — e eu venho tomar parte:
naquele velho almofariz de bronze, Hermenegildo,
farmacêutico
fazia infusões perigosas
procurei venenos lentos na flor
dos dias e das noites e aprendi
a morrer do dia de ontem da noite de amanhã
desse punhal de amor:

na fulgurante lâmina a esmeralda
de teus olhos se parte
vem, formosa mulher, camélia pálida
que banharam de luz as alvoradas — e um dia
Arabela
ergueu-se do meio de seus vestidos de seda e clamou
pelo telefone:
“ela está morrendo!” — e depois,
Francisco Galloti pai da Pátria Senador da República
também
começou a morrer — e os olhos moribundos
invocavam
a teoria de fêmeas para nunca mais:
formadas em fila — suspirava — iriam
do cais do Rio de Janeiro a Florianópolis — e nunca
mais
e suspirava e ia morrendo aos poucos e morreu
e entre
generais senadores e ministros Helenita e as outras
figuravam
na teoria de lágrimas de seu enterro
de pai da Pátria — tenho parte
com os mortos e suas carpideiras
e com o pássaro ferido sobre o chão de folhas
tenho parte

E em cismar sozinho à noite
mais prazer encontro eu lá
as aves que aqui gorgeliam
não gorgeliam como lá — naquele tempo gorgeavam
Mary Galeno na casa azul de Ipanema
e Clarice na praia de Niterói
onde ainda não eram
os verdes olhos bravios
de tua face fatal
verdes olhos que brilhavam
como líquida esmeralda
e os olhos que hoje gorgeliam

não têm o verde dos teus
de lua de mar de ouro
ó bela dos olhos de ouro
pois naquele tempo tremiam
os olhos míopes de Dalva
miosotis de Francesca — e Else:
Else Wojcichowski acendia o leopardo de suas pu-
pilas alemãs
entre lagos de cinza glacial de Margarida:
todas têm sua vez — sabe Abdias — e uma tarde
foi a vez de Giselda e outra tarde
foi a vez da Parca
Seme Jazbick surrado até à morte pela polícia —
e Nilza
formosa é colérica e os outros adolescentes
choravam sobre
a sepultura do estudante morto — e a flor
da vingança plantei no chão dos cemitérios
Solrac!

Solrac!

Solrac!

doutores neutros cortavam sobre a mesa de már-
more o belo corpo do negro Juvêncio e
recolhiam
num pires de louça as balas que o mataram
tenho parte
e o poeta Augusto
bão bala-ão bala-ão
abençoava o inútil — e Carlos
Carlos José de Assis Ribeiro
sublevava o claustro dos jesuítas e Telmo
Telmo Belo Borba Moura deixava
sua carteira de dinheiro nas mãos do poeta para
esta crônica e para
tonsurar a cabeça e envergar o burel dos padres
bentos
e neles tenho parte
e tudo era missão e éramos muitos

os adolescentes em flor
e a cabeça sagrada e a voz de mago
de Tasso da Silveira enchia a tarde entre as mesas
do bar
e entoava a Salve Rainha no chão do calabouço
naquele tempo e cantava — e tenho parte em seu
canto.

Depois,
Clodomir sublevava os camponeses no país do
nordeste
e se dizia
que o Doutor Aguinaldo, fls. 38, tinha chamado o
Sargento Severino Paulino para cortar o
pescoço de João Pedro
que a fls. 63 consta o seguinte: que o povo do Pilar
comenta com muito cuidado
que a morte para matar o camponês João Pedro
partiu do Doutor,
que por volta das oito horas o interrogado falou
com um vaqueiro de nome Arnô Claudino,
morador do Engenho Recreio, de propriedade
do Doutor, na porta da mercearia,
junto à farmácia, no Pilar,
que, aceitando o convite, recebeu, cerca de uma
hora da tarde, um cavalo castanho, meio
vermelho, das mãos de Arnô,
que, nesse momento, o soldado Antônio Alexandre
recebeu também um cavalo melado de Arnô,
o qual montava um cavalo também melado;
que os cavalos foram distribuídos em uma cocheira
que fica por trás da cadeia, em uma casa dos filhos
do Doutor;
que, nesta cocheira, ele, interrogado, se encoirou
em calça perneira e botou gibão e chapéu
de couro de vaqueiro,
que o gibão e a dita perneira podem ter sido assovelados
em Tamboril, parecendo ter mão e marca

de mestre Florêncio,
mas o chapéu era mesmo de Campina Grande ou
Guarabira que são tal qual os de Jacaré
, dos Homens nas Alagoas;
que, já encoirados, seu companheiro disse a ele
declarante:
se nesta terra
existissem mais quatro homens da raça do Doutor
este negócio dos camponeses se acabava — e re-
matando
disse ainda a ele declarante, referindo-se ao doutor:
ô velho macho! — e os velhos
e os moços eram machos e encoirados
em seus cavalos melados assustavam
a cana peojota e as raparigas morenas
e os últimos rifles estrondavam
na várzea em flor ao pé
das Borboremas azuis e tenho parte
na várzea na Borborema e nos últimos rifles e
dos primeiros deles em meu rosto resta
o afago calejado de meu avô
o cheiro da pólvora de sua mão bravia e essas
são notícias do caminho da Grécia, Clodomir,
e à beira dele se colhiam
jaboticabas no quintal de Ipiabas e nos olhos
de Dalila, a de pele de pêssego, irmã de José Pedro
e o cavalo
Sultão se empinava em frente ao quartel e ali
o Sargento da Remonta tinha leito
com a mulher e as duas filhas — agora, mais com
as filhas — diziam
“um monstro! um monstro!” e o velho sargento
alagoano adoçava
os olhos e as mãos nas coxas das filhas tímidas
e emprenhava os próprios netos e tudo
era missão: Nenen Pegas descascando a lima da
Pérsia e rindo sob os limoeiros em flor com
seu cabelo à la garçonne
e Sinhá e Mara de olhos boreais e as plantações de
fumo de meu tio com seus pendões floridos

Cípria — dizem — ao pé do Céfiro
das belas águas brotadas largou
sobre o país as brisas suaves
dos ventos moderados — e era brisa e regato
em torno ao corpo sobre folhas de Isabel — e Gregório
seu pai
era ferreiro e forjava
freios de cavalos ferraduras e malhava a bigorna e
fabricava aros para rodas de carro de boi
— e os carros
desciam pela estrada matinal
com fueiros de canela cheirosa e eixos cantadores
de peroba da serra e Isabel
gemia e em seu pistilo rosa
de ouro era forjada — e Mascarenhas artista ourives
de Crateús forjava
medalha milagrosa e cordões de ouro
e o filho dos Mourões
Mourão sonhava
talhar em pedra e flor e nuvem
rosto de Musa — e talhadas
as grandes melancias da Várzea dos Mello e os me-
lões olorosos e entre
os cajás amarelos o rosto
de Abigail talhar na boca
e os bogaris mordidos e aspirados
na noite de Ipueiras — e aspirei
quanto pude a violeta divina
da serra ainda azul nos horizontes
do verde mar dos verdes mares
ao mar purpúreo da Jônia e a alga
se pegava à minha cabeça e as ondas
todas as tuas ondas e as tuas vagas
passaram por cima de mim
as águas me cercaram e no sítio das águas
me rodeava o abismo
das verdes rosas perigosas — e a terra
e as águas me rodeiam para sempre com seus ferrolhos
e às vezes

vira a náu nos bordos da terra
com os papafigos baixos
perto da ilha das Sereias e batem os grupetes na
pedra
e o canto mergulha no coração a sua cimitarra:
desci até aos fundamentos dos montes e das águas
homem ao mar! homem ao mar! — e nas ondas
agarra-me pelos cabelos, Eurumedusa,
boiando a flor akanguera a degolada cabeça
negra na bandeja das águas verdes
sobre espumas de ouro.

Id'

E às vezes tomávamos gin e Paulo Fleming
ordenava o Málaga negro e o Jerez de la Frontera
e uma noite achei
a estrela — e viva e fulva
tremia sobre a fulva cidade
Agrigento! Agrigento! — Raul
desarrumou suas camisas e tirou do fundo da mala
um rolo de cartolina:
“este es el mapa de la mina” —
e tirou um chinelo argentino de couro de bezerro:
“que no lo sepa nadie, esta es la sandalia de
Empedocles” —
e com olhos chineses sorria seu bigode negro à luz
da estrela ruiva sobre a ruiva cidade
Agrigento! Agrigento! e às vezes
Cristiano ordenava a cerveja neutra e Nelson
Nelson Americano Freire ordenava o Black Label
— outras vezes
a fome era ordenada e na Ordem da Fome
professava o barão e professavam
Abdias, Tolipan, o judeu, Elias, o sírio, e surgia
miraculado em sua nota de vinte mil réis
Sebastião Milagre Rodrigues Alves
e comíamos todos e eram dadas graças a Deus,
às vezes graças a Antídio e a Rodoval e Rodoval
fuzilara na praça de Ilhéus o rei do cacau por amor
de Lulu e trocou

Lalu por Conceição e Conceição
veio acabar-se na Pensão Imperial onde Emília
regia a Lapa
numa firma de caftinas russas e francesas e onde
servia Manolo, marechal dos veados
e duas mil prostitutas e quatrocentos automóveis
desfilaram em seu enterro no cemitério de São
João Batista
e os bordéis da Rua Conde de Lage, com Raymonde,
Ginette, Luzia e Dolly e as outras se
cotizaram
e um acadêmico italiano esculpiu o monumento e
uma
dramática Magdalena de mármore enxuga com seus
cabelos
os pés de um Cristo lânguido — e Manolo
teria preferido sobre a cova — testemunha Vanda
um grande falus de granito — e foram
os funerais esses de Manolo maiores que os de
Edgarsinho quando
duzentos automóveis de bicheiros e bookmakers
fizeram questão de ver o carro fúnebre com seu
penacho negro
dar duas voltas completas na Praça da Bandeira
antes que o belo cadáver do baleado en mala
muerte
descansasse no cemitério do Caju:
e adivinhara a morte de véspera
e a saudara de joelhos no mosteiro de São Bento
e tenho parte nessa morte e nessa vida eterna
tenho parte a caminho de Agrigento
Agrigento! Agrigento! — e os de Agrigento perguntavam
Agrigento? Agrigento? — e a voz
era de apelo ou de derelição — e a lira
pendurada no cajado
pastor hei sido por todo monte
por tanto val zagal
doze zagalo por este valo
de lágrimas lavado o sopro da vadia avena ao vento
verbena avenca valsa de avena

favo de mel full of sound
signifying no

THING

fury of no

THING

Agrigento! Agrigento! — a fulva
coma de teu casario e teus montes
Agrigento! Agrigento! Vanda
Vanda Moreno
com essa sandália de ouro
zagal da vadia avena por seus vales
eu vou às de Agrigento
fugite fugite a gurgite vasto
fugi de Agrigento! E enquanto
Raul desarrumava a mala e Agustín desarrumava

Juanita,

Abdias, Efraín e Godo exclamavam:

“achador da estrela! achador da estrela!” — e a
estrela

queimava a mão

do filho dos Mourões — Agrigento! Agrigento! je
mangeais

l'étoile — e veio o vício de comer

estrelas fulgurantes: fulguravam às vezes no cristal
e ardia bêbado o bebedor de estrelas

Agrigento!

Agrigento!

Laura Martínez sacudia as sandálias de esmeralda:
foge, foge de Agrigento e da taça

de estrelas espumantes onde as outras beberam

o ignífero veneno — e nas entranhas

de Clarice morta de morte violenta íamos lendo,

íamos, Dora,

as notícias da Grécia

vindas de Agrigento

e ficávamos todos espantados

no meio do mar da banda daloeste em fundo

de vinte e cinco braças de areia tesa e súbito
se faz à vela o galeão no rolo do mar, e é ali
Agrigento, Agrigento com seus cavalos malhados
e seus galos
de crista alta, e onde
entre as raparigas deitadas na praia
comíamos em suas virilhas
a orquídea e a estrela.

IB'

Desdonde arribei
dou conta de minha viagem e bom sucesso
com grandes trabalhos: apartado
do capitão-mor Jerônimo de Albuquerque
me meti num rio e logo ali começaram
bons semblantes de terras e fui
com o capitão-mor Pero Coelho de Souza
a descobrir e conquistar
a província de Jaguaribe e Ceará e Mel Redondo
e Vossa Majestade
devia ser servido ordenar que a Capitania do Ceará
fosse do governo do Brasil — e ali cheguei
em seis meses de guerra onde recebi muitas feridas
e tivemos muita batalha com índios que eram
infinitos
e muitos franceses:
e degolei mais de duzentos franceses e flamengos
piratas
e tomei três embarcações e uma delas
veio a Sua Majestade
todas a proa e popa douradas e
para fazer estes assaltos me despia nu e me rapava
a barba
tingido de negro com arco e frecha
ajudando-me dos índios e falando a língua
e perguntando o que já sabia. E eu, o Rei,
assinada e selada de meu selo pendente

faço saber que Martim Soares Moreno
depois de dezessete anos de crua guerra
é meu Capitão da Capitania do Ceará e um dia
o tomaram os franceses e lhe mataram toda a gente
deixando a ele estropiado com vinte e três feridas
e assim
o levarão à França em prisões e ferros
onde o tiveram preso em cadeia
fazendo com ele grandes vexames
e gastou toda a sua vida em contínuas guerras
atravessando muitas terras do sertão
e agora o querem molestar por suas dívidas
de que se endividou
a meu serviço e a serviço da fé em Nosso Senhor
por amor do Jaguaribe Ceará e Mel Redondo
e está a cento e cinqüenta léguas do Maranhão
alonnorte
e mais cento e cinqüenta léguas de Pernambuco
e é ali a terra de Martim — mastim
da matilha de Pero Lopes de Souza
e de seus bagos venho.

Aprendiz da peripécia
ensino a peripécia
o mel redondo a náu francesa
o tamarindo a cajazeira o cedro entraram
duzentos degolados
e a rocha e o rio e a palmeira
e o lábio da defunta e os seios
de Laura Lillian na garçonnière
e a touceira de Elisa palpitando
virilhas de cidreira.
Pois o aprendiz ensina:
e era às vezes em seu ninho de acúleos
o pássaro dorido: quem
pudera de novo
ao pássaro esquecido de seu canto
ensinar a garganta?

Ao esquecido de si que restaria
 senão enumerar os nomes
 para a forma à formosa e o chão ao sítio? Pois
 era no país da Paraíba a vila
 do Ingá do Bacamarte e uma garganta apunhalada
 em Girau do Ponciano e em São Miguel
 São Miguel dos Campos, Barra de São Miguel, país
 dos Torres,
 comemos moqueado o bispo português
 comi depois uma condessa de Frankfurt enquanto
 vinham
 Margaret, Angela, Monique a flor
 de seus cabelos na flor
 do aguapé das lagoas e o Passo
 de Camaragibe e o mar de Maragogi por onde
 Calabar
 e a flor de ouro das canas no país de Alagoas. E
 ali
 o velho Torres tivera seu engenho Botija e era
 um senhor de engenho sem força de governo e perdeu
 o que tinha no Botija e foi obrigado a vender seu
 engenho copeiro com suas almanjarras e sua burra
 seleira
 e até morrer queria comprar de volta o engenho e
 recuperar o dinheiro perdido:
 — “não se meta mais com esse engenho onde perdeu
 tudo” —
 e o velho teimoso e sábio insistia:
 — “onde é que possa achar o que perdi senão onde
 perdi” — e no sonoro
 nome das terras de um país de água viva e doces
 fêmeas
 procuro e caço o medo da morte
 e o medo do amor
 até morrer — e às vezes súbito
 no bergantim da noite os teus olhos de ouro — e
 ao luar
 da pupila a rosa
 de teu rosto a rosa
 de teu nome ó

L

E

a m o r

rosa erguida no mar em haste de água — rosa
à minha lapela — rosa
cravada sobre o coração
rosa em haste de sangue
e às vezes
haste de vinho e Sônia e Sandra e Laura e Mônica
e vem Mylène de cintura fina e Carmen e Laís e tu
rosa sem haste da impossível noite
sobre o lábio a arder
a cicatriz do beijo único:
pisa — disseste — a memória desse beijo — e
quando
sua flor me despontar de novo à boca cingalesa...
— e mais não disse e às vezes
era sonhada e no sonho seu moreno pé
esmagava as violetas entre ruínas da Via Appia
antica e sua boca
estrangulado o beijo
queimava o gélido vento da Flandres — e onde
buscar o que perdi senão onde perdi?
E às vezes nem o nome e tua beleza persa
sustenta o boulevard e rememora
ao cantor o tom querido
e partida na mão a flauta inútil
feito soluço o que seria beijo
o que fora teu nome se faz lágrima
angústia nos pulmões o que seria
sobro na flauta
inominada amante:
um ao outro indizíveis oh!
challenge to Venus! Challenge to Venus!
Por isso digo tanto rosa estrela mar
memórias de teu nome, irmã
e da rosa e da estrela e das águas — e às vezes
a noite do Equador nas orelhas de Nena
tingia os teus cabelos
quem sabe em que país e norte e lessudeste
além de Jaguaribe e Mel Redondo por onde

Martim Soares Moreno e Pero Lopes
e de seus bagos venho
sobre popa e proa douradas
tingido de negro, de arco e frecha e barba rapada
e nu na proa dourada vou
falando a língua:

ΕΛΕΥ
ΘΕΡΙΑ

IV'

Diz o Capitão Martim Soares Moreno que
vindo do Maranhão para o Brasil
arribou a Índias. E o polegar no ouvido o resto
da mão esquerda em trompa arribou de
Mel Redondo:
caboclo do Geremoabo Feitosa
dos Inhamuns Mourão
do país dos Mourões e raiz
de Olinda Igarassu Olho d'Água das Flores Ingá
do Bacamarte Limoeiro de Anadia
Oliveira Aguas Belas Água Branca dos
Torres raiz
de Geremoabo Ipueiras Ipu e Crateús
Poço das Trincheiras Tanque d'Arca Boca da
Mata e Jacaré dos Homens
e além da Ibiapaba e Borborema
o polegar no ouvido arribou de Mombaça
o curral saudoso no Arco do Triunfo no país da
França
na Piazza San Marco Marble Arch e mármore
de Atenas:
vou aboiar, Coronel Geraldo, vou aboiar
e este crepúsculo e o curral saudoso e o quebrar das
barras
tenha paciência — mas eu vou aboiar — e no
poente da Europa

ondulou tremulante o aboio de Alexandre nas
quebradas
de Tamboril — e aboei no poente do Reno
e o curral saudoso
e a cólera do gendarme e o espanto gótico
dos bispos príncipes de mármore erguidos do
sarcófago em Colônia
e na Piazza della Signoria e no curral saudoso
e no punho de bronze estarrecido
o punhal de Cellini a pajeú no cós
tenha paciência, mas eu vou aboiar
e aboei, Coronel, e a Borborema a Ibiapaba e as
barrancas
do São Francisco, Dantas, onde sois doutor: e a
flauta
de Apolo serenava na ribeira helena
ao dolorido aboio
e o aprendiz ensinava e as ribeiras
do Sena e do Danúbio e Belgrado e Viena arribavam
Capitão, à vossa capitania hereditária: país de
Geremoabo sesmaria
de Amaro e Gesuino e seus bois
pastando o amarelo
da amarela tarde, pois,
em meio à peripécia lhe disseram:
ia partir para uma ilha deserta e tinha
o direito de escolher três livros:
e escolhi uma faca do Cariri
uma espingarda Winchester
e uma rapariga serrana:

e era uma vez uma viola de pinho
dois olhos negros cantando
sobre os rochedos da ilha:
do gume da faca o gomo
dessa flauta de taquara:
e às vezes a mão esquerda
dedilha teu corpo nu
e ao gatilho da direita

tiro seco de Winchester:
 cai a avoante do céu — e às vezes
 o mar parece
 sobre os rochedos da ilha
 um verde boi sonolento
 e o langue longo chocalho
 — sertão de longe é lonjura —
 e o pasto bom das espumas
 e o polegar no ouvido e o resto
 da mão esquerda em trompa
 aboiei, Capitão, naquela tarde,
 aboiei para sempre (e a flauta
 de Apolo serenava na ribeira helenica
 o dolorido aboio) — e desde
 quebradas de Quebrangulo às Ipueiras e Aguas
 Belas
 da ribeira do Parnaíba à ribeira de Kypros
 serene o touro a flauta de tua coxa

Ε Ύ Ρ Ω Γ Η Σ
 Π Η Σ

ao dolorido aboio.

18'

Pelas restingas perigosas
levávamos tudo bem olhado e sondado quando
surgiram as sete náus francesas
a buscar mulheres e gados a França:
fugindo delas e dos mares que me comiam, saí
a umas terras — tudo quanto se pode imaginar
de temperadas e boas
de muitas águas vivas e muitas e grandes madeiras
e este ano para mim todo foram descobrimentos
navegando por dentro das bahias, correndo aloeste
um dia um navio pirata de dezoito peças de
artelheria com que pelejei
me matou toda a gente, que foram dezenove
homens
não ficando mais que três e um menino todo em
pedaços
e eu fiquei com vinte e três feridas, com uma das
mãos cortada
e uma cutilada no rosto e preso em terra
estrangeira
os capitães covardes pediam minha morte
por ser eu da raça dos que descobriram o mundo
e a possessão das terras — e vieram
mulheres de Dieppe intrigar
contra minha cabeça os capitães
que a meu rei não servem — e de seus alcouces
polacas mal paridas e megeras em fúria

esses cães açularam: e os que estamos
a serviço de descobrir e possuir a terra
freqüentamos a morte.

Atestado de óbito — cartório de Sobral,
4 de novembro de 1856:

“— o Coronel João Bento de Albuquerque, branco,
viúvo, de 70 anos, morador no Sítio
Algodões, faleceu nesta data por desgraça
de eleições e era gente dos Mourões” e por
outras desgraças

por desgraça e por graça de amor
é nosso exercício a gentileza da morte — e este
é o punhal de Vicente Gomes Parente
e pendurado entre o Goethe e o Shakespeare sua
bravata

goteja sobre a estante o fantasma
de suas punhaladas:

“I am not so sexy as to like blood” — ouvira
Meyer-Clason —

e a condessa

sorria entre a pistola do conde e o rosto pálido do
aventureiro russo

e não houve sangue e já não era em Veneza
o caminho da Grécia: por um rastro de sangue
trago notícias da Grécia e meu tetravô
ocupava o mundo

e ensinava a partir e chegar da viva morte
e morava no lombo de seu cavalo alazão
e o chão em que se erguia

não lograria ser mais vasto

que as patas de seu cavalo — e na garupa
levava sempre o par de alforjes de couro e nos
alforjes

lençol de linho e manta de cochonilha e um frasco
de alfazema do monte:

em toda estrada há sempre uma serrana e sempre
a caminho do amor — e por ali

é o caminho da Grécia: nem se despeça
dele o coração do peregrino — e para a bem-amada
rescenda sempre o macho nos lençóis de linho
à alfazema do monte: assim
Lancelote da Franca na guerra da Bahia à frente
de seu terço de soldados em sua armadura
fulgurante saía a combater o bátavo
os cabelos e o corpo banhados de perfume
e o hebreu Antônio Dias Paparobalos se vendeu ao
holandês e os urubus da Bahia
recusaram o pasto de seu corpo entre a carniça
de portelas raposos e batistas
e a triade de súcubos insepultos:
as raparigas desejavam o corpo de Lancelote da
Franca
com a senhora Morte era galante — e assim
corresse seu sangue entre perfumes Claudenor:
com três cabras armados invadiu a casa de Otávio
Aires
e carregou a filha mais moça
galope ao vento da estrada de Limoeiro
no cio da madrugada: — sempre
sonhei ser raptada em teu cavalo —
de Arapiraca a Porto Real podem beber de graça
em todas as tabernas
e disparar as pistolas no caminho e era
entre os canaviais da várzea
cheiro de pólvora cheiro de folhas e cheiro
do suor dos cavalos excitados ao cheiro
da semente humana — e Laura
Laura Nogueira — sou eu, my dear,
vim desde o norte para te ver
posso ficar três dias, meu marido me espera na
próxima semana,
no quinto dia o avião da Panair se espedaçava
entre Pernambuco e Ceará e entre os destroços
havia um brinco de ouro numa orelha mordida e
o fogo
poupava os cabelos à la garçonne os olhos cinza e o

coração boiando sobre os dilacerados seios
e o coração
cercado de chamas
Cor Jesu, o Padre Mateo, o Padre Vicente, o Padre
Smithuis de voz melodiosa na noite de
Congonhas
Cor Jesu, fomalha ardente de amor, miserere
nobis — e o coração
cercado de labaredas e o êxtase
de Margarida Maria Alacoque:
moreno dois olhos negros
que parecia um Mourão
desses que descem a serra
de perneiras e gibão
com uma rosa no peito
e uma viola na mão:
é dia de dança e festa
da Virgem da Conceição:
pegou francesa branca
e mostrou-lhe o coração
— ai, gigolôs arrastando
débeis fêmeas pela mão —
ficou a francesa branca
mais branca do que algodão
e Jesus de Nazaré
a carregou do salão
e em Paray-Monial
rolaram flores no chão
quando a louca Margarida
na desvairada paixão
nas mesmas chamas do dEle
acendeu seu coração:
ai, Jesus das Ipueiras
ai, Margarida Mourão!

E súbito Araci recorta os hinos, Maldonado,
os hinos de Araci de Almeida — e os dedos
do poeta dedilhavam
as grades da prisão — e o sal
das lágrimas das fêmeas lhe temperava a boca:

c'est moi, Mylène, mon chéri,
venue do Porto Alegre pour te voir — e em Porto
Alegre

Aída matou o gigolô na Casa Verde
com cinco tiros de um revólver Taurus
e Laura Martinez abriu uma loja de flores — não,
Laura Nogueira entre Pernambuco e Ceará
loja de prantos loja
de corações, pois nem o fogo os destrói, y tengo,
Fleifas

neste bairro de putas de Buenos Aires o coração
hecho pedazos. Silvinha — lembrás —
desatou o fecho-éclair do blue-jeans e fez amor
todas fazem amor, querido, mas não em
madrugada de chuva
no cemitério sobre o túmulo do avô com Manuelito
Porto — e os mortos
dormem entre seus cravos amarelos e a semente
da morte — a morte
dorme

na relva de suas coxas no túmulo de sua mãe:
Gilena se deitou com o francês do bar
quem faz o amor, quem faz a morte?
ninguém faz nada desde aquele tempo e as velhas
sabem ruminar e moer na memória
memórias de amor e morte — e caminham
castas para o cemitério e sobre
suas louzas, os blue-jeans arriados
Silvinha e Manuelito e Gilena e o francês do bar
— Dominique, voilà —

e uma tarde
sentarei meus filhos em meus joelhos
para fazer o que sei:
contar histórias de amor e morte e sei
o caminho da Grécia e o caminho
da sepultura e ali
sobre os ossos de Apolo
farei amor contigo, amada,
e macho e touro e Mourão
te escreverei no ventre
um nome.

IE'

Subia Pero Lopes o rio dos Beguaes e ali
dormem os homens onde lhes anoitece
e são mui tristes
o mais do tempo choram:
suspiravam sempre e não faziam modo
senão de tristeza — e veio um dia
o farmacêutico do Ipu, pois era, naquele tempo
o soluço do capitão:
no silêncio da noite
morto o eco do relincho das éguas morto
o rolar do rio nas ribanceiras era
da camarinha à calçada da rua
o soluço do Capitão: por quem soluçava ele
na noite de Ipueiras?

Antônio Soares consultou o Lunário Perpétuo à
luz da lamparina:
Soluço — suggultium — contração espasmódica do
diafragma seguida de distensão, em
virtude da qual o pouco ar que entrara
no peito é expulso com ruído" —
e sobre o largo peito sobre a hirsuta pele
a haste mergulhada na garganta
tremia ao vento da vila atônita
a flor de seu soluço: por quem

soluçava o Capitão?
Suggultium doridaíssimo
rasgador de corações
que vinha do coração
e nunca do diafragma:
em silêncio o rio a brisa
e o gramofone da sala.

Por quem, fixos nos meus os seus olhos azuis
transida neles
a face que hoje tenho e transidos
nos olhos do menino o olhar das que morreram
das que iam morrer de seu amor
da que ao doce veneno deste amor
na morte gota à gota degustada
morria de não morrer:
por mim por ti por quem
suggultium amarum
In amaritudine amaritudo mea amarissima
por quem, boticário do Ipu,
olhos fixos nos meus
três dias e três noites
na noite de Ipueiras
soluçava o Capitão da raça dos Mourões
naquele tempo?

Causa mortis de meu avô: — soluço — suggultium
firmava em latim o boticário do Ipu: naquele
tempo,

tempo de Alexandre e Cascavel
segundo os reis eclesiásticos
encontravam-se na Capitania

9.371 fogos com 34.181 pessoas de desobriga
e eram vilas freguezias capelas fazendas de criar e
engenhos de fabricar o mel a rapadura a
aguardente

e pelos fogos e suas pessoas de desobriga
soluçava talvez o Capitão —

pela cana-crioula pela cana-caiana cana-fita
cana-rosa cana-preta
cana-bambu cana-cabocla carangola
cana-bourbon cana-de-cuba flor-da-flexa
pelo engenho baixeiro que não canta mais
na gitirana em flor algemada a almanjarra
pelo cocão partido pela ossada dos bois
pela rede no alpendre pelas
ancoretas de aguardente pelo
jumento morto no terreiro
e a filha inupta e o rifle pendurado
por Pedro morto à faca e Alberico à bala
por Francisco enterrado aos oito anos
pelos vivos pelos mortos
pelo neto romeiro e sua perdição sua invenção
ó pé-da-serra dos Mourões ó lezírias e montes da
Tessália
do largo peito ao coração do infante se partia
da partilha de teus poderes o poder
de teu soluço de morte

IS'

Todos os navios que forem ao Maranhão e Pará
lhes será forçado hir a reconhecer as terras do
Ceará

ali é terra de barro bom pra homem e ali
nasceram José, Francisco, Antônio e Josué e ali
é o país dos Mourões e do seu chão
touro e jacinto —

e por ali
é o caminho da Grécia
e eu inventei o caminho da Grécia na serra
de São Gonçalo dos Mourões
e fui o primeiro a inventar o caminho da Grécia
e sempre que me perdi
me perdi no caminho da Grécia, amada,
e sempre que me inventei me inventei no caminho
da Grécia e esta

é a alpercata de Apolo, Godo,
e este é o lombo do touro e tu
és a de cintura fina e a terra
tem muito sal de salinas, muita
abundância de ostras no mar muitos mariscos
lagostas

muita caça boa ao arcabuz
muito pau de tinta amarela a que chamam tatagiba
e outro pau de madeira preta de muito valor
muitos algodões
mais de quarenta léguas ao redor de si

muitas frutas as melhores do Brasil
como são cajus e mangabas que sustentam os índios
e fazem casal mais de três pipas de vinho do
próprio caju
fraldas de serra e várzeas para cana
as cavalgadas se dão grandemente
e os franceses carregavam quantidades de terra
para a França:
venho buscá-las e os gringos estão levando para
Massachussets
a minha terra com o sangue e os ossos de meu pai:
sobre o lombo do touro, Mestre Adão, com
Clodomir e Célia
vamos buscá-la.
Ressuscita o homem moreno de Amaralina,
companheiro,
vamos buscá-la:
com o negro Henrique de pouca letra e muita
espada
com Maria e as mulheres e as crianças com Anita
Garibaldi
vamos buscá-la
com um terço de Feitosas e Mellos e Mourões da
Canabrava
a ferro e fogo vamos buscá-la
a frecha de Iracema e de Poti
aljava e lira a tiracolo, Apolo,
vamos buscá-la: são os ossos, Clodomir,
de teu pai — os ossos
de José Ribeiro Mello de Francisco Mourão e dos
outros
os ossos da velha Úrsula Mourão, da Canabrava
dos Mourões
vamos buscá-la — é o chão sagrado
onde crescem as palmeiras e os santos aparecem
com Pero Lopes de Souza
e de seus bagos venho

com o vaqueiro de Santa Maria dos Mourões
com o cantador da feira de Águas Belas
com o compadre Jarmelino
vamos buscá-la
e plantar no seu barro
uma bandeira feita de material de aurora:

ΕΛΕΥΘΕΡΙΑ

12'

Coaracy — te lembrás? — Coaracy Gentil Nunes
irmão de Janary, Pauxy e Amaury
and other names ending in y:
viajávamos deitados no chão de ferro do velho
avião de guerra americano e bebíamos no
gargalo
o áspero whisky contrabandeado da Guiana
Old Smuggler, Long John, Red Label
and other colour labels
com o capitão-dos-portos de Macapá onde eram
o rumor dos goles na guela e o estrondo
do Amazonas no mar:
as caboclas do Território
dançavam com Coaracy, deputado federal galante
e bom e todas
pediam: — “Cora, dance agora uma valsa comigo”
— e Cora —
Coaracy Gentil Nunes dançava e dançou até
à madrugada e o filho
dos Mourões — Mourão
banhou-se no rio barrento com as duas índias de
selvagens peitos
e as sibilantes cascavéis celepravam o cio entre os
crótons e o Capitão
dos Portos e o geólogo belga gargalhavam bêbados
enquanto

o Tenente Garcia, boliviano exilado, saudava a
tiros de pistola
os corpos nus tremendo na barranca onde jogavam
patéticos a vida: e o amor era mais forte ao desafio
da morte sibilada nos crótalos à aurora
dos guizos do Equador.

— “Mourão — dizia Coaracy — este é o marco zero
da linha do Equador
e aqui
começa o país de Capricórnio” — e era
ali o crótalo da aurora — e do banho
do Amazonas pus o corpo a banhar-se
na aurora do Equador e no terror dos crótalos
ao perigoso amor. E agora, Tétis,
quem irá golpear o invulnerável corpo
banhado inteiro aos crótalos da aurora do Equador?

E que não saberia do alvo que restou, Aquileus,
e não lavado, pois
pousa nele ainda o calcanhar de um deus — da
Musa? — e mergulhado
no sangue dos Mourões nas lágrimas da amada o
coração
envolto em casca de amor em pele de saudade
o carpo
de seu fruto oferece à pontaria hoje
do deus de arco de prata:
e sirvo para o amor e sirvo para a morte e sirvo
formas de amor seios triângulos
de onde os ventres se alisam,
sirvo teus olhos verdes que me servem
nos serviços da morte em que me empenho — nos
serviços
de Afrodite e de Perséfone.

Naquele dia viajávamos ao sul do Oiapoque no
pequeno Beechcraft do Governador
e o boliviano exclamou: "vamos todos morrer,
carajo!"
e aqui estou e não se enxuga
no corpo invulnerável, Tétis, esse banho
dos crótalos da aurora do Equador
e voltávamos sem Cora, Coaracy, no velho avião
Junker de Muniz, capitão negro
e nos despencamos do céu sobre as matas
amazônicas
e pálidos e incólumes sorrimos
entre rebanhos de garças de Arari e búfalos de
Marajó
e em sua casa flutuante sobre o rio o velho sírio
Abdala
possuía o segredo de marcar encontro com o
milagre e marcou
ao ritmo das águas do rio a montaria
do missionário descia na corrente e a morte
serena ia abrangendo o rosto maronita de Abdala
e Cora — Coaracy — deputado federal galante
e bom,
não se banhara ao crótalo
da aurora — não trazia
o corpo invulnerável:
espedaçou-se no Beechcraft explodido
todos muertos, carajo!
e nunca mais no marco do Equador
a noite do Território nunca mais há de ouvir
na carnuda boca das caboclas
se juntar a seu nome
convite à valsa.

In'

Indo nós para as náus nos deu
por riba da ilha um pé de vento tão quente
não parecia senão fogo
ficamos todos mui espantados
daquele vento: fomos todos com febre
e na garupa do cavalo do Capitão meu avô
o suor do cavalo e o suor do Capitão
e o cheiro forte das folhas
e o clangor das arapongas
na ladeira da Água-Fria e no engenho Cadoz
disse o Capitão:

Compadre,
este menino está com febre — e até hoje —
a náu capitânia foi de todo perdida
caiu-lhe o cabre — navego
o mar a febre o chão de folhas verdes e o canto
das arapongas clangorosas
fiz graus perdidos e com o fio da Parca
se cobravam
alcovas ao labirinto
trovoada seca de esudoeste
e mui gram vento e não havia
homem que lhe tivesse o rosto
ia dar sôbela ilha não saltara
súbito o vento: uma ilha — e quis
Nossa Senhora e a bemaventurada Santa Clara

cujo dia era
que alimpou a névoa e reconhecemos: era
a ilha de Cananéia
(ilha do Bom Abrigo, 25 graus, Códice da Ajuda)
contra o código é desabrigada
do vento noreste e suldeste: quando venta
mete mui gram mar. Um rio
na barra de preamar tem três braças e dentro
outro rio e em Dois Rios éramos
dois mil e trezentos prisioneiros além
de Demóstenes González e Agildo Barata e
Belmiro Valverde
e Osvaldo França ouvia sonatas
e o sargento Francolino de olhos verdes e rosto
de cobre
havia sublevado os navios e Aguinaldo César Cals
amotinou a maruja e o marinheiro Gregório
encostou o cano do fuzil na nuca do Capitão de
Fragata
e Hasselmann tombou varado à bala
e iamso no bergantim e os condenados morriam
nos porões
e os mariners americanos escarneciam no porto
e Braulio Guimarães os mandou à puta que
os pariu
e Pacheco de Andrade os chamou de
malditos
e eram oito ou nove braças de tempo até à ilha
e a um braço
do labirinto, Ariadne adormecida,
mordi o fio da Parca
e o bacharel havia trinta anos vivia degredado
nesta terra
e aqui estamos, Tomás, os degredados filhos de Eva:
degredado do rio, da palmeira, das moitas olorosas
do rifle do sertão
degredado da cana-caiana
e do cavalo melado e seus relinchos
e era uma vez um touro e seu urro nas noites de

Ipueiras
e o canto de um galo sob as goiabeiras do quintal
era uma vez teu braço poderoso contra o trovão
e o raio
— “Capitão” — diziam — e à porta
da igreja entre imagens silenciosas
eu te sabia Deus:
degredado do avô, do cavalo estradeiro
não cante o menino perdido outra canção na
estrada:
por seu tom
saiba talvez um pássaro errante
caminho de voltar:
no pátio do Hospício de Santiago mostrava Hugo
Alexandre:
repete um louco a incessante história há trinta
anos
de repente, quem sabe, a palavra delirada
encontre o fio de Ariadne
canta, Tomás, Gerardo em seu labirinto e parte
com Pero Lopes com oitenta homens
pela terra adentro com teu homem verde, pois
o navegante se obrigava em dez meses
tornar ao porto com
quatrocentos escravos carregados de prata e ouro:
assim partimos desta ilha
os quarenta besteiros e os quarenta espingardeiros:
ali temos estado dias e séculos e neles
nunca vimos o sol:
de dia e de noite nos choveu sempre
com muitas trovoadas e relâmpagos
nem nos ventaram outros ventos senão
sudoeste-sul
grandes tormentas destes ventos e tão rijos
que em nenhuma parte os vi ventar
perderam-se nossas âncoras quebraram-se nossos
cabres
se apartaram de nós os bergantins
e estava o bacharel de Cananéia no quarto da

modorra, bacharel
da Gávea e do Leblon, de Villaguay e o bacharel
de África e França e Copacabana e Buffalo, USA,
bacharel do Cerro Castillo e de Saint-Cloud
bacharel de Itabuna e Caballito agora Virrey

Loreto

bacharel de Ipueiras e Alagoas e de Viña del Mar
repete ao mar Pacifico a cantilena do louco
a pelicanos atentos e gaivotas levianas repete
em tua flauta o teu degredo
dos engenhos da serra e dos bodes sertanejos
teu degredo

de Carmen Dora e Lúcia Isabella

de todas elas:

era tanto o vento do nordeste
que virando no bordo do mar me levou
o traquete d'avante.

Id'

Tomei o sol em trinta e dois graus e um terço
com um pé-de-vento do norte, árbore seca
um dos bergantins não aparecia — dei
um calabrete por popa pois não podia com a vela
grande era o mar, com papafigos baixos
fazia-me da terra vinte léguas
do cabo da terra alta me fazia cinqüenta e quantas
quantas, amor,
de teus dourados promontórios
quantas quantas
da sepultura onde cresceram
de teus olhos
verdes
relvas.

E até quando as naus em paio? O grande mar
nos vem ter ao convés e meteu-me
dois quartéis para dentro: entrou tanta água
que entrambas as cobertas
me nadou o batel:
arribamos alagados
até o quarto da modorra e andava
o mar de sudoeste com o nordeste — cruzavam,
que não havia homem
que se nas naus tivesse:

na terra, Luís,
tanta guerra, tanto engano
tanta necessidade aborrecida,
no mar tanta tormenta tanto dano
tantas vezes a morte apercebida
no ar tanto fedor tanto mau hálito
tanto raposo tanto aliomar
tanta chuva de merda
de um castelo de merda e esgoto roto
descarrega residuos de sarmentos podres
portelas de Caronte e anabatistas energúmenos
convocando a triade
de súcubos que devoram
semente humana:
mas em vão — que além
as serras que azulam no horizonte, Alexandre,
estão
semeadas de Mourões e os caminhos da Grécia
semeados de Mourões e não morre Pero
e de seus bagos venho
da raça dos que descobrem o mundo
e há uma raça dos deuses
e uma raça dos homens
e a raça dos que caminham
entre os deuses e os homens
de serras da Ibiapaba
a montes da Tessália e sabe de Odisseu
trincar as águas com traquetes limpos
no bordo sagaz de sulsueste
e naus ao paio — e o vento
se faz bonança, Godo,
e vimos da gávea ao noroeste um fumo
lançar a sonda e demandar o fundo
e ao sol da primavera a bordo
de Miguel e sua gaivota — e
de uma vinha no mar
coroados de pâmpano bebemos
à saúde do Aconcágua e saudamos o Aconcágua

e depois da tormenta
é o quarto da prima é o quarto d'alva é o quarto
da rosa e a terra é mui formosa ribeiros
de'água negra seus cabelos
e muitas hervas e flores
como as de Portugal e das rosas
de vinho e do vinho das vinhas do mar
somos os grandes bêbados cantando
a canção incessante e da voz repetida
repetem-se rapazes raparigas e
o chão floresce e a caminho
da ribeira da Grécia pelas ribeiras
de Jaguaribe e Mel Redondo
a Musa arredonda as ancas caminhando
e caminhar caminhando é meu destino, Alberto,
estafeta de um Deus trago notícias — algumas —
da Grécia.

K'

Caminho ao longo da costa
sondando sempre
governando dois relógios aloessudoeste
achava vinte braças
governando outros dois aloeste
vinte e cinco braças dava em fundo:
governador dos relógios
dispõe o coração, amor,
a hora tua
e as horas todas do quadrante horas
de todos os quartos
Dalva prima e modorra e são todas as horas
o caminho da tua quando
o nordeste despenteia as algas
a julavento de tuas coxas.

Assim é o mar: súbito me salta
um pé-de-vento sulsudoeste ao sul
com tempestade muita
e o mar mui grande e grosso
quinze braças de fundo de lama mole:
não me atrevi fazer à vela
e à quarta do sudeste mandei fazer um aúste de
cento e vinte braças

tamanha era a tormenta e a nau metia
todos os castelos
perguntado o prumo respondeu teu nome sob as
ondas

e vou caçando as léguas e parece
o mar mais alto do que a gávea
quebra-se o aúste da âncora
e me faço ainda à vela
contra rezam de marinheiraria e quando
fui varar na praia e pareceu-me
podia cobrar terra
quebra-se o traquete em dois pedaços
e a ponta demorava a lessudoeste: a uns
parecia cobrá-la — outros
bradavam que arribássemos
era tão grande revolta pela nau — que nos não
entendíamos:

mandei meter toda a gente na coberta
o piloto tomar o prumo e eu
me fui à proa
e determinei fazer experiência da fortuna
porque se não dobrava a ponta
não havia onda varar
senão em rocha viva onde
não havia salvação:

e prouve a Nossa Senhora e ao seu bento filho
que a dobramos — e à madrugada
surgias entre riso e prantos
no galeão de Jânio e Pellegrino
e quem soubera, amor, se nos partimos
a mar mais alto a caravela errante
sem cabres sem batel sem âncora, pois
diz o piloto que vamos à fortuna
contra rezam de marinheiraria.

Ruim o mar: meti
na caravela os que melhor sabiam nadar

as armas metidas em uma pipa funda por se não
molharem

dois barris de mantimentos para oito dias
e mandei à caravela que se fosse à terra
e surgisse quando não desse seco e dali se fosse
nas jangadas que levavam da nau francesa:
Michelle, aliás Andrée, Michelle Taillandier
Dolly, Annie, Janine, Claude talvez — quem sabe
Sylvianne

aos olhos ouros de Ginette
em quartel das ancas entre a nau francesa
flutuavam no mar e ao mar do boulevard, Anne,
Anne-Marie Aribreau asselvajava os seios
à memória dos ventos negros
do Senegal:

pisei a terra com assaz trabalho
e pereceram muitos e eram
lancinantes os olhos do Senador Jucá
assobiando a toada à interminável noite:
— vem, doce morte — e a morte veio
o adeus na carta emburilhada em perfumes
ce soir ou jamais — outros morreram afogados
outros de bala e um
que morreu de pasmo:
de pasmo, Godo, continuamos vivos
no bergantim de taboado de cedro
e é pasmo estarmos vivos
entre tantos mortos:
de que morreram tantos?
Talvez Francisco de inocência
o Capitão de seu vigor
Geraldino da loucura
de flechas de Eros Magdalena
Maria Helena aquela noite
Edgar de um tiro de quarenta e cinco
e de cansaço o Senador
Pederneiras por seu whisky
Pedro por cerimônia
Bráulio por cumprimento
morreu Clarice de volúpia pura
e em grande mar de mortos navegamos

trincando o vento até meia-noite e um dia
será dia de mortos
como todo dia
e João e Bernardo e Clara
e os meus e os teus, Efraín
se lembrarão de nós então
no grosso mar onde navegam
saudosos bergantins a ventos memoráveis:
na selva de Berrueco o libertador arcabuzado
Che Guevara com sua dália de sangue no coração
o filho de Amaralina em mar de asfalto
Camilo com sua cruz e seu fuzil
boiamos entre os mortos Clodomir e boiam
na espuma cravos de defuntos.

Quem sabe um dia, de chapéu na mão
a saudação galante e antiga repitamos:
"perdão, Senhora Dona Morte,
por chegar tão tarde".

Nessa estrada paulista
a que horas, Vicente,
teu relógio parou?

Sabedor de amantes bem sabia
hoje a doçura das amantes cruéis
hoje a crueldade das amantes doces
e quem achara a verdadeira
a que de amor se nutre — quem achara
a imolada imoladora
rosa do cantor rosa do bêbado:
a melodia de seu corpo ouvi e no caminho
da Grécia
o poeta voltou por ela as costas à condessa da
Itália
a melodia de seu corpo ouvi
capaz só ela de o sonoro corpo
o canto pleno ressoar

quando os cinco sentidos peçam morte
morte
peçam vida
vida.

ἑλευθερία

Para isto sou vindo
aprendiz da morte aprendiz
da ressurreição da carne.

E uma noite tomou o Capitão conselho com os
pilotos:
não se podia ir pelo rio de Santa Maria Arriba
os mantimentos se perderam
as naus estavam gastadas e o rio
era inavegável:
era a força do verão e o verão
podia mais que a primavera:
mandou-me o Capitão pôr uns padrões
tomar posse do rio em nome del Rei Nosso Senhor:
e contra a força do verão
sem mantimento em nau gastada
por rio inavegável
em nome teu, amor, hei fincado padrões
portos adentro portos afora
e o meu padrão entre peluda relva
na terra de teu ventre memorável.
Vinte semanas por tornar trabalhou Pero
e de seus bagos venho
quarenta anos trabalho por não tornar de ti
desde a infância de Carmen Neyde Araci
e Teresa, filha de Damiana,
puta da beira do rio e todas
caminho de teu caminho, Liberdade,
amor de amar até à morte.

Ka'

Com o sol em onze graus e trinta e cinco meúdos
de Sagitário
e a lua em vinte e sete graus de Tauro
parti do rio dos Beguais:
de graus de Capricórnio a graus de Aquário venho
caminhei caminho que se corre aloeste
Cabo das Tormentas Cabo Não
levava um bergantim com trinta homens em pé
de guerra
e era uma ilha e nela surgidouro
de cinco braças de vasa mole
descobri um alto monte a que chamei São Pedro
ao pé do dito monte de São Pedro assei dois bodes
degolados
com água do mar salguei e assados
lhes comi os colhões
e ao pé um monte não São Pedro
monte de Vênus quarto da prima
reclinada a cabeça fui dormir
e é tudo formosura neste monte
aí me tens aqui
me posso estar .
aqui comecei de achar água doce
e doce ar
na doce dor de caçar o cansaço
no quarto da modorra.

E havia muitas perdizes e codornizes
e outra muita caça — e até fartar
comi a perdiz e a condorniz assada:
da terra não me fartei — a terra
é a mais formosa e aprazível que jamais cuidei
não havia homem que se fartasse

de ver

de olhar os campos e a formosura deles
terras do Ceará e Mel Redondo
as terras fêmeas e os cerrados machos
e os canaviais, Pernambuco, os teus
e as tuas colinas, Alagoas, de lagoas e coqueiros
e teu campos, Miguel Marcondes, entrando
pelos pulmões ao vento matinal de Ponta Porã

Dourados

Serra do Amambai — ali o Paraguai — e bebe-os
Joaquim ainda temperados

ao sal marinho de Botafogo e ao cheiro
da pólvora dos clavinotes de Generoso Ponce
na guerrilha de Mato-Grosso — e canto
as terras guerrilheiras os cabras morenos
bebendo sangue no Raso da Catarina, Nertan,
e o cadáver de Antônio Conselheiro
espantando um exército com suas tripas abertas
e sua cruz e seu rosário e seu trabuco
e Saldanha da Gama arcabuzado

e as degolações dos gaúchos — 1893-1895
o Barão de Serro Largo matado a machadinha
e as matanças do Desterro Moreira César

Canudos Contestado

Firmino de Paulo desenterrou o cadáver do
guerrilheiro Gumerindo Saraiva:

“as orelhas são minhas” — diz o General
Rodrigues Lima em altos brados — e
um major

separa a cabeça do tronco
e o capitão-do-mato, Abdias,
entrando com seus cavalos no povoado mineiro
e uma fileira de quatrocentas e oitenta orelhas

de negros escravos penduradas nas cangalhas
e Pinto Madeira bacamarteado sem apelo nem
agravo

Pois canto a terra e canto
esses que foram plantados nela
um Pereira, de Pajeú de Flores, um Lopes, de
Várzea Formosa
e Maria, chamada Maria Bonita,
a beleza de seu rosto degolado
ao lado de seu macho e capitão:
são o nosso caroço na cova do chão — e aguardo
sua flor e seu fruto, Clodomir, nas catas altas
de Minas Gerais, Hélio, talvez
talvez em teus planaltos, Salvador Romano,
Piratininga nossa, de teus campos
Campos dos Goitacazes de Adão.

Um dia pela manhã
vai se alimpar o tempo
e o bergantim nos leva, Pero Lopes,
do tenebroso mar aos rios de água doce
e em suas praias
vamos beber nossas pipas de vinho e as ancoretas
de aguardente
e comer os colhões assados dos bodes
e os ovos de emas e alcatra dos veados caçados
e afrouxar os cinturões
e arrotar ao sol da tarde.

Kβ'

Estou com gosto de sangue na boca — disse
Benedito, da raça dos Torres —
passamos todos a língua nos beijos e ninguém
disse mais uma palavra e os cavalos reiúnos
sumiram na poeira do Bebedouro — e tenho sempre
esse gosto de sangue na boca e esse gosto
de teu seio Sandra — e as éguas adolescentes
desaparecem na praia rebolando as ancas
e eu creio nelas — creio
em Deus Padre e creio
no rifle papo-amarelo e creio
no mar salgado e creio
na relva negra de teu triângulo, Sandra,
e as irmãs mais velhas nos entregavam as irmãs
mais moças
e as mães
ofereciam as filhas e este
foi o festim de amor de Luciana, filha de Dolores
e de Susana, filha de Raquel
e de Joana, irmã de Marilu
and other females ending in ana e um dia
o caboclo Otacilio procurou o coronel e queixou-se:
Amaro Florindo lhe deshonrara a filha no caminho
do Pilar
e recusava casar-se
e Amaro Florindo recebeu para ser cumprida

a ordem do Coronel:
pagasse o que devia à rapariga e durante
dois anos certo de estar a moça casada o Coronel
não vira mais a Otacílio — um dia apareceu
e perguntado
da sorte da filha da casada:
“Coronel, pois não casou”
irado e poderoso levantou-se
“e a minha ordem a Amaro Florindo?”
“Nós somos pobres, sabe Vossa Mercê, e ele me
deu quinhentos mil réis pela honra dela”
a voz do Coronel se fez macia:
“e você ainda tem filha moça em casa?”
“Duas, seu Coronel”
e súbito, de novo, a poderosa voz:
“Mariana, traga depressa uma nota de um conto
de réis e mande
selar meu alazão”. E a honra
dos machos e das fêmeas galopava
à garupa de nossos cavalos
e voltam sempre à boca esse gosto de sangue e esse
gosto de fêmea
e volta sempre ao coração a pura fé e creio
em Deus Padre e creio
no rifle papo-amarelo creio
no mar salgado e creio
em teu triângulo
e ali
guarda em teu ventre guarda
amor, em tua sepultura
a raça dos Mourões e não me engula
o mar salgado a negra nau
a caminho de Delos

ἑλευθερία

a caminho da de seio alvo e de cintura fina
e há de passar
do lombo de seu touro à sua coxa
pétala à flor de seu umbigo à flor
de sua flor: e aprendi
a arte de pisar a flor
pisa na fulô
ai pisa na fulô
não machuca meu amô e nem a brisa
de teu sorriso apague
o rastro de meu pé:
por ali caminhei, Kyrina,
Angela derelicta Laura calipígia
por ali, Mylène,
banhado nuns olhos verdes
a caminho de ti, Sandra de Almeida, caminho
montes de Vênus montes da Tessália
e em tudo tenho parte: no cheiro
de tuas virilhas e na morte de Robel —
Robel morreu como matava:
quatro tiros na madrugada vide "Gazeta
de Notícias"
Roberto Gomes Diamantino, o Robel,
chefe de quadrilha
durante anos foi o terror de Madureira e
adjacências
e foi encontrado morto de madrugada na rua
Alcobaça
com quatro tiros no peito
e o principal suspeito da morte de Robel
é Osvaldo 32, assim chamado
só usava revólver 32 e Robel
matara Valdecir, vulgo Viola,
comparsa de seu bando
Viola lhe proibira namorasse a irmã
e com a morte de Robel, aos 19 anos,
assume o comando o matador Paraíba
chamado Salústio ou Salustiano em Campina

Grande e Guarabira
e Paraíba era temido pelo próprio Robel
vide "Gazeta de Notícias" e nunca
se defrontaram para acerto de contas:
tenho contas
a acertar com Robel e Viola e Paraíba
incidentes da viagem a caminho da Grécia
onde Isabel e as outras assistiram
o poeta perder-se e achar-se e adivinhar
não há mais de um caminho para a Grécia
e passa pela estrela de teu ventre
e a bússola de um punhal do Cariri
e água e fogo e ar no chão da Vila
do Ingá do Bacamarte
risquei no coração cartógrafo
balisa natural ao norte avulta
o das águas gigante caudaloso
e no chão a alpercata de Apolo, Godo,
e nas ondas o galeão
de Pero Lopes de Souza
e de seus bagos venho.

KY'

Tornei ao bergantim
com muita caça e mel, de Mel Redondo e mandei
meter os remos
e fui-me às ilhas:
corri-as todas e nunca
achei porto nem abrigo em que me meter
na mais pequena achei repairo
do vento sueste era desabrigada
ali estive fazendo pescaria
mandei consertar a padeirada do bergantim
e pôr a artelheria em ordem e irmos
concertados por pelejar:
pois na terra eram fumos — sinal
de ajuntamento de gente
Gonçalo Mourão, de Novas Russas, fiscalizava os
hinos
e um Mello, de Tauá, lia colcheias na partitura
que Iracema Mourão cantava na proa
à onda rugidora
demos à terra e no alpendre
de seu engenho aloeste
da Chã do Pilar na Chã do Mundaú
estrugia sobre os canaviais os cabras e as vacas
mugidouras
o trom de sua voz o velho Oiticica de Alagoas
do vigor do peito o eco fálico

seguiu por outros mares outras ilhas
dei a uma delas, cheia de arboredo,
por lagos de Granada em Nicarágua com um Silva,
Fernando Silva poeta e bebedor de guaro
e outra

Martín García — diz Varnhagen — em teu pais,

Raul,
a que chamei um dia
Santana do Mundaú:
aqui estive toda noite com Jerônimo e Jarmelino
matei muito pescado
de outra raça que em Portugal
peixes da altura de um homem
amarelos e outros pretos com pintas vermelhas
os mais saborosos do mundo
assados na areia.

Sai em terra — nesta ilha achei
muitas aves as mais formosas
que nunca vi —

aqui
vi falcões como os de Portugal
o vento saltou ao sul — saltei
da banda do norte da ilha
muita tempestade
achava de todo nós perdêramos
tornei por onde viéramos
a água corria mui tesa para baixo
doze braças de lama mole e um rio
faz entrada leste-oeste
da banda do sul à boca dele um esteiro pequeno
então vi que tudo eram braços e ilhas
entre que andávamos
e às vezes do quarto da modorra
teus braços olorosos
a punhos iracundos jogava o mar
e aos monstros do promontório de onde escorrem
raposos aliomares portelas e batistas baba fétida.

Vamos remando rio arriba
contra o querer do rio
eram tantas as bocas dos rios
que nem sabia por onde ia
senão que ia pela água arriba:
fez-se noite a par de duas ilhas
pequenas onde surgi
e sempre rios:
um braço ia ao norte
um braço aloeste
e não sabia
onde donde por onde para onde quando
comecei a achar as ilhas
com muitos arboredos e frechos e outras
mui fermosas arbres
arvas e flores como as de Portugal
e outras diferentes — muitas
avas e garças e abatardas — e eram
tantas aves
que com paus as matávamos
quão fermosa a terra delas:
na achada Marajó perdido à noite
entre rebanhos de estrelas e búfalos e garças
caí do céu — e era fermosa
a terra atônita — formoso
o sírio atônito no Amazonas verde
o negro capitão atônito — um certo Muniz
no avião perdido:
“crê em Deus, senhor poeta?”
E o poeta crê sobre seu chão
coisa creada
coisa increada
a garça o búfalo o anjo o salmo
e o doce rei viril na estrela da pupila:
“eu vejo, Capitão”.

Depois achei muitos corvos marinhos
matei deles à béstia
adiante meia-légua me anoiteceu

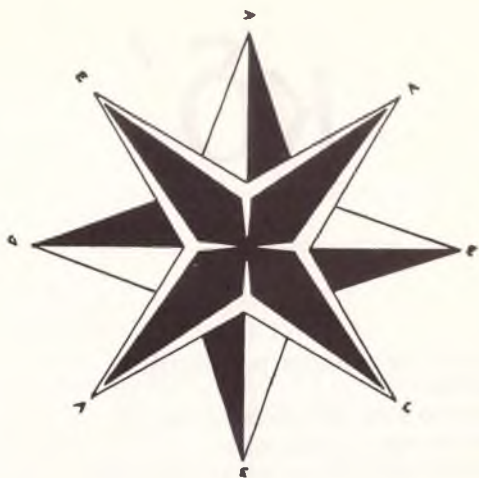
surgia a par de umas árvores onde estive
noites contigo — eras ali
formosa como a terra e a terra
— conta Pero — era
a mais fermosa que os homens viram
toda cheia de flores e o feno
da altura de um homem
e eu te pastei em nuca e cona
o feno e a flor.

Iam uns fumos longe rio arriba
me anoiteceu donde os faziam:
de noite
nos deu rebate uma onça
cuidei ser gente
saí em terra com toda a gente armada
tornei pelos outros braços arriba
dormir às duas ilhas dos corvos
onde Neiva e Nelson e João e um Marcelo granadeiro
e ali grasnavam e fediam
de castelos de merda raposos baleeiros e um súcubo
em portelas de lama:
guiou-me a estrela e fui
dormir da banda daloeste
debaixo de uns frechos
barraca de Frassinetti e um Silva poeta e umas
putas de agasalho em Cuiabá
barrancas do Paraguai e de noite
matamos quatro veados na fronteira
raposos e batistas e portelas
“estão podres — disse Luís — aos corvos”
e não comemos.

Olvido Ayala
Maria del Olvido Ayala
inolvidava a noite paraguaia quando

as águas gemiam a guarânia
do Paraná bravo ao Paranaguaçu
e bem à boca do esteiro colocara Pero
dois padrões de armas del Rei:
sem rei nem lei nem grei
tomei posse da terra
do rio dos Beguais ao Araguaia
e do Araguaia ao Solimões
tomei a altura do sol e era
no ninho de ouro, Marisa Ocampo
lindado em terra argentina
ninho de ouro ninho de estrela
em tuas coxas.

E noutra ilha eram alemães italianos japoneses e
homens
que foram à Índia e franceses:
"che crepúscolo! che crepúscolo" — Napoleão —
exclamava Arrigone no mar de Ilhéus
"perdão, io sono fiorentino"
e Nicanor Parra em Arica
cantava a cueca larga
a essa memorável
Catalina Parra
— e todos
eram espantados da formosura
desta terra
começo apenas
de teus pés
de onde
à bússola pasmada o poeta
espantado de tua formosura
pergunta a tua estrela o espanto
de tua formosura:
em material de estrela o dedo encandecido
na página do chão do céu do mar



e a gaivota e a garça e o búfalo
te constelam
amada
boreal.

Kδ'

Tu noiva de grinalda pelo labirinto
e a peripécia
de teu sorriso e os rouxinóis na cauda
do vestido de noiva desenrolem
os novelos de ouro de seu canto enquanto
eu te chego e te parto:
ao som do mar se parte o bergantim e é
dos bergantins o chegar e o partir
e que importam as algas
e que importam as ondas
feitas e desfeitas
quando a bússola informa
ao coração que chega e parte o espanto
de tua formosura.

E uma tarde
fazia o vento noroeste
caminho à popa
dentre um arvoredor ouvimos grandes brados
e fomos demandar onde bradavam
saiu um homem à borda do rio
com arco e flechas na mão
falou duas ou três palavras guaranis
poranga iporanga porangaba e logo

vieram três homens e uma mulher
sempre me vem alguma mulher e o marinheiro
macho e sábio é dividido
na tormenta do mar entre o mar mesmo
e o quarto da prima e o quarto d'alva
e o quarto da modorra — e a mulher trazia
os cabelos vivos e castanhos
tinha uns ferretes que lhe tomavam as orelhas
e os homens na cabeça
uns barretes de peles das cabeças das onças
com dentes e tudo
por acenos entendemos: queriam
chamar outro homem de outra geração
e iriam e viriam em seis dias
então lhes mandei muitas cristalinas contas e cascábeis
e a cada um deles seu barrete vermelho
e à mulher uma camisa
e Frassinetti presenteava às putas baby-dolls cor-
-de-rosa
e uma vez
foram rasgadas nos dentes as calcinhas pretas
da russa Tatiana no apartamento de Lídia.

Como lhes dei os barretes vermelhos foram
a uns juncais
e tiraram duas almadias pequenas
e trouxeram ao bergantim pescado e taçalhos de
veado
uma posperna de ovelha
desse veado comi e dessa ovelha
a carne chamuscada e bebi
uma pipa de vinho verde das vinhas
de meu avô no Conselho do Mourão
em Trás-os-Montes
de Portugal
e alguns canecos
de aguardente amarela
da uva

dos vinhedos de meu tio
Conselho do Feitosa
comarcas de Portugal, bandas da Beira
e comeram comigo e se foram
por tornar em cinco dias;
seis ao todo esperando tomei
muita caça e muitos veados
tamanhos como bois:
secava as mantas de carne ao sol e levava
os taçalhos dela às naus.
Não vieram e me parti com vento noroeste
mui forçoso:
vim jantar à boca do rio por onde entrara
afrouxei os loros da barrigueira
arrotei fartado o vinho e a carne
e tirei muita artilharia a ver
se me acudia gente:
assim estive até duas horas depois do meio-dia
arrotando na praia:
e parti
como o mesmo vento noroeste e passei
por ilhas de Santo André
e pela Ilha de Santana
— Martin Garcia, Godo —
e fui, se pondo o sol, às Sete Ilhas
onde deixara enterrados pipotes de vinho
desenterrei e bebemos
de noite me ventou muito vento norte
pela manhã me fiz à vela
descobri o Cabo de São Martinho
— Punta de la Colonia, Efraín —
e a remos
me cheguei à terra e me meti
numa enseada.

Pela manhã
acalmou o vento saí do rio e pus-lhe o nome
de São João:
sairam-me seis almadias todas sem armas

vinham com grande prazer a abraçar-nos
muito era o vento e grande o mar
acenavam-me que entrasse
mandei um marinheiro a nado e veio e disse
e o rio era estreito e os homens numerosos
e a fortuna incerta e despedi-me e dei-lhes
muita mercadoria e eles
a nós muito pescado — e vinham após de nós
nus a nado — nadam
mais do que golfinhos e nós
com o vento à popa muito fresco —
nadavam tão velozes como as naus.

Estes homens são todos grandes e nervudos
as mulheres parem todas mui bem
cortam também os dedos como os do Cabo Santa
Maria

mas não são tão tristes e assim
gemem no sertão das Ipueiras
ao gemido vitorioso das arapongas
as fêmeas parideiras
da raça dos Mourões:
e por elas e por uma delas e por todas elas
tenho cortado o dedo do anel de ouro
e os machos se alegram e entristecem
entre pipas de vinho entre violas
e no lombo da nau sobre pasto de espumas
touro nas águas
te carreguei roubada
de cintura fina e de quadris formosos.

KE'

Era boca-da-noite: mandei
encher as vasilhas de água doce
e houve vista do cerro São Pedro
Montem video
Montevideo
e anoiteceu-me uma légua de coito
pástei-lhe o monte da boceta castanha
et video montem
Laurita Melo
de Montevideo.
E de repente
não há onde surgir — o fundo
é todo pedra
trovoada do sul vento relâmpago
cuidei sermos todos perdidos
mandei lançar a fatexa
a amarra quase quebrada de pedras
metemos os remos pondo muita força
cada um por se salvar
remando mais avante um tiro de besta
vi a boca do esteiro e me meti
e a entrada só tem pedras onde
me houvera de perder:
feliz era Carlos — tinha uma pedra só

no meio do caminho —
a fortuna me entrou e se me achara fora
todos nos perdêramos.

Passou o vento ao sueste e acalmou
e vasou água e ficamos em seco no esteiro
e o fundo dele era de pedras, Carlos,
muitas, não uma
e mui agudas
sueste noroeste — estes ventos
ventam esta parte
enche a água muito
vase embora a maré — os ventos podem mais
e não há marés senão quando os ventos não ventam
e os ventos podem mais que as naus
até que case o vento o canto
de um marinheiro
e o canto da sereia, Odisseu,
à tua boca, Isaura, marulhado.

Ali morreu a verde-loura
ali chorava Lúcia Isabella, ali
se erguiam do arboredo como potras
ali deitei-me dos trabalhos do mar.

Tornei ao bergantim
e ao dobrar uma ponta
dei num baixo de pedra:
lançou o leme uma lança d'alto
quis Deus não nos quebrou e tanto
carregava o vento terral
que não podíamos dar vela
aforçado por não esgarrar
entrou-nos toda a água dos mares
arresou o bergantim — mandei lançar âncora
esgotei e indo ao longo da terra demos
num peixe com o bergantim:

parecia dar em seco
virou o rabo e quebrou metade da postiga
ficamos todos pasmados da grande pancada
não lhe vimos mais que o rabo — mas à soma
n'água parecia
mui gran peixe:
uma légua da ilha das pedras meti remos
fui surgir entre ela e a terra
e era tenção
estar ali à noite pasmado
ao grande rabo de Dolores Leite:
estive.

E outra noite deu
uma trovoada de nornordeste
por riba da terra com tanto vento
eu nunca tinha visto — e não havia
homem que falasse nem pudesse
abrir a boca — nos lançou
sobre a Ilha das Pedras
— de las Gaviotas, diz Varnhagen —
— de las Piedras Altas — apud Groszman
— Ilha Grande — segundo o Conde Corti
— Ilha das Flores, para o Barão von
Dellingshausen —
— de Fernam de Loronha para Belmiro —
— Ilha da Lage, Ilha de Santa Cruz, sustenta Neiva.

E lá se foi o bergantim ao fundo
e saímos todos em riba das pedras
muitas, Carlos, tão agudas, que os pés
eram todos cheios de cutiladas:
ajuntamo-nos numa pedra e o vento
saltou do mar — e crescia muito a água
coberta a ilha nos restava um penedo
e nós ali uns aos outros confessando
por nos parecer que era este

o derradeiro trabalho.
E era noite
no país dos Mourões,
era noite
de encomendar-se a Deus — e todos
se encomendaram a Deus — e era tamanho o frio
os homens estavam todos entanguidos e meio
mortos
noite com tamanha fortuna quanta homens
nunca passaram
e ao vento da madrugada os teus cabelos
sobre o abismo pendente:
e eu tentava domar
a tua tempestade
a tua morte
nau de pétalas
ao vento de outra noite destroçada
com tamanha fortuna quanta
nunca entre amor e morte
alguém passara.

KS'

Naquela noite — outra noite —
parecia o bergantim todo quebrado
e errei
de Jacarecanga ao Mocuripe
alguns homens que tinham forças
e que estavam em si
Arimatéia, Vicente, Benevides
e um Paes de Andrade da raça dos Feitosas
fizeram jangadas de remos e pavezes
João Pontes puxou o Colt do coldre de couro
o cabra de Tim Mourão afagava o rifle e os punhais
pulsavam na bainha segundo o coração
e fomos salvos e um cão raivoso, Jader por nome,
foi surrado tempos depois no meio da praça
e fede em seu canil sua sarna e sua lepra
saltei no vento do mar e dei à vela
com Pero Lopes de Souza
e de seus bagos venho.

Da força de seu coração é morto Alvaro
da força de seu coração é morto Tim
e muitos homens ficaram desfigurados de medo
e aos desfigurados de medo — ensina Pero —
virgílios távora, parsifais barroso
mascate jereissati aguarda pálido

nos alpendres do inferno — e eu pude
sustentar a noite a chuva o vento
o trovão e o relâmpago
por guardar na garganta a voz com que te canto
à viola d'amore, doce amada,
canção de amor.

E se fundia o mundo, Pero Lopes,
e de seus bagos venho — testemunhas
José Falcão, Josué, Moacir
e o coronel Eufrasino e suas
alpercatas de couro e Laliman
saudando e toureando a tempestade
nas ruas de Sobral e o santo arcebispo
Dom Lustosa de joelhos aliciando os anjos.

Pela manhã abonançou o vento
mandei por terra a mantimentos
e Aguinaldo comia beldroegas em Fernando

Noronha

e fomos dar num campo com muitos paus
tauchados

e redes

não eram armadilhas para caçar veados
dentro do cerco das redes covas fuscas vi:
eram sepulturas dos que morriam
tudo quanto tinham lhes punham sobre a cova
as peles com que andavam cobertos
maças de pau e azagaias tostadas
e redes de pescar e as de caçar veados
tudo em contorno da sepultura —
na tua, doce morta, o que tiveste:
a rosa que te dei o perfume de violetas
uma guitarra e um verso:

na minha um dia

o 32 de carga tripla de João Mello

o cinturão de balas

a camisa de linho que me deste

as meias verdes nos meus pés defuntos

a flauta de bambu em que cantei

teus seios memoráveis
e sob a madressilva
um sítio onde tu venhas
nutrir a relva e a flor da flor do sexo
passeando às estrelas
o perpétuo coito.

Por não acharmos outra lenha mandei
tirar todos os paus
das sepulturas
para fazermos fogo
para se fazer de comer dois veados que matamos
de que a gente tomou muita consolação — e por aí
do lenho das sepulturas nos nutrimos
de seu solo, Edi, de su suelo
su consuelo.

E algumas vezes encontramos
homens mui nervudos e grandes
de rosto são mui feios e parecem blindados
e trazem azagaias e uma porra de pau e ferro
e nós só trazemos no bolso o pente
o retrato da amada e no rosto
os dentes de sorrir — mas eles são mui tristes
não trazem nenhuma mulher consigo — e ali,
Tomás,
onde os homens não trazem fêmea à ilharga e onde
a fêmea não levanta a flor do rosto,
em feiura e tristeza
ruminam homens maus
e a tristeza, Abdias, é o degredo nosso — quando
nos degredam do leito onde elas dormem
o sono alegre do país baluba
no apartamento de Copacabana
no porto de Valparaíso
uma noite em Manágua e à barranca do rio
no país dos Mourões:

e onde elas me anoiteçam, ali durmo.
E durmo e acordo aloeste da terra — as Ipueiras
pé-da-serra da Ibiapaba e desde
a alcova de minha mãe
na difícil madrugada é difícil
o bordo da terra:
sou com ele
da banda do nordeste e por ser nele
me levaram os ventos uma noite a Belgrado
e uma tarde a cordilheira e lhano pelos Andes
e por Viña del Mar por onde Godo
Alberto, Pepe, Arturo, Fábio, Cláudio, Miguel
e um Patrício e os outros capitães
conferenciam abrigo na capitânia
acodem com táboas de cedro o bergantim — e ali
aos gerânios chilenos tomam chá
Teresa e Eulália e mastiga gerânios Rosa
Rosa Maria Bandera.

E os marinheiros adolescentes
cantavam a bombordo — Virgílio e Nordenflycht
e Godito e Mauricio
la belle dame sans merci
veio cantar no chão do calabouço
por onde
Ziraldo e Zuenir, Hélio e Peralva e Hercolino
iam despetalando a triste flor das horas
no jogo dos clarins e dos cavalos, Tanus.

E eram meses e anos, Maluenda,
no porto sem poder ir
a Portugal, digamos, à nova terra dele
graciosa e boa
por estarem as naus gastadas de busano.

KZ'

E não termina aqui o canto e às vezes
a noite é um pássaro —
me estremece na mão:
e indagada ao gaélico
ao celta ao jônico
ao dialeto meu
à corda bem temperada
responde seu tetrassílabo
e quase quase
de corda à corda
floresce o passo pulcro o pé celtíbero:

ελευ

δερία

é ela, a Liberdade e não assustam
seus grandes olhos o quarto d'alva
e espero o quarto d'alva
e um sol em grau de gêmeis e uma lua
em capricórnio
e ventos de Aracati e Pero Lopes — de seus bagos
e mais de capricórnio e de nordeste venho
e tornarei

e enquanto é noite
ao som do mar me vou varando ventos
com os papa-figos baixos.

Feio agora é o mar
às naus de bolina limpa —
lobos marinhos dragões da terra leviatãs do ar
assombram a noite
e o Minotauro devora os rapazes de Atenas:
vem, Teseu — que longe
enfumada longeia a terra nossa
e no saltar dos ventos é difícil
cobrar a ponsa do padrão — e o mar
nos dá por riba do chapitêu e
quebra no convés: faz água
manejo o calafate e a nau
nega governo no mar grosso:
vou com um bolso da vela
busco o recife de São Miguel
e a trompa chamadora.

Os mortos, companheiro, foram plantados
no coração de um mês e um dia
serão árvore e flor e fruto:
pois minuto a minuto marco o metro
de seu crescer.

Viajo ao Minotauro rumo ao país de Apolo
e eu mesmo arrisco e canto

a minha peripécia:
pois viajo na gávea e trabalho com os olhos:
meu serviço é ver
 e eu sou
o Capitão enxergador
 comando
os horizontes
 suplico
o meu destino
 e ordeno
o destino das naus
e quando veja
a tiro de falcão a nau corsária
terei já preste o galeão e preste a lança viva
para a peleja.

Vão as agulhas me noresteando
e embora esteja dia e noite o mar em trevas
façam-se muitos ao fundo sob o vento e a água
sobre tanto mar a aguagem dalonorte
na gávea acendo os olhos
toma conselho o coração às narinas atentas
para a hora do que o sangue conhece e conhece
amor e ódio —
vento de ir e voltar vento nordeste
vento de morrer e de matar no mar salgado
graviúna, terral, aracati e ventos
de monção e de chegada — ventos
de Pero Lopes de Souza e de seus bagos venho.

GERARDO MELLO MOURÃO:
POETA GREGO NASCIDO NO CEARÁ

J. G. Nogueira Moutinho

"Eleuteria" em grego significa "liberdade"; É essa a palavra-chave de um dos mais impressionantes livros da poesia brasileira, *Peripécia de Gerardo*. Seu autor, Gerardo Mello Mourão, com *O Valete de Espadas*, publicado há mais de uma década, irrompia violentamente contra uma série arraigada de preconceitos em nossa ficção e ensaiava pela primeira vez entre nós uma escrita onírica, supra-real, mágica, que desvendava os íntimos refulhos do cotidiano para afrontar a luminosidade diurna com os traços mais noturnos da criação humana.

A santidade e o êxtase poético eram os dois pólos entre os quais oscilava o pêndulo de sua prosa masculinamente liberta de ambages. Na verdade, ante livros como *O Valete de Espadas* verifica-se experimentalmente o postulado de que nas grandes profundidades da linguagem não há diferença entre poesia e prosa. O romancista violava despudoradamente os pseudo-limites transitando entre os dois domínios como Lautréamont ou como Rimbaud transitaram: conflante nos poderes secretos do verbo. Com a sua *Peripécia*, livro que constitui uma espécie de sequência a *O País dos Mourões*, Mello Mourão atinge o amadurecimento a que os textos anteriores tendiam: total ausência de efeitos, íntima simbiose do tema com a linguagem, justeza de tom adequada ao enunciado de determinadas circunstâncias estritamente poéticas.

No transcurso da leitura é que *Peripécia de Gerardo* assume a sua feição secreta: Sua ambição Inconfessada é retomar os grandes sopros épicos do passado, reencetar a tradição aos aedos, que sabiam simplesmente relatar os grandes ciclos aventureiros sem a pretensão de tirar efeitos paralelos da linguagem: a beleza dos seus cânticos estava na razão direta do conteúdo. Este é que infundia no poema a sua beleza, uma beleza toda interior, evidentemente. Mello Mourão pertence genealogicamente à maior árvore tribal do Nordeste brasileiro. Ligados aos Araujo Chaves, aos Martins Chaves, aos Correia Lima, aos Sampaio, aos Vera, aos Bezerra, aos Feltosa, os Mellos Mourões integram um grupo parental que, segundo Oliveira Vianna, "é dos mais poderosos de nossa história, e cuja repercussão sobre as nossas instituições locais de Direito Público — populares e oficiais — foi enorme." Baste dizer que do-

minaram uma província inteira, o Ceará, terra em que se encontram fundamente enterradas as raízes dessa estranha poesia, dessa forte poesia, dessa violenta poesia elaborada por Gerardo Mello Mourão.

Nada há nela porém que se contente com ser regional, pitoresca, folclórica, "paroquial" no sentido que os ingleses dão a essa expressão. O poeta, antes, sabe enlaçar aos elementos telúricos de sua província, largas lufadas de um vento que nasceu na Hélade, soprou a vela das naus descobridoras, rugem em certas estrofes homéricas dos *Lusiadas*, e varre com um ímpeto maravilhosamente inaugural suas "peripécias": pode assim afirmar que redije "em alto mar entre a madrugada jonla e a madrugada de Maragogi — sudeste do país dos Mourões".

Efetivamente, o ar que circula entre os diversos corredores deste labirinto poético é um ar grego. Percorre as galerias do poema "o tornozelo dactilo" de Apolo; o poeta se volta aos serviços de Afrotide e de Persefone; leva a lira de Tibulo a tiracolo; examina o mapa de Eleusis junto ao Ponte Vecchio. Ao contrário do que se poderia temer, o arsenal mitológico não emerge através de truncadas cópias em gesso, mas brilha serenamente como o país ancestral ao país dos Mourões. O descendente longínquo dos facinorosos e rudes navegantes e bandoleiros recorda-se de suas origens místicas e as declina com a discrição e o orgulho dos fidalgos que se sabiam "filhos de algo". Em Mourão a força mais atuante não é o passado, mesmo que este seja arcáico; sua poesia é vida, e o que é mais importante, vida não cerebral ou metafísica, mas estuante e erótica, máscula, latejante, fremente. O fatídico "eterno feminino" guia as mãos do poeta, que escreve encarnado em sua estrutura carnal com a mesma violência de Pero Lopes de Souza violentando as índias. A presença desse ancestral, celebrado como divindade totêmica do clã, é obsessiva em todo o poema. A maneira das litanias, o poeta não o invoca sem réplicas "e de seus bagos venho". As características genesiáticas do poema, um poema vincadamente do sexo masculino, espermático, inseminador, estadeiam-se dessa forma, cavalgando o dorso das fêmeas: o poeta tudo incorpora, as suas lembranças mais cruas e mais sublimes, mais ásperas e mais harmoniosas num conjunto único, num movimento lírico espontâneo e ágil, no qual as memórias do clérigo redentorista no Seminário de Congonhas do Campo parecem o "adágio" de uma existência aventureira, calamitosa, ardente: "há uma raça dos homens e uma raça dos deuses e a raça dos que tocam pelos bosques dos homens as músicas dos deuses". É a esta última que Gerardo Mello Mourão pertence.

"Eleuteria" — "Liberdade" é essa efetivamente a palavra-chave da *Peripécia*. O poeta apresenta-se em todo o transcurso de seu cântico como um ser essencialmente, radicalmente, irremediavelmente livre. Mas a liberdade é amor, ensina o cristianismo de São João e de São Paulo: Mourão tem a suprema coragem de assumir essa terrível dádiva. Por esse motivo, considero um dos mais belos e profundos momentos do livro a referência a uma das místicas de sua especial devoção, a francesa Margarida Maria Alacoque, que ele transforma por mágica verbal em Margarida Mourão, assimilando o êxtase da monja ante o Sacratíssimo Coração a um episódio

amoroso vivido quem sabe sob que latitude: "Moreno dois olhos negros / que parecia um Mourão / desses que descem a serra / de perneiras e gibão / com uma rosa no peito / e uma viola na mão: / é dia de dança e festa / da Virgem da Conceição: / pegou a francesa branca / e mostrou-lhe o coração / — ai, gigolôs arrastando / débeis fêmeas pela mão — / ficou a francesa branca / mais branca do que algodão / e Jesus de Nazaré / a carregou do salão / e em Paray-le-Monial / rolaram flores no chão / quando a louca Margarida / na desvalrada paixão / nas mesmas chamas do dEle / acendeu seu coração: / ai, Jesus das Ipueiras / ai, Margarida Mourão!"

O mínimo que se pode esperar da crítica responsável, universitária, estilística, que se faz entre nós, é uma análise pormenorizada, estrutural, lingüística, semântica, deste texto revolucionário que é *Peripécia de Gerardo*. Raras vezes a poesia brasileira terá dito tão fundamente o que pretendeu dizer: "com tamanha fortuna quanta / nunca entre amor e morte / alguém passara."

In *Folha de S. Paulo*, 31.12.72

Rastro de Apolo

Nota do Autor

No primeiro canto, o fragmento da conversa sobre a descida do homem na lua, em Carrapateira, sertão da Paraíba, é uma transcrição, muitas vezes textual, de reportagem publicada no "Jornal do Brasil", edição de 20-7-1969, assinada por Mário Lúcio Franklin e Rubens Barbosa. Não conhecendo pessoalmente os dois jornalistas, o autor cumpre o dever de creditar-lhes aqui o espantoso momento do tempo mítico que colheram com tanta densidade poética e tanta pureza.

"Pour Platon, qu'est-ce qu'Apollon? Il le nomme, dans les Lois, Musagète et Péan, deux épithètes qui désignent aussi le Pythien. Puis il l'associe au Soleil et le colore d'une sorte de mysticisme naturaliste. Tout l'ouvrage proclame l'existence d'un seul vouloir divin, d'une seule sagesse divine. Le dieu créateur, présenté comme unique, est appelé roi du monde et les dieux sont des aspects d'une seule essence divine qui est à la fois providence, inflexible équité, jugement incorruptible. Pour désigner ce dieu suprême, Platon aurait aussi bien pu nommer Zeus. S'il a choisi Apollon joint à Hélios, c'est parce que l'association enchantait son imagination de poète et, davantage, parce qu'Apollon est la voix de Zeus, celui qui accorde aux hommes la grâce suprême de leur épargner l'erreur.

Dans l'esprit de Platon, le théos s'est donc identifié avec Apollon et, par élection, avec le Pythien, parce que c'était lui qui, par ses réponses obéies apportait la paix aux coeurs inquiets et la concorde aux cités".

Marie Delcourt — "L'Oracle de Delphes".

Ἐκ γὰρ τοὶ Μουσέων καὶ ἐκ ηὐρόλου Ἀπόλλωνος
Ἄνδρες αἰοδοὶ ἔασιν ἐπὶ χθονὶ καὶ κινῆραισταί
- Ἡσιόδος - Θεογονία - Γ-94-96.

"É das Musas e de Apolo arqueiro que vêm os poetas e citaristas que se encontram sobre a terra".

Hesíodo - Teogonia - I - 94-96

ἀσφαλέστερον γὰρ εἶναι μὴ ἅπιεναι πρὶν
ἄφωσιώσασθαι ποιήσαντα καὶ πειθόμενον
τῷ ἐνυπνίῳ

Πλάτων - Παιδων -

"É mais seguro para mim não partir da vida sem antes compor este poema num ato expiatório e numa obediência ao sonho".

Sócrates - Platão - Fedon - 61 -

μετὰ δὲ τὸν θεὸν ἐποίησας ὅτι τὸν
ποιητὴν δέοι, εἴπερ μελλοὶ ποιητῆς εἶναι
ποιεῖν μύθους ἀλλ' οὐ λόγους

Πλάτων - Παιδων

"Depois de servir a Deus (Apolo), entendi que um poeta, para ser um verdadeiro poeta, deve trabalhar os mitos, não os argumentos".

Sócrates - Platão - Fedon - 61 -

NOTAS

O autor, na caça à palavra, que os gregos chamavam "Onomatotheria" (onomatotheros significa o "caçador de palavras") recorre algumas vezes a termos e caracteres gregos. A metáfora única e gráfica dessa onomaturgia vale por si mesma. Mas talvez valha a pena, ao menos para alguns leitores que não tenham acesso à língua e ao alfabeto grego, apresentar a grafia e a tradução portuguesa que, embora não correspondendo de todo à metáfora desejada refletem a natureza de sua onomatopoiética.

Pág. 298 Stepterion — Grande festa litúrgica de Apolo em Del-fos, para comemorar, de oito em oito anos, a vitória do deus sobre a serpente Python. Incendiava-se uma cabana erguida sobre a eira sagrada, enquanto um jovem fugia, como se fosse um criminoso, para o vale de Tempé, e de lá trazia, com seus companheiros, o loureiro com que se purificava o deus. A procissão durava várias semanas, percorria a região montanhosa da Fócida pelo oeste e pelo norte, era recebida nas aldeias pelos tocadores de flauta e pela alegria do povo.

Pág. 300 A letra Lambda, décima primeira do alfabeto grego, correspondente ao L latino. Letra considerada imutável e sagrada, soa de modo idêntico em todas as linguas. Inicial de Leo e Lea, é um símbolo da força e da beleza, comparecendo, por isso, dobrada no nome de Apollo.

Pág. 300 Eleutheria, palavra várias vezes aparecida no texto. Significa em grego "liberdade". A liberdade política na Grécia foi uma invenção de Apolo. Etimologicamente parece decorrer de Heleu, forma poética de eillou, aoristo do verbo aileo e significa fundamentalmente "dispor do poder de optar".

Pág. 341 Delta — É a quarta letra do alfabeto grego, correspondendo ao D latino. Foi, em alfabetos pre-helênicos, ideograma da mão ou da porta. O triângulo do desenho grego, reproduzindo o tapete genital da mulher, conserva a mesma simbologia da porta e da mão, a sugestão de abrir e de criar.

Pág. 354 Kale — feminino de Kalos, bela Kaléa é uma onomaturgia de beleza e Léa.

Pág. 358 Kata — preposição grega riquíssima, significando a um tempo "do alto de", "de alto a baixo" e "em baixo de". Katléa ou Kataléa busca de alto a baixo a mulher na flor. Ou a flor da mulher?

Pág. 369 Pyr-pyros — significa fogo. Sugestão do rastro — Ichnos em grego, e de Ignis — fogo, em latim.

Pág. 369 Atymnios — Apolo Atymnios — de Atos — insaciado — e hymnos — hino. Um deus insaciado de hinos.

Pág. 394 Ichnion — Ichnos — rastro, em grego. Ignis — fogo, em latim. Ichneuma — o que se busca pelo rastro.

Pág. 395 Ereupokal — Kllumterthal — Anagrama que antigamente se ensinava nas escolas aos meninos, como recurso mnemônico para guardar os nomes das nove musas: Erato, Euterpe, Polymnia, Kaliope, Klio, Urânia, Melpômene, Terpsicore, Thalia.

Pág. 397 A — Pollon — Cristóforo Lanvini, renascentista italiano do Quattrocento, sustentou esta versão para o nome de Apolo: Pollon, precedido de alpha privans, isto é, o não-múltiplo, o deus único.

Pág. 397 Basileus tou Argous — Thesauros tou Athenaion — Thesauros ton Boioton — Respectivamente: — Rei de Argos — Tesouro dos Atenienses — Tesouro dos Beócios — títulos e inscrições de capelas votivas no templo de Delfos onde todos os povos da Amfictiônia, a confederação religiosa e política do pan-helenismo fundado sobre o culto de Apolo, deixavam o testemunho de sua religiosidade.

Pág. 399 Dekateforos — O deus era invocado sob o título de Apolo Dekateforos em alguns santuários, como o de Megara, onde Pausânias encontrou sua imagem em madeira, sob essa inovação. O Dekateforos era o recolhedor das primícias da colheita ou, mais exatamente, o recolhedor dos dizimos, oferecidos ao deus paternal e protetor que dava aos homens os frutos da natureza — vegetais, animais e humanos. Os dizimos não eram levados a Apolo Dekateforos apenas em dinheiro. Também em seres humanos, considerada a oferta como ver sacrum — a primavera sagrada — compreendendo tudo que nascia na primavera. Os seres humanos oferecidos eram poupados pelo Deus, que os enviava a povoar novas terras e estabelecer colônias. Apolo foi, por isso, um fundador de cidades.

Pág. 400 Omfalos — Omfe — Omfeuein — Omfalos, umbigo. Delfos é o umbigo do mundo. Omfe — da mesma raiz, significa a voz, não a voz humana (Audé), mas a voz do sonho ou a voz dos deuses, como a que se ouvia no santuário de Apolo. Omfeuein é o ato de emitir essa voz, isto é, profetizar. Os delfólogos assinalam a coincidência da raiz das três vozes. Malnômenon Stoma — a sagrada boca.

Pág. 403 Naos Apollonos — o templo de Apolo — Anathema tou Kraterou — a exorcização de poderes não-sagrados, a ocupação sagrada da terra.

Pág. 404 Kindynos Pirkaias — perigo de incêndio, com o conselho usual de apagar os cigarros — taboleta com inscrição em grego mo-

dermo e em inglês, que se encontra na ruína do templo de Apolo em Delfos. Na verdade, o ar parece ser ali misteriosamente inflamável.

Pág. 406 Maneisa — forma pretérita do verbo maino (mainomai), estar demente, arrebatado por possessão divina, cair em delírio profético. Mousoleptos — bêbado da Musa ou possesso da Musa.

Pág. 406 E — ei — en — Plutarco sugere sete explicações para interpretar o misterioso E inscrito no templo. As sete explicações provam que os acessórios do culto de Apolo se haviam tornado objetos de reflexão. Os fiéis se interrogavam sobre eles, e o sentido mais carregado de possibilidades místicas era sempre o que tinha mais chance de ser preferido. E é o signo do número cinco. Se tinha sido escolhido pelos sábios, era para assinalar que eles haviam excluído do hebdomadário primitivo dois tiranos indignos de figurar entre os privilegiados do deus.

E é a segunda vogal do alfabeto grego, que representa o Sol, como representa Apolo. A mesma observação pode ser encontrada ao examinarmos as Leis de Platão e a imagem délfica que delas se incorpora.

E ou Ei é também o se interrogativo (si latino) pelo qual começam tantas consultas, e se refere ao deus consultado. Mas Ei pode ser o equivalente de eithé — (praza aos céus, queira Deus) — e, nesse caso se dirige ao deus que é implorado.

Ei — se (si latino) condicional, introduz ao silogismo, o que condiz perfeitamente com Apolo, pois ele é, na verdade, o primeiro deus dialético.

Retomado em função de algarismo, o E é questionado de novo sobre seu valor em matemática, em fisiologia, em filosofia, em música. A mística dos números, de Pitágoras a Plutarco, já tinha feito muitas descobertas.

Mas a mais bela das exegeses, e na qual Plutarco se detém com satisfação, é a que descobre, na letra E, a segunda pessoa do singular do verbo ser: és, tu és. Esta é a afirmação essencial do fiel diante de Deus. Apolo, como lavé para os judeus, é aquele que é. Alguns antigos, de resto, diziam não somente Ei, tu és, mas Ei EN, tu és uma unidade.

LAS HUELLAS DE APOLO

Para Gerardo Mello Mourão

EL PASO NO, del dios, sino la huella
escrita entre las líneas de la piedra
verdinegra y porosa. Aún la hiedra
retiene las pisadas, aún destella

de su cuerpo el contorno sobre rojos
sanguíneos o vinosos: en los vasos
fragmentados, dispersos. No los pasos
del dios, sino las huellas; no los ojos:

la mirada. Ni el texto, ni la trama
de la voz, sino el mar que los decanta.
En su tumba — las islas ideograma

de esta página móvil donde tanta
frase, no bien grabada, se derrama
sumergida, tu estatua ciega, canta.

SEVERO SARDUY

Paris, 20-1-76

a LÉA

a'

Oito léguas pelo mesmo pampa triste
o rastreador gaúcho consulta o inconsútil chão
de joelhos

e era

de seus olhos
o adorador e criador de corpos
senhor e servidor

Termina o chão
começa o ar
e onde se acaba
todo elemento

seria um rastro:
do coração de outubro
amadurece ao sol
tua laranja:
boa tarde Calíope
e o pé pentesileu
pisava seu pentâmetro

e uns perdem
e outros acham
artelho e calcanhar e tornozelo
entre solo e sol

Do coração de outubro
saltada a flor:
quem despe um pé
dum escarpim
de cordobán?
Pois busco o rastro

de joelhos

de olhos no chão:
talvez nas águas
nas verdes águas
sobre ele adeje
gaivota sábia

Ao vento de Delfos
boiava a morte
boiava morto
Sebastião Muniz
na fonte de Castália e ali pisaras:
por onde um rastro um dia florescera um corpo
tuas ancas, Melpômene, dançaram
o mel e a lua de teus seios.

Boa noite, Calíope,
por onde?
A morte de Sebastião Muniz viera caminhando
ao tom das harpas guaranis
— ó noite azul, ó estrelas
flutuando no rio
ó noite azul do Paraguai! — a morte
de Passo de Camaragibe e Araripina
aos montes da Tessália
por serras e por mares caminhando —
na praia do Senegal dera um aceno
e por ali
seu passo sertanejo — e sob aquele céu
serrana e marinheira a Morte
dizia chão e mar e por seu nome

chamava cada chão e cada mar:

virias

defunta Musa

e, à sugerida lágrima

uma estrela caiu despedaçada — e ali

talvez ardera o pé do que pisara

e à cadência da lira e ao som da flauta

andara andando

onde

boiava ao vento de Delfos no jornal perdido

a achada morte.

Carrapateira — sertão da Paraíba —

seiscentos habitantes receita orçamentária com dólares

quatro casas comerciais e um candeeiro

amarelava a luz

nas prateleiras de cachaça

de Nezinho Varejão:

Mariana debulha no jacá o milho elementar

debulha Laurentina o rosário penitente:

— “Tu crês, Arsênio, outro país lá em cima?”

— “Não sei — sei que andaram seis léguas —

terão casa?”

João Pedrosa aponta a lua:

— “No céu só Deus — no mundo o homem

terra pra riba de jeito nenhum — o céu

vive na vida boa

pra nós tudo que vem é bom

eu piso em qualquer chão”.

Chicão Gomes — “Deus

não consente, gentes:

a torre de Babel ia até o céu — o povo

fazia a torre

todo mundo lá em cima falando

a mesma língua — Deus não deixou —

como castigo misturou as línguas”.

— “Deus deixa tudo” — Arsênio emborça

outro martelo de aguardente

— “Deus deixa tudo — o mundo é nosso
quem sabe viver, vive — quem não sabe,
se acaba — a terminação é a cabeça da gente”.

Nezinho Varejão:

— “o homem não tem poder, Arsênio,
como o foguete engancha lá?
Se chegar, não baixa, se baixar se machuca
no rochedo de pedra:

tudo é mentira
acredita, Galdino?”

— “Eu? eu sou do tempo antigo
difícil o homem ir na lua
quando era impossível, meu pai dizia:

— “Só se for no mundo da lua”

— “Tem destino esse cabra americano”

Galdino se exalta:

— “O mundo vai acabar, Prefeito,
isto é conversa dos beiradeiros de pé-de-serra
mas o movimento dos homens dá de tudo
morasse na cidade, eu ainda poderia pensar,

lá eu via o movimento mais ou menos” —

— “Mas derrubar um boi — você derruba” —

— “Peguei muito boi nesses pés-de-serra”

Disse Antônio Matias: — “o aparelho
tem que passar do terreno para poder pousar
senão o cabra despenca lá de cima:
a entrada é caso de dificuldade”

— “Três já precisava coragem — imagine um só”
os homens riem na bodega de Adonias:

— “Se o cabra passar da lua vai parar nos
quintos do inferno”

— “Com três é bom —
um diz uma palestra outro diz outra
você — uma viagem de quatro léguas
sozinho é duro
com três montados é melhor”
Arsênio acende o cigarro na lamparina:
— “o americano diz que mandaram um gato
— morreu”.
— “Não teve vida de resistência”.
Nezinho Varejão:
— “gato morre de fome de um dia pro outro”

— “Gato morre” — sentença de Galdino

Um gesto, alguém limita o cosmos:
— “eles irão passar da chuva?
pois pra riba da chuva
só Nosso Senhor”.

— “Contam — conta Adonias —
a gente sobe no avião — olha pra baixo
é céu por todo lado
o cabra não sabe se tem terreno na lua
mesmo a três mil metros da terra brasileira
não sabe”.

— “Eu estou aqui
o sol gira — a terra
fica parada”

— “Quando eu era menino vi um avião
o jumento largou as cangalhas
larguei o jumento com dois surrões de farinha
do Engenho Sereno

hoje é diferente
a gente está aqui sabe até
o que acontece no estrangeiro”.

— “Isto é exploração do dinheiro, Galdino”.

— “Isto é coisa do Cão
o estudante diz que o mundo gira como a bala
do canhão”.

— “A ciência está atrobada, Arsênio,
eles têm muita ciência
muitos acreditam outros não acreditam
depende de Deus” —

— “Quando Deus consente — João Pedrosa —
o homem muda tudo

mas só quando Deus consente
senão não muda nada” —

— “É o homem abaixo de Deus”

— “A lua é um planeta que vive no espaço não tem
moirão nenhum pra segurar, o americano devia
trazer uma banda dela, mas quem manobra é Deus
Nosso Senhor — o homem está invadindo o terreno
de São Jorge
está desafiando
Deus castiga”

— “O homem deve se contentar com o país dele” —
Joana ergue o rosário

— “Mas o homem é igual a Cabral:
tinha coragem — estava sem destino
acabou descobrindo a terra”.

— “Nosso Senhor não fez a Lua pro homem chegar perto
se quizesse, botava aqui em Piranha, bem pertinho
aí o homem ia de jumento”

— “Mas ele pára lá na lua para almoçar
ou vem almoçar aqui embaixo
no país dele?
Porque a viagem é comprida, gente”

— “O Prefeito tem razão:
a Lua não tem terra nem pedra nem nada
só vento brabo
e se o homem tivesse juízo não ia lá
a cruviana mata
 ele
o americano diz que a Lua joga lajedo de pedra:
acho que é o corisco
a Lua é um planeta sem infinidade
na capital têm um aparelho que vai até o rochedo dela
bem que Deus disse:
aqui a minha semelhança —
e fez o homem

 Deus é homem calmo
queria que o homem ficasse aqui
o homem está desafiando
 Deus castiga”.

Antonio Faustino armazena feijão verde na sala
ouve a Voz da América e diz:

— “Deus não existe”.
E de repente caiu
dos espaços infinitos sobre
os homens e as mulheres caiu

um silêncio sagrado — vinha
de Ribeirão das Almas — duas léguas de Carrapateira
e ia subindo entre as ladainhas excelentes
o anjinho morto em seu caixão azul
ia subindo para o céu da tarde azul
ia subindo azul e ia ficando
sobre a estrada subitamente sagrada
o rastro do caixão florido — o rastro
das flores de salsa encarnada.

B'

Da balança das águas venho de joelhos
— aeroporto de Caracas —
ego sacerdos — vou me preparando para os ritos:
boa noite, Bolívar,
boa noite, Simón, — Simón Rodriguez
brincando de roda entre as crianças
e duty free e Hilton e Tropical Hotel — e vou
me preparando para
a tática dos ritos o luxo das rubricas litúrgicas
pois à volta das águas
dançam em roda as ruas degoladas e algumas pessoas
constroem o incidente da viagem — indo ou vindo
ou não seguindo mais — e a cabeça
de Balboa busca debalde
talvez os Hiperbóreos — decerto
uma terra e um mar e a terra
e o mar já não são mais entre o canal e a selva
do que o gosto do sal em sua língua
ao sol do Panamá:
resta o gosto do sal na boca
de Balboa e Malpartida e os outros
e vós sois pescadores de peixe e terras e homens
o sal da terra
quodsi sal evanuerit in quo salietur?

Por isso o olfato o paladar os olhos
 e um aroma e um sabor e um rastro:
 e é dado o signo
 e habitamos o semáforo — por isso agora
 boa noite, Guatemala — e ali
 poderiam pescar-me o coração no rio
 de teus cabelos, Antonieta Ovalle, o coração
 neste bosque
 neste bosque moram terras
 mora a terra que roubou meu coração
 e repito as pessoas e os lugares que encontro
 e aprendi uns seios verdes em Honduras
 e ao sol de Dirianbo amadureciam sobre a Nicarágua
 as ancas magníficas — pois falo da viagem,
 suas pousadas, o itinerário
 pedestre
 eqüestre
 sigo os sinais do trânsito — passeio
 passeia Pilar Morelos seu passeio de poldra
 pela Avenida Juarez
 e ali emprenharei a neta
 de Hernán Cortez e a bisneta
 de Cuauthémoc em um leito de rosas
 e sou — ego poeta
 o guia do turismo o trotador do mundo
 no avião da Braniff onde Doris
 e no aeroporto de San Antonio — Texas
 e em Dallas, Texas, os soldados
 negros e ruivos
 vão me encontrar erecto e brônzeo —
 pois preparo a estratégia da morte
 as manobras da vida

ΣΤΕΠΤΕΡΙΟΝ

o estratagema da beleza
 os ritos de Stepterion

— “Na bagagem?”
um coração embrulhado
numa carta de amor
e dois braços de abraçar
e dois lábios de beijar
e Abdias entoadado
à canela e ao cravo
e às margaridas de Iemanjá do Nascimento.

E agora
a serpente no ninho de meus olhos
já sou eu mesmo a minha própria bússola
meu próprio ardil
e de tua rosa
brota o vento por onde
chega o chegador à laranja de ouro — chega
ao bote da serpente à seta desferida
chega ao bosque ao mármore
à mão da tecelã e ao fio e à flauta
e ao silêncio e ao canto
e ao beija-flor e ao assobio
e à salamandra e à estrela e ao encontro
da flecha e da serpente e à luz
à luz

Eleu
Eleu
Eleu
theria

Ἐλευθερία

Apó
Apol
Apolon

Fototrephos Fotophagos Fotopaidos Febo Apolo
puxam-te o carro de fogo
os capricórnios de fogo
e venho nele ao teu banquete
onde as nove meninas
em conchas de labaredas
servem lagostas de fogo
e verdes folhas de flamas
ego poeta — o diábolos sonoro
conservado em chamas — sou
minha própria fronteira
e tu, amor



a norte a sul
tu nascente e poente
nas lindes crepitantes:
e diz o portulano e ladro sua escrita
pois cartógrafo sou desde o país do Ceará e Mel Redondo
limita-se Ipueiras ao norte pelas
cabras monteses e os montes da Aquitânia
Delfos ao sul por Villaguay e Buenos Aires
e a leste e oeste a serra dos Mourões serranos o Amazonas
o oráculo a nordeste e segue
a linha da Mantiqueira por
Congonhas do Campo e Conceição,
Conceição, José, do Mato Dentro — a sudoeste
as coxas de Afrodite e o mar da Jônia
e os limites por baixo são o chão de Eleusis
e os limites por cima o Pentestrela
do Cruzeiro do Sul e os Hiperbóreos

e noutras pétalas da rosa-dos-ventos
o mar de La Serena o mar
das Alagoas o mar
da Jônia as ondas
dos cabelos de Artemis
e o ananás e a romã e o buriti a noroeste:
pois a sopro de flauta fui riscando as divisas
num mapa de safiras e limões
e cravos macerados ao sereno
da madrugada de um canto

e viajar viajando
o lombo de teus chãos e tuas águas
é meu destino
chegar chegando:

nome —
profissão —
destino —

o destino —
da cifra de meu código e meus semáforos
oriundo.

Y'

E risco e arrisco as fronteiras
East Side
West Side
por Lexington com seus caimãs e javalis
e entre as pombas trigueiras do país do sul
arrulha a noite do Harlem
e um saxofone de vestido verde
rebola as ancas saudosas
de Trinidad-Tobago

Calipso
and Calíope
e requebrando à morte — Dallas, Texas
sobre o seio de Helena
flutua ensangüentada a rosa de Aquileu:
— Alagoas!

Alagoas!
pelos Alleghanys pelos Apalaches
a caminho de ti me sepultei
no sepulcro das neves e das cataratas
pelos parques de Buffalo onde Marcuse a Tânatos
do tonel de Diógenes erguia
a cabeça elegiaca de onde
do meio de sua queda a catarata de meu pranto a Eros
voltava e remontava o penhasco
clamando entre os ciprestes
a viuvez das Musas.

E vêm chegando e vou me despedindo
em Nova York houve um cantor — good night
good night, sweet Prince, mad Prince:

Dylan Thomas morto e bêbado
suplica em minha cama os inocentes pés
para o rastro
de seu silêncio e sua lágrima:
em Nova York, Ezra, houve um cantor —
adeus, príncipe bêbado,
houve um cantor

 e houve uma fêmea
e à espuma do Gênesis
descobriu entre as coxas surpresas
a ressurreição da rosa
alegrada ao tato

à mão à seta à flauta de ouro
 — “good morning, darling” —

e vou ressuscitando rosas mortas
e vou me despedindo
e a noite às vezes tem a redondez de um seio
pois chegavam de Aruba e da Jamaica e ali
o travesti francês arrisca as açucenas
seu passo galgo esgalga a tarde
e vou me despedindo
e as clarinetas memoráveis
orvalham a memória — e vou me despedindo — e rosto
e mão vou modelando:
sou o senhor e o sabedor dos gestos
criei meu próprio rosto
e minha própria voz
e por isso me olham e me escutam
o gerânio o cavalo a rapariga
e quebra Apolo a flecha à porta da cabana

Boa noite, Melpômene, Calíope
boa noite

 Eleuth
 eros
 eria.

δ'

Visita o forasteiro sua própria beleza e traz
o coração na mão enrolado no mapa
de sua própria pátria

— “Moi aussi, Monsieur, je suis un étranger
e meus olhos pranteiam minha beleza estranha
aos circunstantes

— pois estranho a mim mesmo
só à minha beleza não sou estranho e só
meu coração suporta a delícia cruel
da inventada beleza”

Volvia a cabeça e assumia a garça e o lírio
e flutuavam sobre os ombros
à soberba das pupilas as crinas
das éguas alazãs.

A noite se busca a si mesma
nas calçadas de Chelsea
da haste de sua galáxia sobre
o casaco de pele pende
la cansada paloma de su mano:

não sabe de seu ninho e o ninho
é que estremece à noite
em busca do seu pássaro:
anoiteceu em Chelsea
boa noite, Melpômene Mourão

Estava nu entre as montanhas sagradas
e dizia:

— “não governo meu nome
dado a Melpômene e às outras
tenho de meu o chão que piso
a mulher que escolhi
e os filhos que gerei:
pois boa noite, Apolo,
toma a minha mulher, dorme com ela
viola em tua cama, Calíope, meus filhos”.

Quer a beleza o sacrifício
da beleza
e o amor
o sacrifício
do amor

pois eu te queimo a rosa a bem-amada
os pêssegos do outono
e a rosa e a bem-amada e os pêssegos do outono
serão aroma a tuas narinas

— por isso —
do hálito de teus pulmões venho viver.
E lembro-me também das outras oferendas
vinte amantes em chamas sobre teu altar

— “Moi — j'ai brûlé mon sexe
et je crie sur les flammes
la douleur de ma beauté”
e dessa dor se vive
e dessa dor se morre

Salamandra — chamei
e fulgurou a boca
à labareda de seus olhos

Anoiteceu em Chelsea
e sobre seus altares
na pira crepitavam
os bagos de seu sexo
— “Moi, j'ai fait ce que fait un dieu”
e eu mesmo sou meu próprio sacrifício
e minha adoração

Anoiteceu em Chelsea
o adorado adorava o adorador
e às vezes crea a creatura
sua criação

— “Je suis l'esclave et le maître de mon corps
e canto sobre os querubins
la fleur de ma beauté”

— “Não te lembras? um dia a serpente
andava erecta à beira dos riachos:
contempla o meu andar quando anoitece em Chelsea —
eu desejei meu corpo e eu mesmo
ergui da relva
as ancas altas e o redondo seio”

E amante de si mesma
dormia
em seu jasmim sua beleza e em sua
beleza sua solidão
— “E sou Ginandramor Ginandramante
a minha própria companhia
Ginandramada”

Os deuses — só os deuses
não estão sós
e os que caminham por seu país
aprendem sua língua

Boa noite, Apolo,
anoitece em Chelsea e uma asa
de pássaro ou de anjo
me roça a fronte e tremo
ao perigo de seu rosto — e dele
nunca mais me despeçam estes olhos
que a terra, a tua terra, há de nutrir.

Movia as largas pálpebras e da cinza de suas pupilas
se acendiam as lâmpadas douradas
sobre Greenwich Village

Coming from Ohio
— “Are you going to be here for a couple of minutes?”
— “For ever, Johnny,
pela eternidade”.

Anoitece em Chelsea
from Chelsea to Eleusis, Mister Corso:
— “Who are you who spend the day walking in this lobby” —
eu sou o gastador do dia e o ecônomo da noite
não caminho o hall
ensaio a grande marcha
caminho o dia rumo à noite
e a noite rumo ao dia quando
escapa Mona Lisa de seu quadro e sorri
na adolescência milenária desse rosto chinês e os poetas, Ho,
pelos arrozais pelo rio amarelo pelo rio azul
pelas serras de Africa
conduzem a cruzada e a sagrada lira marca

o ritmo das grandes marchas —
entoando os teus peãs, Apolo,
pois os ventos de Uganda trazem tua voz.

Essa trabalha as ancas sob a saia de veludo vermelho
essa trabalha as unhas escarlates nas sandálias de ouro
essa o umbigo no strip-tease do Club 82
e Johnny no Chelsea trabalha o som:

— “este é um poeta, darling,
veio ouvir minha guitarra e contemplar teus seios” —
e ouvir uma guitarra

 e contemplar teus seios
é minha profissão
e consumo o crepúsculo a aurora os clitóris rosados
 em seu ninho

e o rouxinol
e o grito do amor — e nasce um seio
de Mo

 na
 li
 sa
 Laisa
coming from Ohio
to Delphos — Hellas — clamo e amo e o meu
 cl
 amor
me tu
 mul
 tua

Benditos os que beijam teu seio e intumescem teu seio
e apojam teu seio, Eleutheria, onde
as criaturas mamam o leite de Apolo Lykio.

Vejo a lua do Potomac e banha-se no Hudson
e à neblina verde de seus olhos
 Laisa

agoniza o sexo e a garganta
de um pássaro se forma
desmancha-se em abelhas

tu —

mel —

tuas —

um tumulto de relvas orvalhadas.

Pois vou a Port-au-Prince, Tuna,

Port-au-Prince

Porto Rico

Porto Belo

Porto Fino

Porto Alegre alegre

por tua noite

e preciso de muitos lugares e de muitas pessoas

preciso de cerejas

e da cereja um mel

e desse mel um fio

para o caminho de labirintos pelas

Califórnia de ouro

e ali

o Macho da Sibila — Alberto —

entre Los Angeles Las Vegas

pastoreia os anjos nas floridas veigas —

caminhos dos Hyperbóreos.

Pois de Kennedy Airport TWA

— “are you a jew, sir”?

— “Do you speak yddish?”

— “are you from India

or Pakistan?

Arabe ou grego?”

E eu sou

das terras do Ceará Grande e Mel Redondo

Ipueiras Itabuna e Tanque d’Arca, Jarmelino,

e não falo yddish

falo a fala falo a flauta falo a língua

das abelhas sobre as cerejas

e leio Léa e lêem-me los angeles
e Lisa

Laisa

Mon

a

Lisa

pois vou

a Porto Belo

Porto Fino e Porto Príncipe onde príncipe
guardo o reino e a núpcia — e onde
a princesa aprende a abrir-me
a flor das coxas lancinantes
e a pitanga madura e o pintassilgo
me ensinam o que sei:
dormir contigo acordar contigo —
bom dia boa noite

Eleutheria

Ε'

Pois tengo el ángel, Efraín, e uma noite
arribei a Los Angeles y siempre
arriban los poetas a los angeles
quando sabem o adeus:

adeus Carole
addió Mona Lisa
farewell to Chelsea
adeus addió adiú
e Beth e Jéssica

e vou levando o aroma de teus musgos
— “C'est mon parfum — et ma beauté
embriaga a narina dos deuses”
e Apolo e os Querubins e Querubina
conhecem este cheiro — e um dia
ao Macho da Sibila rescendeu no terreiro
um cheiro de bocetas em flor

Mas Melpômene
a outras rosas e outras violetas
trescala ao longe:
boa noite, Melpômene Mourão — e digo boa noite
pela fala do falus falueiro
E ela ia abrindo os lábios
e a cada sopro de seus lábios

uma rosa nascia e onde
suas mãos tocavam — uma rosa nascia
e outras coisas vi nascerem
à mão dos taumaturgos:
à de Balboa aqui um mar
sangrou sua aguazul à ponta de uma espada
cresceu na concha de sua
mão marinheira à reza cosmogônica
em nome de Castela — e o mundo
lhe lavou os joelhos por onde
as três quartas partes do planeta
se criaram nas águas sob os céus
de um deus no Panamá:

e às vezes sobre as águas, Godo,
os rastros duram — e onde
pisava sua bota — da pisada
surgia a fonte dos oceanos —
pois vou a Delphos pelo Panamá
de Guatemala venho por Manágua
e por Tegucigalpa e Costa Rica
e acrescentei, Apolo,
um furo novo à flauta em que soprei
essa canção a Antonieta Ovalle em La Antigua
e os guerreiros pararam nas ruas de Caracas quando
cheguei cantando o Cavaleiro e a liberdade e quando
de joelhos no chão de Bogotá
cantei o pranto fúnebre das serras da Colômbia o pranto
por Camilo

como cantam
as serranas morenas de redondos peitos
em Santa Cruz de La Sierra e na serra
de São Gonçalo dos Mourões e nas colinas Lyda
nas colinas Danai das serras de Atinaia aquela noite
por teus amantes mortos

Eleutheria
entre as vinhas do mar e a cordilheira
— caminhos dos Hyperbóreos —

e assobiamos na praia, Clodomir, chamando o vento
o vento de pescar a vingança e o amor — vento
de assobio en surdina em Puerto Limón de Costa Rica,
marinheiro do Aracati na esquina à lua
de Aracaju:

Eleu

Eleu

Eleu

theria.

S'

Raul Young, capitão de longo curso, Godo,
vai marinhando um barco de cedro por Buenos Aires
ao vento fluvial — e ali
inaugurei o Paraná e o pampa
e os adolescentes se repetiram
no Richmond de Florida onde um dia
o espaço suplicou a forma de teu corpo:
Joana

Joana de Aragão

— te chamamos —

e acenaste um sorriso entre os cristais
e ali ainda agora
estão os teus cabelos governando o vento
pois para sempre
estarás onde estiveste: — viaja
a estrela imóvel
todos os céus
do capitão de longo curso

Trinta anos chorava o poeta a mesma lágrima
no bar do Richmond de Florida:
muitas vezes te encontrei e uma vez
te alongavas entre as mesas do bar
e crescias e recolhias

o bandoneon de teu corpo:
sobre esta mesa embaralho
os naipes do tempo e preciso
de muitos tempos no espaço desta mesa — de muitos
espaços antigos e futuros
para tuas chegadas e partidas

outra vez tua beleza
era uma lança fulgurante
de Belgrano a Corrientes:
janta Leopoldo Marechal com Juan Domingo entre choférs
no restaurante de La Boca:
por la cabeza de los dirigentes
ou
con la cabeza de los dirigentes
salta Güemes
de su tierra salteña
los gauchos degolladores
— e te lembrás? —

Carbajal

servia numa terrina de prata
a cabeça sangrenta do capitão
e as taças
espumavam à saúde
vinho ou sangue
pois ténis é o dia
e trazes o arco tenso e a lira
de cordas tensas e buscar-te
é desferir a flecha e desferir o som
por teus signos teus rastros caminhamos
caçadores da vida caçadores da morte caçadores do amor
e assim se caça a liberdade e assim recolho
em batalhas de amor campos de plumas, dom Luís,
a rosa por botim —
e ou vinho ou sangue
à saúde, Apolo.

Z'

Na noite de Connecticut
lambe a língua nos lábios a memória
de tua boca:
não, profeta não sou, Amós, nem filho de profeta
mas pastor e cultivador de canas e sicômoros — e Apolo
me tirou de detrás dos rebanhos
e comecei a andar cantando

os anjos saberão dos pés desse andarilho pelas
cidades sonolentas — e uma vez o Danúbio
anoiteceu teus olhos em Belgrado
e uma vez o Pacífico
madrugou-te a pupila no país cerúleo
de Viña del Mar — e outra vez
à pálpebra do crepúsculo
fulguraste e fugiste
no jardim de Manágua — e na matilha
das cadelas douradas tuas ancas
surgiam e sumiam
ao caçador da primavera essa tarde em Veneza —
e em Paris
eras a aurora persa a lima verde
entre os pendões de cana entre a baunilha em flor

do boulevard de salsas e alecrins
por Saint Michel e São Miguel dos Campos
talvez fronteira dos Hyperbóreos — pois
senhor dos coitos menciona sempre
os portos, as estações, a rota dos Hyperbóreos.

Elas Hellas — Hélas!
a adolescência prístina
imortal no coração da morte:
quando a máscara murcha
a flor do rosto atende à primavera
na esmeralda vegetal dos olhos
et j'ai vu quelquefois, Jean Arthur,
às vezes possuí, Francisco
o que o macho pensou possuir e perder:
pois por elas

Hellas
adelgadaçãda avena sou
soprado e sopram
nas jeiras desse tálamo a semente
e do leite
e do mel
do vinho mosto:

E nascem doces musas ébrias
Hesper —

— ma — ia
—ieu
ti
ka

Eleu
theria

Peregrina de ti mesma por ti mesma
te peregrinas

e o país viaja na planta de teu pé:
flor desta planta

pa —

is

por —

tátil

ao tato a —

corda

dessa viola tua

nua

sobre os calcanhares

uma

noite em Copenhagen um

día em Belo

Horizonte aquela

tarde em Maceió

e alguma vez a rosa oblíqua

— de que Kamakuras

talvez te disfarçaras

celestial cereja

às amêndoas e ao lótus:

a quem te viu

sabes voltar — pois

de onde não vir

ias?

caíram uma vez dos laranjais as luas

sobre teus olhos

negra e formosa ao sul do Senegal

por onde Anne Aribô e sobre

os lençóis brancos a beleza noturna de seu corpo — e entre
as virilhas ondul

ando

andam e ando as finas ser

pentes em pé — filtro

venenoso entre os pentelhos

o convite

a essa maçã de amor
e morre à concha ébria — e ali
o amor é morte e a morte
o estratagema da ressurreição:

aparecida um dia e para sempre
me habitas a pupila
ouvi teu nome e desde então serias
moradora de meus ouvidos
e por isso — ocupado contigo
muitas outras coisas não sei:
mas aprendi a Musa
e ensino a Musa — e ela
no país de Apolo onde
sou corógrafo e recito
aos meninos a geografia de sua botânica
sua fauna de pássaros e os peixes
de seus golfos e seus pótamos
a orografia de seus Himetos e o monte
melodioso onde Melpômene e as outras
consultam a estrela e os ventos boreais
para compor a sílaba

Mel

lo

Me

los

melo

dias

e noites

cantam amarradas no mourão de minha herdade
as nove novilhas em flor ao touro adúltero

e um casto Dionísios cada noite
sabe o sabor do lírio em que se filtra
a doce castidade em cada corpo:

boa noite, Melpômene Mourão
e em teus veludos
adormeça fiel a sábia flecha

boa noite
 Eleu
 theria

n'

N o caminho de Aretusa
Hellas

elas

me iniciaram na língua e no alfabeto da língua
sabem agora os engenheiros e os empreiteiros:
fui eu o ausente na torre de Babel
guardo a letra o dissílabo o fonema
e as chaves da sintaxe:

— enquanto

os povos se desentendiam em torno
da areia e da argamassa
e esqueciam o verbo e o advérbio
nosotros recusamos
a vã alvenaria

ficamos de serviço, Efraín, com as nove meninas
trabalhando na boca as promessas de amor
em que sois mestre, Apolo:

na sesmária de violetas e girassóis por onde
o ditongo maiêutico e a vogal eólia
nominam nome e nume

a Euterpe e às outras

ao gavião e à pomba e à brisa

e ao pêssago e à mulher

e ao arco à flecha ao trigo ao vinho à abelha à fava ao favo

e Artemis e Afrodite
e Eleu
theria.

Quem se esqueceu pode lembrar-se
e a semente da letra em sua leiva Linos
faz florescer em Lambda e lírio
— “Do you speak english”?
— “No, darling”,
não estive na torre de Babel
lambda loquor et lillia convallium
e entendo a água o ar o fogo o azul
e Lúcia e Laura e Léa
e Luciléa e Lauriléa
e Lucilauriléa
e os cavalos e as éguas relinchando
na madrugada de Pajéu das Flores
e o motim de amor
dos gatos no telhado de Iolanda

Não estive em Babel — estive
em Delfos e em Pentecostes
e a Musa e a Virgem-mãe
Mariamusa — Maria Leto Letícia
repartiram comigo a língua de fogo
e só ela conheço e tenho
o dom da língua
e me entendem o hebreu e o gentio
e seus dialetos voltam
à fonte e à flor
et fons et flos
dos tempos aurorais e a sílaba da aurora
posou-me sobre a sílaba dos lábios
beijou-me a boca e neste beijo
lateja o paladar de um deus
e os outros deuses

massacram meu coração e as moíras
me plantam a demência na cabeça:
invejado dos deuses
“invejado a invejar os invejosos” — João —
testemunho a beleza e canto
a possessão de seu corpo
e adúltero da adúltera
choro a noite infiel
Afrodite Helena Eleu
 theria
trina teu nome trino
pelas montanhas
do país de Apolo onde pisaste
as amoras maduras

Cobrem-me o palitó as borboletas e as libélulas
e aos lábios sábios de teu nome os beija-flores
chegam e digo

Mel
 po
 len me
 ne
 e é
 de mel
 a nossa lua
 desde
 já
 neiro
 a janeiro
 es
 cravo
 desse tufo de cravinas
 na virilha em flor por onde a sílaba
 da rosa pestaneja a pálpebra
 e balbucio
 o cio
 verbo gerúndio e gerundivo

das intatas auroras
videndus videnda videndum videndi
video videmus videtur videbam
visionem

visa visione

ablativo absoluto

declino a Musa

Musae

Musaram

Musis

e o Musageta.

***VIDA E FEITOS
DE APOLO***

por um cantador

de

IPUEIRAS—CEARÁ

ð'

Nasci tocando viola
sou Mourão das Ipueiras,
dos Mello do pé-da-serra
reinador destas ribeiras
tanto canto em minha terra
como em terras estrangeiras

As cordas desta viola
são meus pés e minha mão:
no galope a beira-mar
nos oito pés em quadrão;
em martelo e gemedeira
em gabinete e mourão.

Devoto fiel de Apolo
cantador de profissão,
vou cantar o deus da lira
de minha religião
quero contar sua vida
fazer sua louvação.

E tanto o canto em sextilhas
como em versos espondeus,
que era Apolo sobre a terra
Deus e homem e homem-deus
pois a fêmea que o pariu
pariu do sêmen de Zeus

Quando Jesus veio ao mundo
nessa noite do Natal,
Maria, pra dar a luz
só encontrou um curral —
me ajoelho e peço a bênção
e faço o pelo-sinal.

Pois canto a história de Apolo
filho de Zeus e de Leto,
foi seu berço uma palmeira
e o céu de Delos seu teto:
mamou nos peitos de Temis
nectar puro e mel do Himeto.

Só Delos teve coragem
de oferecer o seu chão,
pois Hera, mulher de Zeus,
prometia maldição
a quem ajudasse o parto
na terrível solidão

Foi ali aos nove dias
que o Deus Apolo nasceu
Artemis, sua irmã gêmea,
antes dele apareceu,
vestido de linho e ouro
a doce lira tangeu

Pela folhinha dos gregos
faço a conta e não me engano,
foi dia sete de Bysios
que nasceu o deus humano:
fevereiro — entre oito e nove —
do calendário romano.

Até então era Delos
uma ilha flutuante,
quando nela um deus nasceu,
Poseidon, no mesmo instante,
firmou-a no chão com quatro
colunas de diamante.

Apenas nascido Apolo
os cisnes em revoada
sete vezes deram volta
sobre a ilha abençoada
e cantaram glória aos deuses
e paz à terra sagrada.

Mas Hera, mulher de Zeus,
contra a mãe de Apolo irada
ferida pelo ciúme
pela paixão desvairada:
contratou uma serpente
traíçoeira e envenenada.

Era a serpente Python
com cabeça de dragão:
contra Leto, mãe de Apolo,
sem a menor compaixão,
dia e noite ela movia
terrível perseguição.

Era Apolo deus e homem
em todo o seu esplendor,
e como homem — valente,
e como Deus — vingador:
pela honra da mãe armou-se
com seu ódio e seu amor.

Atrás da serpente pérfida
percorreu terras sem conta,
disposto a lavar em sangue
a miserável afronta,
nas cordas do arco de prata
a flecha certa e pronta.

Pelas bandas do Parnaso
foi a serpente ferida,
levou três flechas noombo
mais inda saiu com vida,
no lugar santo de Delfos
escondeu-se espavorida.

E ali ao lado do oráculo,
da gruta sagrada à porta,
um rugido pavoroso
racha a terra e os ares corta:
com sua flecha certa,
Apolo deixou-a morta.

É três, é quatro, é cinco, é seis,
é sete, é oito, é nove, é dez,
pegou o couro da cobra
cortou de frente e viés
e com ele fez o assento
da cadeira de três pés.

Era a tripode sagrada
o trono da profetisa,
no umbigo do mundo o céu
e a terra fazem divisa,
e a voz dos deuses se escuta
na boca da Pythonisa.

Pois o deus tomou à cobra
pele e nome por botim:
Apolo Pythio o chamaram
e eu também o chamo assim:
da história do mundo sabe
o começo, o meio e o fim.

E para purificar-se
do sangue dessa serpente,
com Artemis foi a Creta
lavou-se n'água corrente,
Karmanor lhe aspergiu
o corpo e a alma inocente.

Montou um delfim no mar,
veio a Delfos no outro dia,
arrebatou ao deus Pã
a arte da profecia
e pela boca da Pythia
seus oráculos dizia.

Afoito, ao bosque dos deuses
veio um gigante malvado,
quis violar sua mãe
e Apolo ficou irado:
chamou Artemis, a irmã,
e o pacto foi combinado.

Sairam os dois divinos
no arco a flecha certaíra,
alvejaram o bandido
oculto numa touceira
e o corpo com duas flechas
rolou pela ribanceira.

Um dia o sileno Mársias
desconheceu seu lugar
e a pura lira de Apolo
pretendia superar
soprando a flauta de Atena
que o ensinara a soprar.

Os deuses e as musas foram
o tribunal julgador
do desafio insensato
feito ao divino cantor
e decretaram a Apolo
a palma de vencedor.

Para glória da poesia,
para dar uma lição,
Febo Apolo esfolou Mársias
e arrancou-lhe o coração,
que o desrespeito a um poeta
nunca pode ter perdão.

De outra feita ele tocava
contra Pã numa função,
Midas prefere o pastor,
e ao dar esta opinião,
duas orelhas de burro
lhe crescem por punição.

Há cantadores famosos
nas feiras do Cariri,
Jacó Alves Passarinho
de Mutamba, Aracati,
há Romano de Mãe d'Água,
Sinfrônio do Jaboti,

Azulão em Pernambuco
e Inácio da Catingueira,
Serrador, Cego Aderaldo
e mais Anselmo Vieira
que foi o melhor de todos
por ser filho da Ipueira.

Na viola e na rabeca
eu também sou cantador,
mas somos pobres mortais,
eu, Anselmo ou Serrador,
não vamos desafiar
Apolo, Nosso Senhor.

A todos os que ofenderem
o poeta e sua glória,
sejam reis ou coronéis,
dos potentados a escória,
deixaremos pendurados
nos postes podres da história.

Mas canto é Apolo formoso
suas batalhas de amor,
com musas, ninfas e deusas
e raparigas em flor,
nem escaparam mancebos
de seu leito sedutor.

Passou nos peitos Cirene,
Coronis, Ária e Thália,
Nalades, Graças, Driopes
e a mãe de Dorus, Phytía,
Urânia, Clítia e Kimene
e as nove Musas que havia.

Recusou-lhe a pura Dafne
seu lírio de castidade,
transformada num loureiro
Pasifae — na flor da idade,
as verdes folhas consagra
na doce dor da saudade.

Jacyntho, o belo mancebo
era seu lúdico amor,
quando morto cai na relva
pelo Zéfiro traidor,
inconsolável Apolo
o transforma numa flor.

Pois o amor, a flor e a morte
são obra de sua mão,
são água do mesmo rio,
são fonte do coração,
por onde o sopro de Apolo
rege a humana ordenação.

Seu espírito divino,
mais sábio que Salomão,
sabia a ferida e o bálsamo,
a doçura da canção,
pois era senhor da vida,
da morte e ressurreição.

Para remédio das almas,
fundou a Pythía divina,
para remédio do corpo
inventou a medicina,
foi o pai de Asclépio, médico,
mestre em sua disciplina.

E quando o raio de Zeus
fulminou este seu filho,
na corda tensa do arco
mostrou das setas o brilho,
matou todos os Cíclopes
como quem mata um novilho.

Expulso por Zeus do Olimpo,
foi ser pastor de carneiros,
pastoreava cantando
os rebanhos campineiros
e era o cordeiro de Deus
entre fontes e loureiros.

Exilado sobre a terra,
filho de Deus humanado,
sua canção governava
o bosque, as flores, o prado,
o mar, as fontes, os rios,
por todo o povo estimado.

Os deuses então sentiram
de seu prestígio temor,
voltou por isso ao Olimpo,
com todo o seu esplendor,
pastor do sol, das estrelas,
dos homens o Bom Pastor.

Um dia a Zeus fez um susto,
para dar-lhe uma lição,
com outros deuses no Olimpo
fez uma conspiração,
e quase derrubou Zeus,
mas foi só por diversão.

Sustentou Heitor em Troia,
salvou Enéas da morte,
uniu os povos da Grécia
desde o sul até o norte
e a liberdade dos homens
cresceu, floriu, ficou forte.

Proferiu as leis divinas,
disse os preceitos humanos,
esmagou os opressores
mandou matar os tiranos,
não há ricos, não há pobres,
— são iguais em seus arcanos.

Tudo na terra se curva
e lhe rende adoração:
galo, grifo, cisne, gralha
a cigarra e o gavião,
o mirto, o plátano, o zimbros
e a palmeira do sertão.

Das flores quer o jacinto
e o girassol altaneiro,
o lotus, o heliotrópio,
e das folhas o loureiro,
pois com ele é que coroa
a testa do violeiro.

Quer dos legumes da várzea
a fava branca e o feijão,
das montanhas a oliveira,
dos pinheiros o pinhão,
e das frutas a maçã,
a mesma que quis Adão.

Dos homens quer o poeta
e o doutor que dá saúde,
o marinheiro, o artista,
o tocador de alaúde,
o virtuoso do belo
e a beleza da virtude.

O lobo, a corsa, o delfim,
são bichos de seu quintal,
traz sempre a lira de ouro
em sua mão sideral,
e o tenso arco de prata
e as flechas num embornal.

Tenso é o arco, tensa a lira,
tenso o Deus da formosura,
tenso o poeta que canta
e que pede à flecha pura
a sábia coincidência
da presença e da lonjura.

Pois em Febo, Febo Apolo,
eu estou e não estou,
junto ao seu carro de fogo
tanto sou como não sou,
e quando ele risca as nuvens
aos Hiperbóreos me vou.

Busco nos céus uma estrela,
busco no mar um farol,
onde estão os Hiperbóreos
onde se acende o arrebol,
onde sempre desabrocha
a mera rosa do sol.

Terra de luz e calor,
caem estrelas em cacho,
será em Mourão-de-Cima,
será em Mourão-de-Baixo,
pois lá no norte do norte
Apolo, vejo teu facho.

Era de lá que descias
no lombo das verdes emas,
da aurora das Ipueiras,
da manhã das Iracemas,
do azul da Ibiapaba,
da rosa das Borboremas.

Palmares de Pernambuco,
Limoeiro de Anadía,
do Piauí das Oeiras
ou de Alagoas descia,
trazendo a Delos e Delfos
o verbo da profecia.

Hiperbóreos, Hiperbóreos,
teu sol eterno, onde está?
País da cobra de fogo,
planeta do Boitajá,
é nosso roteiro, Apolo
de Delfos ao Ceará.

Será em Mourão-de-Dentro,
Mourão-de-Fora será,
banda da Várzea dos Mello,
dàs Ipueiras pra lá,
toca viola nas serras
Apolo do Ceará.

Esta é a história de Apolo
que se conta no sertão:
à sombra das oiticicas
na concha de sua mão,
bebe o sol das Ipueiras
como água do riachão,
para levar aos países
do frio e da solidão,
seu oráculo de fogo
a flor de sua canção,
deixando o rastro da lira
nas várzeas daquele chão,
o violeiro que assina
Apolo Mello Mourão.



Pois José Cupertino cantava na praça de
São Luís do Maranhão
já não entravam os deuses em seu negro
corpo — e as mãos
imploravam sobre a cabeça branca: — “um Deus
é um sopro” — e José Cupertino
soprava na praça à tarde de São Luís
— “sem o sopro eu sou um pneu vazio
já não me ouvem os deuses não me querem”
e requiebrava e chorava e cantava:
— “Eu trepei na ponte
a ponte quebrou
sou moço bonito
desembargador” — e se embargava
a voz — e os deuses
não olhavam sua beleza
nas calçadas de São Luís:
— “sou moço bonito
desembargador” —

Canta o concris canta a gamarra canta
o galo-de-campina ao céu
de Campina Grande — e ali
bêbada e bela pereceu Clarice

os cabelos de ouro numa poça de sangue:
resta uma cruz na estrada e esse aroma
de jasmims e maracujá na tarde
de Campina Grande
e a tua lira, Apolo, resta
onde canto o aroma a flor a morte ensangüentada
e adorno a morte
com flores e seus frutos
o jambo o dáctilo o espondeu
e os verdes anapestos

Pois vejo o anjo a verbena o verso o verbo
transitivo
florescido nas vozes e nos tempos e nos modos
finitos e infinitos — e Apolo
ensina a fonte de jorrar
o infinitivo dos intransitivos.

O amante de si mesmo beija as águas — mas Apolo
ergue das ondas deusas calipígias e onde
era espuma onde água verde brotam
em suas mãos
as cabeças castanhas
e as avelãs

as tuas avelãs
amada
de cintura fina e de redondo seio.

Nascido em minhas mãos um nome busco
para teu seio — Mirabelos —
um nome-próprio
para a touceira
de madressilvas
de tuas coxas — Delta-Delphulvia

Δ ~ δ

Aqui, Apolo, venho
fundar o nome das partes de seu corpo
onde fundaste
teu tempo e teu país
e aqui
em tua data e em teu sítio
queimado o calendário se lerão nas cinzas
minha data e meu solo
pois sou datado e minha data
é a data da Sibila dos profetas hebreus
no chão do Apocalipse, Patmos,
entranhas de Capricórnio — e ali
arúspice de si mesmo
o poeta se lê — e a decifrada vítima
imola o imolador e entre
os outros deuses
ocupa o seu lugar:
pois somos, Dionísios,
Apolo, somos
as ovelhas de Deus e o deus que tange
os cordeiros nos montes da Tessália:
e em mar e monte
e em ribeira e rio
vou profetizando a profecia
pois inventei o verbo depoente
e seu modo e seu tempo
e é este o depoimento:
profissão
— Inventor da palavra — Edi —
a voz ativa a voz passiva
reflexa perifrástica
Afrodite

germ
herm
afro
ditirambo

A flor a profecia
do fruto na corola
aos ventos inclementes
despetalada —
pois posso a aurora e a noite
arconte epônimo da lua e das estrelas
posso o azul posso o verde
posso as vogais e as consoantes
a cana-rosa
o cabrito montês o touro a égua
a ipecacuanha o cravo
a peroba a canela a cascavel o acônito:
— mas quem pode deter pupila e pálpebra?
pois meus olhos não posso
e neles vai crescendo a morte sua planta
florescida no talhe de meus filhos
já altos entre outros rapazes.

Mas posso a flor e a profecia
do fruto na corola
— Scardanelli —
pois tenho, Apolo, o prumo
da flor sobre seu fruto.

E José Cupertino na praça de São Luís do
Maranhão e às vezes
por sua boca por seus ouvidos por seus poros
pelos buracos de seu corpo
entrava um deus em seu corpo — e ali

aprendi sua visita nas entranhas
e o possesso possui a possessão de um deus
e à chama de sua língua na boca acesa
arde o clarão de teu nome
e em Lambda e Léa
digo amor
nos lábios crepitantes

Venho de um deus e
só do que me esqueci me vou lembrando
e só o que perdi procuro e acho
na touceira de relva e de cidreira
cidra

romã

respondem de teu corpo
aromas formas formaromas
assim chamados:
pois comedor de deuses
Apol
Apfel
Apple
Apolón

e um dia, Apolo,
os deuses serão fêmeas e na praça
de São Luís do Maranhão
o sopro e o sumo e a polpa
fruta à fruta o coração se nutra
da cidra e da romã:
pois

Apfel

Apple

Apolo e Apoléa —

seio por seio.

Id'

Naquela tarde entre o cognac e o bourbon de New Orleans conversávamos sobre Francisco ancorado — doce e inquieto bergantim ancorado em seu bar de São Paulo e de repente o ar de seus pulmões arredondou as velas e nas nuvens pelas nuvens aos olhos de Menelaus Gordon derelicto e Helena Finamore — enfim o amor — aportou em New Orleans com suas velas pandas de brisas fervorosas — Francisco Francisco Luís de Almeida Salles:

Alexandre Mourão adornava o mar com seus clavinotes ela com seus cabelos ao vento e seus seios dourados sobre as águas verdes:

— Anne — je disais — Anne de Lille — e os marinheiros à estrela perigosa de seus olhos ensinavam a rota à nau de Helena e o caminho do amor é o caminho da morte e o caminho da morte é o caminho da vida e o caminho da vida é teu caminho pois, quem provou de tua boca e não morreu? e eu provei de tua boca e vivo dela

e Helena
nutre de sua vida sua morte
e a vida
é a semente da morte — e a morte
é a flor da vida:

de New Orleans
rumo à constelação das rosas e ao riso matinal
de Anne de Lille e suas
tangerinas verdes —

e Helena pode o mar
e pode Anne de Lille abrir a rosa
da boca lancinada à flecha de Eros
e Francisco Luís pode a perpétua partida
no perpétuo porto

e desde longe
começando a morrer
e da incessante morte
vai crescendo o caule
da vida imarcessível —

a flor do anacoluto
promete às folhas verdes
a maçã de teu rosto:
guardo na boca o fruto
desse riso
e o sumo
dessa lágrima:
— o adolescente
mordeu teu nome um dia
e é dele
nestes lábios maduros
maduro o canto à tua clave
clave de lua e lambda e Léa



e si lá sol fá mi ré dó
redor
dos arredores do crepúsculo
véspera de Vênus — e teu corpo irrompe
desde um monte de pétalas — pois assim
te quero — mera rosa —
na véspera do amor
e és tu a noite
e és tu a madrugada e o canto do galo e o meio-dia e
são a noite a madrugada o canto do galo e o meio-dia
e as vésperas o tempo de meu canto e minha duração:
por isso ensino às ondas
e às serras do país
o tom de Apolo
— e os vales ecoantes
repetem para sempre a melodia e um dia
há de voltar a clave de teu nome
à minha sepultura — e a flor

na flor de minha boca há de achar sua terra:
— sempre viva — dirão os ventos da província
pois não morrem, Apolo, os que aprenderam
a lira,
e a noite e a madrugada e as vésperas
vão florescendo
no eterno calendário onde sucedem
as três cordas da lira de teu nome
entre as moiras Léa
entre as musas Léa
entre os anjos Léa
entre Anne de Lille e Helena Finamore
enfim o amor
exala o testamento:
e vivo herdei a morte
e vou da morte
herdar a vida.

Pois conheci Menelaus Gordon e Paris Alexander
e Francisco Luís e Alexandre Mourão
e fui colhendo os inventários e os botins
uma palmeira em Delos
uma palavra em Delphos
e uma noite contigo
— e estas
foram minhas heranças, Apolo,
e uma viola serrana e dela guardo
a serenata e a serra
e dessa noite um beijo:
pois herdeiro de um beijo
beijo a flor
cata casta cata

Léa



pende dos lábios
teu espólio, Apolo,
a sesmaria que me deste — suas eiras e jeiras
as ribeiras verdes sob o céu
a cabra montês e os cavalos ruivos e as éguas ruivas:

pois entre os cavalos ruivos e as éguas ruivas e as
ribeiras verdes
passeio a peripécia da tristeza
peri

patética
e a cada passo invento a morte e sou
minha própria invenção
e inventei este deus e este país,
ao inventar, Apolo, o rastro
de teus pés no chão de Orfeu — o rastro
de tua flecha pelo céu e o rastro
de tua voz nos presságios da noite
no bóreas entre as folhas
na sonora fonte:

e quando mais ninguém
cantarei eu ainda os sagrados eólios
ao ouvido na ninfa
e à virilha da fêmea

Pois bem que estremecees, amore mio, quando
canta o galo encarnado à madrugada
de tuas coxas:

venho
do sono

— e uma vez
montei de um salto a égua malhada
e despertei
retinindo as esporas
no barro da alpendrada reiúna:
Helena se apeara da garupa

e os touros e os vaqueiros e os garrotes
dilatavam as narinas e urravam
e escarvavam o chão
e as orquídeas
abriam as vaginas lascivas
e os lábios abertos e as narinas tersas
esse cheiro de cio ao vento sertanejo
eras tu que chegavas
pois sempre chegas quando chega o canto
pois sempre chegas quando chega o amor
pois sempre chegas quando chega Apolo
Eleu
theria.

IB'

Pange lingua gloriosi
corporis mysterium:

Bernardo de Clairvaux atravessou os Alpes vinha de
Roma e trazia uma relíquia — o dente de São Cesário
pela Ibiapaba pela Mantiqueira os Pirineus e os Kárpatos
por Lisboa e Padova onde a língua de Antônio — trago
por Nova York Buenos Aires e São Paulo
uma relíquia e calem-se
os pregões da Bolsa
trago a língua de Apolo a língua viva
e pange a língua
do corpo glorioso o oráculo celeste.

Desce a tarde sobre os ananazes
e as mangabas verdes e os cajus vermelhos
em Feira de Santana:
consulto a bússola
onde o Norte da Musa — ali
é o pomar onde colher a viagem madura
e à sombra das mangueiras
entre as folhas morena
Antonieta Mello fundava a dor sagrada e a flor
do puro coração
e canto agora

aos céus de Mecejana
seu sorriso triste sua lágrima
seu lírio imarcessível enquanto
desçam as tardes sobre os ananazes:
abre, menina, o coração
na serena madrugada,
se o coração não me abrires
eu não sou eu nem sou nada:

pois junto
das de coração alanceado eu
sou eu
e amor
e dor,

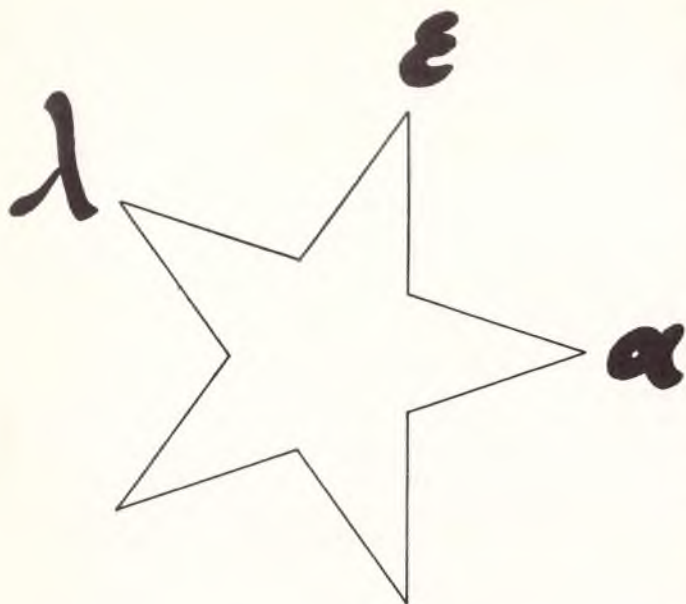
Apolo,
e as amorosas e as dolorosas
sabem meu nome e a porta
de minha casa:
pois canto agora Antonieta Mello e um dia
desta partitura para flauta doce
em tua língua, Apolo, hão de dizer
que entre Alecrim e as Quintas
Antonieta Mello teve um cantor

Pange língua — pois canto no caminho
as coisas e as pessoas do caminho
do país dos Mourões a teu país, Apolo,
e teu país é meu caminho — e meu caminho
é minha residência
— pois
sobre meus pés caminho
e ao longo
de minha sombra —
e minha sombra
responde ao sol e à lua
seu mapa essencial:

não viajo de mim —
 nesta fronteira
Ich bin der Markgraf
e o margrave marca
sua fronteira
 e sua
fronteira é sua sombra
 e habito minha sombra e sou
cartógrafo de seu mapa sob a planta
dos pés limito minha nação
pois natural
de praça e rua de monte e val
a pura sombra
dá deferência — deferimento
ao mero corpo:
ali sou eu onde o luar
defira à noite minha memória
pela raiz de minha sombra onde
o resíduo de meus dias

As viagens viajam a viagem
 e além não vou
de minha sombra
 sou nela imóvel
 — eppur si muove —
e às vezes
passa-me Apolo as rédeas de seu carro de fogo

 E pelo lago
do céu pisando estrelas
 até
a lapa do mundo galopavam
os cascos faiscantes:
um dia sobre as areias de Paranaguá
caminhava uma estrela:
 para tua cabeça
 aluguei uma estrela



para tua cabeça noite dia o diadema
de um beijo
em teus cabelos fulgurei — e o cometa
coruscante na omoplata banhou
o espinhaço moreno

no céu curvo e profundo
fundiu-se e resta
a glória moribunda
de sua coma
desde

até
e um dia me disseste:
“faz um milagre”

escrevia com o dedo sobre a página
“faz um milagre” — pedias
escrevia com o dedo sobre a areia
a rima de seu nome —
“faz um milagre”
e o dedo incandescente ejaculava cometas
à rima de seu nome

In firmamento coeli rorabam coeli desuper
e enquanto
os perfumes perguntam por teu seio
nubes pluant rosam e o trevo
de teu nome responde
no orvalho da madrugada:
poeta, ego
íncola dos trevos —íncola
de um trevo
desde
até
pois ali oh laudes regis — calida latet
el trébol — el trébol
ó oriunda de Calíope

καλη
κα
λεα

a rosa veste a túnica e um perfume
de talictres silvestres veste o trevo
amante amore amavi amatam
desde as celestes fugitivas
e Carmen (carminum)
até

IV'

Divididos os idos in dimidio dierum meorum
vadam ad portas inferi
in dimidio dierum midnight
she knocked at the door in Chelsea à porta
do coração — nos assombrados olhos
tacebit pupilla in oculo meo
e bato à porta do inferno e bato
ad portam paradisi
e aos surdos anjos e aos demônios surdos
emudece no olho a pupila — a minha —
e de olho a olho
sidera
considera:

considereí os astros, Musa,
Musa, Palatini referamus Apollinis aedem:
ali sob o reinado de Hilarius Bogbinder
entre os lençóis de linho e os limões verdes
floresciam as sardas ao redor de teus seios
tua beleza ferruginosa suplicava
os ruivos travesseiros:
chegava Jéssica lavada pelos sumos da lua
chegava por Santa Clara
Ariston

in dimidio dierum meorum:
pois me refiro a Jéssica ao buscar Afrodite
per talos
me Veneram quaerente:
e era uma vez a Infanta do crepúsculo
seus cabelos pesavam nove libras de ouro — e era uma vez
o céu de Coritiba e o vestido escocês
e era sempre Isabella
e o vento vindo de novembro pelo Paraná
me Venerem quaerente
pois quérulo me vou pelas veredas
buscando Vênus:

 e onde tornozelos

 — ancas

onde ancas

 — tua cintura fina

onde tua cintura

 — a dança

onde a dança

 — Afrodite

 e por ali

 rastro de Apolo

poetae Venerem quaerenti — Apolo

no inventado rosto

inventa o coração

Chegávamos de junho e julho e agosto
vínhamos às vezes do mar da aurora e às vezes
cavalgávamos serras de saudades — outras
partíamos da noite enluarada
e os tropeiros na estrada tiravam o chapéu
na saudação ao poeta:

palmilhado o silêncio

no rumo da palavra

e onde sua sílaba

 por alí Apolo

lundum ludendum ludens

e quando a madrugada explica a rosa
se explica o coração na pálpebra explicada:
mas aí de ti, Louis,
Louis Alphonse Donatien
na boca encarcerada morde
o cerrado botão da rosa muda — e queima
nos olhos moribundos queima a antífona
do próprio requiem —

mas Apolo
desabrocha à lira
a louvação da flor:
a corola celebra teus cabelos
a virilha celebra nome e nume
e este é o ludus do amor
e delta digo ao teu ouvido Δ e fundo
o alfabeto
em Lambda Delta Beta Kappa:
e assim te chama a língua sábia
o lábio o seio o umbigo a orquídea
a curva pígia

— por isso
uma noite me castraram as Fúrias Eríneas
e os eunucos dividiram entre si o pênis ceifado
e à negra relva o milagre de teu sopro
o ergueu de novo
e cem vezes mil vezes me castraram as Fúrias Eríneas
e os eunucos comiam as rodela deçadas
mas és mágica e cem vezes
mil vezes
traziam das entranhas e entre antúrios
em seu pendão de cana florescia de novo
a cabeça do príncipe perene
no júbilo do orvalho entre os antúrios

'IXNEYMA

K α
τ α
χ é

E muita noite
quebrada a flauta
não cessava a melodia — tenho lábios

IXVEYMA

viciosos de música e de sopro
entre os dedos
teu corpo no ar
e de horizonte a horizonte
modulada canção se desferia
da fonte do desejo — pois ali
nessa clave de lua era soprada a rosa:

E sopro a flauta a rosa súplice
e a canção te compõe e decompõe
de seio a seio

Tanjo a ovelha da letra ovelha à ovelha
toureiro o touro da palavra
picador banderilheiro
no trapézio dos chifres perde o solo a sílaba
do coração — e os olhos
guardam gota a gota
a espada matadora
pois tourovelha toureiro touro
arrebanha rebanho vivo
rebanho à morte —
e um dia
há de restar de mim o pranto de Erifânia.

Erifânia! Erifânia!

Pois busco ovelha por ovelha
e touro a touro enfrento
y me aúlla la perra
Maira la perra
um morto um vivo um touro —
e salto

picador de ditongos e tritongos
sou o amante das Fúrias Eríneas
Eumênidas
Eumênidas

pica —
dor

me castraram de novo
e me busco no ventre das Eríneas
e encontro ao ladrido da perra

Erígona
e Erifânia —

— Erifânia

canta a dor adorada — picador do touro
pica as fúrias amadas
entre as doces ovelhas ao ladrido
de la perra Maira farejando
dissílabos trissílabos tetrassílabos
e chego ao pentassílabo per talos

a brisa violeteira violava
os irados cabelos dessa Moira
e ela ao vento favônio

— Musae, favete —

lavava o favo das pupilas de mel:
mas quem se esqueceria de teus olhos

Isabela Isavela
quem desse verde navegado pelas
borboletas em cio?

Pela perra Maira
a língua varada pela lança
por Maira e Moira
por Erígona e Erifânia e as Eumênidas
pelas Fúrias Eríneas pela Musa pelas léguas
vou lendo o chão.

18'

Caminhavam sobre meu corpo as de Goiás e do Piemonte
uma delas costumava fincar
a lança de seu pé no sítio
do coração — outra
rodopiava sobre o pênis taciturno
e num salto certo
cravava as ancas ao grito lancinante
e engolia nas entranhas o príncipe fremente:
florescia em suas bocas
compunha o lábio formoso
e a língua estudiosa
mas não pisavam minha pele — ego poeta
em floretes de sopro as sustentava e a sombra
de suas pernas
tecia túnica a meu corpo.

Os que sabem de mim me lembram como um pequeno
rei arteiro e moribundo entre amantes de todas
as raças. Todas elas me possuíram ao longo das
noites. E a noiva sérvia, as crinas do Danúbio
sobre os ombros — e a princesa de Túnis com seus
olhos de avelã e a puta de Araguari com seus seios
salubres — todas me possuíram
por dias e noites e anos me possuíram.

E fui eu mesmo meu próprio preço:
 por isso tantas vezes me resgatei — e nunca as
 possuí — nem mesmo
 a pequena alemã de Blumenau nas noites de se-
 tembro. E Isabella era Lúcia Isabella. Quando
 pensei tê-la afinal dominada e possuída, metamorfo-
 seou-se em rosa — melancólica rosa amarela num jar-
 ro de porcelana. De outras, desapareceram o rosto e
 o peito, todo corpo transformado num pequeno sexo
 na palma da mão, uma crisálida, uma borboleta ou
 uma pomba, e fugiram voando para o teto da igreja
 de São Paulo. Outras ainda se transformaram
 em defuntas e eu
 as sepultei chorando num monte de lírios desolados
 — no entanto, eu as criara, ego poeta,
 de meu barro e meu sopro,
 pois antes de mim não existiam:
 quando sílaba à sílaba alguma noite pronunciei seus nomes
 Mag — da — le — na
 Ma — ri — e — le — na
 I — sa — be — la
 só então elas se ergueram
 com seus umbigos vertiginosos
 e nada mais pude dizer
 e seus nomes
 me esgotaram as veias e os pulmões.
 E quando eu lhes perguntava de onde vinham,
 para onde viajavam, de
 que pessoas ou lugares traziam ou buscavam notícias,
 respondiam simplesmente:
 — Apolo —
 e quando diziam o nome santo, voltavam de repente ao
 que eram: Isabella
 se incorporava em sua rosa amarela, a puta
 de Araguari se erguia de sua borboleta ou de sua pomba
 e as defuntas, sacudindo os lírios dos cabelos,
 se punham de pé sobre seus caixões azuis. —
 E todas me possuíam de novo

Possesso delas — ego poeta
produzia o vinho e o vinho
produzia o bêbado — e o bêbado
produzia a música e a música
produzia a regência
do ser em dança sobre os tornozelos
em torno delas — pois seus olhos
guardavam o rosto de um deus e sua boca um nome
— Apolo —
e ao sagrado nome novamente
se metamorfoseavam
e a pequena alemã de Blumenau
era uma égua ruça e a puta de Araguari uma poldra baia
e emparelhadas com arreios de prata arrastavam
entre as constelações o carro do deus.

Entre Alpha e Beta de Capricórnio o deus
era arrastado pelas
potrancas vertiginosas. O galope sideral atra-
vessava as flechas do Sagitário, as rodas do
carro de ouro deslisavam sobre o ruivo riacho
da Coma de Berenice e as éguas se empinavam
afinal, de narinas ciumentas, nas colinas de
Delfos onde Lúcia Isabella transfigurada,
em Maira la Perra transfigurada,
lambia a mão do deus com sua astúcia
de irish-setter. E de repente assumiam outras
formas e brotavam dos agapantos e dos
crótons e luxuosas serpentes coleavam
na relva com seus crótalos pressagos. Pois Lúcia Isa-
bella era uma verde cascavel de olhos dourados,
vertical e longa, meneando a cabeça e a puta
de Araguari armava o bote de
sua pele malhada e Jéssica e Elisabeth
enrolavam o lustroso coral de seu dorso,
enquanto Adriana e as outras lambiam
os dentes perigosos.

Ego, poeta,
tenho a mão sagaz e arteira
do Serpentário
e empunho o sustento e encanto as serpentes
enroladas no pênis em meu leito de rosas
pois as rosas
sideradas vão con-
siderando o ouro e a prata das serpentes
na mão do Serpentário
onde ainda uma vez
a cabeça dourada de Isabella
volta à antiga flor de seu sorriso
pois et nunc et semper as auroras
devolvem Lúcia Isabella
do sítio da memória à ilha
do coração de Apolo.

Por isso peregrino a memória
ego, poeta, romeiro do coração
adonde parti retorno — e estudo
minha esperança:
de minha própria esperança estudioso
sobre a podridão das horas
planto a rosa e a maçã e habito a distância
de sua primavera e seu outono:
pois do lombo de capricórno salto — ego, poeta
a galope neste Monte Real
la belle province
e guardo sempre a língua — e é bom morrer
restam algumas horas de vida — tant mieux
pois não verei o estrangeiro
plantar sua palavra onde plantei teu nome
ao vento da montanha repetido
entre as folhas do érable:
pois ao morrer teu nome em minha boca
terei cumprido a minha própria morte:
na língua estou vivendo
here lived and labored

e os turistas atônitos
e Agnes e Carole e as outras
ouvirão do porteiro do hotel
a' evocação do poeta:
from here sailed out to die
as verdes águas escrevendo na vela
as letras lancinantes de teu nome

ali — satélites — meus olhos
pois de Aguas Be L as e Pa L mares e Pa L meira
dos Indios

a Be L grado me voy
e eras o vale e o céu de la Be LL e Province
e eras o nome de la Be LL e Province
e a noite de Guatemala L a e a lua
de teus seios enluarava as laranjas
nos jardins maduros de Teguciga L pa
Teguciga L pa!

en el cerro de plata
tres mejillas de oro
á janela dessa calle del Olvido
rias o riso de cristal e prata
de Tegucigalpa

e as colinas
estudavam ali teus seios teus quadris e o vento
aprendeu a mover-se em teus quadris
e assim por Montes Claros e Diamantina onde bailavam
nas suas manjeronas rescendentes
Cristina e Júlia.

Por esta flor passou um beija-flor
por esta relva um calcanhar
por este lago uns pés:
na flor na relva na água
crescera o calcanhar
da raiz do rastro
teu talhe de palmeira
desde
até.

18'

Nascia o gerifalte sobre os ombros
na testa brotavam o louro e a madressilva
a cintura gerava o boldrié de Orion
e a flecha e o arco inteiravam as mãos
o cavalo baio decorria das coxas e das ancas
e nos olhos levantava-se a estrela:
Phaeton! Phaeton!

A caça caça o caçador

A sombra assusta o corpo
mas Apolo
não teme seu fantasma
e o cavalo baio
galopa seu galope
junto ao gerifalte à flecha à estrela
Phaeton! Phaeton!

Pois me nutrias quando
a mão celeste ordenhava as estrelas
apojadas de azul
poeta sum

a boca cheia
dos gomos luminosos
e da Vega da Lira e de Cassiopéia
por isso — Fratello Sole, digo,
Sorella Luna
doce incesto noturno
tu Pythia, tu Phebéia, tu Delphinia
Artemis Artemísia
quia nocte quasi dies
in diebus diabola

Bêbados de estrelas
rolávamos sobre as constelações
no lagar capitoso
Phaeton! Phaeton!
Incestuosa —
de nós mesmos nascíamos
e éramos naquele tempo nossa própria fábula
e a mesma flama nos torneia agora
o corpo fulgurante no coração da lenda

Pois quem te lembra nua
empinado el culo quando
ardiam nos lençóis as sarças peludas —
eras a mera lenda
e em tua virilha lendária
fabulava o odor
do pênis mitológico —
Phaeton! Phaeton!

Os cavalos nitriam no pântano dos astros
e seus cascos
golpeavam os planetas — a espuma
dos meteoros no focinho:
os que Zeus derruba das alturas

deixam no firmamento a Via-Láctea
Phaeton! Phaeton!
teu rastro

πυρ - πυρος

Pyrie eleison.

Sob plátanos brancos de uma ilha sepulcral
oficiava ao crepúsculo tua beleza, amor
Phanes Phanus Phalena
Phales Phalerus Phales
Phalanthus Phaletusa
Phaeton Phalanthus Phalus

De falernos
na cavalgada embriagada conhecemos
as veias da manhã e os ossos da noite
pois transpusemos
a aurora e seu crepúsculo
e do tempo regido ao casco dos cavalos falernos
apeei-me à fronteira
da eternidade

ἄτος - ὕμνος

Atymnios —
da heroica louvação insaciado

Bebi o vinho do tempo —
e a eternidade
é minha embriaguez

pois não existo mais senão
no coração da lenda — e sou
eu mesmo a minha própria lenda

Phaeton
heroicis laudibus non satiat
non satiat

insaciável

inefável

inconsolável

pontífice e histrião
mordia os rins do planeta
e fincando as rosetas das esporas chibateava o lombo
da galáxia

com meu cometa coruscante
Phaeton!
Phaeton!

um trevo nos calcanhares
o rastro dos pés inapagável
dizia norte e sul e leste e oeste
com a rosa-dos-ventos sob os tornozelos
ego poeta
vou caminhando como o som caminha
desde

por

para

até

ubi unde quo qua
et usque quousque
quam diu.

IS'

Pois faço aos tempos surdos a doação deste ouvido
e venho doar ao tempo mudo esta língua
aprendi as álgebras do espaço
e calculei às vezes aurora e noite e sou
sabedor de sua hipotenusa e mestre
de sua bissetriz e de seu algarismo: posso armar
no doce teorema de seu caule
a parábola da rosa e sua paralaxe:
pois proponho a rosa aos circunstantes desde
seu logaritmo — colho
teu nome em minha boca
e em minha mão floresces
com teu monte de pétalas
com teu seio redondo —

 não seria ali
o sítio do desejo, Capitão Gofredo?
e venho e volto e um deus
veste na própria pele o corpo livre e gera
da incessante vida a saciada morte
e da morte incessante esta sede da vida.

Não estão mortos os deuses. Efraín,
sob a defunta máscara seus olhos
cravejados de esmeraldas
coruscam sobre nós

e a rosa de seus lábios
despetala ao fervor de seu sangue botânico
a suplicante saudação:
 tu dichorisandra albo-lineata
 tu campelia zanonía
 tu gladiolus ceruleus
 venustus labiatus
desde o musgo do chão ao firmamento firmas
no lírio vertical o fluxo de teu rosto:
também eu — ego poeta
arranco e piso aos pés minha máscara de morto
e sustento o fulgor de tua
pupila incandescente.

Não, Antônio José,
não morreram os deuses e na pata
do cavalo de Alexandre Mourão
na palmeira de dona Úrsula
em teus olhos moribundos, Capitão,
num punhal no relógio da sala
no patacão de prata no retrato da parede na relva
de tuas coxas sagradas
o rastro de Apolo:
ego poeta, ego cartographus
faço o mapa, Gonçalo, desse rastro
entre o cróton e o cróталus terrificus
pois de terra terrífica é o chão onde um dia
deixaste florescer a planta de teu pé:
e as distâncias do mundo
permanecem regidas
à balística de seu passo — não morreram, amor.

E deles os que um dia visitaram a morte
desceram aos infernos
e subiram aos céus no terceiro dia — e um dia, Augustin,
rebentou um ruído dos céus um vento de tempestade
e mandaram descer suas línguas de fogo
sobre a cabeça do poeta

e saí pelo boulevard bêbado de glória
e os Partas e os Medas e os Elamitas
e os que habitam a Capadócia o Ponto e a Ásia
a Frigia a Panfília e as partes da Líbia
perto de Cirene — e os forasteiros
romanos e judeus e seus prosélitos
e os cretenses e os árabes
e os servos e os croatas e os guerrilheiros guatemaltecos
e a puta de Quebec e o travesti de Amsterdam
recolhiam maravilhados
silaba por silaba meu canto — pois conheço
o poliedro da palavra — ego poeta
e no sonho dos adolescentes e dos moribundos
fiz minha morada no país de Pentecostes
e abriram-se as fontes das águas em minha língua
e todos entendiam a fala das fontes das águas.

Por isso

Pallas invoco — Palas Athenaia
e Afrodite clamo — Afrodite
e Zeus e Poseidon e Hermes Trimegisto
e Afrodite clamo — Afrodite — e ao seu nome
estremecem frementes
a pele e o corpo dos machos e das fêmeas:
da concha de seus lábios com seus olhos verdes
ergue-se Afrodite
os mesmos ombros de cabelos molhados
pelo mar da Jônia na concha de Poseidon
calipígia a oeste
e a leste — de pentelhos frondosos
mas ninguém lhe acaricia os pelos
pois transfigurada
 ela nos conta
sob a luz das estrelas
sua própria ficção
e não é mais
que a ficção de si mesma
e de sua metáfora a metáfora

a presença real
— e só a morte
dos deuses é irreal:

e da raiz do coração a língua erecta
ousa chegar ao êxtase:

Afrodite! Afrodite!
da transfiguração
de teu nome real
teu rosto original parece
irreal.

Um dia percorríamos a aurora de Montréal
saudávamos os bisontes e os jaguares nas esquinas do
bairro inglês

e ali
cantava o galo no quintal de Teresa e urrava
o touro de Vila Bela no curral de Eufrásio
ao quebrar das barras
na madrugada hermafrodita:
as donzelas e os travestis e as putas da Guatemala e as
leopardas ciumentas e os lábios no cio perguntavam
— “por quem, poeta, teu amor, por quem?”
Amante sou é de meu próprio rosto — amoroso estou
do lago de tuas pupilas de onde
meu amor é pela gema de meus dedos no pelo
de tuas virilhas — e apaixonado
estou por minha mão que ronda as tuas coxas
pela língua
que diz teu nome — linguabela abelha
no mel de tuas pétalas em tua
rosa negra — e ali
em seu ninho de estrelas mergulhava
o pássaro — e por ele, amor,
o poeta,
e seu amor.

E não morreram — pois
era uma vez uma cidade, Gilbués chamada — e era uma vez
uma mulher por nome Laura — e outra vez
bebíamos o Ballantine's twelve years
na fronteira do Maranhão
barrancas do Parnaíba:
sob a celeste água-marinha
da noite piauiense
as doces loucas de Terezina
penduravam sob as mangueiras
no sanatório de Clidenor
entre as douradas mangas-lira os redondos olhos — e a lua
arredondava o seio das putas quotidianas sob
os coqueiros de Ana Paula — e era uma vez uma noite —
e era uma vez
uma cidade, Gilbués chamada — e era uma vez
uma mulher por nome Isidora — Dora —
de Gilbués chegada — e quem se esquecerá
de Mariana — os mesmos olhos
augurais inaugurais
de Sanharó chegada
aos bordéis do Recife:
do trampolim de seu rosto
o peregrino pé ao desferir o salto
cunhara o rastro — e, pois,
por esses rostos e lugares vivo em romaria
Delos Delfos Gilbués Oeiras e ali o Coronel
Victor de Barros Galvão governador das armas
até Olho d'Água Grande onde Domingos
o Coronel Domingos Mourão Filho
governador dos povos assentava
o rústico condado e cultivava
a rosa do perigo:
pois visconde conde comes senhor e servo
soldado de aventura sou, Apolo,
pelo sangue das veias
de todo chão de todo rosto
onde quer que esse rastro e tua mão

vela sobre nossos capitães
pois flor-de-lis pois rosa
de puro artelho rosa e flor-de-lis
orde marquês marquei minha fronteira pelo
som de uma flauta pela
corda de sua lira — e por ela
joguei a minha noiva e meu condado e meu escudo
de faixa verde em campo de ouro
um castelo em abismo e abismado
entre as coxas das nove castelãs — ali
farejo o faro de teu falus e sou
de tua corte o derradeiro conde
Gerardus derelictus — criatura
de Apolo e de Melpômene
ego poeta
conde do abismo.

Mas teço o pano pastoreio a cabra e forjo o ferro
e planto a cana

e camponez e obreiro
degolo o conde nas auroras de outubro
ego poeta o conde degolado
à beira de seu abismo:
depois com o sopro de meus pulmões
encho de ar os foles de couro
e malho a brasa dos metais
e produzo as estrelas
na oficina onde canto
o meu próprio motim
e o meu próprio massacre:

Pois malho, Apolo, na bigorna os colhões de aço
e o coração de chumbo — e invento
a mágica do ouro e vou
fazendo rosas braceletes pétalas
e outros objetos de ouro

até chegar à lira:
pois criei a minha mão e fiz
eu mesmo a minha própria lira
suas cordas fiei
e modelei os dedos com que as pulso
do pulso às unhas.

peregrino pelas calçadas do bairro
e os rapazes e as raparigas me apontam:

Gerardo

de

lira.

IZ'

Violava as borboletas e as violetas
lhe floresciam onde
as abelhas cercavam a sagrada colmeia:
Laura celebrava os ritos
e as outras concelebravam — pois
as bochechas cheias de esperma
Salústia e Beatriz borrifavam as alfaias
— manejava Mônica o estrangulado príncipe
com as sementes leitosas aspergindo
pupila umbigo e seio
orvalhavam gotas de opalina as axilas peludas
mas Laura
celebrava os ritos:
ao clarão do falus
ao mergulho litúrgico
celebrava os ritos
na rua Paula Freitas
sacrifício de lírios e verbenas
nas tardes pluviais
serviço de Perséfone e Afrodite
esmagada na relva a boca
na boca a relva:
o macho à fêmea a fêmea ao macho
imolados à súbita Ginandra
vinham cantando à primeira semente

de Apolo Ginandreu
— pois Laura
celebrava os ritos
nos quadris em flor

E deitado no mel das brisas flamejantes
ego poeta começo o canto e digo:
— “já nada mais existe, Apolo, e apenas somos
na primavera do tempo
quadris em flor” — e Laura
celebrava os ritos.

Quando
as borboletas violavam as violetas
inauguravam os áugures o augúrio
e as palavras pereciam no lábio
esquecidas de si mesmas
a sós contigo, Apolo,
e com a ninfa da vida e com a ninfa da morte
murmurei o sopro da inefável canção:
— pois somos celebrados enquanto
Laura celebra os ritos.

Mestre de cerimônias o poeta oficia
a cerimônia do silêncio:
o canto é seu ofício — mas
o imolador se imola enquanto
Laura celebra os ritos

Um a um vêm os deuses chegando
ao banquete da própria morte
e da ressurreição — pois Laura
moribunda e nascitura Laura
agoniza a agonia de nascer de novo
e ao ritmo e à tempestade de seu corpo o poeta
celebra os ritos —

e ali
começa a nossa coisa cosa nostra, Apolo,

de nossa raça:
ego poeta sacerdote e vítima
celebrado celebro a celebrante
e o espaço
perde a sua medida
e o tempo

perde a sua duração
pois Laura
celebra os ritos:
brota de minha cabeça o cometa
de seus cabelos e sob
a torrente de seus cabelos meus olhos
fitam o príncipe erguer
da maçã de seus oasis de relva
a cabeça da rosa
e ali
a derradeira súplica o suspiro e o pranto
pois Laura
despetalada
recompõe a rosa — Laura
celebra os ritos.

Desaprendi teus outros nomes
e na sabedoria do esquecimento
invento as novas sílabas
— Laura te digo
e à minha língua sábia
de teu próprio humus de tuas folhas te ergues — Laura
celebrando os ritos

Então começa — então termina
Laura
então se perde — então se busca
Laura
e neste chão o meu sepulcro e a minha fonte
de minha morte jorro e piso
minhas pupilas derelictas:
pois no rastro de Apolo
Laura celebra os ritos.

In'

Digo o que vi — pois vi os anjos
montados no lombo das poldras azuis
galopando nos poteiros ao redor da cidade — e digo
o que ouvi —

pois ouvi dizer que as deusas moribundas
voltavam à adolescência no crepúsculo
e se entregavam aos anjos
no lombo das poldras azuis
e muitas outras coisas sei
de ver e de ouvir dizer
sobre anjos e deuses
alguns deuses:

subi à montante do rio dos jaguares
no dorso dos crocodilos e achei
a nascente das águas — e escanchado
no espinhaço dos sáurios
passei a divisa das águas — perguntei
todos os caminhos do mar
ao abismo à espuma à latitude
e à longitude — pois habitei
minha própria lonjura
e meu álibi:

a corrente das águas carregando
a imagem de meu rosto por onde
a figura se configura — pois habito

meus próprios álibis:
ali estou onde desejo estar — e desejo
o caminho de teus rastros onde
confinado e livre
confino o mundo — pois o prisioneiro
engenha a liberdade —
engenheiro
do dia e da noite
aloeste a sudeste a nornordeste
e quem queira encontrar-me há de seguir
a rota dos abismos — pois
incola do abismo — o abismo
é meu porto e minha pátria
ego poeta cidadão do abismo

pois mordi, Apolo, a fruta de teu nome
e conheci o sal e o mel e o vinagre e a pimenta
da palavra — o sangue
dos seres e das coisas e seu vinho e sou
o bêbado dos abismos onde
veraneio os meses entre
demônios cartomantes:

— um moço louro a traição periga há uns
papéis confusos longas viagens dinheiros
curtos a mulher morena em lágrimas uma sol-
teira uma casada e lágrimas pela porta da rua
outra mulher mais outra
empalidece e treme o valete de espadas
uma ruiva pela porta da rua por onde as já citadas
lágrimas risco de morte uma herança uma estrela
seus astres e desastres:
— “embaralhe o baralho” — e a mão astuta
arqueava as cartas e embaralhava os naipes
descia
ao abismo de seus signos cercado
de profecias por todos os lados

pois enxergava sempre a musa ali
e o coração estremecia aos olhos
da pythia alcovitada — e às vezes
fulgurei em seus olhos e em meus olhos
conheci minha verônica

— pois o que sei de mim
sei por uma sibila, pelas cartomantes
pelas ciganas rastreando as linhas
de minha mão
e o que sei do mundo
é o que sei de mim pelos profetas
é o que sei de mim
por ouvir dizer
é o que sei dos defuntos
na lívida escritura de seus rostos hirtos
entre cravos e rosas quando
meus olhos se agoniam sobre
seus pergaminhos — entre
o hieróglifo de seus dedos rúnicos
e o silêncio pulcro de seus lábios rupestres

Mas um dia rompo o meu silêncio — e as rosas
começam a cair de minha boca
as rosas e as estrelas
e os circunstantes atônitos
me tiram reverentes o chapéu
e dobram os joelhos e me beijam os pés
e quando se erguem
escarnecem de mim e de si mesmos

pois já não se vê mais
que a poeira de um rastro
a aparição e a desapareição — e as rosas
voltam a fechar-se em seus botões de silêncio diante
das estelas apagadas pelo sopro do vento
e sou apenas o que fui — e fui

apenas o que serei na boca dos profetas
dos contadores de lendas

eterno

toda vez que as cartomantes inventem
ao olhar de uma trêmula mulher
o perigo de um príncipe a caminho
e na palma da mão entre o monte de Vênus
e a linha do destino — o presságio
de meu nome alegrará um coração que espera
a chegada da esperança.

Não sou — já fui
não fui — serei
serei o que teria sido
num país que carrego nas pupilas
ego, poeta, Pigafetta
meus olhos pisam meu chão
e caminho pisando os próprios olhos
meus pés escrevem no celeste espaço
com o coruscante stil nuovo
do pentestrello
minha bitácora — pois escrevão
de Capricórnio tenho por nome
meu pseudônimo
— Caramuru
ou Monteverde? —

Id'

Olho com olho
tua pupila dura
sobre
a beleza feroz de tua boca
acompanhou meu canto — e não sei
se pouco a pouco ou de repente
começaram a nascer em tua pele
umas flores azuis — e brotaram
em teu rosto e invadiram
tua cabeça e cobriam
teus olhos e teus lábios e cresciam
em tufos nas orelhas e se abriam sobre
as narinas e a nuca e o seio e as pernas
e formavam uma
touceira de madressilvas onde
eram antes os ásperos pentelhos
e os beija-flores e as abelhas acendiam
a fesoura de suas asas fulgurantes
e sorviam o mel em teu semblante
rosa — margarida — violeta
e eu disse em vão teu nome — pois
as corolas cambiavam de cor à minha voz
Açucena e Magnólia
e às vezes
te desabrochavam da cútis

milhões de miosótis multicores — e outras —
eras toda um girassol de ouro — pois
de tua pele estão nascendo flores — de tuas
virilhas o antúrio vive — e um dia
de teu hálito à tua voz
se irão compondo nos lábios os gerânios
rosas-moiras e grinaldas
de lavanda silvestre — e ao teu aroma
brotarão de meus dedos e de meu umbigo
e do sexo farejante
narinas insaciadas

Pois começaram a me nascer narizes
por todo o corpo e me passeias
os pulmões

 e aspiro

 e inspiro

tua presença odorífera — e a doçura
do orvalho orvalha

 agora as violetas onde
fora a dura pupila de ouro

Também contemplo as tuas dimensões
pois às vezes também me nascem, Godo,
dois miserandos olhos sobre a nuca

 e quando

pergunto o meu futuro responde o meu passado

 e quando

contemplo o meu passado vejo o meu futuro — e assim
caminho e sou

eu mesmo a minha própria órbita

mísero misérrimo vazio

e cheio de misericórdia

misericordioso pranto cerca os horizontes

e arrastando-me na areia

arrasto um Deus pelos cabelos e interpelo

Apolo, Apolo mostra
ao cego iluminado onde
o passado começa e o futuro termina
pois
o misero poeta prisioneiro
nem de seu passado nem de seu futuro se liberta
e em vão
vê o cesto das horas
encher-se em vão da água de seus dias

Uma noite a rapariga de Serajevo apontou-me os Balkãs
e por vinte dinars começou a ler a minha mão
esquerda ao pé

de um poste sob a lua
de repente calou-se e passou a ler em silêncio
— ou rezava talvez —
e começou a chorar — e as lágrimas
caíam de seus olhos ciganos
e o pranto vinha de longínquos países
e ela banhava com ele a minha mão perplexa
e beijava e enxugava em seus cabelos
e eu não sei de outra palavra senão
a que naufragou em sua pupila e se despedaçou
em seu soluço quando
o cálammo vivo de seu dedo se erguia
do mapa de minha palma e apontava no ar
não sei se as serras dos Balkãs
não sei se as serras da Lua
não sei se os montes de Vênus
ou as estrelas
de Capricórnio

E assim, amor,
em teus olhos transidos tenho lido
a estrofe e a catástrofe
de minha peripécia:
velhas terras me envenenam os pés

sobre o fio dos passos me devolvo
del mezzo del cammin e não me perco
na selva escura onde, Ariadne,
q chão musgoso guarda
a memória sábia do caminho
me Venerem quarente
per talos et paludes:
pela planta dos pés me envenenaram
esses doces venenos e rorejo
dos poros o suor deste mel — e das pupilas
oh dulce lacrymarum donum in quo salus
salus mundi salutatur — pois Apolo
Apolo pai, Apolo filho, Apolo pneuma
caminha só entre as estrelas
nos outubros salubres do país.

K'

J á vou atravessando a província formosa e a Musa
é contígua aos países longínquos:
o prisioneiro é aquele que era livre
o morto o que era vivo

entre o cão e o cano linheiro da espingarda o caçador
alinha o olho sagaz
e a narceja selvagem tomba do azul do céu a asa pendida
de seu fio de sangue — e sempre
por um fio de sangue

Eleutheria

Ariadne convulsa a liberdade encontra
o caminho da morte

— poeta solus poeta tantum —
só o poeta pranteia
sua bela narceja derrubada
na paisagem lacustre:
maldito seja o estampido maldita
seja a mão que afaga o gatilho e a pupila
que endurece à pontaria
maldita seja quando o tiro
quebra as asas aflitas e ao peso
da descarga de chumbo a flor alada
se rebenta no chão e cai
come corpo morto cade

Já peregrinei essas províncias formosas
vi a lua romena sobre os Kárpatos
e as colinas dos Kárpatos onde
os monjes serenos de Sinaia e o pátio
de seu mosteiro sobre
vales e colinas da Transilvânia montada
em sua cítara de nuvens — vi a lua
e a branca mão de Artemis sempre virgem
caçadora de estrelas

fere a noite
no firmamento azul a seta sagrada e pulsa
o coração da luz:
ali quem sabe, Apolo,
para teu rastro um rastro
pois tu mesmo
foras talvez apenas
o buscador de teu próprio rastro:
pousam primeiro os olhos no caminho
e ali onde pousaram
pisam os pés nas pupilas onde
ao chão da relva virgem se sugere
o rastro que virá:

e assim andei a Dácia e a Trácia
e o Ponto Euxino e na montanha búlgara
à chama crepitante desse rastro
arderam calcanhares — e o vento
desmanchou em cinza a pulcra perna varonil:
não já sobre teu pé — sobre teu rastro
se lança o corpo divino

as estrelas desabrochavam da terra, Jonathan,
e os firmamentos caíam dentro de um
oceano de jardins:
pois consultei as rosas de outono da Bulgária
e os cravos de Istambul e naveguei
o Bósforo o Mar Negro e o Mar de Mármara
esse Ponto Euxino onde Ovídio

Publius Ovidius Naso poeta fuit — e velejei
as costas da Dardânia onde foi Troia onde
Heitor domava os cavalos e onde
a corda de tua lira regia a lança
do mais doce dos homens
— do guerreiro puro —

Naveguei o Adriático e o Tirreno
o Egeu e o Mar da Jônia e o Atlântico e o Pacífico
e as ilhas e as antilhas
e o mar do Caribe e o Mar do Norte e o Mar
Mediterrâneo e o meio das terras
e as terras ignotas e as terras filiorum dei
e cavaleguei o lombo do Ontário o São Lourenço
e o Amazonas e o São Francisco e o Mississipi
e o Paraguai e o Paraná e o Prata
e as cataratas e os outros lagos e os outros rios
o Danúbio e o Tibre o Jaguaribe e o Sena
e o Pó e a ribeira do Arno por onde
caminhava o poeta e o Reno e o Meno por onde
cantava o demente divino e o Tejo de onde
celebrava Camões as caravelas rumo
aos mares nunca dantes navegados e às ilhas
nunca depois reencontradas onde
as ninfas se entregavam aos guerreiros

enumero os caminhos — e seus nomes celebram
a viagem aos tempos matinais
pois navego
a matina dos tempos onde apenas
o som da lira e os cabelos de Melpômene vestiam
a glória fálica de teu corpo nu

na escritura do chão a memória de meus pés
das serras do Ceará Grande e Mel Redondo
às serras de mel do Himeto — pois pisei
a água e o solo

e não pisei a flor o anjo a oliva
nem os filhos dos homens e odiei
os lugares do ódio e os lugares do sangue
sobre o chão dos algozes me cravei de espinhos
e busco
os caminhos do amor

ΕΛΕΥΘΕΡΙΑ

Esta é a memória de meus pés por onde
a liberdade peregrina
— por onde
as columbas arrulham a paz por onde
os adolescentes colhem
as belas raparigas que adormecem nuas
— por onde
corre o vinho alegre
e os homens
e os deuses
bebem no mesmo copo à saúde dos pássaros
das colinas dos lagos e das árvores
das cidades das ruas — à saúde
dos circunstantes e dos transeuntes:
Até breve, Apolo.

Ka'

Quantas léguas não sei — mas isto sei:
Carnaúba das Ipueiras, Alto da Serra, Alter-do-Chão
lados de Curuçá e bandas de Palmares,
terras de Goiás, Formosa e Rio Verde,
Mourão-de-Dentro, Mourão-de-Fora,
Mourão-de-Baixo, Mourão-de-Cima
desde a Várzea dos Mello
a pupila a narina os dedos sábios
o tato farejante — farejava
ribeira e chão e mar: e sempre perto
de tuas lonjuras:

a nau de Piri Reis e o navio de Gengis-Khan
boiavam no mar de Mármara quando
os cravos de novembro floriam
sobre os mortos do Bósforo
— “a beautiful place to be buried” —
à sombra das acácias turcas

flameja o pé sobre as águas — e os olhos
do rastreador rastreiam o mar — e ali
as ondas apagam a pisada dos homens e a memória
de seus passos dura a duração de um passo
mas da planta

”IXNION

”IXVOÇ—
IGNIS

”IXNEYMA

de tua pisada divina
curva-se
a água em sua espuma e as ilhas
brotam da chã do mar
pisada para sempre:

pois vi o mar os mares o pélago
dos Mirtos o dos Jônios
o mar de Creta o Egeu o mar de Ícaro o mar dos
Kárpatos o Lívikos

as cidades deléveis
e Delos indelével:
por mar e mar me navegaram os ventos
e os que conhecem o rastro
dos deuses sobre as águas
não se perdem no mar
já desde quando
esse oráculo de amor
disse a Teseu a endemoniada Pythia —
pois entreguei meus pés a meus demônios
ó Eros ó Pallas Athenaia
e amor e liberdade iam regendo
o labirinto até chegar
da Ibiapaba e Passo de Camaragibe ao lugar
mais excelente da terra:

pois dali se começa o roteiro sagrado
onde galopavam os belos cavalos onde
canta o rouxinol nos vales e Dionísios
ao vinho e ao canto embriagava as deusas
na fremente orgia —
aqui floresceram o narciso
e os cachos de açafrão à margem
das nascentes do Céfiro
e entre os coros das Musas
Afrodite sacode as rédeas douradas
sobre as crinas dos belos poldros brancos —
aqui Poseidon fabricava os remos e Hefaistos
os freios de prata para as éguas e daqui
contemplava Atena com seus olhos garços
e os navios esgargos cavalgarem a onda verde
e os marinheiros morenos
iam tangendo a cítara entre
o tropel das nereidas
e assim
te cantavam, Atenas, os coros de Sófocles
nas estrofes e antístrofes
sob o céu de Colonos
pois de Atenas — Hélicon, Kithairon — o Pankithairon
nos rastros eleutérios
tangia
o diablos de nove furos
às nove moradoras do sagrado bosque

EREUPOKAL KLIUMTERTHAL

e a dança de seus passos para sempre riscou
o mapa do Parnaso:
duas águias vêm voando de céus diversos
vão-se juntando as terras
de Tebas a Corinto
vão-se juntando as terras

de esquecer e de lembrar
a fonte de Mnemósine e de Letos
e ali se olvida a servidão e ali
brota a memória do tempo divino
vão-se juntando as terras em sua pele
Orchomene e Amfissa
Itéa e Cheronáa, Bralos, Procnos,
vão-se juntando as terras em suas entranhas
Pleístos e Arakhova
caminho entre as oliveiras na planície sagrada
Poseidon trouxe o golfo e os marinheiros
seguiram o fascínio do delfim dourado — e os pastores
vieram de Lebadéa e ali
começa o roteiro em que se vão juntando
as terras — se vão juntando
os deuses e os homens e os lugares e as coisas
Cassotys Delphussis Castália
jorra a flor das três águas
ó Phedriades ó Parnaso
só os nomes dizem o indizível
precipitam-se as palavras do abismo
no abismo das palavras de onde
ergue-se o fumo das alfazemas celestes

começamos a profetizar (Cúrios)
Omphalos Omphalos
a terra é cor de rosa
umbigo do mundo
onde eram juntos
o firmamento e o chão

Minha é a citara e o arco recurvo é meu
e canto para o povo o canto luminoso
— Amphictionia —
e na serra talhada
sob o firmamento azul
a montanha elementar e o chão
da terra cor-de-rosa:

Apple Apfel Apol Apollon
Aballos Apollos

Ἀ — πόλλων

Os adolescentes e as adolescentes
mordiam a maçã divina — e as velhas
cozinham a fava
e nutriam os reis
e Apolo citarista
regia nas sonoras cordas
a dança dos dias e a harmonia do mundo

Βασιλεὺς τοῦ Ἀργεῖος Θησαυροῦ τῶν Ἀθηναιῶν

E os reis vinham de Argos e de Atenas
e os sicônios e os sifínios
perguntavam ao oráculo os ritmos

Θησαυροῦ τῶν Βοιωτῶν

e a guerra era a
melodia da paz — e a paz
o rito da liberdade
pois ali
se juntaram as terras em sua pele e suas entranhas
com o céu
em sua pele e em suas entranhas
de Delfos a Naupaktos
e em suas águas —

Lepanto —
deixou Cervantes
o braço destroçado
entre as duzentas galeras mouras destroçadas — pois
do alto do Parnaso
velava Apolo Délfico sobre o golfo

”ΙΧΝΟΣ

— em Kira e Kissa.

— “I come from Australia —
where are you coming from?” —
e eu venho

de para lá dos Hiperbórios
Almatéa Ipueiras Capricórnio — desde
a palmeira em Delos:
passageiro de seu carro de fogo
cavaleiro encandeado
à aurora de seus dedos
pois seus dedos délicos
coruscam a aurora:
Febo Febo Apolo
naquele tempo
se guardava a aurora nos olhos
e a noite

na boceta de Pandora:
Não, Danai, não nos deixaram nada
deram todas as formas à greda e ao mármore e ao
ouro e ao bronze
deram todos os nomes às constelações
todas as linhas à pura geometria — todos
os logaritmos à álgebra das horas — todas
as melodias à flauta eólia
e o dáctilo o iâmbico o espondeu

todos os ritmos ao pentâmetro dos pés
e a lira a tua lira, Apolo,
governava os passos
e de Terpsícore e das outras:

não nos deixaram nada e cheios
de sua glória
 nos deixaram tudo —
a graça de celebrar:

pois celebro teu rito e teu mistério
a oliva o mirto o louro o plátano:
e a coluna do templo hoje sustenta apenas
o azul do céu e o tempo — e o tempo
a transformou numa bandeja de pedra
e sobre ela arrulham os pombos
e se oferecem ao sacrifício:
e sacrificio os pombos e as olivas
pois limpas tenho as mãos
não caiu sobre elas a lágrima dos aflitos
não as salgou o suor dos pastores e dos lavradores
não as tingiu o sangue
 dos açoitados e dos torturados
limpas tenho as mãos — com o ramo
de manjerona as perfumou
em seu silvestre jardim Atena Pronaia
limpas tenho as mãos
aspergidas nas três fontes e lavadas
no olho d'água de Castália
limpas tenho as mãos do sangue dos justos e do
dinheiros dos pobres

Δέκατεφορος

pois entre os inocentes as banhei
purificadas com o hissope dos ramos aromáticos:

lavadas pelos dedos da aurora
na candura das neves do Parnaso
dealbam seu decacordo — e assim
te, trago o sacrifício e invoco
a glória da misericórdia

pois purificado
decanto o canto em tuas ânforas
de destilar o sonho e posso
pulsar a cítara
e o fino ouvido escuta a voz do mudo
em teu templo de plumas
pois no tempo alado
pende o chão do firmamento
e a abelha délfica rodeia
o sagrado umbigo

ὄμφαλος
ὄμφη
ὄμφευειν
μαινομενον στωμα

da inspirada boca
ex terra ex tauro
Pythia traz o mel e a palavra sagrada
se vaticina — e os adolescentes
fundavam o templo e o povo

com alicerces de bolos de mel
nos têmenos de Gaia Olímpia quando
fixavas as leis do canto — pois Apolo
fixou as leis do canto
e as leis do canto são a minha lei
e vivo em minha lei:
à vous, Sire Apollon,
a voi, Signore Muse, sorelle Muse, Mademoiselle
Calliope and the others — Gnädige Frau
Your Grace

o suplicante

cante

decante

os ofícios de noa e loa
e as matinas e as vésperas
do último dia — o do retorno
ao país hiperbóreo onde a esmeralda
das folhas sustentava
a flama azul das pétalas douradas
e na polpa das frutas se rachava
o sumo luminoso das estrelas —
aos Hiperbóreos
aos Hiperbóreos

E canto

no último dia do mundo a véspera
do primeiro dia
assim como era no princípio
sicut erat

et nunc et in saecula saeculorum
pois no solo sagrado
calcanhar e artelho
repetem e revelam

desde

até

e os pés trabalham os dias
de sul a norte
de norte a sul:
— no fim desse rastro
tece-destece

Penélope incessante o tapete do tempo
Delfos-Hiperbóreos — Hiperbóreos-Delfos
e o chão do tempo é o chão da eternidade — pois
os mesmos pés que fazem os caminhos do espaço
fazem desfazem os caminhos do tempo:

na esquina de Amsterdam — Gipsy —
seus olhos verdes contaminam a rua
até onde o perfume se evapora dos seios
Gipsy
espera Apolo na noite holandesa
pois é noite em Delphos
e em Trois Vierges e em Dudelange e em Marielange
e em Luxemburgo e todos os seus anjos e em
Carrapateira — sertão da Paraíba: — e em toda parte
estremecemos e se crispa a pele
à tua presença longínqua

o poeta governa o calendário — e as eras
andam e desandam a seu sopro
e a seu sopro
remonta a areia do tempo à flor das ampulhetas
sobe a água de volta ao lírio das clepsidras

Kaliméra Felpômene
bitte schön, Calíope
I beg you pardon, Clio,
excuse me, Godo,
boa noite, Apolo

La répétition
est-elle possible, Sören?
e o eterno retorno, Friedrich?
pois retorno à aurora
ao umbigo da terra
e nas entranhas dos milênios
recobram-se os infantes
— inefáveis —
e falam o inefável

e dizem o indizível — o dizer de um tempo quando
ainda apenas
eram um gesto na mão dos deuses sobre o barro
e a brisa de seus lábios:
nem a poeira toldara a face imaculada
nem o ranger dos dentes depravara
a mera voz.

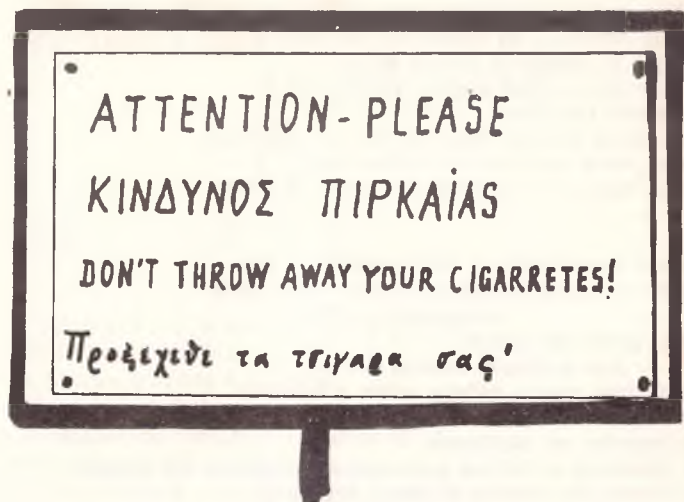
Venho ancorar no próprio coração
e aqui é um mar populoso de deuses

ΝΑΟΣ ἈΠΟΛΛΩΝΟΣ o templo ocupa

toda a superfície do planeta

Ἀναδημα του κρατερου

as oliveiras
os pinheiros a resina dos montes o arbusto a herva
a flor e
a pedra e o pássaro e a nuvem
pendem do firmamento como ex-votos perenes
e a lua se deita sobre o mármore e acende na pedra
as estelas apagadas
e lemos de novo as estelas apagadas
nos ares flamejantes



sabem todos inflamável o espaço por ali
e o poeta Sotírios bebe temeroso o vinho grená de Patras
vinho de Patras com azeitonas de Delphos e queijo
elementar de ovelhas

aguardo o fogo sagrado
começa a crepitar o oráculo:

“ó tu que habitas a morada esplêndida
construída em torno à Grande Boca
da terra” —

Pythia eleison
Pyr eleison
Pythia eleison

E as musas sacudiam seus cabelos de violeta e Apolo
Febo Apolo — os dedos cor de aurora
ferias as cordas à lira de ouro
e começou o cântico do oráculo
a Sibila Herófila:

— “Meio mortal meio divina de nascença
uma ninfa imortal foi minha mãe
mas meu pai se nutriu do cereal da terra” —

e um deus elegeu o chão sagrado e ali
a Pythia unia os pés à terra e o solo onde
pousavam — Edi —

não podia ser maior

que a planta de seus pés —
e dormia com a cabeça sobre o loureiro
o sono divinatório — e sacudia
o loureiro no santuário
e inhalava as folhas queimadas e mascava as verdes
e descia aos mortos na urna funerária
e volvia das profundas do barro
ao templo de loureiro ao templo
de cera e plumas ao templo
de bronze ao templo
de pedra para o diálogo
da delirante voz oriunda
dos séculos passados — peregrina
dos milênios futuros — pois Apolo
nem revela nem oculta
— oferece o sinal

ΜΑΝΕΙΣΑ ΜΟΥΣΟΛΗΠΤΟΣ Ε ἔἰ ἔν

do adyton a paz aos corações inquietos
a concórdia às cidades
e a fonte e o louro e a pedra
sustentam a cidade em sua trípode
e à catarse da música os citaristas
acolhem os suplicantes e a flecha
de Apolo abre à virilha das formosas fêmeas
a ferida fecunda —
e Philonis e Antólykos respondem na lira ao eco
das cítaras hiperbóreas e a raça
das musas hiperbóreas celebra
a morte e a ressurreição dos deuses
pois o infante divino sorri
no cesto de palha entre
as frutas virgens e o trigo virgem — e ali
morria a Pythia e nascia de novo
e proferia o oráculo:

— “É digno e justo e belo e salutar
celebrar tua graça em todo tempo e em toda parte
Senhor santo, Pai onipotente, Deus eterno
que ungiste com o óleo da exultação
teu filho e senhor nosso Apolo Pythio
sacerdote eterno e rei do universo
que ao canto de sua lira ensinava

o mistério sagrado da redenção dos homens e quando
todas as criaturas conhecerem seu poder
será um reino de santificante graça — o reino
da justiça do amor e da paz

e assim

com os Anjos e os Arcanjos
com os Tronos e as Dominações
e as Musas e as Graças e as Ninfas
e os Querubins e os Serafins e as Potestades e as

Virtudes do céu

e com toda a milícia do celeste exército cantamos
o hino de tua glória
sine fine dicentes:

Sanctus
Sanctus Sanctus

Senhor Deus de Delphos
os céus e a terra estão cheios de Tua glória
hosanna in excelsis
hosanna nas alturas.”

E este é o memento dos vivos:

— “lembra-te Senhor Apolo
de teu servo Gerardo
e de todos os circunstantes
e lança teu olhar
sobre a fé e a piedade de teu cantor
e acolhe o sacrifício
dos dias e das noites imoladas a Ti
aeterno Deo vivo et vero” —

e este é o memento dos mortos:

— “lembra-te também, Senhor
de todos os teus servos teus cantores
que com o sinal da fé nos precederam e dormem
no sono da paz
e habitam Tua casa e deles florescemos
no átrio de Tua casa

e celebramos teu nome santo
três vezes santo
Apolo Délío
Apolo Dêlfico
Apolo Pythio" —

No princípio era Apolo
e amava as atalaias os lugares altos e a seu canto
os povos subiam as encostas e povoavam
os vales e as planícies e cultivavam
a oliveira a uva o ritmo a flor o jambo o dáctilo o
anapesto

e a saúde dos homens
e a paz e a liberdade
e a liberdade
e a morte dos tiranos
eram anunciadas
na boca profética da Pythia
e do oráculo de Aristônica pendia
a batalha de Salamina
e nas batalhas pitíais
em vez de sangue
derramava-se a música e era
consagrada a voz do filho de Karmanor
e a vitória cabia à harpa de Melampos
e a coroa a Echembrotos por seu canto
acompanhando a flauta
e Sákades de Argos alcançava o triunfo
com o som da própria flauta
e os tocadores de flauta e de cítara e de lira
regiam a harmonia do povo
e os cantores e os pastores
e os machos e as fêmeas
habitavam os hinos e os bosques
e amavam sua pátria — e a pátria
dos deuses e dos homens

Amphyctionia
era o hino dos bosques
no bosque dos hinos

Cândida rosa
de tua raça as virgens
parirão um deus
antigo e novo
adolescente prístino
e os dias
mergulhados na eternidade
os dias
marceneiros de frondes e raízes
irão criando a forma
da primeira árvore
pois no chão de Delphos
brotou a liberdade
companheira dos tempos da aurora:
à sombra dessa árvore
arbor
arbol
abol
Apfel Apol Apollon
as mãos iguais entrelaçadas — as puras mãos
dançaremos sobre a ruína e a morte
o peã da ressurreição
pois é este o oráculo:
— nasceram para a liberdade e a liberdade
para a primavera e a primavera
para a paz das madrugadas e das noites
e a paz
para a cândida rosa —
e quando
a Virgem entregar a rosa e com a rosa
ocupar cada um o polegar e o index
será o dia da volta e ao longo
do caminho da inocência os coros
das musas helicônias irão anunciando
a ressurreição de Apolo Pythio
Apolo Enolmis
Apolo Aleuromantis
os dedos cor de aurora
a aljava de prata as flechas de ouro
de seu ombro formoso a lira a tiracolo

— e as letras, Linos,
desmanchadas em mel na boca do poeta

E

λ

irão fundando para sempre

E EΥΘΕΡΪΑ

ε α

o amor.

ENTRE DOIS RASTROS

Tristão de Athayde

A poesia e a música são o próprio território da liberdade. Pois se colocam no ápice da arte. E esta, como já vimos, por mais de uma vez, é o domínio do *poder ser*. Enquanto a moral é o *dever ser*. E a filosofia, e a ciência, de que ela é também a ponta extrema, é a própria expressão do *ser*. A filosofia e a ciência, portanto, são servas da verdade. Enquanto a poesia e a música são donas da verdade, pois se colocam no plano do *possível* e não do *que é* ou do *que deve ser*. Daí ser a liberdade a própria essência da beleza. E a poesia e a música expressões extremas da criatividade humana. A música como poesia do som. E a poesia como música da palavra.

Não existem, portanto, imperativos práticos, senão aquele a que o próprio poeta livremente obedece. Pois liberdade não significa omissão de disciplina, mas variedade indefinida de caminhos. Multiplicidade infinita de formas. A disciplina poética é uma servidão voluntária, pessoal e livre. Os poetas, portanto, transcendem da própria poesia. E há tantas espécies de poesia, como há expressões da personalidade humana. Cada músico autêntico é toda a música. O que varia é a autenticidade. E essa se mede pela ressonância ou não entre o autor e o leitor ou o auditor. Não há, pois, grandes poetas para pequenos leitores. Nem pequenos poetas para pequenos leitores. Poesia, (como música), é sintonização. E a multiplicidade das formas poéticas é fruto da liberdade, como sua própria essência.

Passemos, agora, do plano da meditação estética para o da encarnação. Ou da averbação, no caso da poesia. Nesta nossa rápida, mas espero que recorrente, evasão do desencanto com a realidade política atual, encontramos-nos ontem com um poeta que podemos chamar de implosivo, segundo uma palavra que a técnica moderna vulgarizou. Estamos hoje com outro que podemos chamar, ao contrário, de *explosivo*. Gilberto de Mendonça Teles evoluiu no sentido de uma concentração verbal gradativa, no caminho elíptico da frase à palavra. Gerardo Mello Mourão vem seguindo uma via diametralmente oposta, no sentido de uma visão poética global, em prosa e verso, do seu mundo interior e do mundo em geral, através do tríptico, a que deu o nome coletivo de *Os peãs*, constituído por três volumes: *O País dos Mourões* (1963); *Peripécia de Gerardo* (1972); e agora *Rastro de Apolo* (1977).

Em recente artigo, para a *Folha de São Paulo*, responde ele à pergunta de Ortega y Gasset, sobre qual seria o "representante típico e exemplar de nosso planeta", caso, numa assembléia de planetas, como a dos deuses no poema camoniano, nossa pequenina Terra tivesse de enviar também o seu representante. Mello Mourão escolhe *O Poeta*, como representante da espécie humana e, portanto, do que há de mais precioso no planeta Terra. "O poeta, justamente o habitante estrangeiro do planeta em que vivemos, é o único que pode ser eleito, em todos os tempos, como representante exemplar do ser humano, para o episódio proposto por Ortega. Porque, não sendo escravo de tempo algum, ele é o senhor de todos os tempos". (*Folha de São Paulo*, 5.IV.78).

Por mim, eu não dissociaria nesta escolha imaginária, o Poeta do Músico, como não dissociaria os dois, nem do Santo nem do Herói. Santidade, heroísmo e poesia me aparecem como três expressões hierárquicas da plenitude necessária, para o julgamento desse concurso imaginário da expressão máxima do ser humano, representativo da espécie e do planeta. Pois cada qual representa uma face dessa plenitude, jamais integralmente realizada, senão no despojamento supremo do próprio Verbo de Deus.

No caso da poesia de Mello Mourão não é essa hierarquia transcendental e ontológica de valores que interessa, e sim a excelência intrínseca que ele atribui à poesia, neste mundo cada vez mais desviado da verdadeira escala de valores, tanto pragmáticos como estéticos. Por isso mesmo é que ele apresenta o Poeta como um "habitante estrangeiro do planeta", isto é, como um "paradoxo" que nos leva "da razão à inteligência e da inteligência à intuição", no caminho árduo de nossa compreensão total do universo, na medida de nossas virtualidades humanas.

A obra intelectual de Gerardo Mello Mourão é uma integração crescente de ação, de erudição e de criatividade intelectual, de que a poesia é a máxima expressão. Falando de si próprio, assim se define no resumo autobiográfico que acompanha este volume mais recente de sua extraordinária obra intelectual: "Embora frequentemente obrigado à escravidão do trabalho, faz questão de ser marginal do estabelecimento, pois não tem nem quer ter profissão. Até porque a ocupação de ser e de existir, o exercício e os trabalhos do amor não dão tempo a nenhuma outra profissão. A poesia é, assim, o único tempo e o único espaço possível, a única categoria humana, exercitada menos no ato de fazer poemas, que na forma e no rito de conviver com as coisas, os lugares ou pessoas... pois a poesia é mais importante que o poema... A poesia governa o mundo e cria a história". Creio que jamais, em nossa história literária, se colocou a poesia em tão alto pódio. Pois a euforia helênica de Mello Mourão é tudo menos um neoclássicismo de tipo parnasiano. Nietzsche distinguia as duas vertentes do gênio grego, o apolíneo estático e o dionisíaco dinâmico. Windkelman os dissociou, legando aos tempos modernos pós-renascentistas e particularmente à poética parnasiana, um apolinismo formalista dissociado de Dionísio. A visão poética de Mello Mourão reassocia Apolo, Dionísio e ambos ao tumulto sexualista-bélico do mundo moderno. E, no seu caso, ao rusticismo de suas vicissitudes de participante extremado na história religiosa e política brasileira, desde o noviciado redentorista em Congonhas até às

prisões do Estado Novo, e às suas andanças pelo mundo hispano ou anglo-americano e pelas plagas helênicas ou nórdicas do Velho Mundo. Basta dizer que o seu triptico peânico, em prosa e verso, começou a ser elaborado no próprio templo de Delfos e no cabo Sunium. E prossegue pelo mundo contemporâneo a fora, até Ipueiras no Ceará, sua terra natal, atravessando a poética dos poetas mais universais do nosso tempo, como Ezra Pound e Dylan Thomas, até desaguar no "martelo" nordestino, desse admirável poema de canto popular tipicamente brasileiro, das páginas 69 a 84 do seu último livro".¹

A personalidade de Gerardo Mello Mourão, como se vê, é realmente singular em nossas letras. Sua obra exuberante, como humanista e como romancista, como ensaísta político e como poeta, oscilante entre o apelo eufórico de Pã pela "imortalidade dos deuses", e a palavra de Cristo a Pedro no jardim das Oliveiras, é uma expressão típica do nosso dilacerado universalismo intelectual oscilante entre o apelo eufórico dos sentidos e a angústia metafísica.

In Jornal do Brasil, 23.6.78

1. Páginas 325-338, no presente volume.

Se você gostou deste livro e
deseja tomar conhecimento de outros
grandes lançamentos da Editora
Record, escreva para RP Record
(Caixa Postal, 23052 – Rio de Janeiro / RJ,
CEP 20922) e faça uma assinatura,
inteiramente grátis, do jornal NOTÍCIAS
DA RECORD.

Uma publicação da Editora Record com
todas as informações e comentários sobre
os grandes lançamentos e bestsellers.
Entrevistas com autores nacionais e estrangeiros,
livros que fazem sucesso em todo o mundo,
notícias e as seções: carro-chefe, quadrinhos
e orelhão.